

M M CALDEIRA



VISÕES NOTURNAS



M M CALDEIRA

VISÕES NOTURNAS

12 contos de terror

“

Para Fabiana.
Minha esposa.
Meu amor.

”

SEJA BEM-VINDO

Histórias de terror são algumas das minhas grandes paixões, desde a minha infância. “Gosto estranho”, podem dizer alguns. Mas essa é a verdade. Desde quando tinha dez anos, eu adorava ver filmes de terror, alugados em VHS, que estavam embolorando em alguma prateleira empoeirada das locadoras de vídeo próximas a minha casa.

Por que eu gosto de terror? Talvez porque o terror hipnotize. Talvez porque o terror impregne a alma. Talvez porque o terror alcance o subconsciente em níveis que as pessoas nem imaginam que poderiam existir. Mas, talvez, o principal motivo seja o mais simples de todos: o terror assusta.

O medo é um dos sentimentos mais básicos dos seres. Todos já nascem com medo. Faz parte do instinto natural da sobrevivência. Se não tivéssemos medo, morreríamos facilmente. O medo nos impõe barreiras; maiores para alguns, menores para outros. Mas ele sempre está lá. Basta, muitas vezes, que você o acorde.

E aqui chegamos ao ponto. Certa vez, minha prima, após ler uma das minhas histórias, disse que não conseguia dormir. Meu objetivo estava, portanto, alcançado. Não que eu quisesse assustar minha prima de quinze anos a ponto de ela não conseguir dormir. Esse não era meu objetivo, que fique bem claro.

Meu objetivo era, sim, assustar. Mas em um sentido mais amplo. Era fazer com que o leitor, antes de apagar a última luz da casa, antes de dormir, não tivesse coragem de olhar para trás. Ou, se olhasse, olhasse com desconfiança. Com medo.

Caso eu tenha conseguido fazer isso, em alguma das minhas histórias, terei alcançado meu objetivo.

Assim, meu amigo, lhe trago algumas das minhas histórias, compiladas nesta coletânea. São histórias de terror, não vou lhe enganar. Você não encontrará coelhinhos cor-de-rosa saltitando em um belo campo florido. Assim como, em algumas histórias, você não encontrará monstros de olhos vermelhos cuspidando sangue. O terror não precisa, necessariamente, ser personificado dessa forma.

O terror está em cada canto. Está em um alimento que não desce pelo canal correto no momento da deglutição. Está no momento em que você atravessa a rua e um bêbado está ao volante. Está no instante em que você sobe as escadas do seu prédio e olha para trás, assustado, mesmo sabendo que não há nada lá. Está até mesmo no seu chefe, que o atormenta pelo simples motivo de ter acordado em um dia ruim. O terror, portanto, não precisa conter sempre algo sobrenatural, embora muitas vezes o sobrenatural seja um ingrediente realmente interessante.

O terror cria um mundo à parte, onde o mais inocente dos objetos ou a mais casual situação se torna algo assustador. Um mundo no qual a percepção é alterada, no qual as sensações são elevadas à enésima potência.

Esse é um mundo paralelo, um mundo sombrio. E eu lhe convido a entrar nele, junto comigo. Portanto, dê-me sua mão e deixe-me guiá-lo por esse outro mundo.

E não tenha medo. Ao menos, por enquanto...

Ao menos até virar a primeira página...

mmcaldeira

OBRIGADO

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus. Em segundo lugar, a Deus. E, em terceiro, também.

Em seguida, gostaria de agradecer a toda minha família: minha esposa, pais, sogros, irmãos, cunhado, tios e primos. Eu os atormentei o quanto pude e mais um pouco, forçando-os a ler minhas histórias. Os que leram disseram que gostaram. Você poderá contestá-los (ou não), lendo as histórias também.

Quero agradecer enormemente aos meus pais, pela educação que sempre lutaram para me dar. Não fosse essa educação, eu não conseguiria ter escrito todas as linhas que compõem esta coletânea.

Gostaria de agradecer, também, a todos os meus amigos. Aos que leram, aos que não leram, aos que gostaram e aos que não gostaram. Tentei, na medida do possível, assimilar todos os comentários feitos por eles.

Aproveito aqui para agradecer, particularmente, a alguns grandes amigos. Um deles, Marlon Scorse, foi, talvez, o leitor mais fiel que tive durante o desenvolvimento destas histórias. Agradeço pelas cobranças – “E aí, quando vem a próxima história?” e pelos comentários – fossem eles me agradar ou não.

Outro grande amigo, Rui Almeida, vem do outro lado do oceano. Foi lá de Portugal (terra dos meus antepassados, que eu simplesmente adoro) que ele leu minhas histórias e deu seu parecer. Rui, meu amigo, você foi meu grande controle de qualidade, lendo cada uma das histórias e me dizendo o que achou.

Quero agradecer também ao professor “Zé” Paulo. Professor, muito obrigado pelas suas dicas e, principalmente, pela sua paciência. Você verá que algumas das suas dicas foram assimiladas. Outras (ainda) não, mas estou pronto para assimilá-las nas histórias que virão!

Agradeço ao Junior, meu grande amigo, que também deu sua opinião. E não poderia deixar de citar meu amigo André, a quem perturbei durante muitas noites pelo MSN, para que ele me dissesse o que estava achando do que eu estava fazendo.

Teria uma lista infinita de amigos para citar, mas não haveria espaço suficiente (nem paciência de você que está lendo). Assim, quero deixar bem claro que não esqueci de ninguém.

E, claro, agradeço a você, que está lendo estas linhas (e que lerá as histórias logo em seguida, espero!).

Enfim, agradeço a todos vocês.

Muito obrigado!

mmcaldeira

PS: Caso você tenha interesse em conhecer um pouco mais de mim, no final desta coletânea há um pequeno resumo sobre minha pessoa. Ficarei imensamente feliz se você dedicar alguns minutos para lê-lo.

CONTEÚDO

	página
Royal Street Flash	6
Auriel	33
A casa da infância	46
O arqueiro	70
A viagem	77
Como uma pedra	90
Embaixo da cama	114
Lado B	130
Alta	141
O centenário	168
O elefante é o pior	202
Força do hábito	219

“

Pronto para ganhar cem
reais ?

”

ROYAL STREET FLASH

ROYAL STREET FLASH

Esta é a história de quatro amigos. Quatro amigos e uma mesa de pôquer. Quatro amigos, uma mesa de pôquer e uma aposta. Sim, uma simples e inocente aposta, daquelas bem simples e banais, que sempre começam com a frase “Ei, aposto que você não...” Uma simples e terrível aposta, que modificaria por completo o rumo de nossas vidas...

Éramos um grupo de quatro amigos, igual a tantos grupos de amigos que se vê por aí. Sempre nos consideramos caras de muita sorte, já que continuávamos amigos, mesmo depois de virarmos adultos.

Sabíamos, víamos vários casos assim, de amigos que terminam a escola, começam a trabalhar, se casam, e nunca mais conseguem tempo para se encontrar ou para conversar um pouco, como nos velhos tempos.

Mas não nós. Éramos amigos desde a época do colégio, quando ainda estávamos na sexta-série. Íamos sempre um a casa do outro. Jogávamos bola e vídeo-game juntos.

O tempo foi passando e os nossos interesses foram mudando. De bola e vídeo-game, para música, carros e mulheres. Mas nossa amizade nunca mudou. Continuávamos como eternos adolescentes, com formas de tratamento muito assim, digamos, peculiares, entre nós:

“Ei, seu viado, venha ver só isso”

“Já vou, seu corno”

E por aí vai. Qualquer um que tenha tido um grupo de amigos de infância pode entender do que eu estou falando.

Nós quatro éramos solteiros. Eu era o mais novo com 27 anos. William e Rubens tinham 28 e Rafael tinha 30 anos.

Aprendemos a jogar pôquer uns dois anos antes. Desde então, todas as sextas-feiras nos reuníamos para jogar. Cada semana as partidas aconteciam na casa de um de nós, e assim aconteceria durante os últimos dois anos até então. Até aquela noite. Até aquele final de semana. Até aquela aposta.

Bom, vou começar a contar-lhes a história que aconteceu há três anos atrás e que mudou a minha vida. Mudou, principalmente, a minha forma de pensar, de controlar minha mente.

Há quem diga que a mente é uma máquina impressionante. Eu concordo plenamente com isso. Só acrescentaria que a mente é perfeitamente capaz de fazer seus medos se materializarem na sua frente. A mente humana tem vida própria, uma vida paralela à nossa.

Ela é capaz de vasculhar o mais profundo calabouço dos seus pensamentos, encontrar os medos que você havia trancado lá, para isolá-los até de você mesmo, e fazer com que se materializem, fazer com que voltem à tona.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Aquela sexta-feira estava chuvosa, como os demais dias daquela semana. Olhei para o relógio, eram dez e meia da noite. Fiquei ligeiramente inquieto. Estava novamente atrasado para o nosso compromisso de todas as sextas-feiras e o motorista do ônibus em que eu estava parecia não querer colaborar, andando cada vez mais devagar a cada quarteirão que passava.

O relógio sempre foi meu inimigo imaginário, nunca consegui me dar muito bem com ele. Por mais que me esforçasse, eu estava sempre atrasado. Podia fazer as coisas o mais rápido possível; em um minuto estava adiantado, no minuto seguinte já estava atrasado novamente.

Mas aquele dia a culpa não era inteiramente minha. O motorista provavelmente estava adiantado e começou a rodar lentamente pela cidade.

Olhei rapidamente à minha volta. Havia somente alguns passageiros, a maioria dormindo. Eles conseguiam dormir, mesmo com a barulheira que o ônibus fazia.

Era um ônibus já antigo, desses que andam tropegamente, como um bêbado que perdeu de vez o equilíbrio. O motor rosnava, engasgava e voltava a rosnar. Aquele velho dragão enfurecido, mortalmente ferido na luta contra o tempo, cuspiam quilos e quilos de fuligem no ar. Algumas janelas estavam com os vidros pichados; outros tinham sido riscados a chave. Havia todo tipo de recados nos encostos dos velhos e malcheirosos bancos: desde declarações de amor até suásticas, frases pornográficas e todo tipo de recado sujo e asqueroso. O estofado saltava para fora como se os bancos tivessem sido esfaqueados.

Algumas luzes piscavam freneticamente, como se fossem luzes estroboscópicas. A cada buraco pelo qual o ônibus passava (e não eram poucos), o barulho era infernal. Parecia que a qualquer momento a carcaça inteira do ônibus desmontaria e logo estaríamos andando somente sobre as rodas.

O assoalho não era nenhum modelo de limpeza, mas, por incrível que pareça, era o item em melhor estado de conservação naquele ônibus.

Conformado com a demora, fixei o olhar pela janela. Fui, então, olhando a bucólica paisagem urbana e noturna de Monserrat.

A chuva fina fazia com que pequenas poças se acumulassem nas calçadas. Os pequenos pingos reluziam às luzes amareladas das lâmpadas que iluminavam as ruas, já desertas, devido à chuva e à queda da temperatura que ocorrera naquela semana.

O percurso do ônibus era, de certa forma, longo. Em alguns horários do dia, quando o trânsito estava mais pesado, o trajeto podia demorar quase uma hora. Naquele horário, no entanto, à noite, com as ruas desertas, não demoraria mais do que vinte ou vinte e cinco minutos, caso o motorista estivesse disposto a pisar no acelerador e fazer aquela grande banheira velha andar para valer.

No entanto, a cada buraco pelo qual o ônibus passava, eu imaginava que talvez ele não estivesse andando mais rápido receando que realmente o ônibus fosse desmontar na sua mão.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Continuei olhando pela janela, até que adormeci. Meus ouvidos já haviam se acostumado ao barulho e o horário, aliado ao meu cansaço e ao leve sacudir do ônibus, fez com que eu dormisse quase profundamente.

Os breves minutos em que dormi foram suficientes para que eu tivesse um sonho. Um sonho que depois eu veria que fora um aviso, mas que, naquele momento, não havia como perceber ainda.

No sonho, eu estava correndo. Precisava correr, estava em pânico, mas não conseguia entender o motivo. Corria através de um corredor escuro. O ar, úmido, tinha um cheiro de podre, de algo em decomposição. Aquele cheiro adentrava meu nariz, grudava na minha garganta e enjoava meu estômago. No entanto, eu precisava continuar correndo. E o fiz, até chegar ao final daquele corredor.

Ao final dele, estava em uma espécie de floresta. Altas árvores encobriam a pouca luz do luar, tornando o ambiente extremamente escuro. Parei por um momento e um pânico ainda maior tomou conta de mim. Vi-me obrigado, novamente, a correr como um louco, sem direção. Ia sempre em frente, mas sem saber para onde ir.

Olhei para trás e não conseguia entender do que eu estava correndo, mas principalmente não sabia o porquê de eu estar correndo.

Foi quando pude perceber que havia mais alguém correndo, entre as árvores. Tentei gritar, mas a voz não saiu. Continuei correndo, arfando, já quase sem fôlego, quando tentei gritar novamente; porém, só tive um leve grunhido como som emanado da minha seca garganta.

Desviei o olhar do caminho (que mal conseguia enxergar, devido à escuridão) por alguns instantes, e tentei correr em direção à pessoa que também corria entre as árvores.

Foi quando pisei em uma poça de lama, escorreguei e rolei. O som do meu corpo batendo no chão foi como o de um saco de batatas caindo da caçamba de um caminhão. Escorreguei alguns metros e me vi despencando de um penhasco, em direção ao vazio.

Acordei, então, sobressaltado. Olhei pela janela e demorei alguns instantes até me localizar em que ponto da cidade eu estava. Faltavam poucos pontos para eu descer do ônibus. Mantive-me acordado pelo restante do caminho, ainda sobressaltado pelo sonho que havia tido.

Já perto de descer, levantei-me e caminhei lentamente para o fundo do ônibus. Apertei a campainha de aviso ao motorista e aguardei o ônibus parar. Desci, tirei o guarda-chuva da mochila e o abri. O vento soprava um pouco mais frio, anunciando o inverno que estava se aproximando. Olhei para o relógio: onze e dez da noite. O motorista tinha conseguido a façanha de demorar quarenta minutos para fazer um percurso de, no máximo, vinte...

Nós quatro morávamos perto uns dos outros. No entanto, naquela sexta-feira, pela primeira vez, havíamos decidido realizar a nossa partida de pôquer em um barzinho um pouco mais afastado das nossas casas. Na verdade, podemos chamá-lo de boteco mesmo. Não daqueles que se enchem de criaturas embriagadas pelo álcool, nem muito menos

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

daqueles onde, à noite, principalmente em uma sexta-feira, as praticantes da profissão mais antiga do mundo marcam ponto.

Era simplesmente um boteco. Nada de alta classe, mas também nada de baixo nível. Era o Boteco do Beto, que rimava de uma forma extremamente brega. Já tínhamos avisado o Roberto (daí o apelido Beto) que o nome que ele daria ao seu estabelecimento seria um pouco duvidoso. Mas não adiantou muito, ele quis dar o nome assim mesmo. E quis fazê-lo com toda a breguice a que se tem direito, com luzes néon na fachada e um adesivo “Boteco do Beto prefere VISA” colado na parede da frente, como se isso fosse dar um ar mais sofisticado ao estabelecimento.

Beto era um conhecido nosso da época do colégio. Era o nerd, o CDF da classe. E, como todo nerd que se preze, na época do colégio usava óculos no melhor estilo fundo de garrafa que já vi, pulôveres fechados até o alto do pescoço, e tinha milhões de pequenos vulcões no rosto. Sim, vulcões, porque chamá-los de espinhas era pouco diante do imenso tamanho da acne.

Beto era tímido, fechado, mas tinha um humor ácido. Estava sempre processando as informações que vagavam ao seu redor. Sempre tinha respostas, bastava que alguém o questionasse.

Era natural que Beto se tornasse um grande físico, matemático ou profissional de informática e, provavelmente, rico. Você já deve ter percebido que os grandes nerds da sua turma da escola viraram pessoas ricas ou, pelo menos, bem de vida.

Mas Beto, um dia, resolveu abrir um restaurante. Tentou colocar em prática toda aquela teoria de administração de negócios. Fez de tudo para que o restaurante progredisse e se tornasse um lugar de alto nível, mas não conseguiu. Acabou falido. Desgostoso, abandonou o personagem nerd e abriu um bar. Curiosamente, o bar caminhou melhor do que o restaurante e progrediu. Como eu disse, não o suficiente para se transformar em algo de alto nível, mas também não virou um antro de vagabundos. Era um boteco, um simples e agradável boteco, daqueles para se reunir depois do horário de trabalho para comer uns pastéis, beber alguma coisa e jogar um pouco de conversa fora.

Era o que devíamos ter feito naquela noite. Mas não, tínhamos de ter inventado aquela aposta...

Chegando ao boteco do Beto, fechei o guarda-chuva, sacudindo-o rapidamente para retirar o excesso de água. Bati os pés, já encharcados, em um pano que o Beto havia deixado na porta para que ninguém enchesse seu boteco de lama. Algo um tanto sofisticado, pensei.

Olhei rapidamente em volta e logo vi William, Rubens e Rafael sentados em volta de uma mesa, com algumas garrafas de cerveja, algumas porções de calabresa e batatas-fritas e, claro, com as cartas espalhadas sobre a mesa.

Assim que me viram, Rafael logo exclamou:

“Olha quem chegou... Está adiantado para a próxima sexta-feira, Luiz.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Não me encham a paciência, já não chega ter ficado um tempão dentro de um ônibus que mais parecia uma bateria de escola de samba”, falei, esboçando um sorriso amarelado.

Sentei-me à mesa. Em questão de instantes, Beto me trouxe o cardápio. Folheei rapidamente e pedi somente um refrigerante.

Eu era o único da turma que não bebia nada. Nunca gostei de cerveja e as demais bebidas alcoólicas me davam dor de estômago.

Olhei as cartas espalhadas na mesa e logo percebi que o jogo naquela noite não estava muito bom. Provavelmente os três haviam passado o tempo todo conversando, rindo e, provavelmente, falando dos meus constantes atrasos.

“Não jogaram hoje não?”, perguntei.

“Preferimos ficar tirando sarro de você”, respondeu Rafael sorrindo amistosamente, confirmando minha suspeita.

“Mas não se preocupe, hoje a noite não estava muito boa para pôquer.” - disse William, enquanto tomava uma grande gole de cerveja – “Um tempo chuvoso, um friozinho desses, e eu aqui com três caras ao invés de estar com a minha namorada, dá pra acreditar numa coisa dessas?”

Explodimos em gargalhadas.

“Sexta-feira é o dia sagrado da cervejada. E o boteco do Beto será o nosso templo a partir de hoje.” - concluiu Rubens, enquanto fazia um gesto para um brinde – “Às sextas-feiras”.

Todos brindamos e tomamos um grande gole de nossas bebidas. Foi quando olhei para o relógio. Eram quase quinze para meia-noite. Nesse momento, eu falei aquilo que seria o causador, em primeira instância, de toda a tragédia que aconteceria depois:

“Hoje vou perder o meu programa favorito”.

“Qual programa?”, perguntou Rubens, enquanto fazia sinal para que Beto lhe trouxesse mais uma cerveja.

“A hora da meia-noite”, respondi.

Todos rimos novamente. A hora da meia-noite era um programa no melhor estilo “trash”, que mostrava curtas histórias de terror, normalmente com pouca verba para efeitos especiais. O resultado, muitas vezes, era cômico.

Mesmo assim, eu gostava de assistir ao programa. Algumas histórias, mesmo com os efeitos especiais precários, eram muito boas e prendiam bastante a atenção. E eu sempre gostei de filmes de terror.

“Filmes de terror são besteira” – disse Rafael – “Eu consigo, no máximo, dar risadas. Não têm a menor graça e não assustam nem um pouco”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Já vi alguns muito bons” - respondeu William – “Se for um filme bem feito, dá pra assustar sim”.

“Dá nada, filme de terror, pra mim, é igual a filme de comédia. Só dou risadas, nada mais. Aliás, dou mais risadas vendo filmes de terror do que vendo filmes de comédia” – disse Rafael, claramente zombando da opinião de William.

“Existem filmes que assustam e filmes que só servem pra darmos risada” – completei, tentando agir diplomaticamente – “Existem filmes que não assustam pelas cenas ou pelos efeitos, mas sim pela história e pelo enredo”.

Rafael riu novamente. “Não sei como vocês podem se assustar com enredos de filmes de terror. É sempre a mesma história. Fantasmas, monstros, medo de morrer, assassinatos. Nunca muda.”

Eu insisti. “Nem sempre. O enredo, se for bem feito, serve para impressionar as pessoas, deixá-las com um certo receio. Mesmo sabendo que é mentira, as pessoas podem levar aquilo para a vida real e, dessa forma, se assustar”.

“Eu insisto e repito” – disse Rafael – “Não existe nenhum tipo de filme de terror que me cause medo.”

Rubens estava só assistindo a pré-discussão, quando resolveu proferir a frase que seria a grande causadora da tragédia, dessa vez em segunda instância.

“Duvido que você não tenha medo de nada, Rafael.”

“Ah, é? Pois então diga alguma coisa e eu te direi se tenho medo ou não.”

“Alguém chegar aqui, agora, com um revólver, engatilhá-lo e apontá-lo para sua cabeça” – disse William.

“Isso não é terror, é policial; é, no máximo, um suspense e olhe lá” – respondeu Rafael.

“Ok, então um fantasma chegar aqui com um revólver e apontá-lo para sua cabeça”, respondi.

Explodimos novamente em gargalhadas. Dessa vez até o Beto, que estava passando com uma bandeja com algumas garrafas de cerveja, ouviu e sorriu, abanando a cabeça, como quem não acreditava no que estava ouvindo.

“Vocês não conseguem nem mesmo inventar uma situação para ver se eu tenho medo ou não, como podem querer me assustar com alguma coisa?” – disse Rafael.

Nisso, saiu a frase causadora de tudo. Em última instância, foi o que causou tudo. Rubens disse aquela frase, que até hoje não me sai da cabeça.

“E se apostássemos alguma coisa para provar que você realmente não tem medo, como diz?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Combinado, pode falar. Aposto o que você quiser, absolutamente qualquer coisa” – respondeu Rafael.

Eu sorri. Ainda não sabia o rumo que as coisas tomariam com aquela conversa.

“Eu tive uma idéia.” – disse Rubens – “Que tal você ir buscar algo no cemitério, no fundo do cemitério, à meia-noite? Algo que a gente deixe lá durante o dia para que você busque à noite?”

Olhei para Rafael. Achei, por um instante, que ele fosse hesitar. No entanto, ele respondeu.

“O que vocês quiserem, onde vocês quiserem e na hora que vocês quiserem. Só quero saber o que eu ganho com isso.”

“Cem reais de cada um” – disse William – “Trezentos reais no total.”

Rapidamente Rubens e eu olhamos para William, espantados. Ele simplesmente fez sinal com a mão para que não falássemos nada e ficou encarando Rafael.

“Combinado, está fechado” – respondeu.

“Mas, se você não completar a missão” – falou William, sorrindo, fazendo um gesto com as mãos como o filme “Missão Impossível” – “você terá que pagar cem reais para cada um de nós, trezentos reais no total. Nada mais justo, certo?”

“Combinado, temos um acordo!” – concluiu Rafael, enquanto tomava o último gole de cerveja do copo.

Novamente Rubens e eu olhamos estupefatos para William. Ele simplesmente assentiu com a cabeça, como se soubesse o que estava fazendo. Até então não sabíamos que ele tinha uma espécie de plano, uma idéia para trapacear na aposta.

“Amanhã, por volta das quatro horas da tarde, nos encontraremos em frente ao cemitério. Entraremos juntos e deixaremos alguma coisa lá no fundo.” – disse William – “Melhor ainda. Deixaremos os trezentos reais lá, dentro de alguma coisa disfarçada, para que ninguém pegue. Voltaremos à meia-noite na porta do cemitério e você entra. Nós três, então, ficaremos do lado de fora esperando você voltar.”

“Está ótimo assim. Os trezentos reais mais fáceis que já ganhei” – sorriu Rafael.

Rafael fez, então, um sinal para Beto, que lhe trouxe mais uma cerveja. Ao colocar a cerveja sobre a mesa, virou-se para nós e disse “Eu ouvi tudo. Vai dar merda.”

Ele estava certo. Ia dar merda.

Não consegui dormir direito naquela noite. Não pela aposta em si, mas pelo dinheiro. Cem reais? Até hoje não sei como deixei William flertar com o meu dinheiro. Bastava eu ter dito “não” ou reduzido o valor para que Rafael não aceitasse a aposta e tudo terminasse bem.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Daríamos risadas, um chamaria ao outro de “viado” ou qualquer coisa do tipo e pronto. Discussão encerrada.

No entanto, as coisas tomaram um rumo totalmente diferente. A aposta estava feita. E agora não tinha como voltar atrás, sob pena de eu perder cem reais. Se eu soubesse o que viria a acontecer, pagaria muito mais do que isso para que aquela idéia não fosse adiante.

Foi uma noite chuvosa, como as demais daquela semana. Consegui adormecer por volta das seis horas da manhã.

No entanto, tive novamente um pesadelo. Dessa vez, eu estava em uma espécie de buraco, um buraco profundo. As paredes pareciam ser de terra e o fundo do buraco estava totalmente preenchido por água. Eu não conseguia mover minhas pernas e estava afundando. Por mais que eu tentasse me mover, o máximo que eu conseguia era afundar um pouco mais. Olhando para o alto, via somente algumas árvores na encosta do buraco. Podia ver a lua, parcialmente encoberta pelas nuvens, em um céu extremamente carregado.

Segurei-me à parede do buraco, tentando agarrar um pedaço de galho. Consegui manter-me à tona por mais alguns momentos. Olhei com um pouco mais de atenção para cima e consegui ver, entre a fraca luz do luar, a silhueta de um mausoléu. Levei um grande susto, soltei o galho e afundei, me debatendo desesperadamente.

Acordei, novamente sobressaltado. Demorei alguns instantes para perceber que havia sido somente um sonho. Olhei para o rádio relógio, eram sete horas. Estava totalmente suado, ainda que não tivesse feito calor aquela noite. Tentei voltar a dormir, mas não consegui. Virei de um lado para o outro na cama, até que decidi desistir de tentar dormir novamente. Naquele momento, percebi que os cem reais já não eram mais minha única preocupação.

O sábado amanheceu chuvoso. Os jornais já haviam alertado que seria mais um final de semana com chuvas em Monserrat.

Por volta das dez horas da manhã, William me telefonou.

“E aí, pronto para ganhar cem reais?” – perguntou, sorrindo.

“Até agora não sei como deixei você me colocar nessa” – respondi – “É claro que o Rafael vai conseguir. Ele já demonstrou não ter medo, além de que nós o conhecemos, sabemos que ele não tem medo mesmo”.

“Eu duvido. Ainda mais com o que eu quero fazer” – respondeu William.

“O que você quer fazer?” – questionei.

“Quero ganhar cem reais e dar um susto no Rafael. Meio-dia, no boteco do Beto. Vamos almoçar lá, que tal? Daí eu explico tudo direitinho. Já falei com o Rubens, está tudo combinado”

“Almoço fora... Cem reais... Lá vai meu dinheiro.” – respondi – “Não, obrigado, fale pelo telefone mesmo”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Deixe de frescuras. Com o dinheiro da aposta dá muito bem pra pagar um PF no boteco do Beto e ainda sobra o bastante para o resto do final de semana” – sorriu William.

Parei e ponderei por alguns instantes.

“Luiz?” – chamou William.

“Estou aqui.” – respondi – “Ok, está combinado então. Meio-dia no boteco. Quero só ver qual é a idéia de rato agora.”

“Você vai gostar. Vamos ganhar uma grana. Será um sábado diferente.”

Com certeza seria...

Ao meio-dia em ponto cheguei ao boteco do Beto. Foi a primeira vez, em muito tempo, que cheguei a algum compromisso no horário. Ao entrar no boteco, vi William e Rubens em uma mesa mais ao fundo. Os dois estavam conversando e rindo bastante. Na mesa, porções de batatas-fritas e algumas cervejas.

Assim que me viu, Rubens falou:

“Não acredito, perdi! Cara, logo hoje você resolveu chegar no horário? Toma, William, pega os teus dez reais!” – esbravejou, jogando o dinheiro sobre a mesa.

“Perdi alguma coisa?” – perguntei.

“Sim. Apostamos dez reais se você chegaria atrasado ou não. Alguma coisa me disse que você chegaria no horário. O Rubens perdeu!” – respondeu William, sorrindo e fazendo um gesto com uma mão fechada e a outra espalmada batendo sobre ela, para Rubens.

“Gostaram dessa história de aposta, hein!” – respondi ironicamente.

“Estou gostando de ganhá-las. Hoje quero ganhar mais uma.” – disse William.

“Ok, vamos lá. Quero saber qual é a idéia. Não quero saber de confusão nem de encrenca.” – disse sorrindo, sentando-me à mesa.

“Não tem encrenca nenhuma, é coisa muito fácil.” – disse Rubens, ainda levemente chateado por ter perdido os dez reais.

William fez um gesto para Beto, pedindo o cardápio – “Garçom, o menu, por favor.”

Explodimos novamente em gargalhadas. Dessa vez, até mesmo o Beto sorriu, dizendo “Menu? Hoje é dia de *feijuca*, camarada. Deixe de frescura e diga logo quantas vão querer”

“Mande logo três, uma pra cada um” - respondeu William – “E mande mais uma cerveja.”

Beto sorriu e assentiu com a cabeça “É pra já”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Virei para William e disse:

“Vamos lá, desembuche. Qual é sua idéia?”

“É o seguinte. A gente ganha cem reais cada um e ainda tiramos uma da cara do Rafael. Simples assim.” – disse William.

“Sim, isso eu entendi. Mas qual é o, digamos, plano para conseguir fazer isso?” – perguntei.

“Essa é a melhor parte. Veja bem. Hoje vamos, junto com o Rafael, ao cemitério, deixar os trezentos reais escondidos em alguma parte bem lá no fundo, para que ninguém encontre o dinheiro, certo?” – começou William.

“Certo” – assenti.

“Pois bem. À noite, quando o Rafael entrar para buscar o dinheiro, nós entramos também. Entramos pela entrada lateral, fazemos alguns barulhos para assustá-lo e ele desiste da aposta. Pronto.”

“Você bebeu demais.” – falei, já levantando – “Estou caindo fora antes que eu perca cem reais.”

“Não gostou da idéia?” – perguntou William, fazendo um gesto pedindo que eu continuasse sentado.

“Claro que não! Você aposta meu dinheiro, diz que tem uma idéia para não perder a aposta e me vem com uma proposta de quinta categoria dessas? Você está louco.” – respondi, claramente indignado.

“Seu dinheiro não, apostei nosso dinheiro, tem cem reais meus nessa história também” – disse William.

“Sim, mas além do seu dinheiro, tem o meu e o do Rubens também.” – falei.

“Calma, pessoal, calma. Vamos nos acalmar. É só uma aposta, pra que tanta discussão?” – interveio Rubens – “Não precisamos ficar nervosos. Uma aposta é uma brincadeira, serve pra distrair, nada mais que isso. Se a idéia não é legal, vamos pensar em algo melhor, ora bolas”.

Parei e pensei por uma fração de segundo. Naquele exato momento, tomei a decisão errada. Ao invés de levantar-me e ir embora, desistindo de vez daquela idéia insana, voltei a sentar-me. E, para piorar as coisas, comecei a compactuar com aquilo. Começamos a ter idéias atrás de idéias para conseguir pregar uma peça em Rafael e, claro, ganhar algum dinheiro.

A idéia “vencedora” foi a seguinte: logo após Rafael entrar, entraríamos pela entrada lateral do cemitério. Dessa forma, ficaríamos mais próximos de chegar ao dinheiro escondido. Andaríamos em um corredor paralelo ao que Rafael estivesse, derrubaríamos alguns vidros e alguns vasos de flores, mas sempre sem que ele nos visse, obviamente. Comprariamos também uma espécie de fósforos-de-cor, vendida em lojas de fogos de artifício e o

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

acenderíamos em algum ponto estratégico. Esse fósforo soltaria uma fumaça esverdeada, o que ajudaria a assustar Rafael.

A idéia não era tão menos ridícula do que a idéia original de William. Mas depois de uma bela feijoada regada a alguns copos (ou garrafas) de cerveja, passamos a não ter mais noção do ridículo.

E o pior de tudo é que essa idéia havia sido minha. Se existem momentos na vida onde devemos ficar calados, aquele tinha sido um ótimo exemplo disso.

O cenário estava montado. Dinheiro escondido no fundo de um cemitério. Uma pessoa entrando, à meia-noite, no cemitério para buscar esse dinheiro. Outros três indo logo atrás para assustá-lo e ganhar cem reais cada um.

Era uma idéia de malucos. E, claro, não podia dar certo...

Às quatro horas da tarde, estávamos na porta do cemitério de Monserrat. A chuva havia dado uma trégua, apesar do céu lotado de nuvens cinzas carregadas. O cemitério, o único da cidade, ocupava uma grande área na zona norte; tinha o tamanho aproximado de quatro ou cinco campos de futebol.

O cemitério era cercado por um muro branco, não muito alto, com faixas azuis. Era alto o suficiente para que ninguém conseguisse pulá-lo tão facilmente, porém baixo o suficiente a ponto de ser possível visualizar as torres de alguns mausoléus.

O cemitério possuía também um grande estacionamento, localizado antes da entrada principal.

O portão principal era de ferro, já um pouco enferrujado pela ação do tempo, com grades em formato de curvas, dando um estilo clássico à entrada principal. O portão era mais alto do que os muros e a parte superior terminava em pequenas lanças.

Era, portanto, um cemitério clássico. Definitivamente era isso. Não tinha nada que o qualificasse de forma diferente dos demais cemitérios clássicos que já vi. E, como todos os outros, não devia ser um lugar muito confortável para passar a noite.

Essa foi a impressão que tive naquele momento, quando parei por alguns instantes para observá-lo.

“Luiz. Luiz, Luiz!!!” – gritou William.

Eu, então, retomei minha atenção – “Pois não, estou aqui.”

“Pois não parece” – completou Rafael, sorrindo – “Está com medo já durante o dia? Como vocês podem me propor alguma coisa que vocês não conseguiriam fazer?”

“A missão é sua, companheiro.” – interrompeu Rubens – “Não nossa. É você que irá buscar o dinheiro à meia-noite, se quiser ficar com ele.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Estava pensando se essa idéia é realmente boa.” – comentei – “Talvez fosse melhor deixar isso pra lá e pronto” – concluí.

William me olhou com uma certa fúria nos olhos – “Você está louco? Tudo bem, se acha isso, dê os seus cem reais e está livre da aposta”.

“Foi só um pensamento.” – completei – “Vamos logo com isso então”.

Claro que, no fundo, eu queria ganhar os cem reais. Mas, ao mesmo tempo, estava com medo. Não medo do cemitério nem da aposta em si, mas medo de que algo desse errado.

Mas aposta é aposta. E, como todos sabem, uma aposta entre amigos vale mais do que um cheque assinado em branco. É questão de honra, tem que ser cumprida ou então paga-se o preço. Nesse caso, cem reais. Sem contar a gozação pelo resto do ano.

“Sim, vamos logo” – disse William – “Vamos colocar logo esse dinheiro lá no fundo do cemitério.”

E, assim, entramos...

Assim como por fora, o cemitério de Monserrat por dentro era igual aos demais. Longos corredores em forma de pequenas ruas davam acesso às diversas quadras dentro dele, que lembravam pequenos quarteirões. De cada lado das “ruas” ficavam as campas. Em cada um desses quarteirões, havia pequenas passagens que davam acesso às campas localizadas mais internamente nas quadras.

Em alguns pontos, viam-se gramados; em outros, pequenos jardins. Era uma forma de tentar tornar aquele lugar um pouco mais, digamos, hospitaleiro.

É comum ouvir as pessoas dizendo que um cemitério transmite tranquilidade. Mas basta entrar em um deles e lembrar que, um dia, o seu futuro será ali, para que essa idéia seja prontamente apagada da sua mente.

Logo na entrada do cemitério havia uma espécie de praça com uma grande fonte de água ao meio. Na fonte, uma estátua de um anjo segurava um jarro, por onde a água era jogada para o alto. O barulho da água caindo trazia ainda mais animosidade ao local. E o anjo... Não conseguia discernir se a idéia de um anjo dentro de um cemitério era boa, para transmitir a tal “tranquilidade” ao local ou se soava mais como uma piada barata.

A iluminação existia somente na entrada. Ao lado esquerdo da entrada ficavam os velórios. Sete salas, ao todo. Na porta de cada sala, havia alguns longos bancos de madeira maciça, colocados ali para que as pessoas pudessem sair um pouco de dentro daquele ambiente fúnebre. Ao ver aquilo, me permiti soltar um leve riso por dentro. Sair de dentro de um ambiente fúnebre e ficar deslumbrando a “agradável” paisagem de um cemitério. Boa alternativa...

Conforme caminhávamos para o interior do cemitério, não existiam mais postes de luz. Mas, afinal de contas, quem quer ir ao cemitério à noite ou de madrugada? Era como se

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

qualquer rastro de civilização ficasse ali na entrada. “Entre por sua conta e risco”, pensei. Sim, ali era um bom lugar para uma placa desse tipo.

O cemitério, visto de dentro, parecia realmente grande. Para irmos até o fundo, andamos por diversas “ruas”. Penso que devemos ter andado cerca de uns dois quilômetros. Em alguns pontos, o cemitério tinha grandes árvores, que cortavam a luz do tímido sol que tentava aparecer entre as nuvens e projetavam enormes sombras sobre as sepulturas. O vento sibilava entre as campas, como se entoasse canções de ninar para os mortos.

É fácil perceber a condição social das pessoas, mesmo depois da sua morte. Conforme andamos, vimos túmulos das mais diversas formas. Alguns eram extremamente simples, com uma simples lápide com os dados da pessoa escritos a mão com o cimento ainda fresco no momento do sepultamento. Nesses túmulos, não havia ladrilhos de cerâmica nem fotos do morto. Havia simplesmente um amontoado de terra que fazia uma leve curva, indicando que alguém jazia ali embaixo.

Já outros túmulos eram mais trabalhados; possuíam ladrilhos de cerâmica em toda a volta, além de lápides com letras douradas e em alto-relevo. Em vários desses, podíamos ver a foto do morto. O curioso é que as fotos escolhidas para os túmulos são sempre muito parecidas. A pessoa está sempre olhando com um ar sério para o vazio. Eu tinha um amigo que costumava dizer “Esta é uma boa foto para colocar no meu túmulo”, quando tirava uma foto naquele estilo. Pensando bem, eu mesmo já havia tirado diversas fotos desse tipo, o que geraria uma grande dúvida sobre qual foto colocar em meu próprio túmulo.

Existiam também os grandes mausoléus. Eram como pequenas mansões, com grandes portas, grades e travas. Normalmente possuíam na frente uma inscrição do tipo “Família tal”. Aquilo era uma forma curiosa de tentar enganar a si mesmo a respeito da morte. Sorri novamente ao imaginar, dentro daquele mausoléu, uma sala com sofás, um pequeno barzinho ao canto e uma grande e imponente TV de plasma pendurada na parede, com o caixão do morto ao meio.

Toda aquela imponência de nada adiantava. Era tétrico da mesma forma e, no fim, o destino era o mesmo. Com superfícies feias ou bonitas, a coisa lá embaixo era muito parecida e, diga-se de passagem, não devia ser nada agradável. E eu sei que não preciso ter esse tipo de curiosidade, já que, um dia, estarei por ali. Aliás, todos nós estaremos.

Enquanto andávamos, Rafael olhava as lápides e fazia comentários do tipo: “Este aqui morreu com quase 100 anos!” ou “Já este aqui morreu cedo, com menos de 15 anos!”.

Diversas pessoas, quando vão aos cemitérios, têm essa mania. Olhar as datas de nascimento e óbito e ficar calculando mentalmente a idade da morte das pessoas. É o tipo de informação inútil, mas as pessoas calculam da mesma forma. Eu mesmo já fiz isso diversas vezes; acredito que você, se já foi a algum cemitério, também já o tenha feito.

Rubens, então, disse: “Pronto, o Rafael descobriu um novo ponto turístico na cidade. Aposto que agora ele virá aqui aos finais de semana para passear como se fosse um shopping center”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Todos rimos. Foi um riso alto e algumas pessoas olharam para nós. Afinal de contas, estávamos em plena tarde de sábado e o cemitério não estava vazio. Depois percebemos que estava ocorrendo um sepultamento e, convenhamos, não é de bom tom rir escandalosamente em um funeral.

Naquele momento, mesmo tendo vontade de enfiar a cabeça debaixo da terra, de tanta vergonha, torci para que fôssemos expulsos dali. Isso encerraria aquela aposta. No entanto, isso não aconteceu. Tivemos somente olhares de profunda desaprovação das pessoas. Baixamos a cabeça e continuamos andando, pois, afinal de contas, não havia o que ser dito. William ainda estendeu a mão, em sinal de desculpas, mas as pessoas nem esboçaram resposta. Simplesmente viraram as costas e continuaram participando da cerimônia.

Era possível ouvir os pássaros cantando e, quando isso acontecia, o cemitério já não parecia ser um lugar tão lúgubre. Mas isso era somente uma fagulha de pensamento que logo ia embora, carregada pelos sorrateiros zeladores dos porões da nossa mente. Eu logo estava pensando na realidade, ou seja, nós estávamos em um lugar cheio de gente morta abaixo dos nossos pés. Tétrico...

É impossível entrar em um cemitério e não pensar na seguinte frase: “eis aqui o fim de tudo”. Assim como quando vamos a um velório, nos imaginamos dentro do caixão, cobertos por flores, com as mãos cruzadas sobre o peito e com pequenos tufo de algodão tapando as narinas.

Era como se todos aqueles mortos conversassem comigo. Você é o próximo. Quer vir nos fazer companhia? O descanso eterno... A decomposição...

Todos esses pensamentos, cuidadosamente elaborados pelo lado sombrio da mente, começaram a me deixar inquieto e assustado. Fui tentando aos poucos retomar o controle dos meus pensamentos, pois ainda teríamos que voltar ali à noite. Se eu já estava assustado durante o dia, como seria à noite então? Aí estava algo no qual eu não queria pensar naquele momento...

Uma parte do cemitério estava em obras. Apesar de Monserrat ser uma cidade relativamente pequena, as cidades vizinhas utilizavam aquele cemitério para enterrar seus habitantes. Dessa forma, o cemitério estava em obras para ampliação.

Um cemitério precisa ser ampliado não somente para os lados, mas também para baixo. Era importante livrar aquela parte do subsolo de qualquer possibilidade de contato com o lençol freático que passava por Monserrat. Afinal de contas, ninguém em sã consciência gostaria de beber ou tomar banho com o necrochorume, o suco dos mortos.

Por isso, existia um enorme buraco, uma verdadeira cratera com mais de 200 metros quadrados naquele local, que serviria para instalar sistemas de escoamento dos líquidos oriundos da decomposição. Era possível ver pequenos deslizamentos de terra causados pela chuva, mas seguramente estancados pelas contenções colocadas em volta daquela enorme cratera, que mais parecia uma grande bocarra emergindo do solo, gritando, esfomeada, por novos corpos.

Pouco mais de vinte minutos depois, chegamos ao fundo do cemitério. Ali estavam localizados aqueles que chamávamos de “túmulos-gaveta”. Esses túmulos ficavam na parede, em grandes buracos e os caixões eram colocados lá dentro como se fossem gavetas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Aquele sistema havia sido feito para economizar espaço, já que, dessa forma, era possível ter diversos “andares” de túmulos. Era uma forma mais barata de sepultamento e não permitia grandes “floreamentos” nas sepulturas.

Cada um desses túmulos tinha um pequeno beiral a sua frente, onde era possível acender velas e colocar pequenos vasos de flores. Decidimos, então, que colocaríamos o dinheiro em um desses túmulos, disfarçado para que ninguém o visse e o pegasse antes da meia-noite, quando Rafael entraria para tentar cumprir sua “missão”.

“Zoroastro!!!” – gritou Rafael.

“Como?” – respondi.

“Zoroastro! O cara se chamava Zoroastro!” – disse Rafael, olhando para um dos túmulos-gaveta – “Que tipo de mãe coloca o nome de Zoroastro no filho?”

“Ah, é um nome como outro qualquer” – respondeu William, enquanto disfarçava o sorriso – “Imagine a mãe dele o chamando quando era pequeno – Zoroastrinho, meu filho, venha aqui, por favor”

Novamente caímos na gargalhada. Nos demos conta do volume das risadas e olhamos em volta. Dessa vez, não havia ninguém para nos censurar.

Na lápide do túmulo de Zoroastro, estava escrito:

Zoroastro Dütenhagen	
☆ 15/02/1905	✝ 14/02/2005
Saudades	

“O cara morreu um dia antes de completar 100 anos” – disse Rubens, soltando um leve assobio – “Imagem só. A família toda preparando uma festança e o cara morre um dia antes!”

“Proponho que, em homenagem ao Zoroastro, deixemos o dinheiro aqui!” – propôs William.

Todos concordamos. O túmulo de Zoroastro era o terceiro de baixo para cima, o que o deixava um pouco acima das nossas cabeças. Dessa forma, seria bem mais difícil ver o dinheiro que ficaria escondido ali. Decidimos escondê-lo embaixo de um pequeno vaso vazio que estava no beiral. Em virtude do estado no qual o vaso se encontrava, além da sujeira acumulada no beiral do túmulo, chegamos à conclusão de que Zoroastro não recebia nenhuma visita há muito tempo. A casa do nosso mais novo amigo era o local perfeito para esconder o dinheiro da aposta.

Eu fui o encarregado de colocar o dinheiro ali. Peguei os trezentos reais - seis notas de cinquenta – dobrei ao meio e coloquei cuidadosamente dentro de um pequeno saco plástico. O vaso estava apoiado sobre um pequeno prato de plástico, desses utilizados para

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

apagar a sobra de água das plantas. O vaso estava repleto de água suja. Pensei se o pessoal que cuidava do cemitério nunca tinha ouvido falar em dengue ou febre amarela. Esvaziei aquela água suja, jogando-a sobre um monte de musgo que se encontrava colado na parede de um túmulo logo abaixo. Coloquei o prato de volta, dobrei as pontas do saco plástico e o coloquei debaixo do vaso. O dinheiro ficou praticamente todo coberto. Era impossível ser visto.

“Pronto!” – exclamei – “Agora é com você, Rafael. Com você e com o relógio. Basta esperarmos meia-noite e você vem fazer uma visitinha ao nosso amigo Zoroastro, para retirar com ele o seu dinheiro.”

Na verdade, não sei porque fiz aquela piadinha. Eu não queria estar ali, o lugar me fazia mal, tinha o pressentimento de que alguma coisa não ia dar certo, mas ainda assim fiz a piada. Talvez o senso de humor tenha falado mais alto naquele momento.

“Fechado!” – respondeu Rafael – “Amanhã estarei trezentos reais mais rico e cada um de vocês, cem reais mais pobre.” – sorriu.

“Não cante vitória, meu amigo. Você ainda tem que atravessar este cemitério e pegar o dinheiro.” – disse Rubens.

“Não acabamos de fazer isso? Qual a diferença?” – Rafael deu de ombros.

“À meia-noite e sozinho.” – respondeu Rubens, com um tom sarcástico.

Sim, a diferença era grande. Naquele momento me recordei do teste que tive que fazer quando fui escolhido para fazer parte da brigada de incêndio da empresa onde trabalhava. Tínhamos que passar pela “casa da fumaça”. Era um grande cômodo, com paredes internas em forma de labirinto e sem iluminação. As (poucas) janelas ficavam fechadas e, durante a travessia, o cômodo era preenchido com fumaça.

O bombeiro informou à turma “Respirem fundo, fechem os olhos e atravessem a casa. Não adianta tentar respirar lá dentro, o ar é totalmente irrespirável. Não adianta abrir os olhos, pois não haverá iluminação nenhuma. Caso abra os olhos, eles arderão como se tivessem espirrado limão dentro deles. Simplesmente atravessem a casa. Mostrem-me que têm colhões para fazer isso!”. A turma era composta somente por homens, por isso o comentário final.

De qualquer forma, para nos ajudar, como treino, o bombeiro fez uma primeira travessia do caminho junto conosco e com as janelas abertas.

Pareceu muito fácil.

Mas, assim que tivemos que fazer o mesmo percurso, mas dessa vez sozinhos, a coisa foi totalmente diferente. A casa fumegava como uma grande caldeira prestes a explodir. O cheiro era insuportável, como se fosse o próprio inferno queimando as pobres almas amaldiçoadas, o que nos lembrava que não conseguiríamos respirar lá dentro.

Metade conseguiu a travessia. Um quarto desistiu e o outro quarto teve que ser resgatado pelo bombeiro, que não perdeu a oportunidade de zombá-los. Eu estava no grupo dos que conseguiram.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rafael teria que fazer algo parecido. E, naquela noite, atravessar a casa de fumaça pareceria a calma travessia de um lago com águas límpidas e cristalinas, numa ensolarada tarde de verão.

Às onze e vinte da noite estávamos de volta ao cemitério. Exceto Rafael. Marcamos com ele às onze e quarenta. Isso nos dava o tempo que precisávamos para acertar os últimos detalhes.

A visão da entrada do cemitério, à noite, era totalmente diferente da visão que tivemos durante o dia. A pouca luz que iluminava o grande portão de entrada projetava sombras que despertavam os zeladores dos porões da mente do seu sono noturno. As lanças nas pontas da grade do portão pareciam pontas dos tridentes de espíritos malignos, prontos a nos espetar furiosamente.

As cruzes no alto dos mausoléus tomavam vida como se, de repente, estivéssemos entrando na casa dos mortos, no horário do seu jantar fúnebre, sem sermos convidados.

Definitivamente aquele não era o melhor lugar para estar e eu simplesmente não me canso de dizer isso. Se você estivesse no meu lugar, aposto (lá vem essa palavra de novo!) que você diria o mesmo...

Lá estávamos, portanto, William, Rubens e eu. Apesar de toda força para manter a coragem, era possível ver nitidamente a fria e metálica face do terror estampada em nossos rostos. Nenhum de nós havia jamais pisado no solo sagrado dos mortos em plena meia-noite. Aquela seria nossa primeira vez. E, como toda primeira vez, o frio, o medo e o pânico começavam a tomar conta dos nossos corpos até os ossos.

Ficamos durante alguns minutos calados, nos observado no mais profundo silêncio. William tinha duas caixas de fósforos-de-cor verde no bolso direito. Ele tinha realmente levado aquela sandice a sério. Pensei se não seria também uma boa idéia pendurar bandeirinhas de São João, acender uma fogueira, vender pipoca e quentão e tocar músicas de quadrilha, para completar de vez as festas Juninas fora de época. Dei um leve sorriso, que serviu, ao menos, para quebrar o imenso iceberg que se formava.

“Estão prontos?” – perguntou William.

“Sim, eu estou.” – respondeu Rubens, sem a menor convicção da resposta que acabara de dar.

Ambos olharam para mim.

“Sim, estou também.” – respondi, com uma imensa vontade de sair correndo dali e deixar os cem reais para lá. Mas, como já disse, uma aposta entre amigos é mais valiosa do que um cheque assinado em branco. Vale uma reputação. Pelo menos enquanto somos jovens. Depois disso, qualquer aposta pode ser terminada com um “vão se foder”, sem o menor prejuízo para as partes envolvidas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Vamos fazer assim então. Eu entro com você, Luiz, logo depois do Rafael entrar. Seguimos, cada um, por um corredor lateral. Você pelo esquerdo, eu pelo direito. Ele seguirá pelo corredor central, que é o mais óbvio e que foi o caminho que fizemos durante o dia. Você, Rubens, espera na entrada, no local dos velórios” – disse William.

“E quando ele voltar lá de dentro, o que eu digo? Que vocês foram tomar uma cerveja com o Zoroastro e que voltam já?” – bradou Rubens.

“Você vai dizer que fomos até a lanchonete ou coisa do tipo. Distraia-o um pouco e logo apareceremos. Ele não estará com o dinheiro e podemos voltar lá para buscá-lo.” – respondeu William.

“Voltar lá? Mais uma vez? Mas nem sonhando. Podem esquecer essa idéia” – disse – “Está todo mundo se fazendo de corajoso aqui, mas estamos todos nos cagando de medo. Não adianta mentir nem disfarçar. Já é suficiente ir até o fundo do cemitério, em plena meia-noite, uma vez. A gente volta amanhã para buscar o dinheiro, caso dê tudo certo.”

“Caso dê tudo certo? É claro que vai dar! Estamos aqui para isso. Ou você acha que eu entrei nessa aposta para perder cem reais?” – respondeu William, com a voz mais reforçada pela coragem.

“Tudo bem” – assenti – “Mas só entro lá de novo amanhã. Hoje não. Ou é assim ou volto agora mesmo para casa.”

Nos entreolhamos. Eu havia tocado em um ponto fraco daquela situação. Voltar para casa era o que todos desejávamos. Menos, claro, Rafael.

“Ei pessoas!! Chegaram mais cedo? Estão ansiosos para perder seu dinheiro?” – Rafael gritou, enquanto chegava. Definitivamente, o medo não o estava acompanhando. E nem podia, já que estava abraçado conosco, conversando com nossas almas, confabulando com nossas mentes.

Ficamos calados.

“E aí, posso entrar? Faltam quinze minutos para meia-noite. Vou estar com nosso amigo Zoroastro por volta da meia-noite em ponto. Esse é o combinado, certo?”

“Certo.” – respondeu secamente William.

Naquele momento, sabíamos que não tinha mais volta. Nos sentimos como crianças na sala de espera da enfermaria de um hospital, aguardando pela grande e gorda enfermeira que nos aplicaria uma dolorida injeção contra alguma infecção da garganta. Sabemos que teremos nossos nomes chamados, que gritaremos e sairemos de lá mancando, enquanto enxugamos as lágrimas com a manga da camisa, mas sempre há um fio de esperança de que nossos pais nos levem embora dali direto para casa.

Mas isso, claro, nunca acontece...

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Quinze minutos para meia-noite. Era, então, hora do show. A meia-noite possui todo um charme funesto e taciturno. Você pode estar às onze e cinquenta e cinco da noite na sua sala, sozinho, assistindo televisão e está tudo bem. Mas basta o relógio marcar meia-noite em ponto para você dar uma olhada em volta, certificando-se de que está tudo sob controle, como se naquele horário fosse possível que um portal se abrisse, permitindo que todo tipo de criatura maligna andasse sobre a Terra.

Todos têm histórias sobre a meia-noite.

Lembro-me de quando era pequeno e morava em um chalé em um bairro mais afastado de Monserrat. O chalé tinha dois andares. Na parte de baixo ficava a sala e a cozinha, enquanto em cima ficavam os três quartos. Para ir da parte de baixo para a parte de cima era necessário dar a volta em torno da casa. Para ir ao banheiro, a mesma coisa, com o agravante de ter que andar por uma longa área de serviço descoberta e por uma espécie de lavanderia, com telhas sem laje e com uma aparência nada agradável.

Sempre adorei aquela casa. Ela tinha um ar de antiguidade, mas, à noite, parecia ganhar vida. Parecia ser possível ouvir o som de respiração vindo das paredes, a circulação sanguínea no solo. Aquela casa, à noite, tinha vida. Se não real, na minha imaginação. Jamais saí do quarto durante a noite para ir ao banheiro. Levava comigo um pequeno penico para o quarto, onde urinava, sem a menor vergonha de fazer isso no auge dos meus treze anos.

A vergonha era um pouco menor porque minha mãe também morria de medo. Meu pai a acompanhava sempre que ela precisava ir ao banheiro para um xixi noturno. Mas, em uma determinada noite, ela resolveu tomar banho por volta das onze e meia da noite. E, surpreendentemente, foi sozinha.

Foi um banho demorado e minha mãe ouviu algumas batidas na porta do banheiro, como se alguém tivesse dado pequenas pancadas com o nó dos dedos, em gesto claro de “ei, tem alguém aí dentro?”. Minha mãe, claro, respondeu “Já vou, estou terminando”, achando que se tratava do meu pai ali fora. Quando percebeu não teve resposta, perguntou “quem é?”.

Nada de resposta.

Ela olhou para o relógio, pendurado em um prego na parede do pequeno banheiro, com porta de madeira. O relógio marcava a implacável meia-noite. O pânico tomou conta dela.

Perguntou de novo.

Nada.

Gritou.

Nada.

Gritou ainda mais alto, um grito que acredito ter sido audível do outro lado da rua.

Meu pai então desceu correndo e foi ver o que estava acontecendo. Não tinha sido ele o autor das batidas na porta. Nunca descobrimos quem foi. Minha mãe estava sozinha na parte de baixo da casa e, nos quartos, todos estávamos dormindo, até aquele grito

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

esganiçado que cortou o silêncio daquele início de madrugada. Ninguém era sonâmbulo. A meia-noite nos havia pregado mais uma peça.

Entramos, então, no cemitério. O horário não era um problema, já que as pessoas não costumam escolher a hora da morte. Assim, era comum ocorrerem velórios durante as madrugadas.

A entrada estava iluminada. Era possível ver duas ou três salas de velório com movimento. O grande processo de “partir e chegar” do mundo continuava funcionando a todo vapor. Naquele exato momento, em alguma maternidade, estava sendo compensada a partida daquelas pessoas cujos corpos repousavam friamente dentro dos seus caixões em cada sala de velório. E ali estávamos nós, atrapalhando aquele momento.

Olhei para dentro do cemitério. Escuridão total. A grande praça, com a fonte do anjo ao meio, recebia um pouco de luz. As feições do anjo pareciam estar completamente diferentes. Era como se ele também ganhasse vida à noite. Era como se ele não estivesse gostando nem um pouco da nossa presença ali. No entanto, era só um efeito da luz. Ao menos tentei convencer-me disso. É impressionante como um pouco de luz e medo são capazes de transformar inocentes estátuas de anjos em seres das profundezas, prontos a dilacerar nossa alma.

O último sinal de civilização estava ali, na entrada. Lá para dentro, somente a escuridão. E, claro, nosso amigo Zoroastro com os trezentos reais.

“Está pronto, Rafael?” – perguntou William.

“Sempre estou.” – respondeu Rafael, zombando da cara de William – “Estou indo agora. Aguardem-me, em vinte minutos estarei de volta com os trezentos reais.”

Após dizer isso, Rafael sacou do bolso uma pequena lanterna de pilhas. Não havíamos dito nada a respeito de lanternas, o que fazia com que o uso do objeto fosse legal. Afinal de contas, o céu estava totalmente nublado (havia chovido mais durante a tarde) e a lua não conseguiria iluminar nada por ali naquela noite.

Rafael então acendeu a lanterna e a colocou por baixo do rosto, que ficou irregularmente iluminado, como se fosse um zumbi. Falou então “brrrrrrr, mortais, em breve volto para vocês.”. Sorriu, apontou o fecho de luz da lanterna para o chão, virou as costas e seguiu através do corredor central do cemitério, deixando a civilização, como uma nave espacial que se afasta da Terra, indo em direção ao desconhecido. A civilização ficava para trás. Agora era só ele, nosso amigo Zoroastro e mais milhares de “Zoroastros” anônimos que estavam tendo suas casas invadidas.

Por um instante ficamos parados, vendo Rafael desaparecer na escuridão. Então, voltamos à realidade.

“Rápido, o que estamos olhando? Não podemos ficar parados, não podemos perder tempo!” – bradou William – “Vamos, Luiz. Você pelo lado esquerdo, eu pelo direito. Rubens, aguarde aqui e não esqueça de distraí-lo, caso ele chegue antes.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Vou no escuro mesmo?” – perguntei – “Quer que eu vá tateando o chão ou prefere que eu pergunte para algum defunto o caminho até o túmulo do Sr. Zoroastro? Posso perguntar para algum defunto ‘Olá fulano, conhece o Sr. Zoroastro? É um senhor de quase 100 anos, ele mora aqui há pouco mais de um ano, no fundo do “condomínio” no terceiro andar.’ Como você espera que eu encontre o caminho nessa escuridão?” – completei, visivelmente irritado.

“Calma, eu tive a mesma idéia que o Rafael.” – respondeu William, tirando do bolso duas pequenas lanternas, das quais me entregou uma – “Tome, funcionam com LEDs, um pouco diferente das convencionais. A luz é um pouco mais clara, porém mais direcionada também. Mas aponte para o chão, cara! Não fique apontando no meio dos túmulos ou o Rafael poderá nos ver! Temos que assustá-lo, para que ele desista de ir até o fundo do cemitério. Em seguida, vamos até o fundo para certificar que o dinheiro está lá. Após isso, voltamos para a entrada para sermos proclamados campeões!” – completou.

Tudo parecia fácil demais.

Peguei a lanterna, apertei o botão e a liguei. Ela era extremamente pequena, cabia na palma da mão, mas emitia uma boa luz, uma luz prateada, que lembrava aquelas pequenas luminárias portáteis de mesa com uma lâmpada fluorescente dentro, daquelas utilizadas para trabalhar à noite sem incomodar as pessoas com luzes acesas.

Quase cinco minutos depois de Rafael ter entrado, começamos nossa caminhada. Eu pelo lado esquerdo e William pelo lado direito. Rubens foi o mais sortudo, ficando na entrada. Naquele dia não me dei conta disso e nem perguntei o porquê de Rubens ter ficado lá e não eu...

Apontei a lanterna para o chão e comecei a andar em direção ao fundo do cemitério. O caminho não era curto; durante o dia havíamos levado mais de meia hora para cruzá-lo. À noite, com a iluminação de uma lanterna vagabunda comprada em um camelô da esquina, e com o medo soprando seu hálito gelado em cada terminação nervosa do meu corpo, com certeza aquele tempo seria muito maior...

Decidi, então, que seguiria o caminho sem olhar para trás nem para os lados. Doce ilusão. O mesmo medo que me tomava nos braços e injetava um fluido gelado nas minhas veias me fazia olhar o tempo todo em volta, da mesma forma como quando olhamos pela janela de um andar alto e temos um fio de pensamento quanto a pular dali.

O medo nos castiga, mas nos instiga ao mesmo tempo.

A cada metro que eu avançava em direção ao fundo do cemitério era como se estivesse mergulhando no fundo do oceano e, a cada metro de descida, aumentasse a escuridão das águas, a pressão no corpo e a sensação de estar em um ambiente inóspito.

Aquela rua do cemitério, que era tão larga durante o dia, parecia ter ficado estreita, aproximando os túmulos de ambos os lados, como se quisessem esmagar-me entre eles.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Havia chovido no início da noite, o que deixou o chão enlameado e escorregadio. As nuvens ainda estavam pesadas no céu, de forma que a Lua, definitivamente, não daria as caras naquela noite.

Estava assustado demais para lembrar-me exatamente do que estava fazendo ali. Não bastava somente ir ao fundo do cemitério. Não era uma corrida, onde o pique era na mão do Sr. Zoroastro. Eu tinha que fazer barulhos, tinha que imitar um fantasma, para, dessa forma, assustar Rafael. Mas isso já tinha ficado no esquecimento. Eu só queria sair dali o mais rápido possível, acabar logo com aquela história e voltar para casa. Filmes de terror, para mim, seriam somente para encher as prateleiras da estante de DVDs. Não os assistiria por um bom tempo...

Meus pensamentos foram cortados por um barulho estridente de vidro quebrado. Instintivamente, parei. Por uma fração de segundos, esqueci-me de que William estava duas ruas à minha direita, fazendo o que eu deveria fazer também: assustando Rafael. O pânico quase me dominou. Pude ouvir Rafael gritando:

“Que porra foi essa?”

Mas, claro, não houve resposta. Aquilo me acalmou um pouco. O simples fato de saber que Rafael e William estavam ali perto já me deixava mais tranquilo. Era bom ter um pouco de vida naquele lugar tão assim, digamos, morto. Perdoe-me o trocadilho...

A calma, no entanto, durou pouco. Olhei para trás e vi que as poucas luzes da entrada do cemitério ficavam cada vez mais distantes. A pouca luz ainda visível contrastava com os contornos das campas, o que exibia uma aparência ainda mais aterradora ao local.

A brincadeira já havia perdido a graça há muito tempo. Imaginei aquelas “cenas-clichê” do cinema, quando, nessas ocasiões, um gato ou algo do tipo salta do meio do nada para cima da pessoa. Se aquilo acontecesse, acredito que chegaria de volta à entrada principal em menos de vinte segundos, o que ajudaria a estabelecer um novo recorde mundial dos “quinhentos metros em disparada”.

Continuei caminhando. Mesmo com pouca luz, era possível enxergar as silhuetas dos túmulos e mausoléus. Meus olhos já estavam acostumados ao escuro. Minha única idéia era chegar até nosso amigo Zoroastro. William que desse uma de fantasma e assustasse Rafael. Eu não faria absolutamente nada a respeito disso.

Mais alguns metros de caminhada e a luz da entrada do cemitério já havia sumido completamente. O vento sibilava entre as campas. As árvores chacoalhavam suas copas, dando a impressão de que milhares de morcegos voavam sobre minha cabeça.

A temperatura caía rapidamente, mas a adrenalina não deixava que eu sentisse frio, a não ser pelas minhas mãos, que vertiam um suor gelado e contínuo. Pensei em correr para terminar aquilo mais rápido, mas não daria certo. Apesar de conseguir enxergar um pouco melhor, a luz estava escassa demais, o chão estava escorregadio e a iluminação provida por aquela lanterna de quinta categoria não ajudaria muito.

De repente, eu parei. Fiquei gelado dos pés à cabeça. Tive a impressão de ter visto algo entre as campas, do lado oposto onde estavam Rafael e William. A impressão era de que algo se movia lentamente, como se me acompanhasse. Meu coração pareceu parar de bater.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Foi como se, entre uma batida e outra, se passassem vários minutos. O pânico me dominou e tive que segurar minhas pernas, para que elas não saíssem correndo sozinhas, sem que eu lhes desse nenhuma ordem para isso. Eu não estava mais no controle, era o monstro frio e metálico do medo que direcionava cada uma das minhas ações naquele instante.

Para piorar a situação, ouvi uma sequência de barulhos de coisas quebrando. Pelo som, hoje consigo imaginar que tenha sido William que tropeçou no escuro e quebrou alguns vasos.

Rafael tornou a gritar: “Mas que porra é essa? Quem está aí?”

A coragem já não dominava aquela voz. As palavras dele saíram distantes e entrecortadas pelo receio que começava a brotar da sua alma, germinando rapidamente para tornar-se o mesmo medo que eu estava sentindo.

Dessa vez, nem mesmo o fato de saber que Rafael estava próximo ajudou a acalmar-me. Senti-me como aquelas pessoas que apagam a última luz da casa à noite antes de dormir e saem correndo para suas camas, como se houvesse uma criatura aguardando somente a escuridão para atacar.

Ignorei totalmente a recomendação de William e joguei a luz da lanterna na direção daquilo que eu estava vendo se mexer por entre os túmulos. Eram somente folhas, carregadas pelo vento, por cima das campas. Além do medo, minha imaginação estava começando a entrar em ação.

Respirei fundo, dobrando meu corpo para frente e apoiando as mãos nos joelhos. Precisava me acalmar, precisava retomar o controle. Olhei em volta e vi que devia estar na metade do caminho.

Eu estava prestes a desistir. Os cem reais já não me importavam mais. A única coisa que eu queria salvar ainda era minha reputação. Foi somente isso que me fez continuar com aquela sandice.

Se eu não estivesse demasiadamente assustado, eu daria risadas dos barulhos que William estava fazendo. Um novo objeto de vidro foi quebrado. Mas, dessa vez, o barulho foi seguido por um grito descomunal, que fez o grito da minha mãe no episódio do banheiro parecer um leve soluço.

Novamente gelei. Até hoje não sei se foi William que se machucou na sua louca corrida por quebrar vasos, se foi Rafael que gritou de susto ou aquelas coisas que nunca conseguimos identificar, pelo menos uma vez na vida...

Dessa vez o pânico deu as mãos ao medo propriamente dito e ambos tomaram o controle integral de minha mente e de meu corpo. Virei as costas em direção à entrada do cemitério, no caminho inverso para onde eu estava indo, e saí correndo. Ignorei totalmente os cem reais, minha reputação, a falta de iluminação e o chão escorregadio. Não ia ficar ali para descobrir o que tinha gritado daquela forma.

Enquanto corria e escorregava, lembrei-me do meu sonho no dia anterior, no ônibus. Eu estava ali, correndo entre árvores, sem conseguir enxergar quase nada e não sabia do que eu estava correndo. Eu, simplesmente, tinha que correr, fugir dali. Tive a impressão de que

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

milhares de esqueletos corriam atrás de mim, levantando-se dos seus túmulos, alguns ainda com carne apodrecida colada aos ossos. Olhei para trás, enquanto corria e não vi nada. Voltei a olhar para a frente, mas tropecei e caí deslizando na lama. Levantei rapidamente, peguei a lanterna e continuei a correr.

Em uma das esquinas, pude ver Rafael correndo pela rua central do cemitério.

“Às favas com a aposta” – pensei, num último lampejo de sanidade. Corri em uma travessa em direção à rua central. Rafael viu a luz da lanterna e começou a gritar, correr em desespero total. Provavelmente também achou que havia esqueletos correndo atrás dele e achou que eu fosse um deles ou coisa que o valha...

Pude ouvir, nesse momento, William gritando, um grito agudo de horror. O caos estava formado.

Tentei alcançar Rafael, mas subitamente seus gritos pararam. Continuei correndo em sua direção, mas não conseguia mais ouvi-lo. Foi quando os gritos de William também cessaram.

Corri mais um pouco e vi aquela que foi a cena mais horrível da minha vida até hoje e, provavelmente, não haverá outra que consiga vencê-la no quesito de horror: Rafael estava jogado no chão, deitado de barriga para cima, os braços abertos e as pernas entrecruzadas. Fui me aproximando aos poucos, ofegante pela corrida. Meu preparo físico nunca foi dos melhores.

Ao me aproximar, chamei “Rafael”, “Rafael”, “Rafael, cara, você está bem?”

Mas não houve resposta.

Coloquei a luz da lanterna no seu rosto e tive a visão perturbadora. Rafael estava com a face afundada, o olho esquerdo saltado para fora e o direito completamente mergulhado no mar de sangue que havia virado seu rosto. O osso frontal da cabeça estava totalmente despedaçado, afundado em si próprio, como se houvesse sofrido uma implosão. Rafael estava morto, mas mesmo assim eu o cutuquei, como se fosse possível ainda haver alguma reação. Não houve.

Pus a mão na boca e me afastei alguns passos. Não havia grito para sair. Foi como se o cemitério rodasse a minha volta, como se eu fosse o próximo, como se alguma coisa estivesse ali para matar os profanadores daquele solo sagrado.

Em um instinto, virei a lanterna em volta de mim e pude entender o que aconteceu. Na quina de uma das campas, havia sangue, muito sangue escorrendo. No chão, uma forte marca de pegada, como se alguém tivesse escorregado.

Não precisei ser nenhum perito criminal para entender o que havia acontecido. Rafael correu e, em sua louca corrida, escorregou na lama e bateu a cabeça na quina da campa, morrendo instantaneamente.

Aquilo se processou em segundos na minha mente, assim como a frase “Meu Deus, o que fizemos?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Eu tinha que achar William. Tínhamos que sair dali e ver o que faríamos com aquela desgraça toda que tinha acontecido. Comecei a gritar:

“William! William! Onde você está? Cara, deu merda! Deu merda das grandes! O Rafael está morto, cara! Apareça, vamos!”

Mas não houve resposta. Saí correndo até o corredor lateral, por onde William ia, em direção ao fundo do cemitério, para tentar achá-lo. Não foi uma simples corrida, foi algo descontrolado. Não via mais para onde estava correndo, tentava somente dar passadas firmes, para que não acontecesse comigo a mesma coisa que aconteceu com Rafael.

Mas eu já estava perdido. Descobri que era muito fácil perder-se dentro de um cemitério, à meia-noite. Mas não parei de correr.

Jogava a luz da lanterna desesperadamente para todos os cantos, para tentar achar William e para tentar localizar-me. Mas de nada adiantava. Os mortos pareciam rir de mim. Eu estava no campo deles e eles haviam me cercado.

Continuei correndo, mas já não sabia se corria em direção à entrada ou à saída. Foi quando, em um descuido, escorreguei, tropecei e caí. Não me lembro de mais nada depois disso...

Quando acordei, estava no hospital. Estava voltando do estado de coma em que fiquei, segundo os médicos, por uma semana. Traumatismo craniano, disseram. Aos poucos lembrei o que havia acontecido. Aos poucos fui voltando a mim.

Quando saí correndo ensandecido, não reparei que estava caminhando em direção à cratera da obra do cemitério. Escorreguei em uma grande poça de lama, tropecei no beiral da cratera e rolei lá para dentro, mas não sem antes bater fortemente a cabeça contra algumas pedras no caminho até lá embaixo.

“Entre a vida e a morte”, foi como fiquei, segundo os médicos. O curioso foi que quase morri dentro de um buraco que servirá para enterrar os mortos.

Rubens me contou o que aconteceu enquanto estávamos naquela gincana maldita. Como não voltávamos, ele chamou a polícia, que vasculhou o cemitério inteiro a nossa procura. Não nos acharam naquela noite, somente na manhã do domingo.

O que eu havia percebido realmente aconteceu daquela forma. Rafael escorregou na lama e bateu fortemente a cabeça na quina de um túmulo, morrendo instantaneamente, aos 28 anos de idade...

William foi encontrado com a camisa presa em um galho de árvore. Morreu de ataque cardíaco. Segundo a perícia, ele estava correndo quando enganchou a roupa em uma árvore. Com o pânico, achou que fosse algum dos “habitantes” do cemitério, que o prendera. O susto foi maior do que o coração dele suportou. William morreu aos 30 anos...

Rubens saiu ileso, a não ser pelo estado de choque em que ficou e que durou quase uma semana. Nenhum de nós participou dos enterros de Rafael e William. Nossos amigos foram embora sem que pudéssemos nos despedir deles.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A polícia não nos indiciou. Ficou entendido como uma brincadeira, uma brincadeira de mau-gosto que não deu certo. Jamais dissemos que havia dinheiro na aposta. Dissemos somente que tínhamos feito uma aposta sobre quem chegaria primeiro ao fundo do cemitério, à meia-noite. Dissemos que Rubens não tinha ido porque havia desistido na última hora.

Os médicos dizem que eu voltarei a andar. Eu já não acredito muito nisso. Já se passaram três anos dessa tragédia, na qual perdi meus dois melhores amigos, além de perder os movimentos da cintura para baixo. A fisioterapia não tem ajudado muito e sei que a cada dia que passa as chances de recuperação total são menores.

Quanto aos trezentos reais, jamais voltamos para buscar aquele dinheiro. Ficou dentro do saco plástico, embaixo do vaso, dentro do prato para aparar o excesso de água de uma planta que não existia. Provavelmente, juntando larvas de mosquito da dengue e da febre amarela. O dinheiro jazia no terceiro andar dos túmulos-gaveta. Ficou para o nosso amigo Zoroastro, que se encarregará, um dia, de entregá-lo a quem for finalmente visitá-lo e colocar uma flor naquele vaso sem vida, em um local totalmente contrário à vida e que levou a vida de dois amigos meus.

Fomos vítimas da nossa própria mente. Entramos em pânico em uma espécie de reação em cadeia. Com o primeiro grito, todos nós entramos em desespero e saímos em uma corrida desenfreada em direção à morte. Não havia nada de sobrenatural naquele cemitério. Hoje continuo achando que os mortos não nos queriam lá. Mas não precisaram mover uma palha para nos expulsar.

O lado sombrio da nossa mente, a face oculta do cérebro, se encarregou de fazer isso. Não somente nos expulsou de lá, mas também expulsou Rafael e William da vida.

Não havia nada e não vimos nada.

Isso muda um pouco aquele velho ditado.

O que os olhos não vêem, o coração sente... E como sente...



“

Rosa chamando...

”

AURIEL

AURIEL

Robson cruzou a grade de proteção do beiral na cobertura logo acima do vigésimo andar do prédio onde trabalhava. Eram três horas de uma ensolarada - porém não quente - tarde de outono.

Atravessou a grade, com seu paletó e sua gravata balançando ao sabor do vento forte, que já começava a resfriar o ar, devido à época do ano.

Robson segurou-se fortemente à grade de proteção - uma atitude curiosa, vinda de quem estava pensando em dar um fim à própria vida - e, então, sentou-se no beiral, sempre se segurando à grade.

O beiral não era largo, mas permitia que uma pessoa se sentasse confortavelmente, com as pernas balançando para o precipício que se formava logo abaixo. Se é que se pode chamar de “confortável” o fato de estar sentado à beira da cobertura de um prédio, a mais de 50 metros de altura.

Robson parou por um instante e ficou admirando a paisagem de Monserrat, vista do alto. Viu o estádio do time de futebol local, o Atlético Monserrat, de quem sempre foi fã e onde assistiu a diversos jogos acompanhado por seu pai, que Deus o tenha. Já fazia muito tempo que não assistia a um jogo naquele estádio. Primeiro, porque o time já não andava tão bem das pernas (e Robson era um desses torcedores que só amam o time enquanto está ganhando) e segundo... Não, ele não estava ali para pensar no outro motivo. E, ao mesmo tempo, estava...

Desviou o olhar do estádio, era o melhor a fazer.

Era possível ver, também, o grande lago, onde, quando criança, aprendeu a nadar. Costumava ir aos finais de semana, com seus pais e seus irmãos, mas, agora, já não passeava no lago há muito tempo. O motivo? Bem, Robson resolveu desviar o olhar do lago também.

Viu o cemitério, ao fundo, na zona norte da cidade. Lá jaziam seus pais, que morreram em um acidente de carro fazia vinte e três anos. Robson nunca se recuperou totalmente da morte deles e usava o argumento de que era impossível recuperar-se totalmente de um evento assim.

O processo da morte, no entanto, é curioso. A tristeza imediata dá lugar, aos poucos, àquilo que chamamos de saudade. Os anos, no entanto, passam, os verões vêm e vão, e logo a pessoa que morreu é literalmente esquecida. Isso é inevitável. Será lembrada de vez em quando, talvez uma, duas vezes por ano, no máximo, da mesma forma que lembramos de um amigo de infância de quem perdemos contato. Essa é uma das regras da vida: seja útil enquanto está vivo, porque depois ninguém se lembrará de você.

Robson já estava perdido em seus pensamentos e aquilo não podia acontecer. Afinal de contas, ele tinha uma tarefa a realizar ali, no alto do prédio onde trabalhava. Foi quando puxou um papel do bolso do paletó e lembrou-se que não trabalhava mais ali. Havia sido demitido há pouco mais de uma hora.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Robson, quero que entenda que eu não pude fazer nada. A diretoria está cortando gastos e isso envolve corte de pessoal. Blá-blá-blá-blá...” – disse seu chefe. Aquela velha ladainha de sempre. Se a história do corte de pessoal fosse realmente verdadeira, seria mais correto dizer “Robson, coloquei o seu na reta para salvar o meu. Sinto muito, mas o mundo é dos mais fortes.”. E pronto. Ficaria muito mais fácil de entender – mas não de aceitar, claro. Para isso, um murro bem dado no meio da cara do seu chefe ajudaria bastante...

Aquele papel – uma carta de demissão – foi o fósforo no estopim de uma bomba que já estava prestes a explodir. A última coisa que restara na vida de Robson acabara de desmoronar.

Após receber a carta e ser enrolado pelo seu chefe, Robson ligou para sua esposa para contar o que havia acontecido. É o que se deve fazer quando se recebe notícias, sejam elas boas ou ruins: ligar para a esposa, pois se acredita que, dessa forma, haverá consolo e entendimento, no caso de notícias ruins, e alegria, no caso de notícias boas.

Mas, com Rosa, as coisas não eram assim; ela pouco se importava com as notícias ruins – “Problema seu”, ela dizia – e era pura e simples obrigação de Robson ter notícias boas. Assim, dar alguma notícia para Rosa era como fazer crianças do jardim da infância assistirem a um telejornal falado em russo... A dublagem era prontamente estabelecida se o assunto mencionasse a palavra “dinheiro” – para ela, claro...

Robson estava com 45 anos, a mesma idade que Rosa. Tinham se casado ainda jovens, com apenas 20 anos de idade. Comemorariam naquele ano, portanto, bodas de prata.

Robson lembrou-se disso e sorriu. Esqueceu, momentaneamente, que havia perdido seu emprego. Simplesmente sorriu, um sorriso irônico. Revirou a paisagem de Monserrat com os olhos e localizou a igreja onde se casaram, em uma bela cerimônia para trezentos convidados, quase todos conhecidos da família de Rosa. Robson quase não teve convidados. Os poucos amigos que tinha se recusaram a ir à cerimônia, alegando que Rosa era uma aproveitadora e só queria o dinheiro dele. Robson, no entanto, estava entorpecido. Havia tido duas namoradas durante a adolescência, mas nenhuma se comparava à Rosa: bonita e inteligente. Aquilo o hipnotizou.

Robson não era alto e estava sempre fora de forma; era um sujeito comum, sem atrativos que chamassem a atenção. Era do tipo que facilmente desaparecia no meio da multidão. A não ser, claro, pelo dinheiro. Os pais de Robson tinham boas condições e já haviam lhe doado, em vida, uma quantia generosa. Já Rosa chamava a atenção por onde passava com a sua beleza. Quase ninguém se perguntava o motivo dela ter se casado com ele. Era óbvio que não havia sido por amor; fora simplesmente por dinheiro.

Ao ligar para ela, dando a notícia, recebeu uma resposta de “bate pronto”:

“Problema seu, Robson. Onde você está?”

“Estou aqui, em minha mesa. Digo, em minha ex-mesa.” – respondeu.

“O que você ainda está fazendo aí? Saia já daí! Vá conversar com alguém que você conheça, obrigue alguém a lhe dar um emprego! Vá distribuir currículos, mas só me volte aqui empregado!” – esbravejou Rosa.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Mas... não é tão fácil assim. Ainda estou zozinho pelo que aconteceu. Preciso de um tempo para me localizar!” – respondeu Robson,

“Robson, meu amor.” – e por uma fração de segundo, Robson achou que ela estivesse falando sério. Mas logo foi cortado por uma continuação irônica – “Você está sentado em sua ex-mesa, como você mesmo disse. Consegui fazer com que você se localize agora?”

“Rosa...”

“Pouco me importa o que você tem a falar, Robson. Portanto, não fale, aja. Simplesmente aja.” – finalizou Rosa, desligando o telefone.

Robson ficou com os olhos cheios d’água, mas não chorou. Desligou o telefone, guardou a carta de demissão no bolso e foi até a cobertura do edifício.

Robson voltou a si quando uma lufada de vento frio bateu no seu rosto como uma bofetada dada pela esquelética mão da morte. Estava novamente sendo levado pelos seus pensamentos.

Olhou para o horizonte e viu que o Sol já não estava tão alto. Viu, então, que já eram dezesseis horas. Em pouco mais de uma hora a noite chegaria, cobrindo o mundo com seu véu, fazendo com que as almas penadas andassem pelas ruas. Pior do que isso, fazendo com que Robson voltasse para casa. Não, ele tinha que resolver aquilo o mais rápido possível.

Lembrou-se, então, da semana anterior, quando chegou em casa um pouco mais cedo. Abriu a porta silenciosamente e sem nenhum ânimo, como sempre costumava fazer. Entrou, fechou a porta e girou a chave na fechadura. Morava em uma grande casa, com piscina e dois carros na garagem. Era o que havia sobrado. Rosa havia gasto tudo, incluindo a parte dele na herança pela morte dos pais.

Imaginou que ela estivesse na piscina ou tomando um banho de espuma. Era só o que ela sabia fazer. Subitamente sentiu uma grande vontade que ela estivesse na banheira. Ele sempre quis entrar naquela banheira junto com ela e fazer o que homens e mulheres devem fazer. Mas Rosa não queria, dizia que a banheira era pequena e que os dois não caberiam ali dentro. Pura desculpa, a banheira era grande o suficiente para se treinar nado sincronizado.

Mas ela não queria, fugia dele o quanto podia. Tinham poucas relações, desde o início do casamento. Uma, talvez duas, a cada dois ou três meses, além de ser um ato mecânico, programado, quase... robótico. Sentia-se um necrófilo. Era como transar com um defunto. Só faltava ela dizer “Bom, vou dormir. Quando terminar, por favor, apague a luz”.

Mas ele não desistia. Tentava mesmo assim. Por mais incrível que possa parecer, Robson estava sempre tentando salvar aquele casamento e, enfim, ser feliz. Muito bonito, mas para contos de fadas. Aquilo era a vida real. E a vida real lhe guardava uma surpresa sórdida para aquele dia.

Ao entrar no grande banheiro, cheio de espelhos e luzes, que mais parecia um camarim, viu Rosa dentro da banheira de espuma. Mas ela não estava sozinha. O homem que estava junto com ela olhou para Robson como se tivesse visto um fantasma. Robson não acreditava no que estava vendo. Ou talvez até acreditasse. Mas não, ele não queria acreditar.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Jamais havia pensado naquela possibilidade, apesar dela ser bem plausível, ainda mais se tratando de Rosa.

O homem ficou parado, congelado feito uma estátua. Robson abriu a boca para dizer alguma coisa, mas foi prontamente impedido por Rosa.

“Não comece, não quero cenas aqui. Robson, vamos jogar limpo.” – disse, sentando-se e tapando os seios com as mãos, como se seu marido estivesse sentado ao seu lado na banheira e Robson fosse um estranho – “Você sai comigo, dorme ao meu lado e, às vezes, até fazemos alguma coisa. Você conseguiria alguma coisa melhor, Robson? Pense, mas pense bem. Você, desse jeito, sem a menor vocação para nada nessa vida, me diga, conseguiria alguma coisa melhor? Em troca, Robson, você paga minhas contas. Do resto, eu corro atrás.”

“Simples” assim. Como se diz popularmente, “na lata”. Nem mesmo o homem que estava com ela na banheira acreditou naquelas palavras. Na verdade, nem ele e nem Robson ouviram a voz um do outro. O homem ficou mudo. Robson deu as costas e saiu. Pegou seu carro e saiu sem rumo pelas ruas de Monserrat. Voltou somente de madrugada. Nem uma ligação. Nem uma ponta de preocupação. Rosa estava dormindo, normalmente, como se nada tivesse acontecido.

Na manhã seguinte, nem uma palavra sobre o assunto. Assim como nem na outra manhã, nem na outra e nem nas seguintes. Aquilo, ao menos para ela, estava esquecido. E Robson sabia, apesar de não querer acreditar, que aquele não tinha sido um episódio isolado. Outras vezes aconteceram e outras ainda aconteceriam, tudo pago por ele. Só faltava ela pedir o dinheiro para o motel...

Só lhe sobrara, então, o emprego. Após Rosa gastar praticamente todo o dinheiro da herança, Robson conseguiu que o dono de uma empresa de marketing lhe desse um cargo de desenhista. O dono da empresa era um grande amigo dos seus pais e ficou com pena do que havia acontecido a Robson, além de ter um grande respeito e carinho pelos pais dele. Tudo estava bem, se é que é possível usar essa palavra, até que a empresa foi vendida e Robson, demitido.

Robson não deu alarde, simplesmente subiu até a cobertura do prédio sem que ninguém visse. Iria saltar lá de cima sem que ninguém soubesse de nada. Para ele, os ditos “suicidas” que ficam ameaçando pular só querem atenção. Se alguém realmente quer pular do alto de um prédio, simplesmente sobe e salta. E ele era desse tipo. Nada de shows. Nada de palhaçada. De palhaço, já bastava ele...

Ainda segurando-se à grade, empurrou o corpo um pouco para frente e olhou para baixo. A rua parecia pequena, vista lá de cima. As pessoas pareciam formigas. E não deixavam de ser. Formigas em busca de açúcar para retornar aos seus formigueiros. Sentiu um pouco de tontura, mas não podia fraquejar naquele momento.

Robson voltou seu corpo à posição normal, à posição “sentado”. Um só movimento à frente, tão fácil e tão difícil ao mesmo tempo. Aquilo resolveria seus problemas. Rosa talvez não ficasse com remorso (duvidava que isso ocorresse), mas teria que se virar por si só. Nada mais de dinheiro, nada mais de humilhá-lo. Rosa não conseguiria sacar nem mesmo o valor do seguro de vida que ela forçou-o a fazer, pois uma cláusula dizia claramente “O presente seguro será automaticamente cancelado em caso de suicídio”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Tornou a olhar para o cemitério e tentou imaginar o que seus pais diriam se estivessem vivos. “Nós avisamos, Robson. Nós te avisamos que ela faria isso. Agora venha conosco, venha nos fazer companhia.”

A mão suave frio enquanto segurava a grade gelada. Era como segurar a mão da morte. Hesitou por mais um instante. Tentou calcular em quanto tempo chegaria lá embaixo, da mesma forma que algumas pessoas calculam, na fila de um parque de diversões, o tempo de queda do carrinho da montanha-russa.

“Oitenta quilos” – pensou ele – “Cinquenta metros de altura. Aceleração, resistência do ar.”. Mas não sabia calcular. Lembrou-se das aulas de física e chegou à conclusão de que não aprendera nada. Não sabia nem calcular em quanto tempo chegaria ao solo após saltar do alto de um prédio! De qualquer forma, não levaria mais do que alguns segundos, o que não era nada confortante. Nessas horas, poucos segundos se transformam em longos minutos e ele sabia disso, já havia andado em montanhas-russas quando pequeno.

Foi quando seu celular tocou. Os telefones gostam de tocar nos piores momentos. Tirou-o do bolso e viu a mensagem na pequena tela de cristal líquido “Rosa chamando...”. Era como receber uma carta de convocação do exército para a guerra. Pensou em ignorar a chamada, mas atendeu:

“Alô”

“Robson?” – e a voz de Rosa saiu como se fosse o barulho do próprio diabo atirando com uma escopeta no meio do inferno. Teve vontade de responder “Não, é a puta que te pariu”, mas respondeu polidamente:

“Sim”

“Onde você está?”

“Estou quase saindo do prédio” – não era nenhuma mentira, afinal...

“Eu pensei em algo.” – disse Rosa, e Robson novamente achou que ela fosse, pela primeira vez, voltar atrás e entender seus problemas. Novamente se enganou. – “Já que te mandaram embora, vão pagar os teus direitos, certo? Estou precisando de uma TV de plasma na sala. A TV que tenho lá está muito velha, ainda é dos modelos de tubo.” – completou. Tudo dito na primeira pessoa do singular – “eu preciso”, “eu tenho”...

Robson quase não acreditava naquilo que estava ouvindo. Havia perdido tudo e Rosa estava preocupada com uma TV de plasma.

“Compre no seu cartão.” – Robson respondeu – “e depois mande a fatura para eu pagar. Compre aquela de 50 polegadas.” – completou. Pena que não estaria ali para ver. Seria muito engraçado vê-la ter que pagar a TV ou a loja indo tomá-la de volta. Robson quase sorriu por dentro.

“Assim, compre e pronto?” – nem mesmo Rosa acreditou na facilidade – “Posso comprar já?” – e, pela primeira vez, ela utilizou a palavra “posso”.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Sim, já” – Robson respondeu secamente– “Não perca tempo, compre logo. Bom, tenho que desligar, estou no meio de algo muito importante.” – e desligou o telefone.

Olhou para o celular fechado na sua mão e para a rua, onde as formiguinhas andavam em busca dos seus torrões de açúcar. Estendeu a mão e largou o celular, contando “um, dois, três, quatro...” enquanto via o celular sendo réu da lei da gravidade.

Dez segundos. Esse foi o tempo que o celular levou para espatifar-se no chão. Jogou-o em uma área desocupada, onde há algum tempo atrás funcionara um estacionamento. Assim, não haveria possibilidade de alguém olhar para cima e ver um maluco pendurado no alto de um prédio. Ele não queria publicidade de forma alguma.

“Tudo bem” – pensou novamente – “Eu chego lá embaixo mais rápido do que o celular. Pulo de olhos fechados, não vai levar mais do que dez segundos.”

Fechou os olhos e começou a levar o corpo novamente à frente, ainda segurando-se à grade. Mas parou novamente e voltou seu corpo à posição normal.

“Pulo de costas ou de frente?” – pensou. Mas que diabo, de que aquilo importava? De costas ou de frente, o objetivo era o mesmo: espatifar-se lá embaixo e ficar livre de tudo e de todos. Robson começou a irritar-se consigo mesmo. Não havia mais tempo a perder. Ou saltava logo ou seria capaz de desistir da idéia.

Assim, começou novamente a posicionar-se à frente. Não importava se iria cair de frente, de costas ou de ponta-cabeça. O que importava era saltar, um último movimento, um salto para a liberdade. Segurando-se à grade, foi empurrando seu corpo cada vez mais para frente, sentindo o vento frio no rosto, como se a própria morte lhe sussurrasse ao ouvido “Pule, Robson, vamos, não é difícil. Venha para mim, Robson.”

Começou a afrouxar os dedos, a liberar a força que fazia com suas mãos enquanto segurava-se à grade. Sentiu o suor gelado na ponta dos dedos, na palma da mão esquerda, enquanto a direita apoiava no beiral da cobertura. Os pés apoiavam-se na parede, já do lado de fora do prédio, em um movimento como se Robson estivesse entrando em uma piscina de água gelada e estivesse com medo do choque térmico que levaria ao entrar.

Foi liberando aos poucos a pressão. Fechou os olhos e chegou a esboçar uma oração, como se pudesse se redimir da falta grave que estava prestes a cometer.

Foi quando escutou uma voz.

“Problemas, amigo?”

Robson levou um susto que quase o fez perder o equilíbrio de vez e despencar do alto do prédio. Voltou a segurar a grade de proteção com todas as suas forças e retornou seu corpo para trás. Seu coração estava batendo em um ritmo frenético. Robson olhou para trás e viu um homem, medindo cerca de um metro e setenta, cabelos grisalhos, magro e vestindo uma calça social preta com uma camisa amarela, também social.

O homem estava encostado à grade, pelo lado de dentro da cobertura. Robson sentiu um turbilhão de sentimentos, que mesclava vergonha por estar naquela situação e raiva por alguém tê-lo descoberto ali.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Vendo a demora na resposta de Robson, o homem novamente perguntou:

“Problemas, amigo? Vejo que as coisas não devem estar muito boas. Acho que cheguei na hora certa de evitar que você fizesse besteira.”

O homem tinha uma voz serena, suave e forte ao mesmo tempo. Uma voz decidida, como um grande orador. Alguém em quem se acredita em tudo o que fala, como uma pessoa séria, com o dom da oratória, ou como um desses políticos malditos que conseguem engabelar o povo com suas artimanhas e mentiras deslavadas.

“Sim, problemas. Mas sinto muito, você não pode ajudar.” – respondeu Robson.

“Posso, ao menos, tentar?” – perguntou o homem.

“Não, muito obrigado.” – respondeu Robson.

“Permita que eu me apresente. Meu nome é Auriel. Trabalho no vigésimo andar, sou diretor de vendas de uma rede de calçados.” – disse o homem, enquanto estendia a mão a Robson, que parou por alguns instantes, olhando para a mão do homem.

“Meu nome é Robson.” – finalmente respondeu, após uma pausa de alguns segundos que pareceram horas, mas sem estender a mão de volta – “Trabalho, ou melhor, trabalhava em uma empresa de marketing, como desenhista, no terceiro andar.”

“Foi demitido?” – perguntou Auriel, recolhendo sua mão.

“Sim. Há pouco mais de uma hora.” – respondeu Robson.

“E por isso estava pensando em saltar do alto deste prédio?”

Robson não respondeu. Simplesmente olhou de volta para o horizonte, com um olhar vazio, perdido.

“Era isso que você ia fazer, não era? A menos que você use paletó e gravata para limpar as janelas do prédio. E sem equipamentos de segurança.” – disse Auriel, com um leve sorriso estampado no rosto.

Aquilo quebrou o gelo.

“Sim, era isso que eu ia fazer. Aliás, é isso que eu vou fazer. Sinto muito, mas não há nada que você ou que outra pessoa possa fazer para mudar isso.” – completou Robson.

“Quer conversar sobre isso?” – questionou Auriel.

“Não, muito obrigado.” – respondeu Robson, de bate-pronto – “Sinto muito, amigo, mas isto aqui não é o divã de um analista.”

“Não é essa minha intenção.” – disse Auriel, enquanto tirava um maço de cigarros do bolso da camisa – “Quer um cigarro?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Não, muito obrigado, eu não fumo, nunca fumei. Cigarros sempre me fizeram mal”

“Não creio que isso agora seja um problema.” – respondeu Auriel, enquanto acendia um cigarro – “Não há tempo hábil para que um cigarro te faça mal, visto o que você vai fazer, não concorda?” – completou.

Robson parou por um instante e aceitou o cigarro. Acendeu-o, utilizando o isqueiro de Auriel. Devolveu o isqueiro e finalmente estendeu a mão para apertar a mão do homem.

“O que você faz aqui na cobertura? Pretende saltar também?” – perguntou Robson com um leve sorriso.

“Não, longe de mim! Costumo vir aqui quando quero fumar e pensar um pouco. Você sabe, esses chatos que não suportam cigarro falam sem parar quando a gente acende um. Assim, transformei a cobertura no meu ‘fumódromo’ particular.” – respondeu Auriel, enquanto dava longas tragadas no seu cigarro mentolado – “Sempre que quero pensar um pouco, venho aqui em cima e fumo um cigarro. Isso sempre clareia minhas idéias” – completou.

“Não fale isso perto de uma criança.” – disse Robson – “Seria uma grande apologia ao uso do cigarro.”

Auriel sorriu. Havia conseguido quebrar o gelo de vez. Olhou para o horizonte e disse, em um tom quase melancólico “Monserrat é uma cidade bonita, não é verdade?”

“Sim.” – respondeu Robson sem muito entusiasmo.

“Nasceu aqui?” – perguntou Auriel, percebendo que novos cubos de gelo começavam a se formar.

“Sim. E quase nunca saí daqui, nem mesmo para viajar” – respondeu Robson, ainda sem entusiasmo.

“Eu vim para cá com 15 anos.” – disse Auriel, mesmo sem ter sido questionado a respeito disso – “Agora estou com 50 anos. Tenho, portanto, 35 anos de Monserrat. Já posso me aposentar.”

Robson sorriu. Um sorriso apagado, amarelado, mas sorriu.

“Você é casado, certo?” – perguntou Auriel – “Estou vendo uma aliança na sua mão.”

Robson deu de ombros.

“Se você pular, vai deixar uma esposa viúva. Aposto, claro, que ela não sabe dessa sua idéia.” – disse Auriel.

Robson deu de ombros novamente.

“Você tem filhos?” – perguntou Auriel, insistindo em fazer contato psicológico com Robson.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Não.” – dessa vez Robson respondeu – “Rosa nunca quis tê-los. Segundo ela, crianças só servem para fazer barulho, bagunça e gastar dinheiro.”

“Rosa é o problema?” – Auriel havia chegado ao ponto.

Robson baixou a cabeça, parou por alguns instantes e respondeu:

“Sim, mas não é só ela. Nada nunca deu certo comigo. Sempre fiz as escolhas erradas, sempre fiz as coisas erradas. Tornei-me um fracasso.” - Para quem não queria ser um suicida fanfarrão, aquela fala estava cheia de clichês. Mas continuou – “Você disse que se eu pular, deixarei uma esposa viúva, certo? E que ela provavelmente não sabe desta minha idéia, correto?”

“Sim” – respondeu Auriel, dando uma última tragada no seu cigarro.

“Cara, eu quero que ela se foda. Mesmo que ela soubesse onde eu estou agora, não moveria um único músculo para impedir isso. Talvez ela caísse em si e visse que não teria mais a fonte de renda que banca todos os seus caprichos e, então, ela me xingaria e falaria um monte de impropérios. Mas nunca pensando em mim, somente pensando nela.” – concluiu Robson, em uma velocidade tão grande que parecia que todas as palavras tinham saído em uma única tomada de fôlego.

“E te digo mais! Nunca tivemos filhos por única e exclusiva culpa dela! Eu sempre quis tê-los, mas ela não! Ela sempre arrumou desculpas. Sem contar que é mais fácil ela engravidar dos amantes do que de mim.” – finalizou Robson, já quase chorando.

Robson parou por alguns instantes. Aquelas frases saíram com uma mescla de sentimentos em sua voz. Era uma mistura de amor, ódio e tristeza, uma mistura tão perigosa quanto nitroglicerina, e que estava prestes a explodir. Aquele turbilhão de emoções fez com que a altura de onde estava já não parecesse tão ameaçadora. Saltar dali, naquele instante, seria como saltar do segundo ou terceiro degrau de uma escada.

“Se eu fosse você, cara, sairia daqui. Os seres humanos não prestam; alguém é capaz de te culpar, de dizer que você me empurrou lá para baixo.” – disse Robson, já em prantos.

“Não creio nisso, amigo. Você acabou de ser demitido e é impossível que ninguém mais saiba desses seus problemas. Será muito óbvio que foi um suicídio. Não haverá nem o que investigar, mesmo que o próprio Charles Manson estivesse aqui em cima com você.” – respondeu Auriel, em um tom de voz extremamente calmo para aquela situação.

“Pule Robson, venha conosco, nós dissemos que isso aconteceria” – Robson ouvia a voz de sua mãe ecoando na sua cabeça.

“Você sabe o que os espíritas falam sobre suicídio, Robson?” – perguntou Auriel.

Robson não respondeu.

“Os espíritas dizem que os suicidas sofrerão, após a morte, muito mais do que sofriam durante a vida. Segundo eles, essa é a maior falta que uma pessoa pode cometer.” –Auriel respondeu à própria pergunta, ainda com uma frieza extraordinária - “E eu acho que eles estão certos.” – completou.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

O vento soprava mais frio, secando as lágrimas que insistiam em rolar pelo rosto de Robson.

“Você e os ‘espíritos’ não estão na situação em que eu estou.” – disse Robson, com o olhar perdido no horizonte que já começava a ficar avermelhado pelo pôr-do-sol.

“Tudo pode ser resolvido, meu amigo.” – respondeu Auriel, enquanto se apoiava na grade de proteção pelo lado de dentro e pegava outro cigarro no bolso. – “Mais um cigarro?”

“Não, obrigado. Nem tudo é tão fácil assim.”

“Se o problema é a Rosa, por que vocês não se separam?” – perguntou Auriel.

Robson deu uma sonora gargalhada – “Você acha que é fácil assim? Você acha que ela aceitaria numa boa?”

“Existem formas de fazer isso, mesmo que ela não aceite. E, depois, o que ela poderia tomar de você? Você mesmo disse que não te sobrou mais nada.”

“Não é assim tão fácil.” – disse Robson, mas já sem tanta convicção.

“E quanto a empregos, Robson, este em que você estava não é o único do mundo. Basta procurar e você encontra outro, provavelmente melhor ainda.” – disse Auriel, dando longas baforadas com seu cigarro.

“Robson, “ – disse ele – “veja o horizonte. Veja que coisa linda.”.

O céu estava límpido, com poucas nuvens e com um tom vermelho-alaranjado de tirar o fôlego de qualquer mortal. A luz do sol já não batia mais nos prédios e o crepúsculo indicava que a noite cobriria o mundo com seu véu implacável dali a poucos instantes. Era possível ver, mesmo lá do alto, o movimento das pessoas, as formigas retornando aos seus formigueiros, algumas com o açúcar do dia ganho, outras não. Assim é a vida.

“Sim, é verdade.” – respondeu Robson, estupefato pela visão que tinha do alto do prédio. Jamais, em toda sua vida, havia visto um pôr-do-sol tão lindo como aquele.

“Robson, “ – disse Auriel – “você quer perder isso tudo? Você nunca mais verá um pôr-do-sol, nunca mais sentirá o vento batendo no rosto. Enfim, Robson, você nunca mais verá esses milagres da natureza acontecendo a cada instante na sua frente.”

Robson se segurou mais forte à grade. Auriel estava, aparentemente, vencendo a batalha.

“Tudo pode ser resolvido. Desista dessa idéia, rapaz. Resolva seus problemas com a Rosa. Eu te prometo que vou te arrumar um emprego na empresa onde trabalho.”

“Mas quem diabos você é?” – perguntou Robson, em prantos – “Meu anjo da guarda? Eu estava pronto para pular daqui de cima, para resolver todos os meus problemas e agora estou morrendo de medo. Eu não quero desistir desta idéia, não quero ter que enfrentar a minha vida de merda, que está só esperando para me sacanear novamente. E, depois, você nem me conhece para me oferecer um emprego!”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Seu nome é Robson, é casado com uma tal de Rosa, que só te causa problemas. Você é desenhista. Sei bastante coisa sobre você.” – disse Auriel – “E sobre ser seu anjo da guarda, nada disso. Eu preciso que você queira viver, que queira dar a volta por cima.”

“Mas por quê?” – perguntou Robson.

“Porque é assim que deve ser. As pessoas devem querer viver e não morrer. A morte deve ser encarada como uma perda e não como uma vitória. As pessoas devem amar a vida e lutar para permanecer nela o maior tempo possível. E eu gosto muito quando encontro uma pessoa que ama a vida.” – disse Auriel, novamente em tom de orador.

Robson olhou para o céu, que estava ainda mais bonito. O vento que batia no seu rosto já não parecia tão frio, estava agradável. Ao fundo viu um bando de aves dançando um emocionante balé no céu, enquanto cantavam, celebrando a vida. Aquilo tudo foi como um novo convite para viver, para tentar novamente. Só faltava a música de fundo. E aquilo emocionou Robson profundamente. A idéia de pular dali estava descartada.

Auriel parecia decidido em fazê-lo desistir da idéia. Robson sentia-se mais confortável conversando com ele, mas, ao mesmo tempo, sentia um pouco de medo. Auriel fazia com que os problemas não parecessem tão grandes, mas que diabos, ele mal o conhecia! De qualquer forma, Auriel fez com que aqueles 20 andares, que há pouco pareciam somente dois degraus, parecessem agora o alto do Monte Fuji. A voz de sua mãe já não ecoava tão forte na sua mente. Ele não conseguiria saltar dali.

“Acho que você está certo.” – disse Robson, com a voz embargada e sentindo um enorme nó na garganta, como se ela estivesse forrada com uma lã grossa.

“É claro que estou.” – respondeu Auriel – “Deixe-me ajudá-lo. Farei o possível para te ajudar. O primeiro passo é sair daí. Você pode acabar se machucando seriamente. Consegue sair daí sozinho?”

Robson olhou em volta e viu que havia sido muito mais fácil sentar ali do que voltar para o lado de dentro da cobertura. Não havia pensado nisso quando passou a grade de proteção, pois não era essa sua intenção – voltar atrás.

Robson então se segurou à grade com as duas mãos e girou o corpo para colocar os pés no beiral. Ficou com as costas viradas perigosamente para o abismo.

O Monte Fuji, pensou ele.

Virou-se de volta, com um tom de pânico no rosto. Não ia ser tão fácil atravessar a grade de volta.

“Calma, meu amigo. Dê-me sua mão, eu te ajudo.” – disse Auriel, estendendo a mão para Robson.

Robson tomou um pouco de ar, virou-se novamente e segurou a grade com ambas as mãos. Colocou os pés no beiral, forçou o corpo um pouco para cima e estendeu a mão para Auriel, que a segurou.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Vamos, suba, homem.” – disse Auriel, enquanto puxava a mão de Robson em direção à parte de dentro da cobertura.

Robson tirou parte da força que fazia na mão que segurava a grade e manteve-se apoiado quase totalmente à mão de Auriel, enquanto se apoiava para trazer o equilíbrio de volta aos pés. Faltava pouco para estar em pé e atravessar a grade de volta à vida.

Foi quando a mão de Auriel sumiu. Não só a mão, mas Auriel também. Robson só teve tempo de ver que ele desaparecera, antes de perder totalmente o equilíbrio. Tentou segurar-se à grade, em uma última tentativa desesperada de segurar-se à vida. Mas foi em vão. Os pés escaparam do estreito espaço do beiral e Robson iniciou sua queda. Ainda tentou segurar-se ao beiral, mas também foi em vão. Um grito abafado saiu da sua garganta e esse foi o último som emitido por Robson.

Seu corpo levou menos de dez segundos para despencar os 50 metros e cair no chão, em um baque surdo e mortal, que ecoou entre os prédios vizinhos.

No alto da cobertura, Auriel, o anjo da morte, olhou feliz para o céu e sorriu levemente. Sabia que havia feito um bom trabalho. Afinal de contas, de que valeria levar embora uma pessoa que não tinha mais amor à vida?



“

Lupo, meu Deus, Lupo!

”

A CASA DA INFÂNCIA

A CASA DA INFÂNCIA

“Ok, combinado então. Ligo para você amanhã para combinarmos os últimos detalhes e marcamos o dia para a assinatura do contrato.”

Joseph colocou o telefone suavemente de volta no gancho. Havia fechado mais um contrato, o quinto naquela semana, e ainda era quarta-feira. Passou a mão pelo rosto e sentiu que a barba estava um pouco mais saliente. Havia lido em alguma revista que a barba cresce mais em dias agitados, algo relacionado a hormônios. E aqueles últimos dias tinham sido um bom exemplo de dias bastante agitados.

Olhou para o relógio e viu que já passava da meia-noite. Sentiu-se cansado pela primeira vez em muitos dias. Reclinou o corpo na cadeira e ficou pensando nos últimos contratos fechados. Pensou então que, se tivesse se rendido ao cansaço, jamais teria fechado aqueles contratos, jamais teria aquela sala e muito menos aquela empresa.

Joseph era o dono de uma conceituada empresa de consultoria de negócios. Havia se transformado em uma versão moderna do “Scrooge”, mas não seria visitado pelos espíritos dos Natais. Pela maneira como Joseph conduzia sua vida, ele acabaria sendo visitado pelo espírito da Morte, que lhe traria um ataque cardíaco embrulhado em uma caixa de presente.

Joseph não tinha vida social nem muito menos vida familiar. Ele não tinha muitos amigos, sua mãe havia morrido quando tinha somente 15 anos e não se lembrava do seu pai, que morreu quando ele tinha somente dois meses. Ataque cardíaco fulminante.

Com 49 anos, ele era o mais novo de três irmãos. Joseph sempre foi considerado o menos inteligente dos três, o que lhe causava sempre uma mescla de raiva e tristeza. Alimentado por esses sentimentos, Joseph investiu todo o tempo disponível para crescer profissionalmente. Ele queria ser respeitado, reconhecido; enfim, queria ser importante. E, depois de muitos anos de trabalho duro, ele havia finalmente conseguido alcançar aquele objetivo.

Isso, claro, lhe custou alguns sacrifícios. Joseph jamais se casou, não teve filhos e, devido ao fato de o trabalho lhe tomar todo o tempo disponível, havia perdido contato com seus dois irmãos. Na verdade, eles cortaram relações com Joseph.

Joseph era um cara fechado, centrado em seu principal objetivo: ganhar dinheiro e provar aos outros sua capacidade. Havia feito disso sua principal meta, pois não havia sobrado muita coisa para fazer. No entanto, apesar de pão-duro, Joseph não era maldoso; jamais utilizou meios ilícitos para chegar aonde queria. Era uma raposa nos negócios e, ao mesmo tempo, era extremamente tímido.

Sempre tentou ajudar seus irmãos, mas o orgulho deles foi maior do que qualquer tentativa de ajuda. Conforme Joseph foi crescendo profissionalmente, o vírus da inveja contaminou seus irmãos e corroeu suas almas.

Joseph era, portanto, o clássico exemplo da frase “o dinheiro não traz felicidade”. Apesar de ser rico, bem sucedido e extremamente influente no meio em que vivia, Joseph sentia-se incompleto, infeliz. Tinha conseguido alcançar seu objetivo, mas isso havia lhe custado, de certa forma, a vida.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A mente de Joseph viajou demoradamente enquanto pensava nos contratos. Passou pela empresa, pelos irmãos, pela mãe, pela infância. E voltou até a sala onde estava.

Saudade...

Joseph sentiu saudades da sua mãe, da sua infância, até mesmo dos seus irmãos que o haviam esquecido totalmente. A saudade é como um roedor, somente esperando que você o liberte para roer as suas entranhas. Ele está lá, sempre lá, escondido, adormecido, porém nunca morto. Basta que seu cérebro dê a ordem que o liberte, para que ele comece a se alimentar do seu coração.

Joseph então se levantou da sua cadeira e caminhou até o outro lado da sala, em direção ao pequeno bar que mantinha em seu escritório. Pegou um copo e preparou uma dose de uísque.

“O melhor amigo do homem. O cachorro engarrafado.”, lembrou de uma frase que havia recebido certa vez, por e-mail.

Foi até a janela e ficou admirando as luzes noturnas de Monserrat, do alto do 18º andar do edifício, enquanto tomava seu uísque em pequenas goladas.

Olhou de volta em torno da sala. Era um amplo escritório, com paredes e piso de mármore. A mesa, de vidro, media mais de dois metros e meio de largura, espaço mais do que suficiente para abrigar os dois computadores, os três aparelhos de telefone e mais uma infinidade de pequenas porcarias que ali havia. As luminárias, com luzes direcionadas, davam um ar ainda mais clássico ao local. As janelas, oito no total, substituíam totalmente a parede posterior da sala, atrás da sua mesa. Quadros e estátuas completavam a decoração, além de um imponente tapete marrom “cor-de-terra” que contrastava magnificamente com o restante do ambiente.

Era um local que impunha respeito a qualquer visitante. Era como o covil de um leão. Joseph tinha criado um ambiente para impressionar os visitantes. E havia conseguido.

Olhou novamente para o relógio e viu que realmente precisava descansar. Mas, como não tinha ninguém o esperando chegar em casa, tanto fazia descansar no seu quarto, ali mesmo no escritório ou em qualquer casa de tolerância da cidade. Aquilo pouco importava, era somente Joseph e mais ninguém.

Deu uma última golada no uísque e largou o copo vazio em cima da mesa. Pegou o paletó e a pasta, apagou as luzes e saiu da sua sala. Atravessou o restante do escritório – a empresa de Joseph ocupava o andar inteiro. Poucas luzes estavam acesas. O sistema que apagava as luzes automaticamente havia sido desativado, já que Joseph ia ficar até mais tarde trabalhando. Aquilo já era uma constante, de forma que poucas vezes aquele sistema era ativado. Alguns funcionários apagavam algumas luzes por conta própria, mas algumas sempre ficavam acesas.

O restante do andar era tão bem cuidado quanto a sala de Joseph. “Um bom ambiente traz satisfação”, pensava ele. No hall de entrada, um grande letreiro “JJ Business” iluminava a também grande mesa das recepcionistas. Atravessou a sala de espera e foi em direção ao elevador.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Sua mente estava longe, o roedor devorando seu coração. As luzes ficaram acesas, o elevador chegou e Joseph entrou. Era hora de ir para casa.

Enquanto dirigia seu BMW conversível – que estava com a capota levantada – Joseph continuou pensando na vida. Tinha dinheiro, status, poder. O que mais poderia querer? “Felicidade”, ecoou na mente de Joseph. Felicidade, aquilo que os seres humanos procuram desde que apareceram neste mundo e ainda não encontraram.

A felicidade vai sendo adiada, adiada e adiada, até que não haja mais tempo para encontrá-la. É quando as pessoas fazem, então, a felicidade dos vermes que roem suas frias carnes que para nada mais prestam, a não ser para adubar a terra ou para sujar os lençóis freáticos das cidades com o suco da decomposição. É a eterna e doce ilusão do ser humano de que sempre haverá um amanhã para consertar as besteiras feitas hoje. Talvez o mundo devesse ser devolvido aos macacos para que, dessa vez, fizessem as coisas direito...

Joseph resolveu, então, fazer um caminho diferente. Demoraria um pouco mais para chegar em casa, mas de que isso importava? Não tinha nem mesmo um cachorro o esperando para lambeir seu rosto e puxar a barra da sua calça de alegria por ver seu mestre entrando em casa.

Dirigir de madrugada era muito mais tranquilo do que durante o trânsito diurno, mesmo na relativamente pequena Monserrat. O monstro do trânsito engarrafado já havia lançado seus tentáculos sobre aquela cidade também.

Joseph pegou o viaduto principal, cruzou o túnel Costa Matos e entrou na avenida 13 de março, que ligava o centro da cidade à zona norte, onde morava. Passou em frente ao cinema – o último que não fora engolido pelos detestáveis cinemas de shopping centers –, que anunciava, em um letreiro branco luminoso com letras pretas, o último filme de Rocky Balboa. Seguiu pela avenida e passou em frente ao cemitério da cidade, onde um dia seria seu fim. “O de todos”, pensou. Viraria adubo, fertilizante, comida de vermes.

No final da avenida, virou à direita e entrou na rua São Bernardo, onde morou durante toda sua infância. Rodou mais alguns metros e parou em frente à casa onde havia crescido. Joseph precisava ir até ali, tinha que parar. O roedor estava faminto e seu coração já havia sido totalmente devorado. Era preciso dar mais alimento a ele, antes que ele começasse a devorar o resto do seu corpo.

Encostou, desceu do carro e atravessou a rua, parando em frente ao número 612 da rua São Bernardo.

O pequeno portão de ferro, já um pouco enferrujado, disfarçava bem o verdadeiro tamanho da casa. A fachada, com cerca de cinco metros de largura e pintada no que um dia deve ter sido uma tonalidade de verde, exibiu somente a porta da entrada, uma pequena janela ao lado com um dos vidros trincados e o número 612, com o número 2 levemente tombado para a direita.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Joseph se lembrava bem do interior da casa. Aquela pequena entrada dava acesso a um longo corredor que levaria à casa propriamente dita, nos fundos. Lembrou-se de quantas vezes entrou e saiu por aquela porta, em direção ao colégio, à papelaria, à casa de seus amigos e também à padaria da esquina, atrás de picolés, que eram devorados até a garganta ficar totalmente infeccionada. Nada mais daquilo existia. O tempo tinha sido implacável com todos.

Apoiou a mão no portão, que vacilou um pouco para trás, fazendo um forte barulho de ferro sendo sacudido. Aquele portão não teria muito mais tempo de vida. Olhou para o lado e viu uma placa que não tinha notado até então. A placa, de uma imobiliária local, exibia a palavra “VENDE-SE” com um telefone logo abaixo.

Fazia algum tempo que Joseph não passava por ali. Da última vez que passou, viu uma família morando na casa. Joseph, seus irmãos e sua mãe se mudaram há mais de 25 anos daquele local, vendendo a casa logo em seguida. “A casa precisa de uma boa reforma e quem comprá-la cuidará bem dela.” – era o que sua mãe dizia. Joseph jamais quis mudar-se daquela casa, mas não teve escolha. Era mudar ou mudar. É a regra da vida: mudanças são permanentes. Mas a reforma, pelo visto, jamais tinha sido feita.

Joseph voltou ao carro, pegou papel e caneta e anotou o telefone da imobiliária. Decidiu que compraria aquela casa. Aquilo não traria a tão esperada felicidade, mas, ao menos, traria uma parte da sua vida de volta, a parte onde ele estava realmente vivo, diferentemente da parte atual, onde ele não era nada mais do que um rico moribundo andando pelas ruas, ganhando cada vez mais dinheiro e vendo a vida passar por entre seus dedos como areia.

No dia seguinte, Joseph acordou e olhou assustado para o relógio; havia perdido a hora. Aquela foi a primeira vez em muitos anos que aquilo acontecia. Não havia dormido bem devido a excitação em ver a casa. Levantou-se rapidamente, pegou o papel onde havia anotado o número da imobiliária e correu para o telefone. Combinou que passaria na imobiliária e pegaria as chaves da casa. Nada de corretores. Uma das piores coisas é olhar um imóvel com um corretor atrás dizendo o tempo todo coisas como “o pé direito é ótimo”, “veja a iluminação da janela”, “aqui é bem arejado” ou “a localização é excepcional, tem supermercados, farmácias e passa ônibus para todo lugar”. Olhar um imóvel não é um jogo de futebol, que precisa ser narrado. Não, definitivamente, nada de corretores.

E, assim, Joseph tomou um banho rápido, se arrumou, pegou o carro e foi até a imobiliária buscar as chaves da casa. Naquele dia, o trabalho esperaria...

Joseph estacionou o carro em frente ao número 612 da Rua São Bernardo. Pegou as chaves e olhou para o portão.

“Vou repetir um ato que fiz durante anos e anos da minha infância.” – pensou, sorrindo consigo mesmo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Segurou o grande cadeado do portão, colocou e girou uma das chaves. O cadeado cedeu em um som metálico curto e preguiçoso, como se estivesse sendo aberto pela primeira vez em muitos anos. Empurrou o portão para dentro, com todo o cuidado, pois um movimento mais forte derrubaria toda a grade da frente da casa. O som do rangido do portão ecoou pela rua, ainda deserta às 10h da manhã. Da mesma forma como quando era criança.

Entrou e encostou o portão de volta. Não fechou o cadeado, pois ficou com medo de que ele resolvesse não querer abrir com tanta facilidade. Pular o portão mais tarde estava totalmente fora de cogitação.

Olhou para a pequena fachada e viu a ação daquele que só perde em implacabilidade para a morte: o tempo. A pintura estava desbotada, com grandes focos de infiltração e pontos de descascamento por toda parte. Os vidros da janela estavam riscados e opacos, sendo que um estava trincado. Era impossível olhar para dentro da casa através daqueles vidros. A porta da frente, pintada de bege, estava totalmente embolorada, principalmente na parte de baixo, onde apresentava também sinais de empenamento. A maçaneta estava totalmente oxidada e Joseph duvidou que a fechadura funcionasse tão bem quanto o cadeado.

Joseph pegou outra chave, girou na fechadura, mas não obteve sucesso. Pegou uma terceira chave que, dessa vez, funcionou corretamente. Teve que fazer um pouco de força para empurrar a porta, que emitiu um som como se gritasse enquanto despertava de um sono profundo. O grande corredor emanava um cheiro de umidade que faria os brônquios de qualquer pessoa se contrair em uma resposta rápida do corpo à agressão sofrida. Joseph deu uma grande tossida e levou alguns instantes para acostumar-se à umidade bolorenta do ar. Viu um interruptor e tentou ligá-lo, sem sucesso. Ainda lembrava-se da caixa central de força e a achou logo em seguida. Abriu a porta da caixa, totalmente enferrujada, e achou a chave-geral da casa.

“Fusíveis!”, exclamou consigo mesmo. Nada de disjuntores, a casa ainda usava fusíveis, da mesma forma como antigamente. Lembrou de quantas vezes aqueles fusíveis queimaram, obrigando sua mãe a correr atrás de alguma loja aberta para comprar outros. O tempo passou e atacou profundamente o físico daquela casa, mas a alma continuava a mesma...

Ligou a chave-geral. “Voilà!” – proclamou – “E Deus disse: faça-se a luz!”. A luz amarelada emitida pela lâmpada tinha alguns pontos falhos pela enorme quantidade de sujeira grudada em seu bulbo.

Joseph começou a andar pelo corredor, cujas paredes, pintadas de branco, também tinham grandes pontos de bolor e infiltração.

“Quem comprá-la cuidará bem dela” – lembrou. Definitivamente aquilo não havia acontecido.

Ao chegar ao final do corredor, abriu a porta de madeira, pintada de um forte azul escuro.

O corredor da entrada dava acesso a uma espécie de área de serviço, com um amplo espaço. Joseph quase havia se esquecido do tamanho da casa, que era perfeitamente disfarçado pelo pequeno tamanho da fachada.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A área de serviço tinha o piso de cimento, totalmente irregular em alguns pontos, com vários desníveis. Um pequeno tanque de lavar roupas, também de cimento e com os canos passando por fora da parede, ficava do lado esquerdo, encostado a uma despensa que, na época em que Joseph ali morava, tinha uma porta de madeira. O banheiro, o único da casa, ficava colado a essa despensa e era totalmente desproporcional ao tamanho da casa. Tinha espaço somente para o chuveiro e para o vaso sanitário. Era impossível alguém usar o vaso com outra pessoa tomando banho.

O telhado da área de serviço não tinha laje, somente alguns caibros que seguravam a estrutura, com as telhas logo acima. Não era necessário acender a única lâmpada disponível ali, pois a luz do dia tinha livre acesso àquele local.

Joseph seguiu olhando com nostalgia cada metro quadrado daquela área. Passou pela porta e teve acesso à casa propriamente dita. Uma pequena área, com piso de ladrilhos vermelhos e coberta com um teto, dessa vez de laje, dava acesso à cozinha, à sala, à escada que levava para o segundo andar – onde ficavam a varanda e os quartos –, e a um corredor, que dava acesso a um grande quintal, com mais de 50 metros de comprimento.

Joseph atravessou a área e chegou à entrada da sala. Procurou o interruptor e acendeu a lâmpada. A luz atravessou a sala como um grande tsunami que invade uma cidade. Era uma sala ampla que, quando criança, era dividida em dois ambientes. Ao fundo, um terceiro ambiente, um anexo à sala, era separado por uma divisória de cerca de um metro e meio de altura. Nesse anexo havia uma porta dupla, de madeira, que também dava acesso ao quintal. O chão da sala era todo de cimento e irregular em alguns pontos. Alguns locais do chão estavam manchados, em outros o cimento estava rachando. As paredes também estavam completamente tomadas pela umidade. As janelas, duas no total – uma de cada lado da sala –, não tinham mais vidros, provavelmente tinham sido quebrados.

Aquele pequeno “tour” pela casa mal havia começado e um verdadeiro turbilhão de lembranças invadiu o cérebro de Joseph. O roedor dentro do seu peito jamais havia tido tanto alimento até então.

Joseph lembrou-se dos móveis e da decoração daquela sala. Três sofás, um de cada lado e um terceiro atravessado dividindo os dois ambientes. Um pequeno rack encostado à divisória do anexo, com a TV, o videocassete, um aparelho de som com uma só caixa acústica (a outra havia sido quebrada), uma infinidade de fitas cassete (algumas virgens, outras com programas de TV gravados) e mais uma infinidade de coisas que iam sendo largadas ali. Uma mesa de centro, que Joseph usava para comer enquanto assistia TV. Um tapete, surrado pelo tempo e pelo seu cachorrinho de estimação – Lupo – que cismava que ali era seu matinho particular para xixi e cocô. Uma estante no outro lado da sala, com xícaras, pires e copos – todos antigos, da sua avó, bisavó e até mesmo tataravó (somente os objetos que restaram após as partidas de futebol dentro da sala, quando a bola, desavisada, sempre parava na estante). Uma grande mesa encostada à parede, no segundo ambiente, que Joseph e seus irmãos usavam para estudar, fazer as lições de casa e, às vezes, jogar algum jogo de tabuleiro. Uma poltrona do outro lado, com uma perna bamba. Uma mesinha de telefone, onde o aparelho ficava com os fios pendurados, já que poucos fios eram passados por dentro das paredes (a maioria vinha externamente, uma “característica” da casa). E, para completar a decoração, quadros. Muitos quadros. Quadros com fotos antigas, com fotos recentes, com paisagens, mas sempre quadros, espalhados por toda parte da casa.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

As lembranças vieram tão fortes na mente de Joseph que era quase possível sentar no sofá e assistir a um filme em VHS.

Foi quando Joseph ouviu vozes de crianças gritando, rindo e correndo pelo corredor lateral, que levava ao quintal.

“Não é possível! Foi só eu deixar o portão aberto que já entraram aqui!” – pensou.

Joseph saiu da sala, voltou à área e foi em direção ao corredor que levava para o quintal. Foi quando as coisas começaram a acontecer. Joseph viu uma das crianças correndo e gelou. Era seu irmão. Sim, seu irmão, Jonas. Mas um pequeno Jonas, com apenas 9 ou 10 anos de idade. Jonas, que hoje devia estar com 52 anos, estava ali, na sua frente, de bermuda, chinelos e uma camiseta surrada do Pica-Pau, manchada por algumas gotas de água sanitária.

A visão de Joseph ficou turva e ele percebeu que via aquela cena com uma leve névoa ao redor dos olhos. Olhou em volta e viu que mais da metade das marcas do tempo, incluindo as manchas de umidade e as trincas no chão, havia desaparecido. Havia roupas penduradas no varal. Escutou um latido. Lupo passou latindo e correndo entre suas pernas, aparentemente indo atrás de Jonas. Lupo, meu Deus, Lupo! Lupo havia morrido quando ele tinha somente 10 anos de idade! Joseph olhou para a cozinha, o armário estava lá, era possível ver pela porta aberta. O cheiro de bife de fígado acebolado invadia a área onde estava.

Joseph ficou estático. Quando tentou raciocinar, levou um encontrão. Olhou assustado para o lado e viu seu outro irmão, Jorge, dando um tapa no seu braço e dizendo “Tá com o Joseph! Tá com o Joseph!” antes de sair correndo na mesma direção em que Jonas havia ido.

Sua mãe saiu da cozinha, usando um longo vestido, o cabelo preso, e dizendo “Joseph! Não vai atrás dos seus irmãos? Está com fome? Daqui a pouco o almoço fica pronto, querido”.

Joseph fechou os olhos. Quando abriu, estava de volta. A névoa havia desaparecido. As manchas de umidade, as rachaduras, o vazio, todos estavam de volta.

Parou por alguns instantes e olhou em sua volta. Estava assustado, mas não em pânico. Não conseguia entender o que acabara de acontecer ali. Fantasmas? Não, não deviam ser fantasmas. Seus irmãos estavam bem, e vivos, ao menos até onde tinha notícias. Mas e sua mãe? E Lupo?

Estava assustado, mas, ao mesmo tempo, estava em êxtase. Acabara de ver sua mãe com um nível de detalhe que jamais vira em nenhum sonho antes. Estava linda como sempre. Até mesmo o roedor parou por alguns instantes. Havia recebido alimentos demais, estava prestes a ter uma congestão.

Joseph voltou para a sala. Nada. Estava vazia, estática, sem vida. Olhou, então, instintivamente, para o relógio. Já eram mais de onze horas, quase hora do almoço, quase a hora em que sua mãe sempre botava a mesa, pontual como os ingleses dizem ser.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Era, também, hora de voltar ao trabalho. Tinha um contrato para assinar. Tinha milhões de coisas para fazer. Mas Joseph precisava fazer primeiro uma coisa que não fazia há muito tempo... Assim, Joseph voltou para o escritório...

“Alô?”

“Pois não, com quem quer falar?” – respondeu a voz do outro lado. Era uma voz conhecida.

“Jonas?” – perguntou Joseph.

“Eu não acredito nisso! O grande magnata ligando para os pobres? O que houve, Joseph?” – respondeu Jonas ironicamente.

“Não liguei para brigar com ninguém.” – disse Joseph – “Só liguei para saber se está tudo bem contigo.”

Jonas gargalhou do outro lado da linha.

Joseph era o patinho feio da família e nem Jonas nem Jorge jamais aceitaram que ele crescesse tanto na vida. Eles sim deveriam ter ficado ricos, não Joseph. Não Joseph, que tirava as notas mais baixas na escola. Não Joseph, que chorava por qualquer motivo. Não Joseph, que não agüentava nenhuma brincadeira e ia correndo chorar para a mamãe. Mas Joseph deu a volta por cima e conseguiu vencer. Havia virado uma grande raposa, praticamente imbatível nos negócios. E aquilo era simplesmente inconcebível na cabeça de Jonas e Jorge.

E tudo piorou quando Joseph tentou ajudá-los.

Jorge era dono de uma padaria e acabou indo à falência. Jonas abriu uma consultoria de negócios – o mesmo ramo escolhido por Joseph – e também quebrou. Joseph cresceu e ofereceu ajuda aos irmãos.

“Não, nada de migalhas.” – disseram eles – “Sabemos nos virar sozinhos.”

A inveja, o segundo pecado capital, havia destruído o convívio dos três irmãos. Joseph sempre tentou reatar o relacionamento, mas nunca teve sucesso. Havia desistido de tentar, mas não havia jamais esquecido dos seus dois irmãos.

Ouvindo a gargalhada de Jonas ao telefone, Joseph percebeu que seria uma conversa difícil.

“Jonas, quer, por favor, me ouvir?”

“Desde quando você se importa com a gente, Joseph?”

“Desde sempre, Jonas. Mas isso não vem ao caso, isso não interessa agora.”

“Desde sempre, Joseph? Que engraçado, não me contaram essa parte. Perdi alguma coisa?” – respondeu Jonas, com um tom ainda mais sarcástico na voz.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“É verdade, Jonas. Eu nunca me importei com vocês, é realmente verdade. Quando vocês dois faliram, eu neguei ajuda. Eu jamais tentei ajudá-los de forma alguma. Eu nunca me ofereci para socorrer vocês. É verdade, você tem toda razão, Jonas.” – disse Joseph, batendo o nível de sarcasmo na voz de Jonas.

“Você só queria aparecer, Joseph, nada mais. Você só queria provar que era melhor do que a gente, quando, na verdade, nunca o foi.” – Jonas sabia a forma exata de atacar Joseph. Era como pegá-lo no pé de apoio, como dizem no futebol. Um carrinho por trás.

“Eu nunca disse que era melhor do que vocês!” – disse Joseph, em um tom mais alterado de voz.

“Isso porque você nunca foi mesmo!” – vociferou Jonas – “E depois veio com migalhas para que pudesse tripudiar sobre a gente pelo resto da vida, achando que deveríamos favores a você para sempre!”

“Não fui eu quem foi à falência, seu imbecil!” – a calma de Joseph tinha acabado. O doce bichano havia dado lugar à implacável raposa – “E migalhas? Eu ofereci capital para vocês retomarem os seus negócios! Sem querer nada de volta! Era um presente!” – começou a gritar.

“Por que você não enfiou seu presente no rabo?” – disse Jonas.

Joseph parou por alguns instantes. Sentiu a fúria subindo pelo estômago, como um vulcão em erupção, como placas tectônicas que se colidem em um iminente terremoto. O magma subiria em forma de palavras, queimando a garganta, poluindo o ar por onde passassem.

Mas Joseph ponderou. A raposa farejou o local e viu que não havia mais nada de interessante ali.

“Chega, Jonas. Fique com sua vida, faça bom proveito dela.” – e, assim, Joseph desligou o telefone, apoiando-o suavemente sobre a base.

Joseph abaixou a cabeça e deixou uma lágrima escorrer pelos olhos. Onde tinha dado errado? Onde as coisas começaram a sair dos trilhos? Eram irmãos, eram amigos. Qual o motivo daquela guerra?

Não havia diálogo e ele sabia que com Jorge seria a mesma coisa.

De qualquer forma, ele sabia que ambos estavam bem. Se houvesse alguma coisa errada, seriamente errada, Jonas teria dito. Jogaria a culpa em Joseph de alguma forma, mas teria dito.

Alucinação. Sim, alucinação era uma ótima explicação para o que havia ocorrido naquela casa.

Joseph andou pela sua sala, de um lado para outro. Olhou em volta. Tudo seu. Tudo conseguido com um árduo trabalho. Mas, pensando friamente, de que adiantava tudo aquilo? Ele podia cair morto ali, naquele instante, e ninguém se importaria. Bem, talvez seus empregados, que correriam o risco de perder o emprego.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Sem mulher, sem filhos, sem amigos... E sem irmãos. Joseph percebeu que havia se afastado tanto das pessoas que agora estava isolado. Foi até a janela e ficou olhando a paisagem, com um olhar vazio.

Joseph já havia pensado em se atirar lá de cima. “Se quer realmente se matar, se jogue do alto de um prédio.” – era o que ele sempre dizia – “As chances de dar errado são mínimas”. Solidão, tristeza, depressão. Como alguém tão rico pode cair em depressão, pensariam alguns. A mente humana trabalha de maneira extremamente complexa.

O ser humano persegue o dinheiro e, quando o alcança, descobre que não se pode comprar tudo. O ser humano persegue o amor e, quando o alcança, acha que “dois amores” são melhores do que somente um. O ser humano, enfim, só faz merda...

Havia, portanto, pensado em se atirar do alto do prédio. Chegou a planejar tudo, mas desistiu quando um outro infeliz fez isso na sua frente. Alguns meses antes, um rapaz que acabara de ser demitido se jogara do alto daquele mesmo prédio. Joseph estava na recepção do edifício e viu a mórbida pasta de carne em que ele havia se transformado ao atingir o solo. Aquilo o fez desistir imediatamente da idéia.

Alucinações. Joseph pensou se agora estaria tendo alucinações. Teorizou que não eram fantasmas, afinal de contas seus irmãos estavam vivos. Mas e sua mãe? E Lupo? Aquilo não saía da sua cabeça. Mas não se assustou. Muito pelo contrário, queria voltar lá, explorar o restante da casa. E, curiosamente, ficou com medo por não ter ficado assustado com aquilo.

Aquela quinta-feira se arrastou lentamente, centímetro a centímetro. Joseph estava excitado para voltar à casa. Ainda estava com a chave e faria isso naquela mesma noite. Não conseguiria dormir sem voltar lá. Era como se a casa o chamasse. “Venha, Joseph, venha visitar-me.”

Eram dezenove horas quando Joseph estacionou mais uma vez o carro em frente ao número 612 da Rua São Bernardo. Saiu do carro e abriu o portão, que fez um eco na rua capaz de ser ouvido, provavelmente, na cidade vizinha. Repetiu os mesmos passos que fez pela manhã. Abriu a porta, ligou a chave-geral, acendeu a luz do corredor, atravessou-o, cruzou a área de serviço e chegou à área que dava acesso aos demais cômodos da casa.

A noite presenteava a casa com um aspecto fantasmagórico. Mas sempre fora assim, desde quando Joseph era criança. Aquilo nunca o assustou, muito pelo contrário. Joseph sempre gostava de assustar seus amigos de escola com histórias de fantasmas, tendo a casa como cenário. Era como morar em um castelo assombrado particular.

Entrou na sala, acendeu a luz. Nada. A sala continuava estática, sem vida. Saiu da sala e retornou à área. Entrou, então, na cozinha.

A cozinha media uns quinze metros quadrados. As paredes foram pintadas, um dia, na cor bege. Não havia ladrilhos. No fundo, à esquerda, ficava uma pequena despensa com as portas, de madeira, pendendo para fora. Acima da despensa, uma pequena janela de vidro. Do lado direito ficava a pia, com mais de dois metros de largura. Havia ainda espaço de

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

sobra para um fogão, uma geladeira, um armário e uma mesa com seis lugares. Isso, ao menos, era o que havia naquela cozinha quando Joseph era criança. Não havia mais nada ali, a cozinha parecia estar morta.

Joseph tentou ligar o interruptor de luz. Nada. A lâmpada estava queimada. Já imaginou que isso pudesse acontecer e havia trazido uma lanterna. Ligou-a e direcionou a luz para as paredes. Aquele “flash” de luz redonda, rodopiando pelas paredes com diversas marcas de umidade, dava um tom de “Bruxa de Blair” ao local. Não havia muito o que ver ali na cozinha. O vitrô que ficava virado para a área de serviço já não tinha mais nenhum vidro inteiro. Todos estavam quebrados. A cozinha estava, definitivamente, morta.

Joseph virou as costas, indo em direção à área, quando, novamente, aconteceu.

Ao sair da cozinha, a noite havia se transformado em dia. A névoa ao redor dos olhos tornou a aparecer, mas, dessa vez, mais fraca. Joseph olhou em volta e viu que estava tudo lá. As roupas no varal, a poltrona na área, uma grande mesa de dobrar colocada junto à parede ao lado da poltrona. Virou de volta para a cozinha e viu o armário. Era um armário simples, de parede, com algumas portas em cima e outras embaixo. Havia um pequeno balcão. A mesa estava lá, com suas seis cadeiras, assim como a geladeira e o fogão de quatro bocas. No fogão, algumas panelas fumegavam um vapor que emanava um forte cheiro de comida. Arroz, feijão, talvez um picadinho de batatas. A mesa estava posta, da mesma forma que sempre. Uma pilha de pratos no centro, os talheres misturados num canto e os copos, encaixados um dentro do outro, ao lado da pilha de pratos.

Joseph saiu da cozinha e entrou na sala. Estava tudo lá. Os sofás, o “rack”, a televisão, as mesas, as fitas de vídeo, tudo.

Foi quando Joseph notou que estava vendo tudo de um ângulo diferente. Via as coisas de baixo para cima, como se estivesse mais baixo. Joseph tinha um metro e setenta de altura – não era exatamente alto – mas estava vendo as coisas como se fosse muito mais baixo.

E, pela primeira vez, Joseph olhou para si próprio. Não era aquele Joseph, com 49 anos de idade. Era o pequeno Joseph, com sete anos e um metro de altura, um chinelo de dedo, uma bermuda rasgada nos fundilhos e uma camiseta vermelha com listras pretas, como se estivesse usando o uniforme do Flamengo ou do Freddy Krueger.

Joseph assustou-se a princípio, mas não entrou em pânico. “Isso é um sonho, talvez uma alucinação.” – pensou.

Andou pela sala, atravessou o anexo e abriu as portas que davam acesso ao quintal. O quintal, enorme – mais de 50 metros de comprimento –, com diversas árvores, parecia arrastar-se até onde a vista podia alcançar. Lupo veio correndo do meio do mato, latindo, e com o rabo abanando. Lupo pulou em Joseph e fez a festa que os cachorros fazem quando o dono passa algum tempo fora. Naquele caso, muito tempo...

Joseph abaixou-se, ganhou algumas lambidas no rosto, algumas mordidas de brincadeira na mão e alguns pêlos grudados na roupa. Fazia mais de quarenta anos que não brincava com seu cãozinho Lupo. Afagou-o, abraçou-o e o apertou até que a brincadeira perdesse a graça para Lupo, que se debateu para se livrar dos braços de Joseph e ir atrás de algo mais interessante para fazer. Talvez um novo xixi no meio do tapete da sala. Quem sabe, um cocô.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Joseph levantou-se, pensando “Afinal, o que está acontecendo aqui?”. Mas não havia respostas. Alucinação. Essa idéia martelava sua cabeça o tempo todo. Não havia outra explicação plausível para aquela sandice.

“Joseph, querido, onde você está?” - Joseph ouviu sua mãe chamando. A doce voz da sua mãe soava como uma suave música aos seus ouvidos. Joseph se apressou em ir à direção de onde vinha aquela voz, um ato totalmente diferente de quando era pequeno, quando fugia dos chamados da mãe que, quase sempre – e ainda mais com aquele tom de voz –, significavam algo “terrível”, “pavoroso” e digno de ser chamado de “tortura”, tal como um banho, um bife de fígado, um ovo de codorna ou um ovo quente.

Joseph encontrou sua mãe na porta da cozinha. Cabelos negros, compridos, amarrados em um rabo de cavalo. Os olhos, ainda mais negros, o fitavam com uma ternura absolutamente inexplicável em palavras. Usava uma blusa azul, que contrastava magnificamente com uma bermuda preta e um tamanco bege. Roupas simples, para usar em casa.

“Por onde andou, querido? Faz tempo que não consigo te achar.” – perguntou ela.

“Eu.. Eu não sei, mamãe.” – respondeu Joseph, pensando em cada letra daquela frase, antes de falar. Aquilo soava tão estranho quanto um disco voador descendo no meio da praça principal na cidade, em meio a uma parada de sete de setembro...

“Está quase na hora de ir à escola.” – disse ela – “Não pode se atrasar, meu bem.”.

“Ele não quer ir, mamãe! Quer ficar burro, mais burro ainda do que já é!”

Era Jonas. Estava usando o velho uniforme branco, com golas e mangas em detalhes dourados, e no peito escrito “Escola Concórdia”. A mochila era quase maior do que ele e o peso dos livros e dos cadernos o fazia arquear as costas para trás.

Não fosse pela inocente brincadeira e provocação infantil entre irmãos, Joseph poderia jurar que ali já iniciava o padrão Jonas e Jorge de educação para lidar com ele.

“Não fale assim, Jonas! Não gosto que fale assim.” – disse sua mãe – “Não implique com seu irmão.” – continuou, enquanto abraçava o pequeno Joseph e desmanchava seus cabelos. Joseph, o pequeno Joseph de 7 anos e um metro de altura, retribuiu o abraço. Quando havia sido a última vez que tinha dado um abraço em alguém, Joseph? Nem mesmo ele lembrava...

E, do mesmo jeito que a noite virou dia, o dia voltou a virar noite...

Quando Joseph voltou a si, estava deitado no chão da cozinha, ao lado da lanterna, cuja luz apontava em direção a pia.

Joseph levantou-se um pouco zonzo. Levou alguns instantes para que seu cérebro processasse a informação de onde estava e situá-lo novamente da estranha relação tempo-espço, tantas vezes descrita por Albert Einstein.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Esfregou os olhos, apoiou-se sobre os joelhos e levantou-se, olhando em volta. A cozinha voltara a morrer. A noite voltara a lançar seu véu escuro sobre o mundo. A casa adormecera novamente. Ou então seu cérebro se recuperara de mais uma crise alucinógena. Mas algo acontecera e ele queria descobrir o quê.

Não só o quê, mas também o porquê.

De qualquer forma, havia abraçado Lupo e, o mais importante de tudo, sua mãe. Foi possível reviver alguns momentos com ela, ver o quanto ela gostava dele. Foi possível até mesmo comprovar o que Jonas e Jorge sempre disseram: “Você sempre foi o queridinho dela, Joseph”. Isso sempre foi dito depois de alguma discussão e somente – absolutamente somente – depois que Joseph provou a todos que era capaz. Como se o simples fato de sua mãe tê-lo como preferido, segundo seus irmãos, pudesse levar todo o mérito da coisa. Aquilo, afinal, era ciúme. Ciúme barato, ciúme entre irmãos. “Fulano pode fazer o que quiser, que você não faz nada!”, diz um irmão para sua mãe com a voz embargada pelo choro após uma bela bronca. Na falta de um argumento, esse é válido. É como jogar a culpa no árbitro após uma derrota numa partida de futebol...

Joseph, então, saiu da cozinha, ainda um pouco desorientado pelo que acontecera. Seguiu pela área e foi em direção ao longo corredor que margeava a casa e dava acesso ao quintal. No lado esquerdo do corredor havia um muro alto, de blocos, sem pintura. No lado direito havia um local utilizado, quando criança, para depósito de porcarias. Ficava logo abaixo da varanda e ali guardavam todo tipo de bugigangas que não serviam para nada, mas que ninguém queria jogar fora.

Jogou a luz da lanterna naquele local e viu as manchas de umidade que marcavam as paredes da casa como feridas purulentas na pele. Viu também teias de aranhas – diversas –, parecendo uma verdadeira metrópole de pequenos aracnídeos. “Aranhópolis” – pensou, sorrindo consigo mesmo.

Seguiu pelo corredor até chegar ao seu final, alcançando a entrada do quintal. O portão de ferro que havia quando criança não estava mais ali. Deu a volta por trás da casa e chegou à porta dupla que dava acesso à sala, a mesma porta através da qual, na sua “alucinação”, Lupo veio correndo em sua direção.

Encontrou o interruptor de luz e ligou-o. Dessa vez a luz funcionou e uma grande lâmpada iluminou um pedaço inicial de uns 5 metros de quintal. Era o suficiente para ver que o chão estava profundamente marcado pelo tempo, com rachaduras por toda parte. O quintal possuía um desnível – a partir de uns 6 ou 7 metros, ficava mais baixo alguns centímetros, o que causava sempre, em épocas de chuvas, um forte alagamento no fundo do quintal.

Joseph viu também as duas grandes árvores, uma goiabeira e uma caramboleira – as grandes irmãs, como eles chamavam quando pequenos – ainda frondosas. Cada uma de um lado do quintal, era como se guardassem o terreno. O mato havia tomado conta do resto do quintal, pelo menos até onde a vista de Joseph podia alcançar. Jogou a luz da lanterna na parte não iluminada pela lâmpada da entrada do quintal e só conseguiu ver mato, além do véu de sombras estendido pela noite.

Em questão de segundos, todo o cenário mudou. Joseph estava no quintal, mas a noite havia novamente se transformado em dia. Raios dourados do sol alcançavam o quintal,

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

iluminando ainda mais forte cada metro quadrado do terreno. Joseph estava novamente vendo tudo acontecer de outro ângulo – estava novamente no seu “eu” mais jovem.

Olhou em volta e viu que as rachaduras no chão estavam muito menores, quase imperceptíveis. O mato não existia, era possível ver o chão – parte de terra, parte de cimento –, em toda a extensão do quintal. As grandes irmãs estavam ainda mais frondosas, ambas carregadas de flores, e a brisa suave daquilo que parecia uma tarde de verão sacudia levemente suas folhas.

“Pode vir!!!” – gritou histericamente uma voz. Era Jorge. Joseph podia reconhecer aquela voz aguda em qualquer lugar (e, naquela situação, em qualquer época).

Joseph percebeu que estavam brincando de esconde-esconde. O quintal era grande, com mais de 50 metros de comprimento e havia lugares de sobra para se esconder.

Joseph, seus irmãos e os amigos de escola criavam sempre novos lugares. Bastava uma tábua encostada à parede e pronto, voilá, um novo lugar. Em cima da árvore? Ótimo esconderijo, ninguém vai achar. Um latão de lixo? Melhor ainda! Certa vez, Jorge cavou um buraco em uma parte de terra do quintal e escondeu-se lá dentro. Ficou preso e foi preciso chamar a mãe deles para poder tirá-lo de lá. Jorge foi motivo de piadas na escola e dentro de casa por quase um mês.

Dessa vez a névoa praticamente não existia. Joseph estava vendo tudo nitidamente. Pela primeira vez, não parou para tentar entender o que estava acontecendo. Era uma brincadeira de esconde-esconde e ele brincaria daquele jogo.

Afinal de contas, era criança, tinha 7 anos de idade. Ou será que tinha 49? Era somente uma criança e crianças devem brincar. Mas espere aí, e a empresa? Empresa? Que empresa? Como uma criança de 7 anos pode ter uma empresa? Como uma criança de 7 anos pode ser rica? Não! Uma criança deve brincar, se sujar, comer terra, ralar o joelho no chão e voltar chorando para a mãe passar algum remédio que arde até a alma e, então, assoprar para aliviar a dor. Aquele machucado, quase uma amputação, desaparece 5 minutos depois. Está pronto para a próxima.

Mas e a BMW? O que é uma BMW?

E os conceitos de “paradigma”, “otimização”, “sinergia”, “alinhamento”, “pró-atividade” e mais todas aquelas baboseiras que nem mesmo seus criadores sabem explicar o que significam? Estão nos livros, Joseph! Teoria Geral da Administração – TGA – não lembra? São ensinadas na faculdade, na pós-graduação, no MBA executivo, por professores com caras de contadores que floreiam cada frase e, com isso, tentam fazer com que uma frase como “A experiência mostra que a atual estrutura de organização facilita a definição dos conceitos de participação geral” tenha algum sentido. Faculdade? Pós-graduação? MB o quê mesmo? Como uma criança que ainda está na segunda série pode saber algo assim?

Joseph não sabia nada disso. Era uma brincadeira de esconde-esconde. Precisava achar seus amigos, aquilo era o que importava, nada mais. Não existia nada além daquilo, naquele momento, no mundo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Passou entre as grandes irmãs. Olhou para o alto de cada uma delas e não achou ninguém. Andou pela parte central do quintal. Estava relativamente bem cuidada, sem grandes rachaduras.

Foi em direção a um latão de lixo e encontrou seu irmão Jorge lá dentro. Imediatamente saiu correndo em direção ao “piques” que, quase sempre, era uma das grandes irmãs.

“Um, dois, três, Jorge! Dentro do latão de lixo!” – gritou Joseph, a plenos pulmões, após chegar à grande irmã caramboleira. O pequeno Joseph. Os pequenos pulmões.

E, um a um, Joseph foi achando os escondidos. O suor corria pelas maçãs avermelhadas do rosto. Com o cabelo desarrumado, a respiração ofegante, Joseph era uma criança. E estava brincando, feliz. Seu mundo, naquele momento, era o quintal, tal como uma formiga dentro de um vaso em um apartamento. Seu objetivo de vida era achar os escondidos em cada um dos esconderijos que eles criavam após as aulas. Sua recompensa era localizar todos, sair ileso e, da próxima vez, esconder-se ao invés de procurar.

E, assim, aquela tarde passou. Uma tarde de infância que todos, absolutamente todos, gostariam de reviver. Sem preocupações, sem problemas com dinheiro, emprego ou família. Sem trânsito, sem poluição, sem obrigações. Tempo de sobra para olhar para o céu e admirar cada nuvem. Tempo de sobra para subir em cima de uma árvore e lá ficar escondido até alguém achar. Tempo de sobra para saber que um dia nada mais é do que 24 horas, divididas entre ir à escola, almoçar, fazer os deveres e brincar. E ter, de alguma forma, a certeza de que haverá um dia seguinte, sem se importar que o tempo passará. Para as crianças, o tempo é um aliado, não um inimigo. Para as crianças, o tempo é como um pote mágico de ouro, o qual é possível gastar à vontade, pois sempre haverá um novinho, cheinho de ouro novamente.

Naquela tarde, Joseph, o pequeno Joseph, se divertiu como não se divertia há muitos e muitos anos...

Quando Joseph acordou, estava deitado no meio do mato do quintal. Levou alguns instantes para voltar a si. As pilhas da lanterna haviam acabado, mas os primeiros raios de sol começavam a aparecer. Sentiu seus braços e pernas coçarem e viu que, enquanto estava deitado, fora atacado por mosquitos e formigas.

Joseph levantou e tirou a terra da roupa, totalmente amarrotada e suja. De alguma forma, aquilo não era mais nenhum problema para ele. Mesmo com toda a preocupação que sempre teve com sua imagem, Joseph não se importava de estar totalmente desarrumado.

Olhou para o relógio e viu que já passava das oito da manhã. Precisava ir ao escritório. E, como grande parte das crianças, tomar banho e trocar de roupa não estava nos seus planos.

Todos que estavam em sã consciência e em pleno uso de suas faculdades mentais puderam perceber um Joseph sujo, amarrotado e com o cabelo despenteado entrando no escritório da JJ Business.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Joseph atravessou o escritório e entrou em sua sala, fechando a porta logo em seguida. Sentou em sua cadeira e virou para a janela, admirando as nuvens, brancas como algodão, que dividiam espaço com o azul do céu. Aquilo valia a pena? Valia realmente a pena, Joseph? Passar quase 20 horas do dia trancado dentro de um escritório, trabalhando, sem ninguém se importar se você volta para casa ou não? Essa pergunta martelava sua cabeça como um grande bate-estaca.

Joseph estava imerso em seus pensamentos quando ouviu alguém bater a porta.

“Entre” – disse.

Um rapaz alto e magro, pálido como um esqueleto, entrou na sala. Era Denis, um dos estagiários da JJ Business, com uma pasta na mão, cheia de papéis.

“Dr. Joseph, trouxe alguns papéis para o senhor assinar.” – disse o rapaz, com a voz trêmula.

Joseph sorriu por alguns instantes, antes de dizer “Doutor? Quem disse que eu sou doutor?”

Denis ficou sem ação por alguns momentos. “É o que está escrito na sua porta – Dr. Joseph.”

Era verdade. A placa na porta dizia “Dr. Joseph Talaveiro – presidente”.

Joseph levantou as sobrancelhas e viu que o rapaz estava com a razão. “Ok. Você está certo. Mas vou pedir para mudarem aquela placa.”

Denis não entendeu o que Joseph queria dizer e ficou olhando com aquela expressão que queria dizer “Mas por que, doutor?”, mas que não tinha coragem de perguntar.

“É preciso quebrar um pouco dessa formalidade. Uma simples palavra – doutor – cria um abismo intransponível entre eu e vários de vocês.” – disse Joseph, entendendo aquela expressão no rosto de Denis.

Denis assentiu com a cabeça, sem saber muito bem o que dizer, nem o motivo daquela conversa. Aproximou-se, então, da mesa de Joseph e entregou-lhe a pasta com os documentos.

“Obrigado, rapaz.” – disse Joseph, largando a pasta em um dos cantos da enorme mesa. Para ele, assinar ou arremessar aqueles documentos pela janela produziria o mesmo efeito. Na verdade, arremessar seria muito mais divertido.

Denis virou as costas e estava prestes a sair da sala quando parou e virou de volta.

“Senhor?”

“Pois não, rapaz. Mais alguma coisa?” – respondeu Joseph.

“Posso perguntar-lhe uma coisa?” – disse Denis, com uma expressão de quem lutava ferozmente contra o medo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Claro, rapaz. Vá em frente.”

“O senhor teria alguma dica para que eu conseguisse chegar até onde o senhor chegou?”

Joseph sorriu novamente – “Qual seu nome, rapaz?”

“Denis, senhor.”

“Denis, em primeiro lugar, pare de utilizar a palavra senhor no final de cada coisa que me diz. Isto não é o exército, ok?” – disse Joseph, com um tom amistoso de voz.

“Sim, senhor. Quero dizer, sim, entendi.” – respondeu Denis, encabulado.

“O que você faz fora deste escritório, Denis?”

“Eu estudo, senhor.” – disse Denis, esquecendo completamente o pedido de Joseph – “Estou estudando Administração de Empresas, terceiro ano. Faço alguns cursos à noite e também aos sábados. Aos domingos aproveito para estudar um pouco mais e melhorar meu currículo.” – completou.

“Denis, você tem namorada?” – perguntou Joseph.

“Não tenho não, senhor.” – respondeu Denis, ainda mais encabulado.

“E família, Denis?” – questionou Joseph.

“Tenho meus pais e mais três irmãos, senhor. Mas eles não moram comigo; eles moram em outro estado. Eu vim para cá sozinho, para estudar e trabalhar.”

“E amigos, Denis?” – Joseph continuou metralhando Denis com perguntas curtas e objetivas.

“Tenho alguns, senhor.”

“Amigos de verdade, Denis?”

“Acredito que sim, senhor.”

Joseph sorriu, desta vez um pouco mais alto. Era engraçado ver o garoto completando cada frase com a palavra “senhor”.

“Vamos supor que você morresse hoje dentro do escritório, Denis. Como sua família mora longe, poderíamos avisar algum amigo seu, para que ele cuidasse de tudo?” – perguntou Joseph.

Denis parou por alguns instantes. A pergunta, a princípio, o assustou.

“Não sei, senhor, acredito que sim.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Se você não consegue imaginar uma pessoa que faria isso por você, é porque você não tem nenhum amigo de verdade, Denis.” – respondeu Joseph.

Denis não respondeu dessa vez.

“Denis, me responda uma coisa. Você já brincou de esconde-esconde?”

Denis estava totalmente perdido, sem saber o que responder.

“Acho que sim, quando era criança, senhor.” – respondeu Denis, gaguejando, com a voz trêmula – “Por quê?” – completou.

“Não brinca mais, Denis?”

“Senhor, estou com 18 anos.”

“Eu tenho 49, Denis, e daria minha vida para brincar disso todas as tardes.”

Denis fitou-o por alguns instantes. Hesitou em perguntar o que queria, mas, mesmo assim, o fez:

“O senhor está bem? Está se sentindo bem?”

“Estou sim, Denis. Nunca estive melhor.”

Denis não acreditou naquilo. Na verdade, ninguém acreditaria. Era difícil acreditar que alguém rico e poderoso pudesse sentir-se bem com a roupa suja, amarrotada e com os cabelos totalmente desalinhados, como um maltrapilho, ainda mais no local de trabalho. Aquilo ultrapassava a tênue linha que divide a sanidade da loucura.

“E você, Denis, está bem?” – perguntou Joseph.

“Sim, senhor.”

“Tem certeza?”

“Absoluta, senhor.”

“Você não parece muito bem, Denis.”

“Senhor, com todo o respeito, o senhor também não.” – disse Denis, com um ar relutante na voz. Sabia que não devia ter dito aquilo, mas o impulso foi muito forte.

“Eu pareço um louco para você, Denis?” – perguntou Joseph. Ele já havia percebido que Denis o fitava com o olhar gélido de quem olha para um doido varrido.

“Não, senhor, não, que isso! Não parece não!” – respondeu Denis, tropeçando nas palavras como um bêbado tropeça nas próprias pernas.

“Denis, vou te dizer uma coisa. A verdadeira loucura está na total normalidade. Uma pessoa normal vê uma desajustada como louca, mas o contrário também acontece.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Além de não saber muito bem o que responder, Denis estava, agora, ficando com medo. A conversa estava tomando rumos nebulosos, como se estivesse entrando em um labirinto sem saída, esperando somente o encontro com o minotauro.

“Senhor, posso me retirar?” – perguntou.

“Não quer a resposta, Denis?”

“Qual resposta, senhor?”

“A resposta à sua pergunta.” – respondeu Joseph – “Você não queria uma dica para chegar aonde cheguei?”

“Sim, senhor, mas vamos deixar para outra oportunidade.” – Denis só queria sair daquela sala o mais rápido possível. Algo ali não estava lhe fazendo bem.

“Denis, me diga o motivo pelo qual você quer chegar aonde cheguei.”

“Senhor, acho melhor eu...”

“Responda, Denis.” – disse Joseph cortando a frase de Denis.

“O senhor é rico, influente, respeitado. Esses são alguns motivos, senhor.” – respondeu Denis rapidamente.

“Você tem um cachorro, Denis?”

“Senhor, por favor, eu preciso voltar à ...”

“Responda, Denis, você tem um cachorro?” – Joseph o interrompeu novamente.

“Não senhor.” – respondeu Denis, com a cabeça baixa.

“Sente-se, Denis.”

Denis parou por alguns instantes, querendo sair da sala, mas não sabendo como.

“Vamos, Denis, sente-se. Não vou fazer nada de mal para você. Vamos, rapaz, sente-se!” – bradou Joseph.

Denis estava totalmente contrariado, mas obedeceu. Puxou a cadeira de couro preto, confortavelmente estofada e sentou-se. Fitou os olhos de Joseph, que pareciam lubrificados pelo fluido vermelho da loucura.

Joseph levantou-se e caminhou em direção à janela. Olhou para o céu e, depois, para a cidade. Pelo reflexo no vidro, conseguiu ver o estado em que se encontrava após passar uma noite deitado no meio do mato do quintal de uma casa à venda e abandonada pela vida, mas não pelas lembranças.

“Denis, o que eu vou dizer pode parecer um clichê, mas é a mais pura verdade.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Denis balançou a cabeça, assentindo. Sentiu que não havia nada a dizer, somente a ouvir. Assim, poderia sair logo daquela sala.

“O dinheiro não traz felicidade, rapaz. Eu posso ser rico e influente, como você mesmo disse, mas quando saio daqui e chego em casa, percebo o que eu realmente sou.”

Denis continuou olhando para Joseph, que fez uma pausa, como se esperasse algum comentário do tipo “E o que o senhor é?”. Como não houve nenhuma reação verbal de Denis, Joseph prosseguiu.

“Eu não tenho família, Denis. Meus pais morreram. Meus irmãos não gostam de mim. Não tenho um cachorro e nem uma esposa ou uma namorada. Também não tenho muitos amigos. Se eu quero conversar ao chegar em casa, sou obrigado a conversar comigo mesmo e, diga-se de passagem, não sou uma companhia muito agradável nem para mim mesmo.”

Denis continuou calado enquanto ouvia Joseph, como um analista que ouve calmamente as lamentações de seu paciente.

“Você não precisa de uma dica para chegar até aqui, Denis. Você já está no caminho certo. Você vai se transformar em alguém igualzinho a mim.”

Dessa vez, Denis falou.

“Senhor, eu não vejo nenhum problema nisso que o senhor está falando. E eu discordo desse clichê que diz que o dinheiro não traz felicidade. Traz sim, senhor. Eu seria extremamente feliz se fosse rico, senhor.”

Joseph sorriu. Talvez pela quantidade de palavras “senhor” que Denis disse, talvez pela besteira que ele estivesse falando sem se dar conta disso.

“O dinheiro pode comprar muitas coisas, Denis. Mas as coisas mais importantes ele não compra. O dinheiro só compra o material e o material só traz felicidade momentânea. Em poucos minutos sua mente já abandonou aquela necessidade e já mira outra coisa ainda maior.”

“Senhor, eu ainda não concordo com isso. Basta ver que...”

“Denis” – disse Joseph, o interrompendo – “se você quer chegar até aqui, está no caminho certo, já te disse. Um dia terá um escritório como esse. Terá dinheiro, será influente. Mas, ao mesmo tempo, olhará dezenas de vezes para uma janela como essa imaginando se sofrerá muito ao saltar dela.”

“Senhor...” – Denis tentou interromper, sem sucesso.

“Denis, eu já pensei nisso diversas vezes. Só não fiz porque vi o que acontece com quem comete esse ato infeliz. Então, eu continuo aqui, enquanto a vida me quiser. Isso é tudo que me restou, Denis. Não deixe que isso seja a única coisa a restar na sua vida, rapaz. Não faça isso.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Joseph parou por alguns instantes. Passou a mão no rosto, banhado pelo suor. A oleosidade era tanta que seria possível fritar um ovo com aquela quantidade de gordura impregnada nos poros. A roupa suja e amarrotada, o cabelo totalmente desarrumado e a barba por fazer, aliados àquele olhar penetrante, davam a impressão de uma pessoa à beira da loucura.

“Senhor, posso me retirar?” – perguntou Denis.

Joseph suspirou. “Sim, Denis, pode se retirar. Siga sua vida, rapaz, mas tente não esquecer do que eu te falei aqui hoje.”

Denis levantou-se e saiu da sala, sem olhar para trás. O mito chamado Joseph Talaveiro havia se desfeito na sua frente.

Joseph sentou-se em sua confortável cadeira. Viu, então, que a ambição era o maior combustível dos seres humanos. Não basta ter um, é preciso ter dois. E, quando se consegue ter dois, percebe-se que, na verdade, é preciso ter quatro. E assim por diante. E assim a vida segue.

No final daquela tarde, Joseph saiu do seu escritório.

Pela última vez...

Naquela noite, Joseph seguiu direto para a sua casa da infância. Não lembrava direito o que havia ocorrido no último apagão que sofrera. A cada viagem de volta à infância, a névoa ficava mais fraca e era mais difícil lembrar o que havia ocorrido naquele sonho ou alucinação, tivesse o nome que fosse.

Mas aquilo o fez abrir os olhos. Joseph havia finalmente entendido que não bastava ser rico e poderoso. Era preciso viver. Era preciso ter uma vida. Era preciso saber viver.

Sim, Joseph. Viver. Chegar em casa, ser beijado e abraçado pela esposa. Abraçar seus filhos. Ser recebido com festa pelo cachorro. Passear com eles no final de semana. Fugir da rotina e ir levar e buscar os filhos na escola de vez em quando. Ter família e amigos para quem ligar e desejar Feliz Natal, Boa Páscoa ou Feliz Aniversário.

Joseph entrou na casa, atravessou o corredor da entrada e chegou à área principal. Subiu as escadas de cimento, em direção à varanda e ao segundo andar, onde ficavam os quartos. Eram cinco quartos no total, originalmente. Sua mãe havia contratado pedreiros para derrubar duas paredes e transformar quatro dos quartos em dois maiores, deixando a casa com três quartos. Um dos quartos – o menor e o primeiro – era usado por sua mãe. Jonas e Jorge dividiam o quarto do meio e Joseph ficava com o quarto que dava vista para o quintal.

Sempre o melhor para Joseph.

Joseph passou pela varanda com pisos de madeira e recordou quantas vezes pulou dali de cima. Em uma das vezes, quebrou o pé e teve que ficar engessado durante quase um mês.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Passou pelo primeiro e pelo segundo quarto. Queria ir direto para o terceiro, – seu quarto – o quarto da sua infância.

A porta do seu quarto estava aberta. A fechadura, pelo visto, havia sido quebrada há muito tempo. Ligou o interruptor e acendeu a luz. O quarto tinha cerca de doze metros quadrados. O piso, de tacos de madeira, tinha vários espaços onde faltavam os tacos. O armário embutido estava em bom estado, mas não tinha mais as portas. Joseph também se recordou de quantas vezes se escondeu lá dentro para não apanhar de seus irmãos após as brigas de criança.

A janela estava bem conservada. Os vidros, no entanto, estavam opacos, como os da entrada da casa. Não era possível ver através daquela janela. Joseph a abriu e conseguiu ver o quintal, até onde a iluminação deixava. As grandes irmãs, vistas do alto, pareciam ainda maiores.

Quando virou-se de volta, sua cama estava lá, arrumada, com lençóis do Mickey Mouse. O guarda-roupa estava com a porta no lugar e os últimos raios de sol da tarde iluminavam todo o ambiente, realçando a pintura amarela das paredes. Havia uma pequena televisão preto-e-branco em cima da cômoda de madeira, com quatro gavetas, que ficava encostada na parede oposta à cama. Um campo de futebol de botão ficava apoiado, em pé, ao lado do guarda-roupa. Os times ficavam guardados dentro de pequenas caixas de cartões de visita, guardados dentro de uma sacola, ao lado do campo. Havia também uma grande caixa de papelão, cheia de brinquedos, próxima à cama.

Uma prateleira tinha uns quatro ou cinco porta-retratos. No chão, um tapete circular repousava no meio do quarto, local onde Lupo escolhera como cama.

Não havia névoa. Não havia o grande Joseph, de 49 anos, somente o pequeno, com 7 anos de idade e toda uma vida pela frente.

Joseph saiu correndo pela casa e, quando Lupo percebeu o convite àquela maratona, saiu correndo também, latindo, arfando e abanando o rabo. Foram direto para o quintal rolar na terra, comer frutas e brincar de luta.

Aquela tarde teve um ar especial, como se uma aura dourada envolvesse cada objeto, casa grão de terra, cada folha das árvores.

Joseph brincou com Lupo, com seus irmãos, com sua mãe. Joseph brincou até não agüentar mais, até cair de cansaço e dormir. O sono das crianças, o sono dos anjos. Foi carregado para a cama, no colo, pela sua mãe, como ela sempre fazia...

O grande Joseph, de 49 anos, havia ficado longe. Ali no mundo havia somente o pequeno Joseph, de 7 anos.

Quando se tem 7 anos, o mundo é nosso. Não há desafios que não possam ser vencidos, não há barreiras que não possam ser transpostas, não há batalhas que não possam ser ganhas.

E, quando algo parece demasiadamente assustador, aos 7 anos é fácil pedir socorro à nossa mãe. O mundo é nosso e sabemos que nossa mãe pode nos dar a parte que por um acaso ainda não seja.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Aos 7 anos, o sucesso consiste em tirar boas notas na escola, ganhar nas partidas de futebol de botão, ser escalado para o jogo de futebol nas aulas de educação física e conseguir fugir do banho e dos ovos de codorna.

E, claro, o sucesso também consiste em fugir dos irmãos maiores quando inadvertidamente quebramos alguma coisa deles que achávamos que fosse algum brinquedo – e que, mesmo que não fosse, transformávamos em um.

Aos 7 anos, temos certeza de que sempre haverá uma segunda chance. Podemos errar o pênalti, jogar a bolinha de futebol de botão longe, perder no videogame ou mesmo tirar um grande zero na prova de matemática. Sempre haverá uma nova chance para tentarmos novamente.

Joseph teve essa chance aos 49 anos...

No dia seguinte, o pequeno Joseph acordou assustado e gritando. Sua mãe veio correndo ver o que estava acontecendo.

“O que houve, querido?” – perguntou, enquanto o abraçava com ternura.

“Eu tive um pesadelo, mamãe!” – respondeu o pequeno Joseph, entre soluços chorosos.

“Passou, meu amor, já passou.”

“Sonhei que tinha ficado rico, mamãe!”

“E isso não é bom, meu amor? Isso não é um pesadelo!”

“Mas você não estava mais lá, mamãe! Você não estava mais comigo!” – disse Joseph, desabando a chorar novamente.

Sua mãe então o abraçou mais forte, remexendo seus cabelos e enxugando suas lágrimas.

“Agora eu estou bem aqui, meu bem. E eu nunca vou te deixar. Nunca...”



“

Nível 1 - 3 pontos...

”

O ARQUEIRO

O ARQUEIRO

O pequeno quarto-e-sala, localizado no sétimo andar do edifício, emanava um forte cheiro acre de coisas velhas. Era um quarto-e-sala comum. Media alguns poucos metros quadrados, tinha as paredes brancas – à exceção das manchas de sujeira em alguns pontos – e tinha um lustre em forma desses globos vagabundos pendendo do teto, com uma lâmpada incandescente dentro.

A janela não tinha cortinas, apesar de ter os trilhos – totalmente enferrujados – para colocá-las. O vidro tinha uma trinca que o atravessava de ponta a ponta. A parte corredeira da janela, que abria um portal daquele quarto para o mundo exterior, estava suja, sem óleo e produzia um ruído esganiçado a cada vez que deslizava sobre os trilhos imundos com limo, graxa endurecida e bosta de pássaros.

Ao lado da janela, havia uma pequena cômoda de madeira com quatro gavetas e nenhum puxador. Em cima dessa cômoda, havia diversas porcarias, tais como porta-retratos – sem nenhuma foto – quebrados, um vidro de perfume barato vazio, um tubo de desodorante faltando o dispositivo de esguicho, algumas moedas que, juntas, não somariam três reais e um bloco de anotações com uma caneta.

Um par de binóculos ficava pendurado do outro lado da janela e era, provavelmente, a coisa mais valiosa naquele lugar.

Um armário velho e sem portas, praticamente destruído pela ação dos cupins, servia de guarda-roupa. A roupa, que não era lavada há muito tempo, ficava parte espalhada pelo chão, parte em cima da cama e parte amarrotada dentro do armário, que desconhecia a existência de cabides.

O cheiro das roupas sem lavar espalhava-se pelo local, como um odor fétido e putrefato de algo em decomposição. Aquilo só confirmava o fato de que o ser humano pode disfarçar ao máximo, mas continua sendo um ser malcheiroso. Mesmo a mais bela das pessoas – o que não era o caso de Afonso, o morador do local –, em algum momento, cheira mal. Pobres seres humanos que acham que não são nada mais do que animais...

A cama era formada por alguns pedaços de madeira cobertos por um colchão velho e manchado pela umidade, que provinha também da incontinência urinária noturna de Afonso. Roupas de cama não existiam e o travesseiro estava tão velho que provavelmente 95% do seu peso eram formados por ácaros e pele descamada.

Ao lado da cama, no chão, jazia um pequeno e surrado aparelho de som, desses modelos que tocam CDs e captam, muito mal, o sinal de alguma rádio FM que se aventure a trafegar pelos ares daquele lugar.

No local onde seria a sala, um resto de sofá dava seus últimos dias de trabalho, apoiando algumas pilhas de jornais e revistas velhas.

Quatro caixotes de madeira faziam o papel de estante, sustentando uma pequena TV de 14 polegadas e mais algumas porcarias sem valor.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Ao lado da estante improvisada, havia um arco rudimentar, feito com ipê-amarelo. Dentro de uma caixa, estava uma aljava com diversas flechas. Todo o material havia sido comprado recentemente em uma feira indígena.

Afonso deixou o banheiro somente de cuecas – esse era seu uniforme usado dentro de casa – carregando uma pequena escada de montar feita de metal com três degraus. Era possível ver as marcas de bolor nas cuecas, que não eram lavadas há muito tempo – da mesma forma que seu dono. O cheiro que ambos exalavam era insuportável e fazia o odor das roupas espalhadas parecer o leve e doce aroma de lírios do campo.

Afonso tinha 60 anos, media cerca de um metro e setenta, pesava mais de 130 quilos e, pela barriga, podia-se dizer que estava no nono mês de uma gestação de sêxtuplos. Estava ficando calvo e o pouco cabelo que ainda restava não era cortado há muitos meses, assim como a barba, que não era feita há semanas.

O aspecto de Afonso era o de um ogro, mas, pensando bem, um ogro talvez tivesse uma aparência melhor.

Afonso puxou um pouco de catarro do pulmão, com uma grande e profunda tossida, vinda de um imenso enfisema no pulmão esquerdo causado, claro, pelo maldito cigarro. O cheiro de ratos em decomposição vindo das roupas e do próprio Afonso disfarçava bem o cheiro dos cigarros fumados a todo instante.

“Um eremita”, “o assassino da própria mulher”, “uma aberração da natureza”, “um louco” e “um porco imundo que não toma banho” eram alguns dos adjetivos que Afonso havia ganho dos vizinhos do prédio onde morava – um cortiço, localizado na periferia da cidade. Alguns diziam, ainda, que ele praticava sacrifícios com crianças e outros o chamavam de perverso.

Afonso era aposentado. Pulou de emprego em emprego, mas conseguiu juntar os anos que precisava para conseguir aposentar-se. Sua mulher morreu menos de um ano após se casarem. Havia sido estrangulada. Afonso conseguiu provar que foi durante um assalto, mas nunca se soube a verdade. A maior parte das pessoas em sua cidade natal apostaria sua própria vida na ideia de ter sido ele próprio quem estrangulou a mulher.

Com o salário da aposentadoria, conseguiu alugar aquele quarto-e-sala onde morava, mesmo sob protestos dos vizinhos. Ninguém gosta de morar ao lado de alguém tão estranho. Mas ninguém percebe a sua própria estranheza – outro desses fatos incompreensíveis do comportamento humano.

De qualquer forma, Afonso morava ali e não importunava ninguém, a não ser pelo seu cheiro e pela sua aparência.

Não até agora...

Afonso seguiu pela sala, tossiu mais uma vez, uma tossida tão forte e profunda que fez com que ficasse roxo. Retomou o ar e andou em direção à estante. Parou em frente à caixa com a aljava. Coçou a bunda e soltou um peido. Pegou a aljava e o arco e levou-os para o quarto.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A aparência elefantina e o andar pesado faziam Afonso parecer um tiranossauro andando pela casa. O vizinho do apartamento de baixo sentia cada passo de Afonso como uma grande pancada de um bate-estaca particular dentro da sua própria casa.

Afonso deixou a escada, o arco e a aljava com as flechas encostados no chão, logo abaixo da janela. Verificou cada uma das flechas, que eram feitas de madeira e tinham as clássicas penas indígenas localizadas no fundo. O índio que as vendera havia dito algo sobre aquelas penas servirem para dar estabilidade às flechas durante o voo. Eram tão afiadas que facilmente sangrariam um dedo que tocasse suas pontas para verificar se estavam realmente boas.

Após outra grande tossida, Afonso ligou o aparelho de som. Um CD começou a tocar quase que imediatamente “Auld Lang Syne” – a canção desconhecida, tema da passagem de ano-novo para americanos e britânicos.

Afonso voltou para a janela e armou a escada. Pegou os binóculos e pendurou-os no pescoço. Subiu até o terceiro degrau, de onde tinha uma boa visão, empunhou o arco e pegou uma das flechas.

A janela do quarto de Afonso dava para uma praça, bastante movimentada, com um pequeno playground, com alguns escorregadores enferrujados, gangorras destruídas pela umidade e alguns balanços que sempre arrebentavam quando alguém se balançava neles. Mas, mesmo assim, era o “ponto turístico” do bairro e a diversão preferida de grande parte dos moradores em uma tarde ensolarada de domingo.

Naquela tarde, diversas pessoas brincavam no parque. Um homem com um carrinho de pipocas estava logo ao lado do playground e estava fazendo sucesso com as crianças. Um carrinho de pipocas atrai crianças como um punhado de açúcar atrai formigas. É inevitável... As crianças corriam de um lado para outro.

Afonso encaixou a flecha no arco, olhou para a praça e preparou a mira. O alvo seria uma mulher gorda, sentada ao lado de um garoto de uns 10 anos. Era o nível um. Era praticamente impossível errar a flechada em uma mulher daquele tamanho.

Afonso, então, puxou a flecha, esticando o elástico do arco ao máximo. Fechou um dos olhos para calibrar melhor a pontaria e soltou a flecha. Foi possível ouvir o “tuim” do elástico do arco voltando à posição de descanso.

Em menos de cinco segundos, um grito de dor seguido por um grito de horror. Afonso olhou através dos binóculos para constatar aonde tinha acertado. A flecha havia atravessado a gorda perna esquerda da mulher-elefante. Atravessou facilmente as fartas carnes de ponta a ponta. O sangue havia jorrado e a mulher gritou, primeiro, de dor e, logo em seguida, de horror, ao ver o que tinha causado aquela dor lancinante.

Afonso desceu os degraus da escada e anotou no bloco “Nível 1 – 3 pontos”. A escala ia de 0 a 10. Afonso não gostou do primeiro tiro. Um alvo daquele tamanho merecia uma flechada melhor localizada. Mas ainda estava aprendendo e alvos não faltariam naquela tarde. Só precisava apressar-se.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Subiu novamente na escada, apanhou outra flecha e a encaixou no arco. A música continuava tocando e o ritmo contagiante de Auld Lang Syne o fazia sentir-se o próprio Robin Hood.

Na praça, diversas pessoas cercaram a mulher gorda para ver o que havia acontecido. Como é de praxe na natureza humana, o fato da perna mulher ter sido varada por uma flecha pouco importava. O sangue aguçara fortemente o instinto selvagem das pessoas, que viam a mulher urrar de dor, sem que ninguém fizesse nada a respeito. É como passar mal no meio da rua. Dezenas de pessoas fazem uma roda em volta, mas, na maioria das vezes, ninguém se dá ao trabalho de ligar para o socorro...

Afonso procurou o alvo e o achou. Dessa vez seria um homem, bem mais magro que a mulher-elefante, que estava no meio do tumulto tentando deliciar seu instinto assassino com os gritos da mulher. Era um homem alto, um metro e oitenta, talvez um metro e noventa. Nível dois.

Afonso puxou a flecha e a disparou na direção do homem. “Tuim”. Pegou os binóculos e olhou o resultado. A flecha havia acertado o meio do crânio do homem, que caiu imediatamente, com uma poça de sangue crescendo ao seu redor.

Nova anotação no bloco. “Nível dois – 10 pontos”. “Tiro certo”, pensou Afonso. Nem Robin Hood faria igual.

Nesse momento, algumas pessoas se deram conta do que estava acontecendo. Algum maluco estava atirando flechas de algum lugar. Mas, como a desgraça alheia é muito mais interessante e a praça era ampla, foram poucas as pessoas que saíram correndo. A maioria ainda estava ali, vendo um defunto com uma flecha atravessada na cabeça e uma mulher gritando com uma flecha atravessando suas carnes gordurentas.

Nova subida na escada, nova mira, nova flecha, novo tensionamento do arco, novo alvo – dessa vez, o pipoqueiro. Liberou a flecha e ouviu um forte barulho de vidro quebrando. Pegou os binóculos e viu que havia errado o tiro. A flecha atravessou o vidro do carrinho de pipocas. “Merda!”, pensou Afonso. Não passou pelo nível três. Precisava tentar de novo. Armou outra flecha e rapidamente a atirou em direção ao pipoqueiro que estava agachado tentando descobrir o que havia quebrado seu carrinho. O pipoqueiro tinha visto o tumulto, mas não podia enxergar, de onde estava, o que estava causando aquilo tudo.

Afonso pegou os binóculos e viu que, dessa vez, a flecha havia fincado profundamente na parte esquerda do traseiro do pipoqueiro. O sangue jorrava novamente.

Nova anotação no bloco. “Nível três – tentativa dois – 7 pontos”. Podia ter sido melhor, mas estava pronto para o nível quatro.

Dessa vez o alvo era um rapaz, de uns 15 anos, que estava do outro lado da praça com a namorada, curioso com o que estava acontecendo.

Afonso tensionou o arco e lançou a flecha. Olhou pelos binóculos e viu o rapaz desesperado, vendo a namorada agonizar com uma flecha atravessada no pescoço. Afonso riu escandalosamente e um forte acesso de tosse o fez expelir quase todo o ar que tinha nos pulmões. Após retomar o fôlego, pensou “Mirei em um, acertei no outro”. De qualquer forma, havia sido reprovado no nível quatro.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Pegou uma nova flecha e atirou-a. Ao olhar pelos binóculos, viu o rapaz deitado sobre a namorada. A flecha havia atravessado sua cabeça, de lateral a lateral, entrando pelo ouvido esquerdo e ficando com a ponta para fora do outro lado, pelo ouvido direito. “Nível quatro – tentativa dois – 10 pontos”.

Um garoto de 10 anos começou a olhar em torno da praça, para o alto, tentando descobrir de onde estavam vindo aquelas flechas. Ele seria o próximo alvo. Nível cinco.

Afonso armou a flecha e atirou. Olhou através dos binóculos e não conseguiu ver onde tinha acertado. Havia errado o alvo e, provavelmente, não acertou em lugar algum. “Merda! Duas vezes merda!”, pensou. Teria que tentar novamente.

Nova flecha, novo tensionamento. O garoto o viu e saiu correndo. Alvo móvel. Afonso mirou e, surpreendentemente, acertou. Ao olhar pelos binóculos, viu que a flecha havia atravessado o peito do garoto, que jazia no chão, deitado de lado, acima de uma enorme poça de sangue. O ser humano, muitas vezes, parece ser feito somente de sangue, tal a quantidade que perde em um acidente.

Nova anotação no bloco. “Nível cinco – segunda tentativa – 10 pontos. Alvo móvel, promoção direta para o nível 9”.

Afonso pegou mais uma flecha. Era a penúltima, não podia errar, pois queria passar o nível 10. Olhou para a praça e viu seu novo alvo. Um menino de 5 anos, brincando na gangorra do outro lado da praça.

Novamente, o mesmo processo. Flecha, tensionamento, tiro, binóculos. A flecha havia atravessado a mão esquerda do menino, que corria em direção à mãe, gritando de dor e espalhando um rastro de sangue por onde passava.

“Nível nove – 8 pontos”. Podia ser melhor, mas tinha conseguido passar para o nível 10.

O nível 10, o nível dourado, segundo o próprio Afonso, merecia um alvo mais difícil, um alvo menor. Olhou e viu um inocente carrinho de bebê, com uma criança de poucos meses dentro. O tumulto já havia se instalado na praça. As pessoas, finalmente e após 9 flechadas, haviam percebido que alguma coisa errada e extremamente perigosa estava acontecendo ali.

A mãe da criança se apressou em sair correndo, empurrando o carrinho. Novo alvo móvel. Afonso empunhou o arco, preparou a flecha e a atirou. Pegou o binóculo e viu, no meio do desespero das pessoas, que não conseguiu acertar o alvo.

“Merda! Mas que merda! Errei essa merda!”, pensou.

Foi a última flecha. Ficou parado no nível 9. Desceu da escada, apoiou o arco em um canto da parede e largou os binóculos em cima da cômoda. Auld Lang Syne chegara ao fim. Três minutos e meio. Esse foi o tempo de incursão de Afonso no mundo do arco e flecha. Era possível ouvir os gritos das pessoas e uma sirene de um carro de polícia ao fundo.

Afonso foi até a sala, ligou a TV e sentou-se. Deu uma forte tossida, que chegou a expelir algumas gotículas de sangue. Após retomar o ar, assistiu um pouco de TV.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Era preciso passar o tempo, afinal a próxima feira indígena seria somente dali a duas semanas...



“

Bom, meu amigo,
chegamos em casa...

”

A VIAGEM

A VIAGEM

O rádio estava com excesso de estática. Não era possível captar nenhuma estação. Só se ouvia o chiado constante, como se o rádio do carro de Rogério estivesse trabalhando para o SETI, o programa americano de busca por inteligência extraterrestre.

Rogério rastreou toda a faixa FM e, depois, toda a faixa AM (apesar de detestar o som da frequência AM) em busca de algo para ouvir, mas não conseguiu localizar nada. De quê adiantava ter um aparelho de som que lia MP3, WAV e com entrada para USB, se havia esquecido o porta-CDs e o pendrive em casa?

“Em pleno século 21 e ainda não se consegue sintonizar rádio só porque se está no meio de uma estrada. Lamentável.” – resmungou.

Rogério havia sido enviado pela empresa onde trabalhava para Campo Verde, cidade localizada a 100 quilômetros de Montserrat, para uma reunião de trabalho relacionada a um novo sistema de informática que seria implantado em alguns meses. Coisas chatas e sem sentido; enfim, tudo relacionado à boa e velha informática, que poucos entendem de verdade e os que realmente entendem só enrolam.

A reunião foi maçante – como quase todas as reuniões que são feitas, sejam no trabalho ou no condomínio – e, se Rogério fosse ouvido, diria que reuniões que duram mais do que 30 minutos se tornam improdutivas, além do fato de 99% das reuniões serem totalmente desnecessárias. Besteiras sobre negócios, a mesma ladainha de sempre...

Rogério estava voltando para casa, dirigindo seu Fiat azul marinho, ano 2007. Preferiu ir com o próprio carro, assim não dependeria de ônibus e conseguiria voltar mais cedo para casa.

Metade dos seus 40 anos de idade fora gasta trabalhando naquela empresa, o que havia lhe garantido um bom cargo com um bom salário. No entanto, reuniões como aquela também eram freqüentes e o que mais lhe doía era ficar longe da sua família nesses dias.

Rogério era casado e tinha uma filha de 5 anos. Sua mulher, Joyce, tinha 30 anos e havia parado de trabalhar assim que a pequena Sílvia nasceu. Naquela época, Rogério já estava com um bom salário, o que lhe permitia manter a casa sozinho, financeiramente falando. Dizia sempre que as duas eram as mulheres da sua vida, e Sílvia adorava essa fala. Do alto dos seus 5 anos, conhecia o poder contido naquela frase.

Rogério desistiu do rádio. Começou a pensar nas duas mulheres da sua vida. Isso o ajudaria a passar o tempo mais rapidamente. Lembrou-se de cada etapa. A primeira vez que viu Joyce, o primeiro beijo, o pedido de namoro, o pedido de casamento. Lembrou-se das viagens, da lua-de-mel, da primeira transa. Lembrou-se dos momentos da gravidez, do nascimento de Sílvia, do primeiro choro, do primeiro sorriso, do primeiro “papai”. Momentos únicos, vividos em cada etapa da vida. Momentos que não voltam mais.

Rogério estava submerso nas profundezas oceânicas dos seus pensamentos, quando foi subitamente trazido de volta à tona por um carro que o ultrapassou perigosamente.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A estrada estava com a pista úmida e escorregadia, devido à chuva fina que caiu durante todo o dia. Isso tornava a estrada extremamente perigosa, mas alguns motoristas simplesmente ignoravam esse fato. Alguns carros passavam muito acima do limite de velocidade, enquanto seus pneus criavam uma névoa com a água que espirravam. A atenção tinha que ser redobrada.

Os vidros do carro começaram a embaçar, obrigando Rogério a abri-los. A chuva começou a ficar mais forte e Rogério aumentou a velocidade dos limpadores do pára-brisa. Olhou para o relógio e desejou profundamente estar em casa. A estrada começava a ficar muito perigosa.

Os vidros abertos, no entanto, faziam com que uma verdade enxurrada lavasse a parte interna do carro. Rogério foi obrigado a deixá-los semi-abertos, mas isso fazia com que os vidros embaçassem novamente. Rogério, então, ligou a ventilação do carro, direcionando o ar para o pára-brisa. Ligou também o desembaçador traseiro.

Rogério nunca gostou de dirigir com muita chuva, principalmente em estradas. Aquilo o deixava extremamente tenso. Se o rádio estivesse funcionando, Rogério o desligaria, mesmo depois de todo o sacrifício para localizar alguma estação. É curioso como nessas situações as pessoas desligam o rádio, assim como quando estão procurando algum número específico em uma rua.

De qualquer forma, o verme da tensão começava a corroer seu estômago e aquilo não era nada bom. Rogério segurava o volante com tanta força que era possível ver o branco nos nós dos seus dedos. Começou a diminuir a velocidade do carro, mas sabia que existe um limite para redução da velocidade, principalmente em locais com pouca visibilidade. Algum desavisado pode acertar a traseira do seu carro como uma flecha atinge um alvo. Rogério manteve a velocidade de 80 quilômetros por hora.

A chuva aumentou. Os limpadores de pára-brisa, na velocidade mais alta, pareciam estar prestes a saltar do carro, como ratos que abandonam o navio. Definitivamente a situação não estava das melhores. Rogério olhou para o odômetro e viu que ainda faltavam mais de 70 quilômetros para chegar a Monserrat.

Precisava relaxar, mas não estava fácil. A chuva, já extremamente forte, estava ganhando a luta contra o limpador de pára-brisa. As janelas, mesmo praticamente fechadas, faziam com que o interior do carro ficasse totalmente molhado e deixavam o vidro embaçado. O ar, ligado em direção ao vidro, e o desembaçador traseiro não estavam dando conta do recado. O verme da tensão já tomava todo o espaço do estômago e Rogério sentia que ele estava entrando no seu esôfago, em caminho livre e desimpedido em direção à sua garganta.

Rogério passou a mão no vidro para melhorar a visibilidade, mas isso não ajudou quase nada. A visibilidade continuava mínima, de poucos metros. Era como dirigir por instrumentos e a sensação era de que alguma coisa surgiria e o carro se espatifaria instantaneamente. O verme chegara à garganta e isso fez com que Rogério tivesse fortes náuseas. Estava totalmente em pânico, naquelas situações onde a parte razoável da mente sai para um passeio.

Outro carro passou ao seu lado a, pelo menos, o triplo da velocidade em que Rogério estava.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Como esses caras podem andar assim? Eles não estão enxergando mais do que eu, isso é impossível!” – pensou, utilizando um resquício da parte sã da mente, que não demoraria a sair para um passeio também.

Rogério estava trafegando pela pista central de um total de 3 faixas. Tinha medo de ir totalmente à direita e trombar com algum caminhão e não tinha como ir pela faixa da esquerda, que estava sendo utilizada pelos “portadores-de-visão-raio-x”.

O pânico que se instalara em Rogério conseguiu acessar os arquivos da sua mente onde ficavam as informações sobre Joyce e Sílvia. Foi como um vírus de computador para o próprio pânico, que recuou um pouco. As imagens das mulheres da sua vida fizeram com que Rogério se acalmasse um pouco.

Mas a calma não durou muito tempo.

Um enorme caminhão surgiu atrás, jogando sinais de farol alto para que Rogério lhe desse passagem. Rogério abaixou a janela e colocou a mão esquerda para fora do carro, fazendo sinal para que o caminhão o ultrapassasse. Afinal de contas, havia a pista da esquerda para quem quisesse correr.

“Como um caminhão pode querer correr tanto com uma chuva dessas?” – reclamou para o nada. Nessas horas, o nada se torna o melhor amigo de alguém em pânico.

O caminhão ignorou o sinal de Rogério – ou não conseguiu vê-lo – e continuou forçando passagem. Rogério se manteve na pista do meio. O pânico agora estava ainda maior, já que Rogério precisava não só tentar enxergar à frente, como também tomar cuidado com um maluco dentro de um caminhão tentando passar por cima dele.

Rogério viu um sinal de seta e percebeu que o caminhão estava prestes a jogar para a esquerda para ultrapassá-lo.

“Vai, filho da puta, passa logo!” – gritou Rogério com o nada. O nada estava extremamente quieto naquele dia...

O caminhão arremeteu para a esquerda e iniciou a ultrapassagem, passando pelo lado esquerdo de Rogério. Era um grande caminhão-tanque e Rogério deduziu que estava carregando combustível, pelo logotipo impresso no tanque pintado de branco. Quando o último eixo ultrapassou seu carro, Rogério sentiu-se mais aliviado. O caminhão estava alguns metros a sua frente e já começava a desaparecer em meio à forte tempestade que não apresentava sinais de parar.

Após alguns instantes, Rogério ouviu um forte som de freada, seguido pelos característicos sons de lata se chocando contra algo sólido e de vidros estilhaçados. Sua respiração parou por alguns segundos e pôde ver o caminhão tombado rodopiando nas pistas. Em menos de 2 segundos, o combustível do tanque explodiu em uma imensa bola de fogo que aumentava de tamanho. Era como ir para o inferno e ser recebido com fogos de artifício.

Dessa vez teve a sensação de que o coração também parara de bater. Pisou fortemente no freio, mas percebeu que não conseguiria parar o carro sem acertar o caminhão. A 80 quilômetros por hora, precisaria de, pelo menos, 70 metros para conseguir parar totalmente o carro na pista molhada.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rogério sentiu um frio correndo pela espinha, que se espalhou, gélido, por cada ponto do seu corpo. Não havia muito a fazer. Segurou firmemente o volante, abaixou a cabeça e soltou a expressão clássica de quem vê a morte de frente: um “puta que o pariu”, soletrado letra a letra.

O carro inclinou-se para frente e os pneus travaram, deixando um rastro de borracha, mesmo na pista molhada. O som estridente da frenagem tomou conta da parte interna do carro, fazendo com que Rogério esperasse somente pelo momento do impacto. A lâmina d’água formada na pista fez com que o carro perdesse aderência e comesse a rodopiar pela pista. Não se deve frear fortemente sob condições de aquaplanagem. Isso é dito em qualquer curso vagabundo de auto-escola, mas lembrar-se disso enquanto um caminhão está tombado e explodindo na sua frente é algo totalmente surreal.

Outros carros também foram pegos de surpresa, principalmente os que trafegavam em alta velocidade. Sons de batidas foram ouvidos por todos os cantos. Alguns capotaram por cima dos outros e alguns foram de encontro ao caminhão que ardia em chamas.

Era o portal do inferno, em dia de festa.

Os carros explodiam como fogos de ano-novo. O desastre estava feito e Rogério estava no meio do olho do furacão.

Rogério sentiu um forte calor e percebeu que estava atravessando o fogo do caminhão. Toda a cena aconteceu em poucos segundos, mas é impressionante a capacidade da mente de perceber mesmo os pequenos detalhes em uma situação como aquela. Nos momentos de estresse a mente quase sempre fala a verdade.

Rogério percebeu que o impacto estava demorando demais e olhou para a frente. O carro começou a parar aos poucos e, quando olhou para trás, percebeu que havia atravessado o fogo, ileso. Aparentemente o carro conseguira passar pelo caminhão, que estava rodopiando na pista, sem atingi-lo em nenhum ponto. Uma daquelas coincidências que acontecem uma vez a cada cem mil tentativas, talvez duzentas mil. Nunca foi bom em estatística – sempre tirou notas baixas nessa matéria – mas, dessa vez, a estatística parecia funcionar a seu favor.

Ao perceber que estava se distanciando do olho do furacão, Rogério engatou a primeira marcha que conseguiu e acelerou, levando o carro para longe do desastre. Estacionou no acostamento e saiu de dentro do carro, vendo a grande bola de fogo ainda queimando, vivamente, faminta por combustível e comburentes. E havia ambos de sobra no local.

A chuva, apesar de parecer um pouco mais fraca, ainda caía fortemente. Rogério olhou em volta e não conseguiu ver nenhum outro carro. Alguns devem ter conseguido parar, outros explodiram junto com o caminhão e somente ele teve a sorte de atravessar o portal do inferno e voltar para a Terra antes que o diabo espetasse o tridente no seu rabo, pensou.

Olhou em volta do carro. Nenhum arranhão, nenhuma marca, absolutamente nada. Olhou para si próprio e viu também que estava ileso. Passou a mão pelo rosto, tirando o excesso de água e ficou olhando atônito para a explosão.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Escapei por segundos, escapei por centímetros, meu Deus!” – gritou, novamente para o nada.

Rogério começou a andar pelo acostamento, até ver um homem, parado, com as mãos na cabeça, olhando para a bola de fogo e para a cortina de fumaça preta que começava a se formar no local do acidente.

Era um homem alto, cerca de um metro e noventa, aparentando uns 50 anos, cabelos grisalhos e com a barba bem feita. Estava vestindo uma calça jeans e uma camisa azul para fora da calça. Tinha uma mochila pendurada por somente uma das alças no ombro esquerdo. Usava tênis e estava com uma aparência muito assustada pelo que acabara de acontecer.

Rogério aproximou-se do homem e disse:

“Você viu isso?” – aquelas perguntas cretinas, que merecem uma resposta do tipo “não, o quê?”. De qualquer forma, o homem respondeu polidamente:

“Meu Deus, o que aconteceu?”

“Um caminhão passou em alta velocidade. Deve ter derrapado, perdido o controle e acertado alguma coisa. Ele estava carregando combustível, que explodiu.” – Rogério respondeu.

“Como você sabe isso tudo?” – perguntou o homem.

“Eu estava ali no meio. O caminhão ultrapassou meu carro e tombou logo em seguida.”

“E você conseguiu escapar?” – agora era a vez do homem fazer a pergunta cretina.

“Sim, ainda não acredito. Veja só o tamanho do estrago!”

“Bom, muito prazer, meu nome é Roberto.” – apresentou-se o homem, enquanto estendia a mão.

“Prazer, Rogério. Onde você estava quando isso aconteceu?” – respondeu Rogério, apertando a mão do homem.

“Eu estava aqui no acostamento, embaixo de uma árvore. Meu carro quebrou em uma interligação e o socorro o levou de volta para Monte Verde. Mas eu preciso ir até Monserrat, tenho um compromisso por lá. Pedi que me deixassem aqui, para que eu tentasse uma carona.” – respondeu Roberto.

“Uma carona em pleno ano 2008? Faz tempo que está aqui?” – perguntou Rogério.

“Mais de uma hora.” – respondeu o homem, sorrindo – “Os homens não confiam mais uns nos outros. Fiz sinal para alguns ônibus que passaram por aqui, mas nem eles pararam.”

“Duvido mesmo que parassem. Os motoristas têm ordens expressas de não pegar ninguém nas estradas, por medo de assaltos.” – disse Rogério.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Isso é verdade. Mas, de qualquer forma, eu tentei. Ia andando e pedindo carona. Acho que eu vou chegar até Monserrat, andando, e ninguém vai parar para mim.” – sorriu Roberto – “De qualquer forma, ganhei o dia, escapando desse acidente. Imagine se algum desses carros roda para o acostamento e me acerta em cheio?”

“Bom, eu também ganhei o dia.” – respondeu Rogério – “E estou indo para Monserrat. Quer uma carona? Não me custa nada, mas, claro, só se você não for nenhum tipo de assassino psicopata ou coisa que o valha.” – disse, sorrindo. De alguma forma, Rogério sentiu que podia confiar em Roberto.

“Faria mesmo isso por mim?” – perguntou Roberto – “Puxa, nem sei como te agradecer!”

“Não esquente a cabeça. Acabei de nascer de novo, não vou deixar você aqui na beira da estrada debaixo dessa tempestade. E, depois, não acho que você seja algum tipo de psicopata.”

“Não sou mesmo.” – respondeu Roberto – “Pode confiar em mim, amigo. Assim que chegarmos a Monserrat, você me passa seu endereço e telefone e eu te recompenso por essa ajuda.”

“Não precisa. Uma ajuda em momentos difíceis não tem preço.” - disse Rogério – “Vamos lá.”

Rogério e Roberto seguiram em direção ao Fiat, que estava estacionado, intacto, no acostamento. Repousava como um guerreiro que acabara de enfrentar um dragão enfurecido.

Entraram ambos no carro. Roberto ainda bateu os pés do lado de fora do carro, tentando tirar algum vestígio de terra, para não sujar o carro de Rogério.

“Pare com isso, homem. Não se preocupe. O carro já está todo molhado. E a última coisa que vai me chatear hoje é se o carro vai ficar com cheiro de cachorro molhado ou não.” – disse Rogério.

Rogério e Roberto colocaram o cinto de segurança. Rogério ajustou os espelhos retrovisores, deu partida no carro, ligou o sinal de seta para a esquerda, soltou o freio de mão e engatou a primeira marcha. Deu uma última olhada para o local do acidente, que agora apresentava “somente” um incêndio no lugar das enormes bolas de fogo resultantes das explosões iniciais.

Rogério pisou no acelerador e partiu.

O carro seguia suavemente pela estrada em direção a Monserrat. A tempestade havia se transformado em uma leve garoa, mas ainda existiam muitas nuvens carregadas no céu. O

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Sol não queria dar as caras por ali. Os limpadores de pára-brisa estavam na posição intermitente.

Após alguns minutos, Rogério perguntou:

“O que você faz da vida, Roberto?”

“Trabalho como guia turístico aqui na região de Monserrat, Campo Verde e Altos Lagos. E você?” – disse Roberto

“Eu sou gerente de projetos, em uma empresa de informática de Monserrat.” – respondeu Rogério.

“A informática é interessante, não é?” – disse Roberto, enquanto olhava para a paisagem da estrada.

“É um pé no saco, para falar a verdade. Poucos entendem aquela porcaria. Aliás, li em algum lugar que a informática veio para resolver problemas que não existiam antes de ela aparecer.” – respondeu Rogério, sorrindo.

“Eu não entendo absolutamente nada de informática. Meu trabalho é levar as pessoas para conhecer lugares; levar as pessoas aos lugares que escolheram de destino. É isso que eu gosto de fazer.” – disse Roberto, ainda olhando para a paisagem da estrada. As árvores passavam lentamente no horizonte ao lado da estrada e uma placa informava que ainda faltavam pouco mais de 30 quilômetros para chegar à Monserrat.

“Então, meu amigo, você faz parte da maioria da população. Mais de noventa por cento dos que dizem entender alguma coisa de informática não entendem nada, só enrolam.” – respondeu Rogério, rindo um pouco mais alto – “Eu gosto de viajar. Acho muito interessante conhecer outros lugares, mas faz algum tempo que não viajo. Falta de tempo, sabe.”

“Devia ter arrumado algum tempo para viajar. Você não sabe o que perde. Aposto que sua esposa gostaria.” – disse Roberto.

“Como sabe que eu sou casado?” – perguntou Rogério, olhando para Roberto.

“Pela sua aliança. Sou bastante observador.” – sorriu – “Tem filhos?”

“Ah sim, é verdade.” – disse Rogério, um pouco desconcertado, pela desconfiança – “Tenho sim uma filhinha, Sílvia. Tem 5 anos de idade. E você?”

“Não tenho filhos nem sou casado.” – respondeu Roberto – “Meu trabalho nunca permitiu isso.”

“Sempre a falta de tempo, não é verdade? Às vezes acho que o tempo é o que há de mais precioso neste mundo.” – divagou Rogério, enquanto uma placa indicando 25 quilômetros para Monserrat passava ao lado da pista.

“Isso é verdade.” – disse Roberto – “Mas as pessoas também não sabem aproveitar o tempo. Veja o nosso caso. Se um daqueles carros atravessasse a pista e me acertasse no

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

acostamento ou se você tivesse acertado o caminhão em cheio, será que teríamos feito tudo o que gostaríamos na vida? Com certeza não.”

“Não mesmo. Tem muitas coisas que eu ainda não fiz, mas que quero fazer um dia.”

“Pois é, meu amigo. O tempo voa e não há nada que possamos fazer para pará-lo.”

Rogério acelerou mais um pouco, aumentando a velocidade para pouco mais de cem quilômetros por hora. A chuva havia praticamente parado e quase não havia trânsito. Os malucos que estavam correndo haviam conseguido passar pelo local do acidente antes do caminhão tombar. E, com certeza, a pista ainda não havia sido liberada. Dessa forma, era possível andar um pouco mais rápido com segurança. Levariam pouco mais de 20 minutos para chegar a Monserrat.

“Posso ligar o rádio?” – perguntou Roberto.

“Claro, mas duvido que você consiga sintonizar alguma coisa. Essa porcaria tem milhões de funções, mas não consegue captar uma estação de rádio quando o sinal está fraco. Devia ter ficado com o meu velho toca-fitas mesmo.”

“Deixe-me tentar.” – Roberto ligou o rádio e sintonizou uma estação. Uma estação de rádio estava tocando “I never cry”, de Alice Cooper.

“Como você conseguiu isso? Tentei, desde que entrei na estrada, sintonizar alguma coisa e só tinha estática!”

“Estamos perto da cidade. Normalmente o sinal avança um pouco até alguns quilômetros da estrada. Campo Verde tem poucas estações de rádio e todas são muito vagabundas. Em Monserrat as estações são mais numerosas e de muito mais qualidade.”

Uma placa indicava 15 quilômetros para Monserrat. Rogério concordou com Roberto. Ali já seria perfeitamente possível sintonizar alguma coisa.

Foram ouvindo a estação Monserrat Rock FM, 101,1, enquanto Rogério dirigia. A estrada estava calma. Não havia mais motivo para pânico. Era só dirigir como os líderes de uma corrida de Fórmula 1, quando estão na última volta, com uma certa folga para o segundo colocado: com cautela. Nada mais podia dar errado.

E, ao menos, na estrada, realmente não deu...

Pouco mais de 15 minutos depois, e após ouvirem “I never cry”, de Alice Cooper, “Mamma, I’m coming home”, de Ozzy Ousborne, e o clássico “Pet Cemetery”, dos Ramones, Rogério e Roberto finalmente chegaram à entrada de Monserrat.

“Bom, meu amigo,” – disse Rogério – “chegamos em casa. Em que lugar você quer ficar? Me diga e eu te deixo lá.”

“Para onde você vai?” – perguntou Roberto, abaixando um pouco o volume do rádio.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Para casa. Moro na zona norte da cidade. Não vejo a hora de chegar em casa.” – respondeu Rogério, com uma expressão de cansaço no rosto.

“Está ótimo. Faça seu caminho, eu também vou para a zona norte. Você vai passar próximo à avenida 13 de março?”

“Sim, passo por ela e viro logo após o...” – Rogério parou a frase subitamente. Algo soou errado, profundamente errado na sua mente. Parou por alguns instantes e perguntou – “Qual o seu compromisso aqui na cidade, Roberto?”

“Preciso visitar um amigo. Bom, tecnicamente posso dizer que é uma visita.” – respondeu.

Rogério olhou para Roberto e percebeu que durante a viagem toda ele não olhou no seu rosto. Um sentimento estranho – uma mistura de medo e agonia – tomou conta do seu corpo. Um gosto metálico, um tanto ácido, tomou conta da sua boca, enquanto mãos invisíveis – as mãos da ansiedade – pareciam apertar seu estômago. Roberto continuava olhando através da janela, sem desviar a atenção por um só minuto.

Algo estava, definitivamente, errado. Aquele alerta vermelho que nosso cérebro dispara – ao qual os médicos deram o nome de adrenalina – começava a correr cada veia do seu corpo. Sentiu as mãos começarem a suar frio.

Na avenida 13 de março ficava o cemitério da cidade. Rogério havia encontrado Roberto logo após uma cena de destruição, perdido, largado no meio de uma verdadeira tempestade, mas não parecia estar tão molhado quando entrou no carro; só se dava conta disso agora.

Já ouvira dezenas de histórias de fantasmas, mas sempre achou aquilo invenção de pessoas para vender histórias de terror barato. Incontáveis lendas urbanas falavam sobre fantasmas que pediam carona e paravam na porta do cemitério. Fantasmas que queriam fazer um pequeno... turismo! Sim, turismo! E essa palavra gelou Rogério ainda mais.

Estava montando um quebra-cabeça macabro na mente e as peças se encaixavam perfeitamente, como cartilagens em ossos, músculos e tendões, ensangüentados, apodrecidos e amolecidos pela decomposição.

Rogério entrou na avenida 13 de março. Era uma avenida larga, bem pavimentada, separada da via de mão contrária por um belo jardim central. Monserrat era uma cidade bonita e bem cuidada, afinal. Havia quem discordasse, claro, mas a maior parte da cidade estava em boas condições.

A cada metro andado, a uma razão de 50 quilômetros por hora – o limite naquela avenida – Rogério sentia pontadas no estômago. Estava a poucos quarteirões de distância do cemitério. E tinha certeza, lá no fundo da sua alma, que era ali que Roberto queria descer.

O locutor da Monserrat Rock FM informava que tocaria novamente “Pet Cemetery”, a música mais pedida na última hora. Rogério desligou o rádio. Piadinha infame, pensou. Não precisava de piadinhas naquele momento.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rogério já avistava o grande muro branco com faixas azuis do cemitério de Monserrat, além do amplo estacionamento. Estava a poucas dezenas de metros. Roberto estava totalmente calado, impávido, olhando através da janela.

“Eu vou virar logo após o...” – Rogério engoliu em seco – “cemitério, Roberto. Onde você quer que eu te deixe?”

Não teve resposta.

O pânico subia pela garganta, as mãos da ansiedade já haviam triturado seu estômago e subiam em direção ao pescoço, pronto para esganá-lo.

O cemitério surgiu e Roberto disse:

“Pode me deixar aqui, meu amigo. Fico aqui mesmo.”

Rogério não podia acreditar. Uma das lendas urbanas mais famosas estava acontecendo ali, na sua frente, mas, mesmo assim, era algo surreal. Quis seguir, sair dali sem parar, mas não teve coragem. Achou melhor encostar o carro e fazer com que a lenda seguisse seu curso. Ninguém jamais disse o que aconteceria se não parasse onde o fantasma queria e não seria ele quem descobriria aquilo.

Rogério, pálido, encostou o carro e não teve coragem de olhar para Roberto. Roberto virou-se para ele, pela primeira vez durante a viagem, e estendeu a mão.

“Muito obrigado, meu amigo. Você me ajudou muito.” – disse Roberto.

Rogério suava em bicas, como dizia sua avó – uma expressão que ele sempre achou muito engraçada. Olhou para a mão de Roberto e apertou-a. Ambos tinham as mãos geladas, duras como aqueles grandes blocos de gelo vendidos em postos de gasolina.

Rogério olhou para o rosto de Roberto e viu uma face pálida, extremamente branca, com os olhos afundados nas órbitas. Mas foi o tom dourado dos olhos de Roberto que terminou de preencher com pânico as cavidades da alma de Rogério que ainda não haviam sido preenchidas. Era um tom dourado em um par de olhos brilhantes, extremamente vivos em um corpo cadavérico. Uma combinação estranha e mórbida.

Roberto largou a mão de Rogério e saiu do carro, fechando a porta logo em seguida. Rogério quis acelerar e sair correndo, mas ficou paralisado por alguns instantes. Respirou fundo para retomar o controle da mente e saiu do carro. Olhou em volta e Roberto havia sumido.

“Meu Deus! Dei carona para um fantasma!” – gritou. O nada era novamente seu companheiro.

“Espere só até eu contar isso para Joyce, ela não vai acreditar! Vai me chamar de maluco!” – pensou. Sim, queria contar para Joyce aquela experiência bizarra, surreal, mas não contaria nada para Sílvia. Ia aterrorizá-la. Sílvia tinha somente 5 anos; não precisava ouvir uma história tão absurda de fantasmas. Se contasse aquilo para suas amiguinhas, seria alvo de piadas, além de dizerem que seu pai era um bêbado mentiroso.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rogério voltou a gelar. Viu Roberto entrando através dos portões de ferro do cemitério, desaparecendo novamente da sua vista. Resolveu, então, entrar. Tinha que ver até onde ele ia. Sentia que tinha que entrar e visitar o túmulo do seu novo amigo, por assim dizer. Trancou o carro e correu através do estacionamento, em direção à entrada do cemitério. O grande portão de ferro estava aberto, com suas grades em formato de curvas terminadas por lanças apontando para um céu encoberto. A chuva havia parado, mas as nuvens ainda pairavam sombrias sobre a região.

Ao atravessar o portão do cemitério, Rogério olhou para os lados, à procura de Roberto. Nada. Viu uma espécie de uma praça, com uma fonte no meio, onde um anjo segurava um jarro que vertia água na fonte. Olhou em volta da fonte, mas não achou Roberto. Viu somente alguns garotos que passavam por ali, aparentemente animados com alguma coisa. “Como alguém pode se sentir animado dentro de um cemitério?” – pensou.

Olhou para a área onde começavam os túmulos, mas nada de Roberto. Olhou, então, para o lado esquerdo e viu a área onde eram realizados os velórios. Sete salas, distribuídas lado a lado, com um pequeno número na entrada de cada uma e uma pequena placa preta onde se encaixavam letras para formar o nome do falecido.

Rogério voltou a gelar cada centímetro da sua alma. Aquela sensação já estava se tornando comum. Viu Roberto entrando na última sala, a sala 7, dos velórios. Algumas pessoas entravam e saíam da sala. Um velório estava acontecendo ali.

“Ele ainda não foi enterrado. É o velório dele! Meu Deus! Eu dei carona a um homem para o próprio velório!” – pensou Rogério, enquanto corria em direção à sala 7.

Rogério passou apressado pela sala, sem reparar nas pessoas ao redor do caixão. O que interessava a ele era somente Roberto, deitado inerte e frio dentro do caixão, com as narinas tampadas com algodão e com o corpo coberto por flores e um véu. Talvez alguém tivesse colocado um terço em suas mãos rígidas e, provavelmente, devia estar vestido com um terno.

“As pessoas devem achar que o céu é uma grande reunião de advogados, pois quase todos são enterrados vestindo um terno. Por que não uma camiseta? Ou de bermudas?” – esse pensamento passou rapidamente pela mente de Rogério, vindo sabe-se lá de onde. Aquela não era hora para piadinhas de gosto duvidoso.

Rogério sentiu um calafrio ao ver, ao lado do caixão, Roberto, em pé, imóvel, olhando para o próprio corpo. Quando Rogério finalmente se aproximou do caixão, sentiu ondas de pavor e desespero correndo por cada ponto da sua alma.

Roberto não estava olhando para o próprio corpo.

Roberto estava olhando para o corpo de Rogério, deitado no caixão, exatamente como Rogério havia imaginado que Roberto estivesse: com as narinas tampadas com algodão, com o corpo coberto por flores e por um véu e com o terço na mão. E sim, estava vestindo um terno. E, apesar de algumas pequenas escoriações no rosto, ninguém poderia adivinhar que ele tinha sofrido um grave acidente de trânsito.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rogério ficou paralisado, olhando horrorizado para o próprio corpo. Após alguns instantes, olhou de volta para Roberto, que levantou uma mão, apontando para algumas pessoas na sala.

Roberto olhou em volta e viu Joyce, chorando, desconsolada, sendo amparada por amigos e parentes.

“Eu sempre falei para ele tomar cuidado, principalmente em dias de chuva!” – falava, soluçando desesperada, entre lágrimas que vertiam dos seus olhos como água de uma cachoeira.

“Joyce, eu estou aqui, estou bem aqui ao seu lado! Que brincadeira é essa?” – Rogério perguntou, enquanto tentava segurar, em vão, a mão trêmula de Joyce.

Olhou para os lados e viu tios, tias, primos, amigos, todos chorando desconsolados. Para morrer, basta estar vivo. Essa é uma frase clássica. E eterna.

Em um canto, entre lágrimas e soluços, a pequena Sílvia apoiava a cabeça nas mãos, tampando o rosto. Não queria acreditar naquilo que estava acontecendo. Tinha só 5 anos, ainda não havia aprendido a perder alguém. Muito menos alguém tão importante em sua vida.

“Por que aquele caminhão tinha que derrapar, meu Deus? Por que ele tinha que explodir? Por que meu Rogério tinha que estar ali exatamente naquela hora?” – Joyce gritava em prantos.

Rogério sentiu a sala girar. Eram muitas informações ao mesmo tempo. Olhou de volta para o caixão e não viu Roberto ao lado dele. Olhou para a porta da sala e viu Roberto parado, olhando fixamente para ele. Roberto, então, virou as costas e saiu.

Rogério correu em direção à porta, mas não conseguiu mais achar Roberto. Olhou para a placa preta e leu seu nome “Rogério Parnabian”, escrito em letras amarelas de plástico.

Rogério, então, caiu de joelhos, na porta do seu próprio velório e gritou.

Um grito desesperado.

Que ninguém neste mundo poderia ouvir...



“

Hora da descida...

”

COMO UMA PEDRA

COMO UMA PEDRA

A picape preta, com cabine dupla, rodas cromadas e vidros negros, devido a aplicação de filme, estacionou próxima à margem do lago, cujas águas, cristalinas, dançavam suavemente ao sabor do leve vento que passeava despreocupadamente sobre o local.

Era uma tarde agradável de verão, daquelas em que a temperatura está amena, longe das temperaturas insuportavelmente quentes, quando parece ser possível fritar um ovo na calçada. O céu estava azul e algumas poucas nuvens em formato de algodão davam um tom de pintura ao firmamento. Alguns pássaros voavam preguiçosamente, planando e pousando na copa das árvores, que balançavam docemente no ritmo da brisa, derrubando algumas folhas pelo chão.

Outros pássaros ciscavam entre as folhas espalhadas pelo chão, à procura de comida. Formigas carregavam alimento para seus formigueiros. Alguns poucos mosquitos voavam sobre frutas caídas das árvores.

A vida, enfim, acontecia, suave e magicamente, naquela tarde de verão.

Até aquele momento.

As portas traseiras da picape se abriram e, de cada lado, saiu um capanga de “seu Renato”. “Seu Renato”, como era conhecido, era um pseudônimo para Antônio Armando de Rosa e Silva, uma espécie de gângster local, um agiota no termo mais claro, que emprestava dinheiro a juros exorbitantes. Não fazia muito diferente do que os bancos sempre fizeram, com a diferença que seu Renato mandava matar os inadimplentes, por assim dizer.

Os dois capangas, Frederico e Jair, vestiam ternos pretos, alinhados, e tinham pontos eletrônicos para se comunicarem entre si e com a central dos “seguranças” (era assim que eles chamavam a si próprios) de seu Renato.

Ambos eram idênticos a leões-de-chácara, sendo que Frederico era um pouco mais alto que Jair. O pequeno pedaço visível de camisa branca de ambos contrastava com o paletó fechado e a gravata, também preta. Autênticos “MIBs”.

Cássio, que estava sentado no meio dos dois capangas, foi puxado pelo braço, de dentro do carro, por Frederico, e colocado em pé com as mãos algemadas.

Logo em seguida, seu Renato abriu a porta da frente, do lado do carona, e também desceu do carro. Seu Renato olhou em volta, ajustou a roupa e respirou profundamente.

“Ahhhh, que ar puro. E que tarde maravilhosa, não é mesmo, Cássio?” – perguntou.

Cássio não respondeu.

Seu Renato tinha 60 anos, o dobro da idade de Cássio. Tinha vastos cabelos, pintados de preto, já que não gostava da aparência dos fios grisalhos. Seus oitenta quilos estavam muito bem distribuídos pelo seu metro e noventa e cinco de altura, o que fazia com que seu

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Renato estivesse sempre em forma. Estava sempre com a barba bem feita e seus olhos eram incisivos, fundos nas órbitas e com um olhar penetrante, quase hipnotizador. Seu senso de humor era ácido. Tinha fama de não perdoar nenhuma falha, mas sem ser explosivo; estava sempre sereno.

Com seus 30 anos, Cássio tinha cabelos ralos e avançadamente grisalhos para sua idade. Media pouco mais de um metro e setenta e sua forma estava longe de estar tão boa quanto a de seu Renato.

“Por que está tão calado, Cássio?” – perguntou seu Renato, olhando para o lago – “Veja que dia lindo!”

Cássio não respondeu novamente.

“Responda, mosca-morta!” – bradou Frederico, dando um tapa na parte de trás da cabeça de Cássio. O outro leão-de-chácara, Jair, permanecia imóvel, em pé, do outro lado do carro.

“O que quer que eu responda, filho de uma puta? Que sim, está um lindo dia para morrer? Acha que eu não sei o que vocês vão fazer comigo?” – respondeu Cássio.

Frederico fechou o punho direito com tanta força que os nós dos dedos esbranquiçaram imediatamente. Levantou então o braço, preparando um soco que tinha como destino o rosto pálido de Cássio.

“Pode deixar, Frederico.” – disse seu Renato – “Assim é que eu gosto. Gosto de interação, gosto de conversa.”

Frederico abaixou o braço, resmungando algumas palavras ininteligíveis. Era como um ogro ou como se tivessem enfiado um gorila dentro de um terno. Um gorila talvez fosse mais esperto.

“Cássio, Cássio, meu garoto.” – disse seu Renato em um tom extremamente calmo, enquanto se aproximava de um Cássio cujos poros esguichavam adrenalina – “Não fique tão nervoso.”

“É muito fácil ficar calmo, sabendo o que vocês vão fazer comigo!” – interrompeu Cássio, ironicamente.

“Não faremos nada com você que você não queira, meu garoto.” – respondeu seu Renato.

“Então podem me soltar?” – perguntou Cássio, chacoalhando as algemas.

“Não é tão fácil assim, Cássio.” – seu Renato gargalhou profundamente – “Mas vou tentar facilitar. Você só precisa me responder corretamente uma pergunta, meu garoto. Está vendo só? Uma única pergunta e você está livre.”

Cássio abaixou a cabeça. Sabia qual seria a pergunta e sabia que não tinha a resposta correta.

Seu Renato agachou-se e pegou algumas pedrinhas no chão. Segurou-as com a mão esquerda e com a direita atirou-as, uma a uma, no lago, despreocupadamente. Já havia feito

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

aquilo diversas vezes, de forma que aquela situação já havia se transformado em uma espécie de rotina macabra.

“Você tem o dinheiro para me pagar, meu garoto?” – perguntou seu Renato, enquanto jogava a última pedrinha em direção ao lago. Alguns pássaros se assustaram com a pedra e voaram, em uma revoada em direção às árvores.

“Você sabe que eu não tenho.” – respondeu Cássio – “A exposição foi um fracasso. Estou vendo o que eu posso fazer para resolver isso, mas preciso de mais tempo.”

Cássio era um aspirante a pintor. Tomou gosto pela arte ao visitar uma exposição de quadros alguns anos antes. Começou a pintar por hobbie, mas logo quis fazer daquilo o seu ganha-pão. Para isso conseguiu alguns livros, mas o acesso a informações mais valiosas era pago. E aquilo o fez procurar seu Renato, agiota conhecido na cidade, para pedir um empréstimo. Estudaria, compraria materiais e em seguida montaria uma exposição. As duas primeiras partes do plano correram perfeitamente bem, mas a terceira foi um desastre termonuclear. Apesar de terem qualidade, os quadros de Cássio não tiveram uma boa receptividade. A crítica fez duros comentários ao que se referiram como “um amador que organizou uma exposição por conta própria” e “quadros bonzinhos, mas só isso, nada de extraordinário”.

Seu Renato sorriu. Fez um sinal para Frederico, que levantou a mão e desferiu um forte soco na cabeça de Cássio, que caiu de quatro no chão. Frederico, o ogro (ou o gorila, como preferirem), olhou para Cássio e soltou uma risadinha, que dizia claramente “Quem é o filho da puta agora?”. Ogros às vezes também pensam...

“Resposta errada, meu garoto.” – disse seu Renato – “É uma pergunta tão simples, com uma resposta tão fácil. Mas hoje estou de bom humor e vou te dar mais uma chance. Vou fazer a pergunta novamente. Você tem o dinheiro para me pagar?”

“Não, não tenho. Preciso de um pouco mais de tempo. Um mês, no máximo.” – respondeu Cássio, ainda tonto e agachado no chão.

Seu Renato fez outro sinal para Frederico, que chutou fortemente o rosto de Cássio, que soltou um urro de dor e caiu deitado no chão, de bruços, com o sangue escorrendo do nariz e da boca. Um dente foi partido com o impacto do chute e o nariz provavelmente fora quebrado.

“Cássio, Cássio...” – disse seu Renato, enquanto andava em círculos com as mãos nos bolsos da calça – “Como eu posso te ajudar se você não me ajuda?”

Cássio levantou a cabeça e cuspiu um pouco de sangue no chão. Levantou com o rosto já um pouco desfigurado, limpando parte do sangue com as mãos sujas de terra.

“Por que você não vai tomar no seu cú?” – disse Cássio.

Seu Renato fez um gesto para que Frederico não fizesse nada dessa vez.

“Meu garoto, onde você aprendeu esse vocabulário? Isso não é compatível com um artista.” – disse ele.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Eu disse que a exposição foi um fracasso. Perdi muito dinheiro, agora preciso marcar outra para tentar recuperá-lo. Mas preciso de mais algum tempo!” – disse Cássio, intercalando as palavras com algumas cuspidas de sangue.

“Cássio, eu gosto de você. De verdade.” – seu Renato falava com uma calma inacreditável – “Por isso emprestei dinheiro para você algumas vezes. A primeira vez foi porque você queria estudar, lembra? Te emprestei 10 mil reais.”

“E eu paguei. Paguei direitinho.”

“Sim. Na segunda vez, você queria montar o seu ateliê. Te emprestei mais 20 mil reais.”

“E novamente eu paguei. Paguei tudo, centavo por centavo.”

“Sim, eu lembro muito bem. Por isso você teve um crédito maior. E me pediu 100 mil reais, para incrementar seu ateliê e organizar a exposição por conta própria.”

“Eu já disse, tive problemas com a exposição. Não consegui vender um único quadro.”

“Sabe, Cássio.” – seu Renato andava de um lado para o outro, observando os pássaros pousando na água à espera de peixes para almoçar – “Isso me parece aquele clássico golpe. O indivíduo pega um empréstimo, paga direitinho. Pega outro maior e paga novamente. Até que pega um empréstimo realmente grande e dá o golpe, se aproveitando do crédito que conseguiu.”

“Não, isso não é verdade! Nunca tive essa intenção! Não tive culpa do fracasso da exposição!” – dizia Cássio, quase às lágrimas.

“Meu garoto, como eu disse, eu gosto de você. Gosto do seu trabalho, tanto que eu comprei alguns quadros seus, logo no início, lembra? Dois ou três quadros, não me lembro ao certo. Estão no meu escritório. Mas negócios são negócios e preciso do meu dinheiro.”

“E eu preciso de mais tempo, já te disse!”

Seu Renato fez um novo gesto para Frederico que, dessa vez, cobrou um escanteio, utilizando a barriga de Cássio como bola. Cássio expeliu todo o ar dos pulmões com uma forte golfada de ar e ficou dobrado em posição fetal, sem ar para gritar de dor. O mundo girou e ficou preto-e-branco. Sentia como se tivesse levado uma facada ou como se tivesse cuspidado estômago, pâncreas e fígado, todos de uma só vez.

“Cássio, pense comigo. Imagine se todos os meus devedores me pedissem um tempo. Como eu ficaria? Com que moral eu ficaria? Como eu poderia cobrar alguém se eu te deixasse sem me pagar?”

Cássio não respondeu. Virava de um lado para o outro, tentando controlar a dor.

Seu Renato fez, então, um gesto, para que Frederico o colocasse em pé novamente. Frederico, o ogro, puxou Cássio pelo colarinho e o obrigou a ficar em pé. Cássio cambaleou, mas levou um forte tapa no rosto. Após alguns instantes, conseguiu finalmente manter o equilíbrio.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Estava, literalmente, um bagaço. A boca cortada, um dente partido ao meio, o nariz quebrado, diversos cortes e sujeira montavam o cenário desolador do seu rosto. A roupa, suja de terra e sangue, e uma forte dor no abdômen montavam o resto da situação lastimável em que Cássio se encontrava..

“Por que não termina isso logo, então?” – murmurou Cássio.

“O que disse? Fale alto, não consigo ouvir.”

“Por que não termina isso logo, então?” – gritou Cássio – “Não tenho o seu dinheiro e não tenho como consegui-lo agora, preciso de mais tempo.”

Seu Renato gargalhou. Colocou as mãos sobre os joelhos e dobrou seu corpo, gargalhando até ficar com o rosto vermelho.

“Não é assim tão fácil, meu garoto.” – disse, enquanto enxugava as lágrimas de tanto rir.

Cássio não entendeu o motivo da gargalhada de seu Renato.

“Cássio, vamos passear um pouco. Vamos conversar. A tarde está linda, com um sol maravilhoso. Veja o reflexo do sol no lago.”

A vista era realmente deslumbrante. O lago ficava em uma propriedade comprada por seu Renato alguns anos atrás. Aquela batida frase “o dinheiro não traz felicidade” não significava nada para seu Renato. Para ele, se o dinheiro não trazia felicidade, mandava trazer.

Alguns boatos davam conta de que seu Renato utilizava aquele local para resolver negociações “pendentes”, com os clientes que, de alguma forma, não honraram seus compromissos com ele. Negociar com ele era como vender a alma ao diabo. Ainda assim, sempre existem casos de pessoas que dizem ter conseguido reverter pactos, mas não existia nenhum caso de alguém que tenha se saído bem após uma negociação desastrosa com seu Renato...

Uma pequena plataforma, de tábuas de madeira, fora construída sobre o lago. Ela avançava alguns metros, até um ponto onde a profundidade permitia que a lancha de seu Renato ficasse ancorada com segurança. Era uma lancha de porte médio, longe de ser um pequeno barco a motor, mas também longe de ser um iate. Era um meio termo entre os dois.

O lago, que não fora batizado, tinha cerca de 60 quilômetros quadrados, o que o deixava muito longe dos maiores lagos do mundo, apesar de ter um tamanho considerável. Seu Renato o chamava de “piscina particular”. Era um ótimo lugar para andar de barco, pescar, nadar ou mesmo para não fazer nada e ficar somente olhando o vaivém da água e ouvindo o som dos pássaros por entre as árvores.

Mas também era um ótimo lugar para negociações e Cássio sabia daquilo. Já tinha ouvido aquele boato e, agora, tinha certeza de que as lendas urbanas às vezes são reais.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Seu Renato fez um gesto para Jair e outro para Frederico. Os dois capangas estavam tão entrosados com ele que um simples gesto era entendido como uma frase completa, com sujeito e predicado...

Frederico agarrou Cássio pelo braço esquerdo e o empurrou em direção à plataforma de madeira. Seu Renato foi à frente e Jair foi até o porta-malas da picape buscar algumas coisas.

Conforme pisava sobre as tábuas, Cássio ouvia o barulho de madeira estalando. Era como andar na prancha de um navio pirata e, por um instante, sorriu ao imaginar seu Renato com uma perna-de-pau e um tapa-olho. Uma piadinha sem graça feita por um cérebro estressado e cansado, praticamente afogado em adrenalina.

Seu Renato foi o primeiro a entrar na lancha. Era uma bela embarcação, com o casco branco e alguns detalhes dourados e azuis.

Cássio foi empurrado e quase caiu dentro do convés. Virou e fitou Frederico com um olhar gélido. Ia proferir alguma coisa, quando lembrou dos socos e chutes que havia levado. Preferiu ficar, ao menos naquele momento, quieto. “Em boca fechada não entra mosquito”, lembrou o que sua avó sempre dizia.

“Seja bem-vindo à minha modesta embarcação, meu garoto.” – disse seu Renato, com as mãos abertas, mostrando a lancha – “Sinta-se em casa. Eu lhe ofereceria algo para beber, mas tenho o costume de somente oferecer algo ao fechar uma boa negociação. Obviamente que este não é o caso. Não estamos progredindo muito, não é, Cássio?”

Cássio não respondeu nada.

Seu Renato deu um leve sorriso e foi para a parte superior da lancha, onde se localizavam os controles. Frederico empurrou Cássio, que o seguiu.

Da parte de cima da lancha, a vista do lago ainda era mais espetacular. A leve brisa beijava a pálida e assustada face de Cássio e trazia o doce cheiro da água do lago. Ali, sob a luz do sol, a temperatura estava um pouco mais elevada.

A parte de cima tinha alguns vidros na frente, como pára-brisas em um carro conversível. Os controles ficavam no lado esquerdo e tinham o timão, além de uma parafernália de indicadores com ponteiros para todos os lados. Em volta do deck, diversas poltronas estofadas e algumas pequenas mesas redondas, que eram utilizadas para servir alguma bebida, em caso de festa ou de negociações bem sucedidas.

Mas aquele não era um momento de festa. Ao menos, não para Cássio.

Dali de cima, Cássio pôde ver Jair entrando com duas grandes mochilas, que estavam no porta-malas da picape. Aquilo o deixou ainda mais apreensivo.

“Sente-se, Cássio. Vamos dar uma volta.” – disse seu Renato, enquanto colocava o quepe de capitão e se posicionava de frente para os controles.

Na parte de baixo, Jair retirou as amarras da lancha e fez sinal de positivo para seu Renato.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Era hora de navegar...

O motor da lancha gritou e quase imediatamente a colocou em movimento. Seu Renato parecia divertir-se enquanto pilotava aquele brinquedinho de algumas centenas de milhares de reais.

“Cássio, “ – disse seu Renato – “este lago é um dos meus xodós. Assim como essa lancha. Na verdade, Cássio, eu amo tudo o que tenho. Ainda não tenho tudo o que amo, mas disso eu corro atrás. Entende agora um dos motivos pelos quais preciso ser rígido nas minhas cobranças?”

Cássio continuava calado. Olhava em torno da lancha e admirava a beleza do lago. Não fosse pela situação em que estava, aquele passeio seria extremamente agradável. Mas ao invés de sentir o doce aroma da água, sentia o gélido, metálico e putrefato aroma da morte. De alguma forma, Cássio sentia que a morte também estava presente naquele passeio de lancha.

Mas ele estava errado. Não era ali que ela se encontrava...

“De qualquer forma, meu garoto,” – continuou seu Renato – “você ainda terá mais uma chance de responder à pergunta corretamente. Senão você será reprovado e terá que fazer uma prova de recuperação, por assim dizer.”

“Como assim?” - Cássio voltou seu olhar para seu Renato. Não havia entendido a metáfora utilizada por ele.

“Tudo em seu tempo, Cássio. Tudo em seu tempo.” – disse seu Renato, continuando a navegação através do lago.

A lancha cortava impiedosamente a água, deixando um rastro de espuma para trás. O leve sacudir, juntamente com o estresse, deixou Cássio um pouco enjoado. Mas aquele grande cavalo de ferro continuava galopando velozmente sobre a água. A margem do lago e a plataforma ficavam para trás, distanciando-se a cada segundo. A picape já havia ficado pequena e Cássio se perguntava se aquela fora a última vez que andara de carro na vida.

Cem mil reais. Lembrou-se do momento em que assinou a nota promissória, na frente de um seu Renato risonho e brincalhão.

“Esse é meu garoto! Fico feliz em poder ajudá-lo a realizar seus sonhos, Cássio. Aproveite bem esse dinheiro, fique rico e venha me pagar. Essa é a parte mais importante!” – disse seu Renato, à época, enquanto dava um leve tapinha nos ombros de Cássio, que jamais poderia imaginar que estava assinando sua própria sentença de morte.

Cássio foi trazido de volta do porão sombrio e mofado dos pensamentos pelo desligamento do motor da lancha. Havia navegado alguns minutos e estavam chegando ao centro do lago. Com o motor desligado, a lancha diminuía lentamente a velocidade, até parar aos poucos.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Cássio olhou em volta e viu que a lancha estava centena de metros distante da margem. Alguns pássaros sobrevoavam rapidamente o local, enquanto outros voavam em círculos, curiosos com o grande pássaro que havia acabado de parar no centro do lago.

Um forte som metálico correu pela lancha, como se correntes estivessem sendo arrastadas pelo chão de um castelo mal-assombrado. Cássio logo deduziu que era a âncora que acabara de ser solta. Estavam, finalmente, parados.

Seu Renato levantou-se e foi em direção à escada, para descer ao deck inferior. Fez um sinal para Frederico que, novamente, entendeu-o imediatamente e arrastou Cássio pelo braço em direção ao deck inferior da lancha.

Foram em direção à parte traseira, que parecia extremamente confortável. A decoração era suntuosa. Dois sofás ocupavam o lado esquerdo e direito, enquanto que em um dos cantos, um balcão com alguns bancos, onde os passageiros poderiam se servir de todos os tipos de bebida.

Seu Renato foi até o bar e preparou uma dose de uísque com algumas pedras de gelo.

Ao lado do sofá, Cássio viu novamente as duas grandes mochilas e uma espécie de bacia de aço, com cerca de meio metro de diâmetro. Jair estava posicionado ao lado do material, como que esperando alguma nova ordem – em forma daqueles malditos gestos – de seu Renato.

“Cássio, meu garoto. Aqui vai a sua última chance de passar na minha pergunta sem precisar da prova de recuperação.” – disse seu Renato, enquanto tomava alguns goles do seu uísque.

“Provavelmente puro malte, o mais caro que o dinheiro pode comprar.” – pensou Cássio. É engraçado como um cérebro no limite do esgotamento nervoso ainda consegue fazer piadas sem graça.

“Você tem o dinheiro para me pagar, Cássio?” – perguntou seu Renato.

“Não tenho. Eu já disse que não tenho, o que me faria ter o dinheiro agora? Preciso de mais tempo, já te expliquei que tive problemas com a exposição. O que mais você quer que eu faça?”

Cássio cerrou os olhos, esperando uma nova pancada que não veio.

“Resposta errada, Cássio. Eu tentei te ajudar, mas você não quis me ajudar de volta.” – seu Renato sorriu, balançando a cabeça negativamente.

“O que você vai fazer? Vai atirar em mim e me jogar ao mar para os peixes?” – perguntou Cássio, ironicamente.

“Não, Cássio. Isso não teria assim, como eu posso dizer? Graça. Isso. Graça é a palavra correta.”

“Como assim?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Cássio, meu garoto.” – seu Renato aproximou-se e passou o braço em volta do meu ombro – “Você pegou cem mil reais meus e não vai me pagar. Eu tenho que ter algum tipo de compensação, você não acha?”

Cássio não entendeu. O medo começava a apertar-lhe a garganta. Definitivamente, algo ali não estava bom.

“Mas, como eu te disse, gosto de você. De verdade. Acho que você tem muito potencial. Dessa forma, você terá mais uma chance. Se fizer tudo certo, está perdoado. Sua dívida será esquecida e você poderá seguir sua vida.”

“E se eu não fizer?”

“Não acho que você tenha muitas escolhas, meu garoto.”

Seu Renato fez um sinal, dessa vez para ambos os capangas. Frederico colocou Cássio sentado no sofá esquerdo com os pés dentro da bacia de aço, enquanto Jair abriu uma das mochilas e esticou um pedaço de lona no deck da lancha. Pegou um saco de cimento, um de areia e um aditivo especial e esvaziou-os em cima da lona. Por fim, pegou um pouco de água e começou a preparar a mistura.

Ao perceber o que estava acontecendo, Cássio entrou em pânico e tentou levantar-se, mas Frederico desferiu outro soco em seu rosto, que fez com que ele ficasse grogue.

Cássio só conseguiu ver seu Renato aplicando-lhe uma injeção. Não teve tempo de esboçar mais nenhuma reação. Em poucos instantes, dormiu profundamente.

Cinqüenta minutos se passaram e, quando Cássio finalmente acordou, sentiu os pés imobilizados. Demorou alguns instantes para situar-se dos acontecimentos, até que as memórias voltaram de uma só vez, quando como lembramos de algo que devíamos ter feito e não fizemos, com um súbito susto. É como se nossa consciência nos desse um tapa para que voltemos à realidade.

Cássio olhou em volta e viu seu Renato, Frederico e Jair sentados no sofá do outro lado do deck. Tentou movimentar novamente os pés, mas não conseguiu. Estava sentado no sofá e, ao olhar para baixo, viu seus pés imobilizados dentro da bacia de aço, cheia de cimento. Uma cena bizarra, surreal.

“Meu Deus, o que é isso?” – gritou Cássio, com a fala ainda trôpega pelo tranquilizante que havia tomado.

“Olá, meu garoto! Dormiu bem?” – perguntou seu Renato, enquanto levantava despreocupadamente e caminhava em direção a Cássio.

“O que vocês fizeram comigo?”

“Por enquanto, nada, Cássio.” – respondeu seu Renato, fazendo um gesto para cada um dos capangas, que imediatamente levantaram.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Frederico colocou Cássio em pé e soltou suas algemas.

“O que vão fazer comigo? Vão me jogar na água dessa forma?” – gritou Cássio. Sentia o coração bater em cada ponto do seu corpo, fazendo com que o sangue circulasse a uma velocidade tão alta que era capaz de sentir cada gota passando por cada centímetro de suas veias.

Frederico encaixou-lhe um cinto, com duas ferramentas presas a ele: um pequeno martelo e uma pequena talhadeira. Jair colocou-lhe um tipo de mochila, com um cilindro preso a ela. Cássio não conseguia entender o que estava acontecendo.

“Cássio, “ – seu Renato dizia calmamente – “esta é a sua prova de recuperação. Se passar, está perdoado e sua dívida estará paga. É minha forma de recompensa pelo prejuízo que você me causou.”

“Mas o que pretende fazer comigo, seu filho de uma puta desgraçado?”

“Se eu fosse você, não ficaria tão alterado. Isso faz com que seu coração bata mais rápido e posso dizer com toda certeza que você não vai querer que isso aconteça daqui a pouco.”

O desespero começou a abraçar Cássio, como um grande polvo que envolve suas presas com seus tentáculos. Percebeu que os olhos de seu Renato tinham o reflexo da morte, com sua veste negra, sua face cadavérica e suas mãos esqueléticas que empunhavam a implacável foice.

Cássio não conseguia pensar em nenhuma saída.

“Cássio, preste bastante atenção ao que eu vou te explicar.” – disse seu Renato, enquanto tomava mais uma dose do seu uísque puro malte – o mais caro que o dinheiro pode comprar – “Sei que você sabe nadar. Mas sei também que nadar não é o seu passatempo favorito. Você tem... Qual é mesmo aquela palavra, Frederico? Hidrofobia?”

Frederico assentiu com a cabeça.

“Isso mesmo, Cássio.” – continuou seu Renato – “Você tem hidrofobia. E isso é o tempero especial desta minha compensação. Mas eu não sou tão maldoso quanto pareço ser. Não vou simplesmente te jogar na água dessa forma, meu garoto.”

Cássio podia quase sentir a ponta afiada e fria da foice. Um gosto amargo tomou sua boca.

“Esse cilindro que colocamos nas suas costas possui ar comprimido suficiente para respirar durante 15 minutos. Ligado a ele está o regulador, que é o dispositivo por onde você vai respirar. Nesse cinto que prendemos na sua cintura, existe um martelo e uma talhadeira. Está fácil de adivinhar o que você precisa fazer, não está, Cássio?” – seu Renato disse essas palavras com a mesma facilidade de um professor universitário.

Cássio não respondeu. Estava ficando paralisado pelo medo.

“Bom, aposto que você entendeu, Cássio. Você é esperto, meu garoto. Você terá, lá embaixo, 15 minutos para quebrar esse cimento e escapar, antes que o ar acabe. Simples, não? Você não acha simples, Frederico?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Frederico assentiu novamente com a cabeça. Um gorila bem treinado talvez não fizesse melhor.

“Bom, Cássio. Vou te dar mais algumas dicas. Nunca dei essas dicas a ninguém antes, mas como gosto de você, vou te ajudar.” – seu Renato tomou o último gole do seu uísque e continuou – “Você vai descer sem máscara, o que vai prejudicar um pouco a sua visão lá embaixo. A profundidade neste ponto é de cerca de 20 metros, talvez um pouco menos, talvez um pouco mais. Se eu fosse você, tamparia o nariz durante a descida, para que a água não entre nele. Já senti a água entrando pelo nariz, Cássio?”

Cássio continuava paralisado.

“É muito incômodo. Diria desesperador. Mas a descida não é o pior. Uma vez lá embaixo, você terá que quebrar o cimento. Nisso você terá alguma vantagem, pois, apesar de usarmos um cimento de secagem ultra-rápida, ele ainda não está 100% rígido e a água talvez o amoleça um pouco. Eu disse talvez. A tecnologia é algo fantástico, não é verdade? Antigamente precisávamos esperar várias horas pela secagem, hoje algumas dezenas de minutos já são suficientes.”

Cássio ouvia as palavras como se ouvisse um LP tocando em baixa rotação.

“Seu nariz estará em contato direto com a água. Minha avó costumava dizer que o diabo atenta, Cássio. Não tente respirar pelo nariz, isso causará um grande incômodo. E lá embaixo não haverá tempo nem condições para erros. Está me entendendo?”

“Me tire daqui, por favor, pelo amor de Deus!” - Cássio olhava em volta e essa foi a única frase que conseguiu dizer.

“Sei que você está me entendendo, Cássio. Esta pode ser a última aula da sua vida, portanto, preste bastante atenção no professor.” – seu Renato gargalhou. E continuou – “Se eu fosse você, ficaria calmo. Se ficar nervoso, seu coração acelerará. E isso aumentará o consumo de ar. Diria que o tempo diminuiria drasticamente de 15 minutos, para talvez 10. Ou 7. Nunca fui bom em contas, meu garoto.”

Cássio sabia exatamente daquilo. Sabia nadar, mas aprender havia sido um grande sacrifício. O medo sempre fora maior e aprender a nadar foi, talvez, a maior vitória já alcançada por ele. O medo de não ter ar para respirar sempre o acompanhou por toda sua vida e a água representava exatamente essa situação. Ao imaginar o que lhe aconteceria dali alguns minutos, o pânico aumentou ainda mais. Alcançou níveis estratosféricos.

“Uma pessoa normal consegue prender a respiração por 2 ou 3 minutos.” – seu Renato continuou sua aula de mergulho autônomo – “Algumas aberrações, o que não é o seu caso, conseguem segurar por até 10 minutos. Dessa forma, Cássio, se você ficar calmo lá embaixo, você terá cerca de 18 minutos para se libertar e subir de volta à tona. Se você ficar extremamente calmo, o ar pode durar até um pouco mais, caso consiga respirar menos vezes por minuto. Assim, talvez você tenha uns 22 ou 23 minutos.”

“Não faça isso, seu Renato, por favor. Eu vou dar um jeito de conseguir o dinheiro. Me dê mais 10 dias, pelo amor de Deus!” – Cássio suplicou, mas só obteve uma gargalhada de seu Renato como resposta.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Cássio, Cássio. Quando o homem se vê frente a frente com a morte, perde todo o orgulho, não é verdade? Não posso esperar esse tempo todo, meu garoto. Deixe-me continuar as explicações, sim?”

Cássio quase não podia acreditar. Entrou em desespero e começou a chorar, compulsivamente, como uma criança, prestes a largar o colo da mãe e entrar no mundo desconhecido da escola, pela primeira vez.

“Guarda suas forças, Cássio. Você vai precisar delas.” – disse seu Renato, enquanto limpava a garganta para continuar sua aula macabra – “Supondo que você consiga escapar, sugiro que suba devagar. Algo chamado doença descompressiva poderá te causar sérios problemas. Sugiro também que evite gastar todo o ar e prender a respiração para subir. Existe algo chamado embolia traumática que poderia fazer seus pulmões estourarem, meu garoto. E não queremos que isso aconteça, certo?”

“Seu Renato, por favor...” – Cássio tentou argumentar, mas foi prontamente interrompido.

“Aconselho você a me ouvir, Cássio. Eu também tomaria muito cuidado com meus pés, se fosse você. O cimento pode causar sérios problemas tanto à pele quanto à circulação. Sugiro, assim, que você se livre dele o mais rápido possível.”

“Seu Renato, uma semana. É só o que lhe peço. Talvez menos. Mas juro que nesse prazo eu consigo pagar minha dívida.” – Cássio tentou uma última cartada.

“Meu garoto, ainda é muito tempo. Não posso esperar tanto. E também não posso correr o risco de deixá-lo sumir de vista, caso eu desse mais um prazo para você me pagar.”

“Eu não faria isso! Jamais faria isso, seu Renato. Você sabe disso! Já te paguei duas vezes, vou pagar novamente, só preciso de mais alguns dias!” – Cássio sentiu que talvez pudesse reverter a situação.

Mas não pôde.

Seu Renato fez um sinal para Frederico e Jair, que colocaram o regulador na boca de Cássio. Cada um o pegou por um braço e o arrastaram até a borda do deck, na popa da lancha.

Cássio arregalou os olhos, desesperadamente, mas só teve tempo de ouvir a última recomendação de seu Renato.

“Tape o nariz, Cássio. A descida será um pouco turbulenta. Vou aguardar aqui em cima por 30 minutos. Se você escapar, a dívida estará paga, eu te deixo em casa e nada disso terá acontecido. Estou torcendo, de coração, que você escape, meu garoto. O mundo perderia muito, se não tivesse mais um artista como você. Boa sorte.”

Frederico e Jair empurraram Cássio ao mar.

Era hora da descida.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Apesar de ser uma tarde de verão, a água estava fria. Cássio sentiu o choque térmico causado pelo contato da água fria com o calor da pele, que suava e expelia adrenalina e medo por cada poro. Não tinha como boiar. O peso nos pés o puxou diretamente para baixo. A descida havia iniciado.

Como uma pedra...

Cássio tapou o nariz com uma das mãos. Sentia como se o monstro do desespero estivesse agarrado em seu pescoço e a morte segurando sua outra mão. Abriu os olhos e viu somente a imensidão azul do lago, com suas águas claras e cristalinas. A visibilidade estava ótima – dezenas de metros. Seria um mergulho interessante, não fosse pela situação e pelo pânico de água. Hidrofobia. Um nome bonito para um pânico devastador.

Cássio sugou o ar pela boca, através do regulador. Em uma escala de 0 a 10, o pânico havia alcançado o nível 9, mas estacionou ali, quando Cássio sentiu o ar fluir livremente pela sua garganta, apesar da força que o monstro do desespero fazia no local. Olhou para baixo e viu que ainda havia muito o que cair. Olhou, então, para cima e constatou que a superfície ficava, a cada instante, mais longe, mais inacessível.

Quando se tem um inimigo, o mais prudente a fazer é conhecê-lo a fundo. É muito importante conhecê-lo em cada ponto, em cada detalhe e estar sempre uma jogada a frente, em caso de haver necessidade de enfrentá-lo cara a cara.

Isso tudo soa muito bonito, mas é praticamente uma regra o fato de que o inimigo parece estar sempre duas jogadas a nossa frente.

O inimigo de Cássio era a água. A água e sua imensidão. Mas, como todos, Cássio também admirava seu inimigo. A água é bonita, imponente e exige respeito. A inimiga água trazia consigo o verdadeiro motivo do medo: o fato de não se poder respirar nela.

Todo hidrófobo tem, no fundo, o medo de não conseguir respirar. Seja por afogamento ou por qualquer outro tipo de sufocamento, o grande medo é o de não conseguir respirar. Isso acompanha um hidrófobo como um cão guia acompanha um deficiente visual.

Cássio conhecia cada detalhe sobre a água. Sabia exatamente o que devia, o que não devia fazer e o que podia ser feito, em uma situação de emergência. E aquilo o apavorava ainda mais. Sabia que a água não permitia deslizos. É como se sua vida dependesse de acertar um alvo e você tivesse uma única flecha. É acertar ou acertar. Não existe meio termo. Não é como uma prova de escola, onde a professora assinala meio certo em uma questão para não prejudicar o aluno querido. Não é como um jogo de videogame, onde um alerta começa a soar quando o ar do herói submerso falta e, se ele morrer, volta do ponto de partida anterior. Não é como um sonho, onde você se sente sendo tragado para o fundo do mar e acorda, com um susto, vendo que não passa de um nariz entupido pelo resfriado. Aquilo era real. Um perigo imediato. Todos os seus maiores medos não passavam de brincadeira de criança perto daquilo. O maior medo de Cássio, aquele sobre o qual ele tinha pavor até mesmo de ler a respeito, estava ali, a sua frente, cara a cara, mostrando o rosto deformado, os dentes pontiagudos, a língua dividida ao meio, com o sangue escorrendo pelo lado da boca em decomposição.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

E o tempo começava a correr...

Quinze minutos... E contando...

Durante a descida, algumas bolhas de ar subiam, como ratos abandonando o navio. Após alguns instantes, somente o ar expelido pelo regulador de Cássio seguia rumo à superfície.

Cássio chegou ao fundo em pouco menos de um minuto. O impacto foi forte o suficiente para quase derrubá-lo. Só não caiu porque a bacia caiu perfeitamente na posição horizontal. Cássio teve muita sorte de não ter os tornozelos quebrados no momento do impacto.

A luz já não chegava perfeitamente ao fundo e a visibilidade estava restrita a poucos metros – dois, talvez três. Sugou mais um pouco de ar e tentou acalmar-se. Mas não havia tempo para esperar. Não era o momento ideal para praticar yoga.

Os ouvidos de Cássio estavam sofrendo terrivelmente com a pressão exercida pela água. “A cada dez metros de profundidade há um aumento de uma atmosfera de pressão.” Esse era um dos segredos da água e Cássio o ouvia perfeitamente. Talvez fosse seu subconsciente acessando os arquivos empoeirados da sua mente. Talvez fosse a própria morte narrando cada passo dos seus últimos instantes.

Imediatamente Cássio puxou o martelo e a talhadeira do cinto preso à sua cintura. Agachou-se e encaixou-a em um ponto do cimento. Pegou o martelo, levantou-o e movimentou-o em direção à talhadeira.

Mas algo deu errado. Profundamente errado. Cássio não havia se dado conta daquilo. O inimigo estava, afinal, realmente algumas jogadas à frente.

O martelo não se movimentou com a força necessária para acertar a talhadeira. A água o segurou. Era como tentar correr segurando um guarda-chuva aberto.

“Merda! Merda!” – pensou. E o pânico subiu para o nível 9,5. Aquilo o desestabilizou, de forma que um pequeno filete de água entrou narina adentro, forçando Cássio a ignorá-lo e engoli-lo, como se estivesse bebendo água pelo nariz. Sugou o ar um pouco mais forte, para ter a certeza de que ainda podia respirar. Conseguiu, dessa forma, não engasgar com a água que descia tranqüila e friamente pela sua garganta.

Cássio sentiu o coração disparar. “Isso vai aumentar seu consumo de oxigênio.” – dizia seu subconsciente. Ou seria a morte, sentada calmamente em uma pedra alguns metros de distância, somente aguardando para entrar em ação, como um urubu que aguarda o derradeiro suspiro de um animal agonizante. De qualquer forma, precisava acalmar-se. Sugou o ar profundamente através do respirador e tentou acalmar-se. Conseguiu voltar ao nível 9.

Mas o tempo não voltava atrás. E o relógio imaginário continuava correndo, com um tic tac mortal, alinhado perfeitamente às batidas do seu coração.

Era preciso apressar-se.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Em um movimento quase por instinto, Cássio tentou movimentar os pés e uma nova onda de desespero correu seu corpo, centímetro a centímetro. Sabia que não podia mexer os pés, mas nessas horas a necessidade de movê-los é imensa. É como estar com um gesso, após quebrar o tornozelo. Sabemos que ficaremos com o gesso por algumas semanas, mas quando lembramos dele, o desespero pela imobilização começa a bater.

Mas aquele era o menor dos problemas de Cássio naquele momento. Precisava pensar rapidamente em uma forma de martelar aquela talhadeira para livrar-se daquele bloco de cimento.

Cássio teve, então, uma idéia. Não é possível arremessar uma folha de papel aberta no ar, mas é possível fazer um pequeno aviãozinho com ela e arremessá-la a alguns metros de distância. É a resistência do ar, que certamente estava descrita em alguma lei da física.

O martelo tinha a cabeça grande e quadrada. Aquilo fazia com que uma maior quantidade de água tivesse que ser movimentada, fazendo com que a resistência fosse ainda maior. O cabo, no entanto, era redondo e fino. Era feito de madeira, mas de uma madeira dura e resistente.

Cássio empunhou a talhadeira com a mão esquerda e bateu com o cabo do martelo, em posição de bate-estacas. Conseguiu, então, um pouco mais de força, mas a talhadeira não deixou nenhuma marca no cimento. Precisaria de mais força.

Levantou mais o martelo e o baixou com toda a força disponível no momento. Acertou a talhadeira com uma força maior e viu que, dessa vez, uma pequena marca surgiu no grande bloco de cimento preso aos seus pés. Se pudesse vibrar, gritaria a plenos pulmões. Mas ainda era uma pequena cicatriz no bloco de cimento. Sentia-se como se precisasse demolir um prédio de 10 andares usando uma pequena picareta.

“Quantos minutos haviam se passado?” – o subconsciente de Cássio lhe perguntou. Aquilo adicionou um novo tempero à situação: a surpresa. Perdendo a conta dos minutos, o ar poderia acabar a qualquer momento. Cássio não tinha mais noção de quanto tempo ainda lhe restava. Isso exigia atitudes imediatas.

Encaixou, então, a talhadeira na pequena cicatriz do bloco e golpeou-a novamente, com toda a força possível. Ouviu o baque surdo da batida.

“O som se propaga mais rapidamente na água do que no ar, não sabia?” – dessa vez, Cássio teve a certeza de que era a morte sussurrando em seu ouvido.

Sugou mais um pouco de ar e viu que a cicatriz havia aumentado. Passou o dedo para retirar as pequenas pedrinhas que haviam ficado em volta e constatou que o corte devia ter uns 2 centímetros de profundidade. Ótimo, mas ainda era pouco.

Cássio deu uma nova pancada na talhadeira com o martelo, mas dessa vez sentiu o cabo ceder. A madeira, já encharcada, estava amolecendo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Era questão de tempo para o cabo quebrar e, assim, Cássio não teria mais com o que bater. E o corte aprofundou-se somente meio centímetro.

O desespero aumentou e o pânico chegou novamente ao nível 9,5. Após alguns minutos, Cássio só havia conseguido um corte de três centímetros no cimento. Precisaria de dez vezes mais do que isso, mas não tinha dez vezes mais tempo. Nem ferramentas adequadas.

“Há quem diga que a morte por afogamento é uma das piores formas possíveis, se não for a pior.” – dessa vez era o subconsciente de Cássio que sussurrava diretamente no seu cérebro. Já havia lido a respeito disso diversas vezes.

É obrigação de um hidrófobo saber.

É impossível segurar a respiração até a morte. Isso evitaria o terror de aspirar água, mas é impossível de ser feito. É um processo simples. Somos seres humanos. No nosso corpo entram oxigênio e comida. Saem gás carbônico e merda. Ao interromper a entrada de oxigênio, o corpo acumula gás carbônico. Em algum ponto definido pela natureza – o limite aceitável – o sangue torna-se ácido demais e dispara um alerta ao cérebro. Nesse ponto, a respiração é restabelecida, não importa onde a pessoa esteja: sentada em uma cadeira de praia tomando água de côco em frente ao mar de Fernando de Noronha ou no fundo do mar se debatendo para voltar à superfície. O corpo reage para sobreviver.

Simple assim...

E antes que a pessoa entre em coma pela falta de oxigênio, a água entra pelas vias respiratórias e inunda os pulmões, forçando um espasmo, como uma tosse por um engasgo. Isso obriga a pessoa a tragar ainda mais ar. Como ele não existe, mais água é inserida no sistema. E pronto. A cada tossida, mais água, mais desespero e mais espasmos, com mais água e mais desespero. Um fluxograma mortal, sem saída, sem condições “SE”. Segue-se o coma. E a morte. Provavelmente da maneira mais terrível que possa ser.

Cássio também sabia disso. É a política de todo ser humano prudente: “Conheça seu inimigo”. Isso devia ser explicado em todas as escolas.

O coração de Cássio batia desesperadamente. O consumo de oxigênio estava elevado, como um carro antigo desregulado, cujo motor tem um apetite voraz por combustível, com o marcador de gasolina descendo assustadoramente em meio a uma estrada deserta no meio da noite.

Cássio segurou a cabeça do martelo firmemente e golpeou-a diretamente na talhadeira. O corte estava aumentando, mas não o suficiente para quebrar o cimento e liberar seus pés. A água já havia entrado por duas ou três vezes no nariz, obrigando-o a concentrar-se fortemente para não engasgar-se. Estava aprendendo a beber água pelo nariz. Havia visto um mágico fazer isso na TV e quem diria, estava aprendendo a fazer o mesmo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Iniciou um procedimento arriscado. Estava segurando a respiração pelo maior tempo possível, para economizar o ar restante no cilindro. Com o coração disparado, o sangue ficaria rapidamente saturado pelo gás carbônico e iniciaria o processo de respiração automaticamente, caso Cássio não sugasse ar pelo regulador. E o excesso de gás carbônico o deixaria em uma situação de torpor. O cérebro, já inundado pela adrenalina, passaria a receber altas doses de gás carbônico e ficaria confuso. Uma situação alarmante.

Mais algumas pancadas, e Cássio conseguiu aumentar o corte para uma profundidade de uns 15 centímetros, o tamanho exato da talhadeira. Estaria excelente, se a largura do corte não fosse de apenas 1 ou 2 centímetros. Era preciso alargá-lo, para afrouxar o bloco de cimento e movimentar os pés.

Mas já havia se passado 5 minutos.

Alguns peixes nadavam despreocupadamente sobre o local. Alguns paravam e observavam Cássio, com a curiosidade nata dos animais. Era como se observassem e sorrissem, dizendo “De quê vale toda a inteligência, se não conseguem respirar debaixo d’água, não é verdade? Um a zero para nós! Ah ah ah!”

Cássio iniciou uma nova seqüência de pancadas, tentando alargar o corte no cimento e afrouxar o bloco. Sentia a circulação nos pés praticamente estancada. Passou a senti-la também pelo corpo. Um novo tempero era adicionado à mistura: a hipotermia. A água estava fria o bastante para retirar calorias suficientes do corpo, de forma a deixá-lo abaixo do limite tolerável pelo ser humano. E essa situação se aproximava rapidamente. Cássio sentia as mãos endurecidas. Os olhos ardiem; a água estava em contato direto com eles há vários minutos.

O corpo começava a dar sinais de esgotamento.

Passados mais dois minutos, Cássio havia conseguido alargar o corte, mas ainda não o suficiente para liberar os pés. Começou a achar que não seria possível. Começou a imaginar o que faria caso o ar acabasse. Segurar a respiração? Colocar a talhadeira no peito e martelar até acertar o coração? Talvez na cabeça? No pescoço? O cérebro começava a ficar confuso. Sugou mais ar e tentou dissipar aquela idéia na mente. Era preciso concentrar-se, livrar-se daquele bloco. Não podia entregar os pontos.

Outro minuto se passou. E outro. Com uma pancada mais forte, Cássio conseguiu trincar uma parte consideravelmente grande do cimento. Uma nova esperança surgiu e tomou seu corpo, trazendo de volta algum calor.

O entusiasmo, no entanto, o fez sugar água pelo nariz, que o obrigou a tossir violentamente, expelindo o regulador. Em um movimento desesperado, pegou o regulador e o colocou de volta à boca, sugando profundamente o ar. Conseguiu controlar heroicamente a situação. Poderia ter se afogado ali mesmo, naquele momento, restando ainda mais de 5 minutos de ar no cilindro.

Passado o susto, Cássio encaixou a talhadeira perpendicularmente à trinca e golpeou-a violentamente com a cabeça do martelo. Conseguiu abrir um buraco mais largo, próximo

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

ao pé direito. Tentou movimentá-lo e sentiu uma dor lancinante, mas viu que havia um pouco de folga. Forçou um pouco mais o pé. Precisava de mais espaço. Golpeou novamente o martelo contra a talhadeira e uma nova trinca surgiu. Fez uma força hercúlea e conseguiu movimentar o pé direito. Puxou-o violentamente e conseguiu retirá-lo do bloco de cimento.

Cássio sentiu uma dor angustiante e viu uma nuvem vermelha se formar ao redor do pé. O pé havia saído, mas, aparentemente, a pele havia ficado toda colada no cimento. O pé estava em carne viva, mas enquanto estivesse viva era o que importava. A dor era, novamente, o menor dos seus problemas.

Apesar de conseguir respirar pela boca, utilizando o regulador, Cássio sentia uma necessidade quase insuportável de respirar pelo nariz. Precisava concentrar-se em quebrar o bloco de cimento e, ao mesmo tempo, em conter o ímpeto nasal da respiração. Era algo difícil. Era como se a água não pudesse mais esperar pela hora de entrar e como se o nariz estivesse enlouquecido para liberar sua entrada... Uma noiva, em sua noite de núpcias.

Com um pé liberado, Cássio golpeava o bloco para tentar liberar o outro pé. Treze minutos já haviam passado. Restava-lhe pouco mais de dois minutos para liberar o pé esquerdo e subir à superfície.

Mas restava-lhe ainda a doença descompressiva. E Cássio sabia disso. Após respirar algum tempo ar comprimido, um composto de oxigênio e nitrogênio sob pressão, o corpo acumula o nitrogênio no sangue. É como uma grande garrafa de refrigerante. O gás está lá, diluído, mas não se pode ver. Basta abrir a garrafa rapidamente e zás! O gás flui pela tampa como um vulcão em erupção. Se Cássio subisse rapidamente, sentiria o gás ferver em suas veias. Se transformaria em uma grande garrafa de guaraná. Teria, então, que subir lentamente.

“E ainda resta a embolia traumática!” – e dessa vez Cássio teve novamente a certeza de ser a morte quem lhe dizia, sorridente – “Suba rapidamente sem expelir ar e o gás acumulado nos seus pulmões se expandirá, pela diferença de pressão. BUMM! Seus pulmões estouram como balões de festa de aniversário!”

“Maldito seu Renato!!!” – pensou – “Assim que eu escapar daqui, vou dar um jeito de matá-lo! Filho de uma puta desgraçado!” – pela primeira vez esboçou uma reação contra seu Renato. Escapando dali, provavelmente também nunca mais teria medo de água. Alguém certa vez disse que a melhor forma de eliminar o medo do inimigo é enfrentá-lo. Mas esse alguém provavelmente nunca fora jogado no fundo de um lago com os pés presos a um bloco de cimento.

Cássio voltou aos golpes. Não podia perder tempo com aqueles pensamentos. Ainda precisava soltar o outro pé ou viraria comida para peixes. E eles continuavam ali, assistindo tudo de camarote, como que vingando seus colegas que foram pescados e agonizaram dentro de um barco com um anzol atravessando a boca.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Cássio sugou mais ar e sentiu uma onda gélida correr seu corpo. “Meu Deus! O regulador falhou!” – pensou. Tentou novamente e sentiu um pouco de ar entrar pela sua garganta. O regulador estava funcionando bem.

O ar estava acabando.

Sugou mais um pouco de ar e prendeu a respiração. Bateu violentamente contra o bloco de cimento com o martelo e a talhadeira, mas não obteve resultado. Aparentemente, aquela parte estava mais rígida. A Lei de Murphy atacava impiedosamente. É como não conseguir abrir alguma coisa porque o último parafuso espanou. Não há explicação científica para isso. Somente Murphy pode explicar.

O pânico estava se aproximando do nível 10. E aquilo não podia acontecer. Cássio tentou movimentar o pé, sem sucesso. Olhou para o tornozelo e para a talhadeira. Era preciso tentar uma última cartada desesperada. Era a única saída disponível.

Cássio segurou a respiração e mordeu fortemente o regulador. Concentrou-se em não aspirar mais água pelo nariz; não haveria ar suficiente para retomar o fôlego. Encostou a talhadeira no tornozelo, agarrou o martelo, distanciou-o e golpeou a talhadeira com a maior força possível.

Fechou os olhos, mas pôde ver estrelas prateadas cintilando em um céu noturno. A dor chegou ao limite do suportável. Uma nova nuvem vermelha de sangue se espalhou pela água. Deu graças a Deus de estar em um lago e não em um mar infestado por tubarões.

Lágrimas escorreriam pelo seu rosto, se as tivesse. Olhou para seu tornozelo e viu a pele cortada e um pedaço de carne rasgado. Encostou a talhadeira e golpeou-a novamente. Nova pontada de dor. Com o pé gelado pela água e pela falta de movimentos, foi possível suportá-la sem desmaiar.

Olhou novamente. Era possível ver o osso. Precisava quebrá-lo. Encostou a talhadeira e golpeou novamente. Gritaria, se fosse possível. Mas o osso era mais forte. Não foi possível quebrá-lo com aquele golpe.

“Tome seu leitinho, meu filho! Fortalece os ossos!” – a intenção de sua mãe havia sido boa, mas naquele momento era absolutamente dispensável...

Cássio sugou mais ar pelo regulador, mas sentiu que a cada nova sugada, menos ar era fornecido. Estava próximo de acabar, talvez restassem mais uma ou duas grandes sugadas.

Deu uma nova pancada no osso e ouviu um leve estalo. Sugou mais um pouco de ar, com muita força. Restava somente uma nova sugada.

A morte sorria com seus dentes apodrecidos. O fim estava próximo...

Cássio revirou a carne dilacerada do seu tornozelo, a fim de encostar a talhadeira no osso, já trincado. Não podia perder o golpe acertando pedaços de carne e tendão. Era preciso ir

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

direto ao objetivo; diretamente no osso. E ainda assim restaria o outro lado. Teria que cortar seu tornozelo da mesma forma que açougueiros partem um pedaço de pernil.

Controlou a necessidade de respirar, e golpeou a talhadeira com toda a força que lhe restava. O osso partiu ao meio. A nuvem de sangue se espalhava e Cássio abanou a água em volta para tentar dissipá-la. Seu corpo estava preso ao pé por alguns retalhos de carne. Bastava cortá-los e estaria livre, pronto para voltar à superfície.

Já estava há mais de um minuto sem respirar. O corpo mandava sinais de tontura. Segurava a vontade desesperadora de respirar pelo nariz. A boca parecia ter vontade própria para sugar o ar através do regulador. Cássio sabia que precisaria daquele ar restante para emergir.

Apesar da baixa temperatura da água, seu rosto avermelhou-se. As pontas dos dedos das mãos começaram a azular. Estava ficando cianótico. Não conseguiria segurar a respiração por muito tempo, ainda mais com o coração disparado.

Foi quando sugou o ar através do regulador.

Parou por alguns instantes, centésimos de segundos. O suficiente para ver que aquela tinha sido a última oportunidade de sair dali com vida. Sentiu-se como um torcedor ao ver seu time perder o último pênalti durante a final do campeonato. Os jogadores do time adversário correm para o centro do campo, a imprensa invade o gramado, os torcedores gritam. Fim de jogo. Game over. C'est fini.

Encostou, então a talhadeira e, em um movimento desesperado, errou o golpe. A dor foi insuportável e Cássio expeliu parte do ar que havia sugado. Tentou sugar novamente, mas o cilindro estava vazio.

Cássio levou a mão ao nariz, para tapá-lo. Não estava mais agüentando a necessidade de sugar ar pelas narinas. O martelo caiu da sua mão. Cássio tentou, então, nadar, tentando rasgar os pedaços de carne que ainda o prendiam àquele bloco de cimento; o seu túmulo.

Não teve êxito.

Começou a ficar confuso. Estava sem respirar há quase dois minutos. Tentou sugar mais uma vez, mas não havia mais nada dentro do cilindro. Cássio começou a se debater, mas aquilo só serviu para acelerar ainda mais o coração, que bombeava o sangue freneticamente, encharcado pela adrenalina e contaminado pelo gás carbônico. Em poucos instantes, o cérebro daria a ordem da respiração.

Cássio segurou a respiração e continuou tentando soltar-se, em vão.

Três minutos. Três minutos e dez segundos. Três minutos e quinze segundos.

Cada segundo passado equivalia a uma maratona corrida. Não agüentava mais.

Só lhe restava o ar residual.

“O ar residual, Cássio.” – sussurrou-lhe a morte nos ouvidos – “Aqueles dez por cento que temos nos nossos pulmões. É a respiração residual, o último golpe de ar dos afogados. Libere esse ar, Cássio, vamos!”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Cássio segurou a respiração por mais 5 segundos.

E abriu a boca, liberando a última expiração de sua vida.

As bolhas de ar subiram rapidamente em direção à superfície. O cérebro ordenou e a água invadiu as narinas de Cássio, que a sugaram em uma profunda inspiração. O movimento de engasgo foi automático e a tosse, sem som, provocou outro movimento de inalação. Uma nova quantidade de água invadiu não só as narinas, mas também a boca de Cássio. A água tomava seus pulmões e seu estômago.

Cássio se debatia em desespero, mas já não havia mais o que fazer. Tomados por água, os pulmões pararam de realizar as trocas gasosas e a água entraria em instantes na corrente sanguínea.

Cássio ainda se debateu, expirou e inspirou água por mais um minuto.

O minuto mais longo da sua vida.

E era o último minuto...

O organismo de Cássio, então, entrou em colapso, forçando o cérebro a desligar os sentidos. As células começaram a morrer. Cássio entrou em coma e morreu poucos instantes depois.

A mão esquerda largou a talhadeira, que afundou diretamente para o chão. O corpo de Cássio começou a flutuar, em direção à superfície, mas ficou preso, por poucos centímetros da carne do seu tornozelo.

Os peixes olhavam atentamente.

O banquete estava servido...

Na superfície do lago, era possível ouvir o motor da lancha de seu Renato gritando e colocando-a em movimento.

A dívida estava paga...

Passados dois dias, seu Renato estava em sua casa, sentado em seu sofá assistindo televisão.

Seu Renato morava em uma verdadeira mansão, graças aos juros cobrados dos seus clientes. Havia perdido cem mil reais, mas a notícia da morte de Cássio correria rapidamente entre seus clientes e aquilo os fariam pensar duas vezes antes de não lhe pagarem.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Foi um investimento.” – seu Renato disse aos seus capangas – “Perco cem mil, mas evito perder outros tantos. Valeu a pena.”

Seu Renato estava quase adormecendo, enquanto assistia a um filme que passava na televisão. Resolveu levantar-se e ir à cozinha, buscar uma cerveja. Ajudaria a refrescar a garganta. Estava uma tarde extremamente quente, típica de verão. Os raios do sol invadiam a grande sala, com piso de mármore, banhando o chão e as paredes com listras douradas, docemente tecidas pelas persianas das janelas.

Seu Renato atravessou a enorme sala e entrou na cozinha. Foi até o outro lado e abriu a porta da geladeira. Escolheu então uma cerveja e sentiu um cheiro conhecido.

Aquele doce cheiro da água do seu lago. Mas algo estava misturado a ele. Algo podre.

Cheirou o ar dentro da geladeira para tentar descobrir de onde vinha aquele aroma. Revirou algumas gavetas e algumas prateleiras, em busca de algo que estivesse estragado lá dentro, mas não encontrou nada. Fez um sinal de negativo com a cabeça e abriu a cerveja. Após isso, fechou a porta da geladeira.

Ao virar-se, deixou a lata de cerveja cair no chão, estourando em um som metálico e esguichando cerveja pelo bocal. Seu Renato sentiu o coração subir à boca. Se tampasse a boca com a mão, provavelmente a encostaria em seu coração. Ficou pálido e gélido. Não podia acreditar no que estava vendo.

Cássio estava postado, em pé, com o rosto desfigurado e inchado. Os cabelos estavam colados, em mechas disformes. O lado esquerdo do rosto estava dilacerado e uma das cavidades oculares estava vazia. O olho que restara não tinha mais pálpebra e estava arregalado. A roupa estava rasgada, mostrando a pele esbranquiçada e inchada, com uma grande mancha verde no abdômen. O pé estava sem pele, revelando a carne já em decomposição, enquanto o outro pé não existia. A perna terminava em um tornozelo desfigurado, com retalhos de carne pendendo e colados sobre um osso partido, que pingava sangue e água no piso da cozinha.

Seu Renato olhou-o de ponta a ponta e soltou um grito, que ecoou pela cozinha, atravessando a sala.

“Cássio? Não pode ser!” – seu Renato proferiu a célebre frase de quem vê um defunto a sua frente.

Cássio não se movimentou.

Seu Renato deu alguns passos para trás, em direção à porta da cozinha. Cássio continuou parado. Seu Renato, então, correu e atravessou a porta da cozinha. Ao chegar à sala, parou, ofegante, e olhou para trás.

Nada.

Virou-se e deu de cara com Cássio, ou o que restou dele, em pé, na sala.

Seu Renato levou a mão à boca. Aquilo não podia estar acontecendo. Não tinha como. Devia estar sonhando.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Mas não estava.

Cássio esboçou um movimento, mas parou. Abriu a boca e de dentro dela saiu um líquido escurecido e pegajoso; uma mistura de água, muco e entranhas diluídas no suco da morte.

Cássio levantou as mãos, inchadas e esbranquiçadas, com algumas partes do esqueleto já aparecendo. Tentou falar alguma coisa, mas a única coisa que saiu da sua boca foi aquele líquido escuro, aquoso.

Seu Renato correu, tentando fugir.

Mas foi em vão.

No dia seguinte, a polícia encontrou seu Renato morto em sua casa. Estava estirado no chão, deitado de barriga para cima, com os olhos arregalados. Um filete de um líquido incolor escorria pelo canto de sua boca.

Os peritos teriam bastante trabalho para descobrir como os dois pulmões de seu Renato estavam completamente cheios de água. Seu Renato havia morrido afogado, sem nenhuma causa aparente. Levariam muito tempo para emitir uma teoria sobre o que havia acontecido naquela sala. Como alguém pode ficar com os dois pulmões completamente tomados por água e morrer afogado em sua própria sala de estar?

Mas o trabalho, em breve, seria triplicado, pois Cássio visitaria Jair e Frederico.

Frederico ficaria por último.

Pois o melhor deve ficar sempre para o final.



“

No chão, Luciana.
Veja no chão...

”

EMBAIXO DA CAMA

EMBAIXO DA CAMA

Eram cinco horas da manhã. Fernando e Luciana dormiam tranquilamente em sua casa de campo, localizada a mais de 50 quilômetros da área urbana de Monserrat. A casa, com três quartos, sala, cozinha, banheiro, salão de jogos, área de serviços e mais outros cômodos destinados a entulhar dezenas de porcarias, ficava em uma propriedade livre de vizinhos próximos. Exatamente como Luciana sempre desejou.

O quarto de Fernando e Luciana era espaçoso e luxuosamente decorado. A cama, tamanho king size, ficava embutida no guarda-roupas, de oito portas, com um closet de cada lado. A TV de LCD, de 50 polegadas, ficava majestosamente pendurada na parede em frente a cama, transformando o quarto em uma pequena sala de cinema. A cômoda, de madeira rústica, com 6 gavetas – quatro de Luciana e duas de Fernando – ficava na parede do lado esquerdo do quarto e tinha diversos porta-retratos, além de alguns vidros de perfume e uma caixa vermelha, onde Luciana guardava jóias.

Um pequeno lustre em forma de cone ficava pendurado sobre a cama, com uma visão privilegiada das farras noturnas de Luciana e Fernando que, mesmo após 10 anos de casamento, não davam sinais de acabar.

Uma prateleira ficava sobre a cômoda e nela repousavam todo tipo de miniaturas de duendes e bruxas, além de um local para acender incensos, quase sempre odiados por Fernando.

Um split de ar condicionado ficava localizado na parede do lado direito, no alto, logo acima de alguns quadros de aparência duvidosa, nos quais Luciana havia pago, por cada um, pequenas fortunas.

A casa era extremamente grande para somente duas pessoas, mas resolveram comprá-la assim mesmo. Transformaram um quarto em escritório, outro em atelier, além de utilizarem outros locais para depósito de porcarias compradas em acessos de consumismo.

A casa ficava, literalmente, no meio do mato. O único acesso era por uma pequena estrada de terra, que saía da rodovia principal que ligava Monserrat à Campo Verde. Andava-se 40 quilômetros pela pequena estrada, totalmente lamacenta em épocas de chuva, como se estivesse competindo em um rally. Uma nova entrada à direita, mais alguns metros rodados e voilá. Lá estava a grande casa de campo, que havia se tornado a casa oficial de Fernando e Luciana. O apartamento na cidade estava desocupado há um bom tempo.

Na parte traseira da casa, havia um grande descampado, com centenas de metros quadrados. Fernando e Luciana plantaram algumas árvores frutíferas no local, transformando-o em um pomar particular.

Ambos tinham 35 anos e estavam prestes a completar 10 anos de casamento. Casaram-se jovens, mas optaram por não ter filhos. Uma escolha mútua. Abriram mão dos filhos pela liberdade, o que significava poderem andar pelados pela casa ou transar de porta aberta – isso quando não o faziam na sala, no corredor ou mesmo em cima da mesa. Uma eterna vida de adolescentes.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Fernando havia se tornado um escritor bem sucedido alguns anos antes. O dinheiro acumulado lhes permitia fazer algumas extravagâncias, tais como viajar por um mês seguido e, ao retornar para casa, viajar novamente por mais um mês. Ou comprar coisas absolutamente supérfluas, como geladeiras duplex, com controles digitais de temperatura, data e hora, somente para resfriar algumas poucas latas de cerveja. Ou ainda gastar milhares de reais em um quadro com qualidade duvidosa, para pendurá-lo na sala e nunca mais reparar nele.

Passavam a maior parte do tempo viajando e Fernando escrevia seus romances em qualquer lugar, fosse um hotel ou dentro do avião. Luciana se encarregava de gastar o dinheiro, mas Fernando tinha sorte de ganhar mais rápido do que sua esposa era capaz de gastar.

Quando não estavam viajando, ficavam em casa. Iam pouco à cidade e, quando iam, era para abastecer a casa para o próximo período de hibernação, por assim dizer.

Os vizinhos mais próximos estavam a mais de cinco quilômetros de distância.

Era, portanto, um lugar extremamente calmo e silencioso.

Até aquele dia.

“O que foi isso?” – disse Luciana, acordando subitamente.

A cama balançou fortemente. Depois parou. Mais alguns instantes e balançou de novo, chegando a sair do chão e tombar novamente, em um estalo forte, de madeira contra madeira.

Fernando acordou assustado e sentou-se, ainda praticamente inconsciente pelo sono. Os cabelos estavam remexidos, em pé, e o rosto, inchado, tinha marcas em formas de quadrados. Durante o sono, havia se revirado tanto, que estava com o rosto deitado diretamente no colchão.

“O que foi isso o quê?” – perguntou Fernando, tropeçando na própria fala e esfregando os olhos.

“Acho que foi um terremoto!” – respondeu Luciana.

Fernando tateou o lado da cama até achar o interruptor do abajur. Ainda tomado pelo sono, conseguiu localizá-lo e o acendeu, jogando uma luz amarelada em seu rosto, formando sombras disformes nas paredes e no chão do quarto. Levou a mão aos olhos, tapando-os, pelo ofuscamento causado pela repentina mudança na quantidade de luz.

Virou-se e olhou em volta. Nada estava balançando. Ao menos nada no espectro visível pela quantidade ínfima de luz jogada pelo abajur. Olhou para a cômoda, ao lado esquerdo da cama, próxima à porta e viu que nenhum dos inúmeros porta-retratos havia tombado. Os duendes e bruxas, que Luciana tanto gostava, também estavam imóveis sobre uma prateleira logo acima da cômoda, olhando para o nada com as mesmas caras de idiotas de

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

sempre. O lustre, um pequeno cone pendurado por uma corrente prateada, também não balançava. Tudo estava perfeitamente normal.

“Não temos terremoto por aqui, Luciana. O que aconteceu, afinal? Acordei com você berrando.”

“A cama sacudiu. Foi empurrada para cima, você não sentiu?”

“Não senti nada. Você não estava sonhando, não?”

“Claro que não! Você acha que eu não saberia distinguir? Você é que é um anormal. Como consegue dormir enquanto a nossa cama balançava feito uma gangorra?”

“Luciana, meu amor. Escute bem.” – Fernando estava com as costas levantadas, apoiando o seu corpo sobre os cotovelos e os braços paralelos ao corpo – “Volte a dormir. Não está acontecendo nada. Veja as coisas na cômoda e na prateleira. Nada caiu, nada está balançando.”

“Mas eu senti! Estou dizendo que eu senti!”

“Volte a dormir, por favor.” – Fernando olhou para o relógio – “Ainda são cinco da manhã. Não quero acordar antes das dez.”

Fernando virou-se para desligar o abajur, mesmo sob os protestos de Luciana, que não se conformava que ele dormisse sem averiguar o que havia ocorrido. É função dos homens. Um barulho na cozinha e devem levantar-se e ir verificar o que estava ocorrendo, fosse o barulho um ladrão ou um camundongo facínora que resolveu aventurar-se sorrateiramente sobre a louça espalhada na pia com restos de comida.

Certa vez Fernando deu de cara com um pequeno camundongo, que estava sentado sobre as patas traseiras e comendo uma migalha de pão, segurando-as com as patinhas. Ficou parado olhando a cena e imaginando Walt Disney desenhando em seu estúdio e criando Mickey Mouse. Se não fosse escritor e se aquilo já não tivesse sido inventado por Disney, poderia ficar milionário. Bilionário talvez. Achou graça. O pequeno roedor estava tão entretido com seu banquete noturno que não reparou na chegada de Fernando. Ao aproximar-se, deu um salto e saiu em disparada sobre a pia, caindo logo em seguida no chão e correndo em direção à área de serviço. Fernando assistiu a tudo sem mover um único músculo. Jamais teria coragem de matar o pobre camundongo.

“Pense duas vezes antes de voltar aqui, camarada” – pensou consigo mesmo – “Da próxima vez, pode não ser eu quem venha aqui. Daí você vai estar em uma enrascada.”

Não ia levantar-se dessa vez para vasculhar a casa inteira a procura do nada.

Assim que pousou a mão sobre o interruptor do abajur, a cama voltou a balançar. Fernando parou.

“Está vendo? Eu falei! Mas você sempre acha que eu estou louca!” – Luciana gritou.

A cama voltou a sacudir, novamente sendo levantada para o alto e largada logo em seguida. Parou por alguns instantes e recomeçou, sendo arrastada por alguns centímetros.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Luciana sentou-se e fez movimento de descer da cama. Fernando segurou seu braço, impedindo-a de fazer aquilo.

“Veja a cômoda, as prateleiras e o lustre.” – disse, quase sussurrando.

Luciana olhou. Nada estava balançando. Nenhum movimento. Estavam todos inertes.

Luciana olhou de volta para Fernando. “Mas, então, o qu...”

Nova sacudida e, dessa vez, a cama levantou alguns centímetros do chão, caindo violentamente de volta.

“É só a cama.” – disse Fernando – “Nada mais está balançando. Alguma coisa deve estar aqui embaixo.”

“Alguma..... coisa?” – gritou Luciana – “Que tipo de coisa? Um bicho?”

“Não sei, imagino que sim.” – Fernando estava sentado, olhando em volta do quarto.

Os primeiros raios de luz começavam a entrar pela janela, iluminando levemente o quarto. O sol ainda demoraria um pouco a aparecer, mas o dia já começava a lançar seus flashes de luz sobre o mundo.

Luciana estava coberta com um lençol. Descobriu-se e lembrou-se que estava nua da cintura para baixo. Estava vestindo somente uma camiseta. A festinha havia sido boa na noite anterior. Havia se esquecido disso.

“Cadê minha calcinha?” – gritou.

“Pára, Luciana. Pára com isso, pára de gritar, pelo amor de Deus.” – disse Fernando – “Deve estar enroscada no meio dos lençóis.”. Fernando estava vestindo uma camiseta, mas estava com as cuecas no devido lugar.

Fernando revirou os lençóis e encontrou a calcinha de Luciana. Pegou-a e entregou a ela.

“Eu não vou ficar aqui nua enquanto tem alguma coisa debaixo da minha cama!” – gritou.

Como se aquilo fizesse alguma diferença.

A calcinha estava enrolada em torno de si mesma, como acontece quando é desenrolada com pressa, girando sobre as coxas. A festinha havia sido realmente muito boa. Assustada, Luciana começou a desenrolá-la, mas ela escapou de suas mãos e caiu no chão, logo ao lado da cama. Luciana virou-se rapidamente e viu a calcinha caída. Aguardou alguns instantes e como nenhum bicho saiu para inspecionar o que havia acabado de cair, abaixou a mão lentamente para pegá-la.

Assim que Luciana tocou a calcinha com a ponta dos dedos, sentiu algo gelado e viscoso tocando sua mão. Instintivamente, puxou-a de volta e começou a gritar.

“Tira isso de mim! Tira isso de mim!”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Luciana pulou sobre Fernando, enquanto gritava histericamente, mantendo o braço direito esticado e afastado do corpo. Começou a bater as pernas na cama, como se tentasse afastar algo que estivesse grudado a ela. A agitação sobre a cama fez com que novas sacudidas aparecessem. A cama voltou a balançar e ser arremessada alguns centímetros para cima.

“Calma, Luciana! Calma, pelo amor de Deus!” – Fernando afastou-a – “O que aconteceu?”

“Tira isso de mim! Tira!!!! Tira já!!!!!!” – os gritos ficavam cada vez mais histéricos. Se houvesse copos de cristais no quarto, seriam quebrados.

“Tirar o quê, Luciana? O que aconteceu?”

“Uma coisa nojenta pegou minha mão! Uma coisa gelada, melequenta!”

“Não tem nada aqui, Luciana” – Fernando disse, segurando e examinando a mão dela. Quando passou a mão nos dedos de Luciana, no entanto, sentiu algo viscoso. Era transparente e viscoso, uma espécie de muco incolor.

Aproximou a mão de Luciana do nariz e a cheirou. Afastou-a imediatamente. Aquele muco, ou o que fosse, tinha um cheiro horrível, indescritível. Fernando imaginou que seria como cheirar a bunda de um porco, mesmo nunca tendo cheirado uma antes. Ficou nauseado pelo cheiro.

“Meu Deus, Luciana, o que é isso? Onde você colocou essa mão?”

“No seu rabo! Não ouviu o que eu disse? Alguma coisa encostou em minha mão!”

“Calma, Luciana. Fique calma.” – disse Fernando, enquanto limpava a mão de Luciana no lençol, uma atitude que seria prontamente repugnada por ela, não fosse a situação – “Vamos nos acalmar e pensar.”

“Pensar o quê, Fernando? Tem alguma coisa embaixo da nossa cama e, seja lá o que for, tentou me pegar!”

Fernando olhou em volta e colocou o indicador perpendicularmente à boca, fazendo sinal para Luciana calar-se. Após isso, apontou para a entrada do quarto.

A luz do dia começava a ficar mais forte e os primeiros raios de sol atravessavam a grande janela do lado esquerdo da cama, por entre as frestas da cortina, banhando o quarto com uma luz amarelada, típica do sol da manhã.

A luz começava a mostrar detalhes do quarto antes invisíveis pela fraca iluminação do abajur.

Mas, às vezes, é melhor que alguns detalhes não sejam vistos.

Luciana apoiou-se sobre o Fernando e olhou para a entrada do quarto.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Não estou vendo nada, Fernando.”

“No chão, Luciana. Veja no chão.”

Um grande rastro de uma gosma sutilmente esbranquiçada, quase incolor, vinha do corredor, atravessava a porta e ia direto para baixo da cama. Tinha um metro de largura e era mais forte em alguns pontos, como se nesses locais, a criatura, ou o que quer que fosse, tivesse se apoiado com mais força para arrastar-se. Era como um grande caminho de lesma, atravessando o quarto em direção à cama de Fernando e Luciana.

“Meu Deus, Fernando, o que é isso?”

“Não faço a menor idéia. Alguma coisa veio se arrastando pelo corredor e se escondeu embaixo da cama.”

“Coisa? Que coisa, pelo amor de Deus?”

“E eu lá sei, Luciana? Acordei com você berrando e logo depois a cama começou a balançar! Sei tanto quanto você!”

“Eu vou descer daqui, não vou ficar aqui com uma lesma gigante embaixo da cama tentando me pegar.”

“Se eu fosse você, não desceria. Você encostou a mão no chão para pegar a calcinha e essa coisa encostou em você.”

Luciana virou e olhou para o chão. A calcinha ainda estava lá. A coisa não a havia pegado. Ao lado dela, havia a mesma gosma da mão de Luciana e da entrada do quarto. Luciana não teve coragem de tentar pegá-la novamente.

A cama voltou a balançar e sacudir. A coisa deu novas pancadas na parte de baixo, levantando o estrado, o colchão e, por fim, a cama toda a alguns centímetros do chão.

Fernando e Luciana fincaram os dedos no colchão, segurando-se firme, enquanto empalideciam a cada nova pancada.

“Fernando, o que vamos fazer?”

“Não sei, precisamos pensar. O telefone está na sala. O celular também.”

“E vamos ficar aqui até quando? Vamos esperar que essa coisa resolva sair daí debaixo?”

“Tem alguma idéia?” – Fernando perguntou, com aquele tom de “se tem alguma idéia melhor, fale logo”.

“Eu, não! O escritor aqui é você! Você é quem bola as saídas mirabolantes.”

Fernando sorriu – “Ah, sim, é muito fácil. Uma coisa que eu nem imagino o que seja está debaixo da nossa cama. Vamos fazer assim. Vou estalar os dedos e a gente sai voando, ok?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Muito engraçado. Estou falando sério, Fernando.”

“E eu estou fazendo piadas, por acaso?”

Fernando olhou em volta e se movimentou, tentando ver se conseguia ver a coisa. No mesmo instante, a cama voltou a sacudir, ainda mais violentamente. Fernando rapidamente voltou ao lugar que estava.

“Eu vou fazer o seguinte.” – disse – “Vou colocar o pé lentamente no chão. Vamos ver o que acontece. Precisamos chegar à sala para pegar o telefone e ligar para alguém.”

“Para quem, Fernando? Para quem ligaríamos? O que precisamos é matar essa coisa”

“Para a polícia, para os bombeiros, para os caça-fantasmas, sei lá! Mas precisamos ligar para alguém. Não sabemos nem o que está aqui embaixo. E depois, como mataríamos essa coisa? Com seus batons e perfumes?”

“E se você tentasse correr até a sala?”

“Não sei a velocidade dessa coisa. Vou tentar colocar o pé lentamente no chão.”

Fernando virou-se na cama, ficando em posição “de quatro”. A cama sacudiu imediatamente. Fernando, no entanto, manteve-se na mesma posição. Após a cama parar de balançar, Fernando esticou lentamente a perna direita, mantendo-a suspensa no ar, fora da cama. Começou, então, a baixar o pé vagarosamente. O pé ficaria a pouco mais de 40 ou 50 centímetros da cama. Virou a cabeça e, malabaristicamente, olhou para o pé, virado para baixo, pousando suavemente no chão.

O polegar foi o primeiro a tocar o piso de madeira, envernizado e cuidadosamente encerado pela faxineira dois dias antes. O coração batia freneticamente. Podia quase sentir o gosto do sangue passando pela sua garganta. Luciana olhava a cena, com seus belos olhos verdes arregalados. Estava com o cabelo despenteado e a camiseta, única peça de roupa que vestia, a deixava extremamente sexy. Saltaria sobre ela ali mesmo, não fosse pelo intruso embaixo da cama. Mas não eram voyeurs. Gostavam de privacidade.

Após alguns instantes, nada havia acontecido. Fernando resolveu, então, apoiar os cinco dedos do pé no piso, transferindo parte da força e do seu ponto de gravidade para a perna direita. Começou a movimentar a perna esquerda, para apoiar o pé esquerdo no chão. Se conseguisse, levantaria rapidamente e correria em direção à sala, para pegar o telefone e pedir socorro.

Encostou o polegar do pé esquerdo suavemente no chão. Fernando segurava a respiração e Luciana praticamente não se movia. O silêncio era tão absoluto que foi quase possível ouvir o som da unha do polegar tocando a superfície de madeira.

Fernando ficou em posição de flexão, com as palmas das mãos sobre a cama, o abdômen levemente levantado e o restante do corpo esticado, com as pontas dos pés no chão.

Olhou para Luciana e sorriu, como se dissesse “Tudo bem até agora.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Assim que aplicou força nos braços, para levantar o restante do corpo e correr, sentiu algo agarrar seus pés.

“Putá que o pariu! Alguma merda me pegou!” – gritou.

Fernando apoiou as mãos na cama e puxou-se de volta, até que seus joelhos conseguissem tocar a cama novamente. Não conseguia enxergar o que havia lhe agarrado, mas o que quer que fosse, o estava puxando para baixo, causando uma dor lancinante nos tornozelos e uma sensação de ardor intensa, como se estivesse caminhando descalço sobre uma fogueira.

Luciana estava atônita. Vendo a gravidade da situação, segurou os braços de Fernando e começou a puxá-lo de volta para a cama. Esticou, então, o pescoço e conseguiu ver, pela primeira vez, parte da coisa. Dois tentáculos, acinzentados, com aparência viscosa, como se tivessem sido mergulhados em gel para cabelo, haviam agarrado os tornozelos de Fernando. Tinham a grossura de uma cascavel e Luciana pôde ver que estavam aplicando uma força extrema sobre os tornozelos de Fernando, cujos pés começavam a arroxear.

Horrorizada, Luciana largou os braços de Fernando e levou as mãos ao rosto, começando a gritar histericamente.

Fernando segurou-se fortemente aos lençóis, apoiou o joelho e puxou o corpo com toda sua força disponível de volta para a cama. Levantou a perna esquerda e abaixou-a violentamente, acertando um dos tentáculos, que diminuiu a pressão que fazia em seu tornozelo. Com mais um esforço sobre-humano, Fernando conseguiu voltar para a cama. Com as mãos, golpeou violentamente os tentáculos, que o largaram e voltaram rapidamente para baixo da cama.

Fernando estava com os pés arroxeados. Os tornozelos doíam, como se tivessem sido moídos em uma máquina de açougueiro. A pele havia sido arrancada, deixando os tornozelos em carne viva. A dor beirava o insuportável e os lençóis foram tingidos por uma grande mancha de sangue.

“Esse filho da puta tentou comer meu pé! Meu Deus, como dói!!!” – dizia Fernando, com um som abafado pelo rosto virado para o colchão, enquanto se contorcia de dor.

A cama voltou a balançar, sacudir e levantar violentamente.

Fernando começou a desferir socos no colchão.

“Filho da puta! Eu vou te matar, seu desgraçado! Seja lá o que você for, eu vou te matar!”

Luciana chorava copiosamente, com o rosto entre as mãos, sentada sobre os calcanhares.

“O que vamos fazer, Fernando? Meu Deus, o que vamos fazer? Você está bem?”

“Meus pés estão doendo muito. Meu tornozelo está sem pele. Aquela coisa tentou comer meus pés. Ela está só esperando descermos para nos atacar. Já percebeu que quando nos movimentamos, a cama balança? Essa porra é algum tipo de predador.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Mas que tipo? Tem tentáculos, é gosmento. Meu Deus, que coisa é essa, Fernando?”

Dessa vez, Fernando não respondeu. Não tinha a menor idéia do que estava acontecendo e a dor nos pés e tornozelos o impedia de raciocinar sensatamente.

Estavam encurralados.

Durante pouco mais de trinta minutos, a cama não balançou. Fernando arrastou-se nos lençóis e sentou, olhando para seus tornozelos, que pulsavam, vermelhos, embebidos em sangue. Gritariam de dor, se possível. Luciana virou-se e começou a olhar em volta da cama que foi, então, levantada violentamente, caindo em um forte estrondo, seguido de um barulho diferente. Assustador.

Uma ripa se quebrando.

Ambos pararam e se entreolharam. Não haviam pensado naquilo. Por quanto tempo a cama agüentaria ser chacoalhada daquela forma?

Certa vez, em uma de suas festinhas noturnas, o estrado cedeu e o colchão caiu no chão. A festinha não parou, claro, e foi motivo para muitas risadas. Mas dessa vez a situação era alarmante. Se o estrado voltasse a ceder, os dois cairiam diretamente sobre a coisa. Tinham certeza de que não conseguiriam esmagá-la. Não eram pesados e o colchão amorteceria o impacto. A coisa sairia facilmente e os comeria vivos.

Era preciso fazer alguma coisa.

Urgentemente.

Fernando achou o controle remoto da TV no meio dos lençóis. Pegou-o, apontou-o para a grande TV de 50 polegadas e ligou-a.

“O que você vai fazer? Assistir TV agora?” – perguntou Luciana.

“Não, eu quero passar os canais. Me ocorreu uma coisa.”

“Que coisa?”

Fernando fez sinal para Luciana, apontando para a TV. Uma tela preta, com as palavras “SEM SINAL” aparecia em todos os canais. Todos estavam fora do ar.

“O que isso quer dizer?” – perguntou Luciana.

“Que as chances de o telefone também não funcionar são grandes. Essa coisa pode ter destruído as conexões. Não sei, mas algo está errado, profundamente errado.”

“E o que vamos fazer?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Mude o disco, Luciana, por favor. Eu não sei. Não faço a menor idéia do que podemos fazer...” – respondeu Fernando, enquanto apertava a tecla power do controle remoto.

Já passavam das nove horas da manhã. Nos últimos trinta minutos, a cama havia sido sacudida 10 vezes. A cada nova batida, uma nova ripa do estrado cedia. Fernando e Luciana evitavam ao máximo se mover, pois a cada movimento, nova batida. E, a cada batida, uma ripa a menos. A qualquer momento o colchão podia ceder.

“Preciso ir ao banheiro, Fernando” – disse Luciana.

“O quê?” – respondeu Fernando, com uma expressão incrédula no rosto.

“Preciso fazer xixi. Não agüento mais.”

“Faça, ora.”

“Onde?”

“Aqui mesmo, Luciana, onde mais? Ou você quer que eu peça para essa coisa parar de brincar enquanto você vai ao banheiro?”

“Eu não vou fazer xixi na minha própria cama!” – gritou Luciana.

“Então se segure!” – gritou Fernando de volta – “O que você quer que eu faça?”

“Eu não agüento mais segurar, Fernando. Estou me segurando há mais de uma hora!”

“Luciana, vou falar bem claro. Posso soletrar se você quiser, ok? Mije, Luciana. Mije. Entendeu? Não tem como sair da cama, então mije. É a coisa mais fácil do mundo, até um bebê já nasce sabendo mijar. Então, simplesmente, mije.”

“Pra você é muito fácil, mas para mim não é. Não consigo simplesmente mijar sentada em minha própria cama!” – gritou Luciana.

“Então você segura, porra! Ou você mija ou você segura!” – gritou Fernando. Estava perdendo a paciência.

Luciana começou a chorar. Colocou o rosto entre as mãos e começou a chorar descontroladamente. Os cabelos caíam por sobre as mãos e Luciana soluçava.

Fernando aproximou-se dela e a abraçou, afagando carinhosamente seus cabelos.

“Me desculpe, Luciana. Mas eu não sei o que fazer. Estou também estou nervoso. Faça xixi. Esqueça que aqui é nossa cama. Se você quiser, quando conseguirmos sair daqui, compramos tudo novo, ok?”

Luciana abraçou Fernando apertadamente, enquanto soluçava.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Como vamos conseguir sair daqui, Fernando? Como?”

“Eu não sei. Mas precisamos dar um jeito.”

Luciana moveu-se lentamente. Não agüentava mais e precisava realmente fazer xixi. Mas não conseguiria fazer sentada com as pernas dobradas junto ao corpo. Precisava ficar em uma posição mais apropriada. Qualquer movimento mais forte poderia causar uma nova pancada na cama, o que já não acontecia há quase 10 minutos.

“Por que essa coisa simplesmente não pula em cima da cama, Fernando?”

“Não sei. Talvez não seja tão inteligente assim. Talvez só consiga perceber a presa quando ela está no chão.”

Luciana moveu-se até um dos cantos da cama. Apoiou-se sobre ambos os pés e fez força para levantar-se, para colocar-se em uma posição de semi-cócoras.

“Não fique me olhando, Fernando.”

“Por quê? Sempre vi você fazendo xixi.”

“Mas nunca assim, na cama! Olhe para o outro lado, agora!” – gritou Luciana.

A situação forçou Fernando a dar uma risada. Não era sempre que via sua esposa agachada, tentando fazer xixi na cama. Era bizarro. Surreal, mas engraçado.

Fernando virou para o lado, como Luciana queria. Olhou para o chão e viu os raios de sol brilhando sobre o piso de madeira. O rastro gosmento da coisa continuava lá e as marcas da luta contra ela estavam espalhadas pelo chão. Um amontoado de gosma com algumas marcas de sangue misturavam-se em uma sopa nojenta. A visão fazia com que Fernando ficasse enjoado.

“Merda! Eu não consigo!” – bradou Luciana.

“Concentre-se que você consegue.” – respondeu Fernando, ainda sem olhar.

Luciana concentrou-se. Fez alguma força e começou a esvaziar a bexiga.

Fernando apoiou-se sobre o braço direito e esticou o pescoço, tentando enxergar alguma coisa sob a cama.

Foi quando uma das ripas cedeu. Ao forte estalo da madeira cedendo, seguiu-se uma violenta pancada, que derrubou Luciana sentada sobre a cama. Imediatamente, ela levou a mão à barriga, gemendo. O jato de urina foi interrompido, o que sempre causa uma forte dor.

Mas, naquele instante, aquele era o menor dos problemas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A coisa resolveu bater violentamente contra a cama, levantando-a mais de 10 centímetros e jogando-a de volta contra o piso. A parte do colchão virada para a cabeceira da cama cedeu, fazendo com que o colchão ficasse inclinado.

Não havia mais nem um minuto a perder.

“Luciana” – disse Fernando – “acho que tive uma idéia.”

“Fale, pelo amor de Deus.” – respondeu Luciana, ainda com dor e com a bexiga cheia. Não havia conseguido urinar. Quando começou, a maldita coisa golpeou a cama como um lutador de boxe golpeia o saco de areia.

“Eu não tenho condições de correr. Meus pés estão roxos e meus tornozelos estão em carne viva. Mas você consegue.”

“Você está louco! Eu não vou sair correndo daqui com essa coisa atrás de mim.”

“Aí é que está a minha idéia. Ela não vai atrás de você. Vai atrás de mim.”

“Como assim?”

“Luciana, eu vou colocar o pé novamente no chão. Assim que a coisa vier me atacar, você sai correndo para a sala, pega o telefone e sobe no sofá.”

“Não, Fernando, não faça isso. Essa coisa vai matar você!”

“Não vai não. Já escapei uma vez, consigo escapar novamente. Assim que ela tentar me atacar, eu subo de volta para a cama. É o tempo suficiente para você correr e chegar à sala. Além disso, é a nossa única chance. Não podemos ficar aqui esperando essa coisa nos comer vivos.”

“E se o telefone não estiver funcionando?”

“Em cima do sofá, temos aquele sabre pendurado na parede, Luciana. Até que enfim alguma porcaria que você comprou pode ter alguma utilidade.”

“Não estou entendendo.” – Luciana começou a chorar novamente.

“Pare de chorar! Isso é o mais importante agora! Não se descontele, por favor! Se o telefone estiver sem linha, você pega o sabre e volta para o quarto. Acerte o sabre nessa coisa. Ela sente dor, nós vimos. Basta você cortar os tentáculos com o sabre, Luciana.”

“Eu não vou conseguir fazer isso” – gritou ela.

“É bom que você consiga. Ou ambos morreremos.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Está preparada, Luciana?” – Fernando perguntou, já se posicionando, lentamente, para colocar o pé no chão.

“Eu vou correr assim? Nua?”

“Não, meu amor, claro que não, me desculpe. Eu aguardo você vestir uma roupa de gala. Um longo, talvez? Claro que vai, Luciana! Pelo amor de Deus, o que tem isso de mais?”

Luciana soluçou. Seus olhos estavam marejados outra vez.

“Luciana, preste bastante atenção. Só teremos uma chance, entendeu? Uma única chance. Sei lá qual o motivo para essa merda não subir na cama, mas o estrado está cedendo, a cama vai desmontar e o colchão vai despencar no chão. Daí, não teremos outra chance. Portanto, faça tudo certo.”

Simple assim. Uma única chance. Sem possibilidade de errar. Muito simples. E excelente para quem não sabe trabalhar sob pressão, o que era exatamente o caso de Luciana.

Luciana posicionou-se do lado esquerdo da cama, em direção à porta. Fernando estava do outro lado, ficando novamente em posição de flexão. Estava prestes a tocar o piso com a ponta do polegar. Concentrou-se para ignorar a dor latejante que tomava seus tornozelos. Não podia errar.

“Pronto, Luciana. Toquei o chão. Assim que eu gritar, você corre.”

Passaram-se alguns instantes. Nada. A coisa parecia não querer sair. Mas, assim que Fernando fez um movimento um pouco mais brusco com o pé, a coisa lançou um dos seus tentáculos contra o tornozelo de Fernando. Havia provado e apreciado o paladar. A comida estava posta novamente.

“Putá que pariu! Vai, Luciana! Essa merda me pegou de novo!”

Luciana saltou da cama, aterrissando justamente sobre o rastro de gosma deixado pela coisa ao entrar no quarto. O pé derrapou e Luciana escorregou, caindo e batendo fortemente as costas no chão. Tudo o que ela não podia fazer era errar. Mas ela errou.

Fernando abandonou a luta por um instante, assustado com o baque surdo da queda de Luciana.

“Luciana? O que aconteceu...”

Foi surpreendido por outro tentáculo, que o derrubou no chão. Virou-se, tentando lutar contra a coisa, mas era inútil. Fernando arrastou-se para longe da cama. Foi quando a coisa surgiu inteiramente no campo de visão de Fernando.

Era uma grande massa disforme, acinzentada, com pontos pretos espalhados por todo o corpo. Tinha um brilho molhado, causado pela gosma que a cobria por inteiro. Os

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

tentáculos não eram fixos. A coisa arremessava parte do seu corpo, formando uma espécie de braço, em forma de tentáculo. Era semelhante a uma grande arraia, com mais de dois metros de comprimento e com o corpo frio como o de uma lagartixa.

Mas era carnívora.

Luciana levantou-se atordoada pela queda. Demorou alguns instantes para situar-se do que estava acontecendo.

Quando, após alguns segundos, finalmente lembrou-se de tudo, virou e olhou para Fernando.

Olhou a tempo de ver um tentáculo envolvendo a cabeça de Fernando e comprimindo-a ferozmente. O rosto de Fernando arroxeceu e um grito foi abafado. Os olhos saltaram das órbitas. A pele do rosto rasgou, fazendo com que o sangue vertesse no piso de madeira, inundado pela gosma da criatura. Outro tentáculo apertou fortemente seu pescoço.

Luciana pôde ouvir o barulho do pescoço de Fernando quebrando. A criatura, em um único movimento, arrancou a cabeça de Fernando. O sangue vazou, formando uma enorme mancha vermelha. A coisa subiu por cima de Fernando, englobando-o como uma célula engloba um microorganismo em um processo de fagocitose.

Horrorizada, Luciana levantou-se e correu em direção à sala.

O corredor tinha cerca de 10 metros de comprimento. Descalça, Luciana correu, escorregando no rastro deixado pela criatura em seu caminho em direção ao quarto.

Luciana chorava enquanto corria. Fernando estava morto. Não podia acreditar no que estava acontecendo.

Quando chegou à sala, pegou imediatamente o telefone sem fio. Apertou a tecla “Talk”, mas o aparelho estava mudo. Olhou para a ligação na parede e o fio estava intacto. O que quer que tivesse ocorrido havia sido externamente. “O mesmo provavelmente ocorrera com a TV”, pensou.

Luciana esqueceu-se completamente do sabre. Correu em direção à porta e pegou as chaves para abri-la, além das chaves do carro.

Suas mãos tremiam. Segurou fortemente a chave e girou-a na fechadura da porta. Girou a maçaneta, ignorando totalmente o fato de estar nua. Precisava sair dali, fugir. Entraria no carro e procuraria a casa mais próxima.

Ao abrir a porta, arregalou os olhos e abriu a boca para liberar um grito que não saiu. Luciana deixou as chaves do carro caírem no chão. A vontade de urinar passou em um jato quente que escorreu pelas suas pernas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Ao olhar para fora da casa, viu centenas, talvez milhares daquelas coisas, rastejando, soturnamente, em todas as direções. Eram ainda maiores do que a que estava em seu quarto e que devorou seu marido.

Luciana levou a mão à boca. E sentiu um tentáculo envolvendo seu tornozelo.

Virou as costas e viu que a coisa havia saído do quarto. Envolveu sua perna com outro tentáculo e a derrubou no chão. Luciana se debateu, inutilmente.

Um terceiro tentáculo envolveu seu rosto.

Soltou um grito abafado. O último da sua vida.

Um grito que talvez não restasse mais ninguém no mundo para ouvir.



“

Dia difícil ?

”

LADO B

LADO B

Eram oito horas da noite quando o carro do delegado estacionou na rua ao lado do boteco. A chuva era pesada, apesar dos meteorologistas terem dito que o tempo melhoraria. A temperatura havia desabado mais de 10 graus naquela semana. Mas quem entende os meteorologistas? Chove quando dizem que vai fazer sol. E faz um sol de rachar quando você resolve sair com o casaco na bolsa, devido ao frio anunciado para o final da tarde.

Danilo desligou os limpadores de pára-brisa, apagou os faróis e desligou o motor do carro. Apanhou sua carteira que descansava preguiçosamente sobre o console e a enfiou no bolso do sobretudo. Pegou o guarda-chuva, que nunca fora tão usado como naquela semana, e abriu a porta do carro.

Danilo abriu o guarda-chuva e saiu, de dentro do ambiente aquecido, seco e confortável do carro, para a calçada molhada e cortada por um vento gelado, como um bebê que sai do ambiente seguro do útero da mãe para o mundo exterior.

Bateu a porta fortemente, vociferando “Merda de chuva! Será que não vai mais parar de chover?”

Ia trancar a porta do carro, quando a chave escorreu da sua mão e mergulhou diretamente na água que corria pelo meio-fio. Teve vontade de chutar o carro, xingar a chuva e arremessar a chave do outro lado da rua. Mas não teve opção. Levantou o rosto e bufou. Mergulhou a mão na água e apanhou o chaveiro com o emblema da polícia. Girou a chave, trancando o carro e guardou-a no bolso.

“A sexta-feira não podia estar melhor.” – pensou consigo mesmo.

A rua em frente ao boteco estava lotada de carros estacionados, o que obrigou Danilo a estacionar a cerca de 200 metros de distância. Seria pouco, não fosse pela chuva torrencial que caía em Monserrat.

Danilo seguiu pela calçada, desviando das enormes poças formadas por verdadeiras crateras, ignoradas pela prefeitura. Tentava empunhar o guarda-chuva contra um vento feroz, que queria transformá-lo em uma espécie de Mary Poppins.

O guarda-chuva era praticamente inútil. Em dias de tempestade, a impressão que temos é que a chuva vem de todos os lados e não só de cima. É como se a própria calçada “chovesse”, arremessando água de baixo para cima. Não há como não se molhar. É curioso como as pessoas se molham ainda mais tentando não se molhar. Coisas do ser humano...

Após algumas centenas de passos e dezenas de litros de água, Danilo chegou à porta do boteco.

O Boteco do Beto era um barzinho que nada tinha de alta classe. Mas também estava longe de ser um local de baixo nível. Era um local agradável, onde nenhuma criatura em alto grau

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

etílico parava para perturbar a ordem nem onde as prostitutas da cidade ficavam caçando seus clientes, que, normalmente, eram as criaturas embriagadas. É quase uma regra: onde há vagabundos bêbados, há prostitutas. E vice-versa.

Era um ótimo local para um happy hour com os amigos ou para um almoço descontraído de sábado, onde se podia saborear uma, aparentemente, ótima feijoada. “Só Deus sabe o que os donos de boteco colocam na comida.”, havia lhe dito um amigo certa vez. Mas de quê isso importava? Se você fuçar nas cozinhas dos restaurantes, nenhum – mesmo os mais “chiques” – escapa da imundície de algum cozinheiro.

Desenhos de tábuas de madeira haviam sido grafitados na fachada do boteco, a pedido do próprio Beto, o dono do estabelecimento, que queria dar um ar mais rústico ao local. O mau gosto era completado pelas palavras “Boteco do Beto” piscando intermitentemente em luzes néon roxas, vermelhas e azuis.

Logo na porta de entrada, que tinha mais de três metros de largura, um pequeno cozinheiro de madeira, de bigodes largos e com um avental branco com detalhes em vermelho, recebia os clientes, segurando uma lousa em formato de cardápio, onde estava escrito, a giz, o prato principal do dia: “Filé de peixe com arroz e purê de batatas – R\$ 7,00”. Por ser usado um giz vagabundo e o apagador não ser limpo há muito tempo, era possível ver, entre borrões, o cardápio do dia anterior.

Do outro lado da entrada, outro cozinheiro de madeira, desta vez um gordo com olhos esbugalhados, segurava outra lousa empoeirada, onde havia sido colado um adesivo escrito “Boteco do Beto prefere VISA”.

Um grande balcão de madeira, desses típicos de bar, com uma grande vitrine de vidro na frente, – onde garrafas de refrigerante e cerveja jaziam há muito tempo – ocupava toda a área, que ia da entrada até os fundos do boteco. À frente do balcão, dez bancos de madeira, com seus assentos estofados em formato de círculo, enfileiravam-se uns ao lado dos outros, fincados em pequenas colunas de metal, com um pequeno apoio para os clientes apoiarem os pés. A cada dois bancos, havia uma pequena lixeira, posicionada estrategicamente para diminuir a quantidade de papéis sujos pelo chão – estratégia que nem sempre dava certo, visto ser muito mais prático arremessar o papel no chão do que acertar o pequeno espaço do bocal da lixeira.

Na parede, do lado de dentro do balcão, dezenas de garrafas de bebidas alcoólicas, de todos os tipos, empoleiravam-se, exibindo-se para os clientes como modelos em desfile de miss. A maior parte apenas enfeitava o local, visto que quase nunca eram consumidas. Da mesma forma como se acredita ser em um desfile de miss...

Sobre o lado esquerdo do balcão, virada para a porta, uma pequena estufa exibia alguns salgadinhos, tais como coxinhas, risoles e empadinhas, além de alguns pedaços de pizza, com o queijo no limite de se tornar rançoso, e de alguns pedaços de pernil – “O melhor sanduíche de pernil da cidade!!” – dizia um cartaz colado em uma das paredes, seguido pelo preço – “somente R\$ 3,00”. Ao lado da estufa, uma cafeteira fumegava vigorosamente, como um vulcão prestes a entrar em erupção.

No fundo do boteco, pelo lado de dentro do balcão, uma pequena janela dava acesso à cozinha do local. Ao lado, outro cartaz dizia “Conheça nossa cozinha!”. Todo boteco

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

deveria ter um cartaz escrito “Conheça nossa cozinha! E mude seus conceitos sobre comida!”.

O caixa, localizado no centro do balcão, tinha um pequeno suporte de vidro, onde era exibida uma das drogas mais letais – e, no entanto, legalizadas pelo homem: o cigarro. Diversas marcas, em diversas apresentações, cores e, segundo os fabricantes, aromas e sabores, empilhavam-se, disputando a atenção de futuros portadores de câncer, juntamente com um cartaz que informava que “O Ministério da Saúde adverte: fumar pode causar impotência sexual.”. Se a autoria da frase fosse atribuída a alguma torcida organizada de futebol, talvez tivesse um pouco mais de credibilidade.

Uma caixa registradora, modelo 1940, exibia para os clientes um visor mecânico, cujos números, desbotados, não permitiam mais a distinção entre um zero e um oito.

Do outro lado do boteco, diversas mesas de madeira, cobertas por toalhas xadrezes e com um arranjo de temperos – sal, pimenta, vinagre e uma mistura de óleo ao qual chamava-se imponentemente de “azeite” – em cada, alinhavam-se umas às outras, com quatro cadeiras, também de madeira, ao lado de cada uma.

Duas TVs ficavam penduradas em suportes de parede. Uma ficava virada para o balcão e outra para a área das mesas. Ambas, de 20 polegadas, não tinham controle remoto, tinham uma imagem que pendia para tons de vermelho e às vezes precisavam de um bom tapa do lado para que funcionassem corretamente.

Um pequeno biombo separava a área de alimentação da área de “desalimentação”, propriamente dita. Os dois banheiros, separados por sexo, compartilhavam uma única pia e um sabonete gasto, além de um pequeno espelho rachado, pendurado por um prego enferrujado na parede desbotada e com marcas de umidade.

O banheiro feminino, de qualidade superior, tinha uma privada com tábua e tampa, ambas frouxas, papel higiênico – um rolo no papeleiro e outro reserva, pendurado na parede –, um cesto com um saco de lixo dentro e um sistema de descarga em perfeito funcionamento. A lâmpada, fluorescente, iluminava perfeitamente o ambiente, cercado por ladrilhos brancos e com os rejantes embolorados. O banheiro feminino exalava um permanente cheiro ácido de desinfetante, talvez pela dificuldade de uma mulher conseguir urinar no chão.

Já o banheiro masculino, como qualquer outro banheiro utilizado pela versão homem do ser humano, tinha uma privada sem tábua e sem tampa, entupida e com imensas poças de mijo em volta. Em alguns pontos, a urina havia se transformado em lama. Não havia papel higiênico, embora o cesto estivesse sempre cheio de papéis sujos – e sempre desdobrados, como para mostrar a obra de arte ao próximo usuário do local –, além de um sistema de descarga que jorrava água ao redor da caixa. Um cheiro fétido e putrefato emanava do local. A lâmpada, incandescente, pendia do teto pendurada por dois fios desencapados, que só não haviam entrado em curto-circuito pela imensa quantidade de poeira e gordura presa ao cobre.

O chão do boteco era revestido por pisos vermelhos, em formato de pequenos retângulos e estavam, quase sempre, devidamente limpos.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Apesar da aparência grotesca do boteco, a fama da sua comida e dos seus lanches havia se espalhado por Monserrat, trazendo inúmeros clientes, fiéis ao ditado de “quem vê cara não vê coração”. Os ardorosos defensores dos botecos de Montserrat defendiam com unhas e dentes o fato de que os botecos deviam ficar exatamente daquela forma. Segundo eles, qualquer frescura na aparência influenciaria diretamente na qualidade da comida.

Danilo fechou o guarda-chuva, sacudindo-o para retirar o excesso de água. Em dias de chuva, Beto deixava um pano na entrada do boteco, para que os clientes batessem o pé antes de entrar. Danilo secou os pés o máximo que conseguiu e depositou o guarda-chuva em um local próprio, ao lado do balcão, para evitar que o chão ficasse respingado pela água da chuva.

Danilo olhou em volta. Todas as 10 mesas estavam ocupadas. Um casal conversava tranquilamente em uma das mesas, enquanto saboreava uma porção de batatas-fritas e bebia refrigerantes. Em outra mesa, outro casal fazia o oposto. Havia escolhido o boteco para resolver as últimas pendências de um relacionamento falido.

Um grupo de três amigos estava sentado ao fundo, com algumas cervejas e cartas de baralho espalhadas sobre a mesa. Um jogo de pôquer, sem muito entusiasmo dos participantes. Os três olhavam impacientemente para o relógio, como se estivessem esperando um quarto jogador.

Não havia uma área reservada para não-fumantes e uma pequena névoa já começava a pairar sobre o local, deixando o boteco com uma aparência londrina.

Danilo sentou-se sobre um dos bancos do balcão, localizado perto da estufa de salgados. Cumprimentou Beto com a cabeça, enquanto desfazia o nó da gravata e desabotoava os botões superiores da camisa.

“Meu amigo delegado! O que o traz ao meu humilde estabelecimento?” – perguntou Beto, sorrindo por trás dos óculos fundo de garrafa.

Beto era um sujeito tranqüilo. Era tímido, fechado, mas com um humor extremamente ácido, capaz de processar informações em questão de segundos e proferir alguma piada de alto nível sem esboçar um único sorriso. Era também o típico sujeito que tinha respostas para tudo.

O boteco havia sido a última tentativa de Beto conseguir algum sucesso na vida profissional. Ele havia tentado, alguns anos antes, abrir um restaurante, mas não obteve o resultado esperado. Foi à falência em poucos meses. Beto, então, abandonou toda a teoria da administração – aquela bobagem que se aprende em 4 anos de faculdade – para abrir um bar. Após abandonar toda a besteira dos pensadores modernos e utilizar suas próprias teorias de administração, conseguiu transformar o boteco em um sucesso na cidade. Com seus 30 anos, não havia se tornado rico, mas conseguia viver bem, permitindo-se alguns luxos de vez em quando.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Grande Beto, tudo bem com você? Sem formalidades, por favor. Somos amigos.” – respondeu Danilo, enquanto arregaçava as mangas da camisa e as dobrava na altura do cotovelo.

“Dia difícil?” – perguntou Beto, enquanto colocava um cardápio à frente de Danilo.

“Muito. Não só o dia, mas a semana. As semanas, no plural. Em breve, o mês.” – respondeu Danilo, enquanto folheava o cardápio, sem ler uma única palavra – “Me dê uma cerveja, Beto, por favor. Quero mandar esta semana para a puta que a pariu.”

“Pode deixar, Danilo, é para já.” – respondeu Beto sorrindo, enquanto colocava um copo sobre a mesa. Abriu o freezer, pegou uma cerveja, abriu-a com um abridor enferrujado, pendurado por um fio de barbante ao avental, e colocou-a sobre o balcão – “Posso ajudar em alguma coisa?”

“Quem me dera se você pudesse, meu amigo.” – respondeu Danilo. Eram amigos de Boteco. Danilo era 10 anos mais velhos que Beto. Jamais haviam estudado ou jogado uma partida de futebol juntos, mas se consideravam amigos. E uma amizade de boteco é sólida como uma rocha. Pode-se ir a um boteco e, pelo preço de uma cerveja, consultar-se com os melhores analistas, sem ser considerado louco ou mentalmente perturbado. O balcão de um boteco é o melhor divã do mundo. E não é preciso nenhum plano de saúde.

A TV exibia o início do telejornal noturno, com as notícias locais. O apresentador narrava as matérias que fariam parte daquela edição. Uma delas chamou a atenção de Danilo – “Polícia ainda não tem pistas sobre os desaparecimentos ocorridos nos últimos meses em Monserrat.”

Danilo chamou Beto e apontou para a TV – “Viu? Aí está o problema que não me deixa dormir nas últimas semanas.”

“Nenhuma novidade sobre esses desaparecimentos?” – perguntou Beto.

“Nada. Absolutamente nada. Quem está fazendo isso não está deixando pistas.”

“Mas não existe crime perfeito, existe? Pelo menos ouço falar em livros e filmes que sempre há uma falha cometida pelo criminoso.” – perguntou Beto.

“Não, não existe. Mas alguns beiram a perfeição. Doze pessoas desaparecidas nos últimos três meses, Beto. Doze. E nenhuma pista. Nada foi encontrado. Nenhuma peça de roupa, nenhum objeto, absolutamente nada.”

“Imagino que vocês já tenham feito isso, mas vou perguntar mesmo assim. Varreram a cidade inteira à procura dessas pessoas?”

“Sim. Cada centímetro. Cada esquina, cada rua, cada beco. Absolutamente tudo.”

“Já ouvi comentários de que essas pessoas teriam desaparecido no bosque. Não se deve andar por lá, você sabia disso?” – disse Beto, enquanto lavava alguns copos e os deixava no escorredor.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Lendas, Beto. Simplesmente lendas. Não sei como ainda não disseram nada sobre abduções. Basta alguém desaparecer e a polícia não encontrar nenhuma pista para que as pessoas teorizem sobre fantasmas, espíritos malignos e extraterrestres.” – Danilo tomou um grande gole de sua cerveja.

“Bom, mesmo assim, eu não piso naquele bosque.” – respondeu Beto, enquanto entregava um cardápio a outro cliente que havia sentado junto ao balcão.

Danilo sorriu e encheu o copo com as últimas gotas de cerveja da garrafa. Pegou novamente o cardápio e o abriu na parte de sanduíches, a especialidade do boteco.

“Sabe, Beto. O ser humano é um bicho estranho. Eu tenho certeza de que algum maluco por aí está sumindo com essas pessoas. Só Deus sabe o que esse maníaco está fazendo com essas pessoas antes de matá-las.”

“Mas será que estão mesmo mortas? Não poderia ser um tipo de seqüestro?” – Beto encostou-se na parede atrás do balcão e cruzou os braços, pensativo.

“Não. Eu sou delegado há 10 anos, Beto. Conheço exatamente esse tipo de criminoso. Essas pessoas estão mortas. Eu sinto isso. Tenho certeza disso. Apostaria minha vida, se fosse preciso, nessa hipótese. Ninguém seqüestraria tantas pessoas e ficaria tanto tempo sem pedir um resgate.”

“Quando foi que a última pessoa sumiu?”

“Há uns 10 dias. Ele tem uma certa frequência. É a única coisa que eu consegui descobrir até agora.”

“Como assim?” – perguntou Beto, abrindo uma cerveja para outro cliente, e preparando um pedido de uma porção de pastéis para o pessoal da cozinha.

“As pessoas somem sempre em pares, não necessariamente relacionados, e em um intervalo de mais ou menos quinze dias.” – respondeu Danilo, fechando o cardápio.

“Então existe um... qual é o nome mesmo disso?”

“Padrão. Isso mesmo, existe um padrão no desaparecimento dessas pessoas, meu amigo. É assim que os assassinos em série atuam. Com um padrão. E esse padrão tem uma lógica que ainda não descobrimos. Mas, com certeza, para o criminoso, existe uma lógica.”

“Me perdoe pela palavra que vou usar. Mas é curioso, não é verdade?”

“Sim, Beto. É sim. Meu amigo, me traga outra cerveja. E, por favor, me faça um sanduíche também.”

“É para já. Qual você quer?”

“Um X-Tudo. Completo, com tudo o que tenho direito. Não quero só afogar a semana. Quero enterrá-la também.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Enquanto aguardava o sanduíche, Danilo tomava mais alguns goles da cerveja estupidamente gelada que Beto havia lhe trazido. Olhou em volta do boteco e chegou à conclusão de que era aquilo que ele queria. Ter um negócio próprio, ser seu próprio chefe, fazer seus próprios horários. Não precisaria mais lidar com criminosos e pessoas sem escrúpulos.

Pais matando filhos, filhos matando pais. As pessoas haviam perdido totalmente a noção do valor da vida. Matava-se por um chiclete. Por uma roupa. E ele era obrigado a encarar aquelas pessoas e ouvi-las, muitas vezes confessando o crime com uma frieza digna de um iceberg, sem poder fazer nada. Queria poder saltar sobre a mesa, bater naqueles criminosos até a morte.

Mas isso não seria a mesma coisa? Matar um deles não o torna um deles?

Não. Ou sim. Ou não. Era um assunto polêmico e Danilo sabia disso. Jamais poderia admitir o que gostaria de fazer com aqueles criminosos que se dizem seres humanos. Mas talvez o ser humano seja isso. Um ser maligno, medieval, raivoso, rancoroso. Poucos animais matam os da sua própria espécie. Talvez nenhum, exceto o ser humano, o faça com requintes de crueldade.

Alguns chamavam de loucura. E esse era o argumento dos advogados. Insanidade. Mas Danilo sempre dizia “Dê uma nota de cem reais para ele e veja se ele rasga”. Loucos não rasgam dinheiro. Loucos não matam por ciúme. Loucos não matam por dinheiro. Danilo não era psicólogo nem psiquiatra. Mas essa era sua opinião.

A mente humana não passa de um cemitério, construído sobre labirintos escuros, ocos e úmidos, por onde rastejam ratos que roem a sensatez como vermes que corroem defuntos, apodrecendo tudo a sua volta.

E, quando a mente humana apodrece, é como se fizesse um pacto com o demônio, assinado com sangue e enxofre. Um contrato fechado a sete chaves, enterrado nos porões da consciência dominada pela insensatez e pelas futilidades do materialismo.

“Pronto, meu amigo. Aqui está seu sanduíche.”

A voz de Beto e o som do prato batendo contra o balcão trouxeram Danilo de volta da imersão em que se encontrava. Os pensamentos se dissiparam tão rapidamente como vapor de água em uma panela de pressão.

O sanduíche estava com uma aparência ótima, como sempre. O cheiro estava maravilhoso. Danilo levantou a fatia de pão e colocou mais um pouco de catchup e mostarda. Pensou por onde começaria a comer aquele sanduíche. Olhou de um lado, depois de outro. Por fim, agarrou o sanduíche fortemente com as duas mãos e o mordeu, esguichando molho e fatias de tomate e alface.

Era, realmente, um belo sanduíche.

Após comer o último pedaço do seu X-Tudo, Danilo tomou mais alguns goles de cerveja. Soltou um arroto e olhou para fora do boteco. A chuva continuava. Não dava sinais de parar tão cedo.

“Gostou, Danilo?” – perguntou Beto, enquanto retirava o prato e os papéis sujos de cima do balcão.

“Fantástico, como sempre, Beto. Por isso que você tem essa freguesia fiel. O que você faz para esses sanduíches ficarem tão bons?”

“É o meu molho especial. Se as grandes lanchonetes podem ter o delas, eu também posso ter o meu, você não acha?”

Ambos deram uma boa gargalhada. Era bom, enfim, sorrir um pouco após uma semana tenebrosa.

“Só fico imaginando a quantidade de colesterol em um sanduíche desses, Beto.”

“Bom, isso é verdade. Mas, se você ficar pensando nisso, não come nada, não é?” – respondeu Beto, defendendo seu ganha-pão.

“Realmente. Esses sanduíches são perfeitos. Mas esse é o lado B deles.”

“Lado B? O que é isso?” – perguntou Beto.

“É o lado oculto. O lado obscuro. Todos nós temos nosso lado B, meu amigo. Eu, por exemplo, gosto de peidar no elevador lotado, sabia?” – respondeu Danilo, colocando a mão ao lado da boca, disfarçando o que dizia e sorrindo ao mesmo tempo.

Beto deu uma boa gargalhada. “Imagine você em um elevador com o delegado da cidade, quando sobe aquele aroma de pós-morte. Você nunca desconfiaria de um oficial da lei!”

“Todos fazemos alguma coisa errada, Beto. Por menor que seja, sempre fazemos alguma coisa errada. E é nisso que eu aposto. Por trás de alguém nesta cidade, existe um criminoso. E eu ainda vou descobrir quem é o filho de uma puta que está fazendo isso.”

“Sabe, Danilo.” – disse Beto – “Eu já pensei em me mudar. Em ir para longe, em algum lugar calmo, onde a violência não exista. Mas quando tento imaginar um lugar assim, vejo que não existe.”

“Pois é, meu amigo. Você está absolutamente certo. Existem coisas que não podemos mudar. Existem coisas que só podemos tentar nos adaptar. E fazer o possível para que não aconteçam.”

Danilo olhou para o relógio. Já eram onze e meia da noite. Danilo olhou em volta e viu que o boteco já começava a esvaziar. O casal das batatas-fritas já havia ido embora, provavelmente de mãos dadas, prontos para aproveitar mais um final de semana. O casal do relacionamento falido também não estava mais lá. Cada um seguiria seu caminho, sem

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

nunca mais se cruzar novamente. Caso se cruzassem em alguma esquina da vida, fariam de conta que nunca se conheceram.

O jogador que faltava para completar a partida de pôquer havia acabado de chegar e os quatro estavam, agora, em uma animada conversa, rindo e brindando a sabe Deus o quê.

Enfim, a vida continuava, conseguindo Danilo pegar aquele maníaco ou não. Para alguns, a vida acabaria no exato momento em que sua linha cruzasse com a do facínora. Para outros, a vida continuaria até que sua hora chegasse. A de todos chegará algum dia. Alguns mais cedo. Outros mais tarde. Mas foi, é, e sempre será a única certeza do ser humano.

“Bom, Beto. Preciso ir. Já está tarde. E, depois, não pega bem um delegado sair embriagado de um bar para dirigir pela cidade, certo?”

“Seria outro lado B, Danilo.” – respondeu Beto, piscando o olho.

“É verdade. E seria um lado B daqueles.”

Danilo levantou-se, abriu a carteira e pagou Beto. “Fique com o troco”, disse ele.

Andou até o lado do balcão e pegou seu guarda-chuva. Abriu-o e voltou para a calçada, caminhando em direção ao seu carro.

As horas avançaram rapidamente e por volta da uma da manhã, Beto fechou o boteco. Lavou os últimos copos, pratos e talheres. Arrumou as mesas, limpando a sujeira que os clientes haviam feito. Desligou as TVs. Varreu o chão e contou o faturamento do dia. Nada mal para uma sexta-feira chuvosa.

Após o último funcionário sair, Beto pegou uma chave dentro da caixa-registradora e caminhou em direção à cozinha. Nos fundos do boteco, Beto tinha um pequeno frigorífico, onde guardava as carnes, utilizadas nos sanduíches e refeições. Tinha o costume de deixá-lo trancado, para que ninguém bisbilhotasse lá dentro. Ao lado do frigorífico, uma porta dava acesso a um quintal de terra, que Beto jamais quis cimentar.

Beto abriu a porta do frigorífico e entrou. Em um gancho, um esqueleto, ainda contendo um pouco de carne na região das pernas e do dorso, pendia de cabeça para baixo.

Beto pegou um facão que estava sobre a mesa e uma bandeja. Começou a fatiar mais pedaços de carne para o dia seguinte. Afinal de contas, as pessoas chegariam com fome e não poderia faltar comida.

Tudo regado a um molho especial, para disfarçar bem o sabor um pouco diferente da carne humana.

Mas o estoque estava chegando perto do fim.

Em breve, Beto teria que enterrar aqueles ossos no quintal e sair em busca de mais uma ou duas pessoas, para alimentar toda aquela horda de clientes famintos.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Clientes famintos. Todos com seus Lados B, como disse Danilo.”, pensou Beto, enquanto cortava as últimas fatias de carne do esqueleto e as depositava na bandeja.



“

**Pneumonia dupla,
meu rapaz...**

”

ALTA

ALTA

Ainda me lembro exatamente como tudo aconteceu. E isso já faz muito tempo. Setenta anos, para ser mais exato. Hoje estou com noventa anos e aquilo aconteceu quando eu tinha somente vinte. Era 1938 e dali a um ano estouraria a segunda guerra mundial, a maior estupidez já feita pelo ser humano, a não ser pelo fato dele próprio ter se espalhado pelo mundo como um câncer que destrói lentamente um corpo.

Naquele ano, o inverno estava um pouco rigoroso. Ainda não tínhamos estragado o planeta e causado todo o aquecimento global, de forma que os invernos vinham com muito mais força. Eu sempre gostei do frio. Nada em excesso, claro, mas o frio sempre me agradou.

Como eu quase não sentia frio, dificilmente usava casacos ou roupas pesadas. Foi exatamente por esse motivo que eu fiquei internado naquele ano. Pneumonia, diziam os médicos. E diziam com uma expressão nada encorajadora, como se estivessem dando minha sentença de morte. A penicilina havia sido descoberta há 10 anos, mas um antibiótico eficiente contra a pneumonia só foi aparecer depois. Dessa forma, pegar uma pneumonia na década de 30 não era nada animador.

Bom, ainda hoje pegar uma pneumonia não é muito animador. Ainda que existam antibióticos fortíssimos e muito mais eficientes, é uma doença horrível. Você pode se afogar e sufocar em seus próprios fluidos, isso sem contar as dores e a febre. Quando se passa dos oitenta anos, é fácil contrai-la, e extremamente perigoso. Peguei-a novamente quando estava com oitenta e três anos e achei que, daquela vez, iria seguir meu curso. Mas escapei. E aqui estou contando esta história. Quis escrevê-la antes de pegar outra pneumonia ou algo do tipo, que me leve embora e deixe essa história apodrecer junto com o meu cérebro, dentro do meu caixão. Quis, dessa forma, contar, a quem quiser ler, o que me aconteceu naquele período em que fiquei internado no Hospital Central de Monserrat.

Quero deixar bem claro que sempre fui ateu. Não daqueles fervorosos; eu era quase um agnóstico. Eu só acreditava naquilo que era possível ver ou naquilo que era possível provar. Caso contrário, não existia. Era o famoso “ver para crer”.

Muitos me achavam frio, mas era assim que eu pensava. Queria, simplesmente, ter a prova de que algo existia, para que eu pudesse acreditar.

E foi exatamente o que aconteceu naquela enfermaria do hospital, em julho de 1938...

Eu havia chegado ao hospital com muita tosse, febre e falta de ar. Era uma sensação horrível, como se eu estivesse me afogando em pleno ar. A cada acesso de tosse, eu ficava vermelho – não, na verdade roxo –, meus olhos saltavam e eu vomitava tudo o que havia conseguido comer. O cansaço era insuportável. Minha temperatura passava dos 40 graus e eu comecei a ter alucinações. No caminho para o hospital, via luzes piscando à minha volta e tive a sensação de perseguição. Fui praticamente me arrastando e inspirando profundamente o ar em fortes golfadas, que entravam como facas em meu peito.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Naquela época eu trabalhava como vendedor em uma mercearia. Meu chefe me obrigou a procurar um médico. Não era de bom grado um funcionário ficar tossindo nos mantimentos dos fregueses.

Ao chegar ao hospital, apresentei-me à recepção. Era um local simples, porém limpo, ao menos até onde se podia ver. Eu não tinha condições para pagar um atendimento particular e planos de saúde estavam absolutamente fora de cogitação naquela época. Assim, procurei o Hospital Central, um hospital público, mas que era com o que eu podia contar. E, na situação em que eu me encontrava, não podia me dar ao luxo de ficar escolhendo muita coisa.

Apesar de público, o hospital possuía uma entrada imponente. Uma grande parede de granito delimitava uma grande porta frontal. A recepção ficava logo na entrada e os atendentes, vestindo um uniforme azul claro, sentavam-se atrás do balcão de mármore escuro. “Um bom uso do dinheiro público”, pensei sarcasticamente.

Ao lado esquerdo, grandes bancos de madeira maciça, bonitamente envernizados, enfileiravam-se, servindo de local de espera para dezenas de pessoas com os mais variados tipos de problemas. Uma grande janela de vidro iluminava a sala, banhando os bancos com raios dourados de sol. Em épocas de verão, o local era tão quente como o inferno, enquanto no inverno podia ficar tão gelado quanto o coração de um assassino.

Ao lado direito ficava uma porta dupla, pintada de branco e com uma pequena janela redonda de vidro, que dava entrada à área dos consultórios. Ao lado dessa porta havia um comprido corredor, que levava para a área dos quartos e das salas de exames.

Pendurados nas paredes de granito, diversos quadros exibiam-se para os pacientes, que nunca lhes davam a atenção devida. Se há algo totalmente dispensável em um hospital, são quadros.

Algumas luminárias penduravam-se pelo teto, mas ficavam a maior parte do dia desligadas. Conforme a luz natural ficava precária, as luzes eram acesas.

Aproximei-me da recepção, ainda puxando o ar como alguém que acabara de acordar no meio da noite com uma crise de refluxo gástrico. Se você ainda não teve uma dessas, não queira tê-la. Quando se tem noventa anos, essas crises são comuns e você se vê obrigado a dormir quase sentado. Caso contrário, o suco gástrico do seu estômago volta pelo esôfago e invade a laringe. Está formado o cenário do caos respiratório.

Assim que me aproximei, uma atendente afastou-se. Estava com medo da tuberculose. Até então, eu não havia pensado naquilo. Para mim, era somente uma gripe forte. Um outro atendente puxou uma máscara e tapou o rosto, enquanto começava a me fazer algumas perguntas.

“Pois não?” – perguntou ele, com a voz abafada pela máscara. Tive vontade de rir, pois o infeliz parecia um dentista em um desenho do Popeye, com aquela roupa e aquela máscara, mas rir estava fora de cogitação. Um acesso de riso desencadearia um acesso de tosse extremamente forte, daqueles que temos a impressão de que vamos expelir a traquéia pela boca.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Quero...passar....pelo....médico....” – foram as minhas palavras. E foram ditas exatamente assim, palavra a palavra. Meu fôlego não agüentava dizer mais do que uma palavra em uma só inspiração. E, mesmo assim, a palavra não podia ter mais do que três ou quatro sílabas.

“O que você está sentindo?” – o atendente perguntou, tapando o rosto não só com a máscara, mas com a mão também.

“Tudo...o...que...você...possa...imaginar...” – respondi. De dores pelo corpo à febre, tosse e vômito, eu sentia tudo. Pacote completo.

“Qual o seu nome?” – ele me perguntou, enquanto começava a preencher uma espécie de prontuário médico.

“Raul Pinheiro” – respondi. E, pela primeira vez, duas palavras saíram em uma só inspiração. O resultado foi um acesso de tosse tão violento, que me curvei para frente e quase bati a boca na beirada do balcão de mármore, que ficou repleto de pequenos respingos de muco e água.

“Idade?” – perguntou o atendente, visivelmente se afastando do balcão. Tive a impressão de que ele logo estaria do outro lado da rua perguntando aos berros os meus dados, para ficar o mais longe possível de mim.

“Vinte.” – respondi – “É...só...uma...gripe...” – completei, tossindo ainda mais – “Não...precisa...fugir...de...mim...”

O atendente, claro, não confiava em mim. Estava morrendo de medo. Se pegar uma pneumonia, naquela época, já era uma coisa nada animadora, o que diria então uma tuberculose. Ele jogou o prontuário sobre o balcão – e esse é o termo exato: jogou, juntamente com uma caneta – que ele não fez questão que eu devolvesse – para que eu assinasse. Assinei o prontuário e o atendente José (estava escrito no seu crachá) pediu que eu aguardasse nos bancos pelo chamado do médico.

Olhei para os bancos e tentei sentar-me. Algumas pessoas se afastaram de mim. Foi como soltar um peido dentro de um ônibus lotado. Todos em volta se afastaram e fiquei sozinho em um dos bancos. Mas sentar também estava fora de cogitação. O ar parecia ficar ainda mais escasso quando eu sentava ou deitava. Dessa forma, fui até a porta e fiquei encostado, em pé, tentando receber alguns golpes de ar. E tossindo, claro. Eu estava me especializando na arte de tossir. Se ainda havia alguma garganta ali, a pobre coitada provavelmente estava toda ralada.

Após duas horas de espera – e muitas tossidas, além das facadas em forma de golpes de ar – ouvi meu nome ser chamado. Era um médico, com sapatos, calça e camisa brancos. Usava uma gravata em um leve tom de verde e tudo era coberto por um jaleco, também branco. Ele era baixo, devia medir pouco mais de um metro e sessenta, gordo (quem disse que os médicos fazem o que mandam seus pacientes fazerem?), tinha vastos cabelos grisalhos e um bigode que ia de ponta a ponta do rosto. Senti um riso subindo pela garganta, disputando caminho com o ar e com o catarro que se acumulava nas vias aéreas. Não sei se fui eu ou o catarro quem impediu o riso, mas ele não saiu.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Atravessei a sala de espera, tossindo e com todas as pessoas me olhando. Tive vontade de levantar a mão e estender o dedo médio, mas preferi guardar minhas forças para puxar o ar, que parecia faltar ainda mais a cada instante.

Cumprimentei o médico, que apertou minha mão sem nenhum interesse. Seu crachá exibia uma foto sem o bigode e com o nome “Dr. Jorge Luiz Lago” logo abaixo.

“Siga-me, por favor.” – disse ele, enquanto caminhava com o meu prontuário nas mãos.

Andamos por um longo corredor, com algumas salas, que me pareciam consultórios, tanto do lado esquerdo como do lado direito. Ele entrou em uma logo à frente e eu o segui. Uma pequena placa de metal logo acima da porta dizia “Consultório 9”.

O consultório era pequeno. Devia medir uns 8 metros quadrados. A mesa do Dr. Jorge, uma pequena mesa de madeira coberta com fórmica verde, ficava na parede da porta, com duas cadeiras logo à sua frente – para o paciente e o acompanhante, imaginei. Sobre a mesa, havia uma pequena maleta preta aberta e alguns instrumentos médicos, como um termômetro, um medidor de pressão e alguns daqueles infames palitos que servem para abaixar a língua para que o médico possa enxergar a garganta. Havia também alguns blocos de papéis – receituários, talvez – além de um porta canetas e um carimbo.

Na parede oposta à porta, uma maca, coberta por um lençol branco, jazia morbidamente com o lençol impecavelmente esticado.

As paredes, pintadas de verde-água, davam um tom deprimente ao local. Poucos lugares são tão deprimentes quanto um hospital, isso é um fato.

“Sente-se”, disse ele.

Sentei-me.

“O que está sentindo?”

“Tosse...falta...de...ar...febre...dores...” – respondi. Estava ficando, de certa forma, engraçado falar daquela forma.

Dr. Jorge levantou-se, pegou o maldito palito e pediu que eu abrisse a boca. Ele, então, cutucou a minha língua com o palito, o que me causou uma forte ânsia de vômito. Incontrolável, eu diria. A sorte do Dr. Jorge foi que eu não havia comido nada nas últimas horas.

“Nada na garganta, a não ser irritação causada pela tosse.” – ele disse.

Ele pediu que eu tirasse a camisa e começou a auscultar meus pulmões. Pela expressão que ele fazia, meus pulmões não estavam muito contentes e provavelmente estavam falando horrores ao estetoscópio.

Dr. Jorge pediu, então, que eu aguardasse um pouco e saiu da sala. Aquilo acendeu minha luz de alerta. Todos temos uma luz de alerta interna. Quando algo ruim está para acontecer, essa luz acende. Foi exatamente isso o que aconteceu naquele momento. Quando um

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

médico lhe pede um momento, logo depois de lhe examinar e fazer uma cara esquisita, é hora de se preocupar.

Aguardei alguns minutos e Dr. Jorge retornou, com um enfermeiro e uma cadeira de rodas.

“Você vai fazer alguns exames, rapaz. E, da forma como você está, é melhor que vá de cadeira de rodas. Você não está em condições de fazer esforço.” – ele disse.

Quem era eu para discordar? Eu estava realmente mal. Quase não conseguia respirar, a febre estava tão alta que seria possível fritar um ovo na minha testa, a dor pelo corpo e pelas costas estava lancinante e a tosse estava me consumindo como uma chama consome a parafina de uma vela. Assim, concordei e sentei-me na cadeira de rodas.

Saí dali direto para uma sala onde eu faria um exame de raios X. Da sala de raios X, direto para o consultório do Dr. Jorge. E o diagnóstico foi imediato.

“Pneumonia. Pneumonia dupla, meu rapaz. A coisa está realmente complicada. Você vai ter que ficar por aqui.”

Internado? Sim, internado, eu pensei. Pela primeira vez na minha vida, eu ficaria internado. Aquilo me assustou. Não era um hotel, era um hospital! E eu passaria a noite nele. Não só aquela noite, mas provavelmente algumas. Passaria a noite em um local onde pessoas morrem a toda hora. Não pela morte em si. Como eu disse, eu era ateu. Mas até hoje acho estranho os médicos quererem que você melhore, lhe colocando em um local onde as pessoas morrem todos os dias.

De qualquer forma, fui internado.

Apesar de ter uma aparência bonita, o Hospital Central de Monserrat era um hospital público e tinha a qualidade de tal. Não existiam quartos separados ou mesmo duplos. As pessoas que precisavam passar alguns dias por lá, respirando aquele maravilhoso ar e provavelmente inalando algumas bactérias novas para fazerem companhia às antigas, ficavam em grandes salas – as enfermarias.

Cada uma delas (e, se não me engano, eram umas cinco) media mais de trinta metros quadrados e acomodava, no sentido irônico da palavra, dez pacientes.

As enfermarias tinham o chão e as paredes recobertos por ladrilhos. Minha impressão era de ter sido internado em uma cozinha. As camas, todas cobertas por um lençol verde, ficavam com as cabeceiras encostadas na parede. As três paredes opostas à parede da porta ficavam, portanto, tomadas por camas, algumas já ocupadas por pacientes, uns moribundos e outros prestes a sair dali, algumas vazias, esperando somente algum novo infeliz para ocupá-las. E eu era a bola da vez.

Na parede onde ficava a porta da enfermaria número dois, onde eu fiquei, um grande armário de metal vigiava o movimento de cada paciente. Era um armário de remédios, mas era uma forma de passar o tempo: imaginar quantos tipos diferentes de porcarias havia ali dentro.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A iluminação não era das melhores e uma única janela servia para arejar aquele ar “extremamente saudável”, entre pacientes tossindo, espirrando e peidando.

Ao lado de algumas camas – incluindo a minha – havia um grande cilindro verde, já um pouco enferrujado, de oxigênio comprimido. Aquilo servia para fazer inalações e tentar devolver um pouco da dignidade de respirar e sentir o ar fluir dentro dos seus pulmões. Naquele meu primeiro dia de hospedagem, fiz umas duas ou três inalações, o que me ajudou um pouco. No entanto, algumas dezenas de minutos depois, a falta de ar voltava ainda mais forte. Já não me restava muito o que tossir, visto a quantidade de ar que eu conseguia colocar para dentro dos meus pulmões.

Antes da primeira noite, conheci Vilma, a enfermeira que cuidaria de mim naquele que eu imaginei ser meu leito de morte. Era uma mulher gorda, extremamente gorda e devia ter uns 50 anos. Vestia blusa e saia brancas, grandes o suficiente para construir um pára-quedas.

“Como você está, rapaz?” – perguntou ela, com uma voz que parecia uma das trombetas do inferno.

“Mal.” – respondi. Eu estava sentado na cama, com as costas na parede e a cabeça levantada, tentando capturar a maior quantidade de ar possível. Eu arfava muito e meu peito inflava mais pela força que eu fazia do que pelo ar que entrava.

Ela tocou aquela mão gorda na minha testa para ver se eu estava com febre.

“Você está ardendo em febre. Deixe-me medir sua temperatura.” – ela disse, enquanto sacava um termômetro do bolso.

“Desde que não queira enfiar nada em nenhuma parte do meu corpo, pode fazer o que quiser.” – pensei. É impressionante como a medicina sempre arruma alguma forma de enfiar algo em você. Seja qual for o orifício, sempre haverá algum exame que enfie algo ali.

Mas não era o caso. Ela simplesmente colocou o termômetro embaixo do meu braço e aguardou alguns minutos.

“Quase 40 graus.” – ela disse, em um tom que dizia claramente “pois é, rapaz, você já era.”

Imediatamente ela preparou uma injeção. O destino? Minha veia. Fiquei imaginando como seria ser perfurado por mãos que pareciam luvas de boxe. Imaginei que seria dilacerado, recortado, esquartejado. Como uma mão tão grande poderia manipular uma seringa tão pequena e uma agulha tão fina? Não fazia a menor idéia.

Vilma pegou meu braço delicadamente e espetou a agulha na minha veia. Eu não tive coragem de olhar, nunca gostei de injeções na veia. No entanto, sei que ela apertou a seringa cuidadosamente, fazendo com o que o líquido entrasse na minha corrente sanguínea e fosse espalhado pelo corpo a cada pulsar do meu coração. E aquilo não durou mais do que poucos segundos. E não doeu mais do que uma picada de um insolente pernillongo.

“Já?” – perguntei.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Sim.” – ela respondeu – “Doeu muito?”

“Não... Não doeu... nada... Como você... conseguiu?” – perguntei, com as pausas respiratórias.

“Prática, meu filho. Não pense que, só porque eu sou deste tamanho, não consigo aplicar uma injeção corretamente. Conheci um cirurgião que tinha as mãos maiores do que as minhas. E conseguia fazer tudo magistralmente.”

Lembro bem que fiquei um pouco sem graça. Sim, eu havia pensado naquelas grandes mãos como grandes bate estacas, prontos a martelar aquela agulha na minha veia, rasgando todo e qualquer tecido que se apresentasse pela frente. Mas elas se revelaram macias e suaves como seda, com a delicadeza de quem faz cafuné em um pequeno bebê, enquanto dorme.

“Agora vou colocar você no soro, rapaz.” – ela disse, enquanto preparava uma pequena garrafinha plástica de soro.

“Isso significa... que vou ter... que ficar...” – comecei a dizer, interrompendo o fluxo de palavras para que algum fluxo de ar corresse livre. Não havia espaço para ambos.

“Isso mesmo, rapaz. Poupe seu fôlego. Você terá que ficar com uma agulha no seu braço por um bom tempo. Sugiro que não fique cutucando nem mexendo, para que não escape. Não vai doer nada. Mas, se escapar, terei que perfurá-lo novamente. Estamos combinados?”

“Sim...” – respondi, em um único sopro de fôlego, que já começava a ficar raro.

Vilma, então, colocou a agulha na minha veia, fixou-a com alguns pedaços de esparadrapo e pendurou a garrafinha de soro em um mancebo de ferro, que ficou postado ao meu lado, como um grande sentinela. Um aconchego de metal.

Ela, então, recolheu seu material, virou as costas e andou em direção a porta de saída. A noite se aproximava. Entre minha própria tosse e a dos outros, incluindo alguns “uhhn”, “ahhnn” e alguns sons de arrotos e peidos, eu passaria a noite ali. E, no estado em que eu me encontrava, ver a luz do dia já seria uma grande vitória.

Contando comigo, a enfermaria número dois estava acomodando “confortavelmente” seis pacientes. Era um número baixo, visto que ali cabia uma dúzia de pessoas. Não consigo me recordar dos nomes de todos – veja bem, eu já tenho noventa anos –, mas tudo o que aconteceu ali ainda está fresco na minha memória, como se tudo tivesse acontecido ainda hoje pela manhã. Ontem, no máximo.

Um homem de cerca de sessenta anos estava em uma cama encostada à parede oposta onde eu estava. Ela respirava com muita dificuldade e, durante o jantar, colocaram um biombo em volta da cama dele, com uma cortina branca, com o nome “Hospital Central” impresso nela, várias vezes.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Pobre infeliz.” - outro homem, deitado na cama ao lado da minha, comentou.

Virei-me para ele, puxando o ar com extrema dificuldade e fiz uma cara de dúvida, como que perguntando “Como?”

“O biombo.” – ele respondeu – “Quando colocam esse biombo em volta da sua cama, meu amigo, um abraço. Você já era.”

Você já era... Aquela frase já estava começando a soar naturalmente na minha cabeça.

“Como... assim?” – perguntei.

“Eles colocam esse biombo para que os outros não vejam a pessoa morrer. Isso não deve ser muito assim, digamos, bonito de se ver.”

“Isso... é... verdade.” – respondi, com a minha voz robótica, em plenos anos 30.

“Perdão, amigo. Meu nome é Antônio. Desculpe minha indelicadeza.” – ele disse, levantando um pouco, apoiando o corpo sobre um dos braços e estendendo a mão para mim.

“Muito... prazer... Raul.” – respondi, apertando a mão dele.

“O que você tem, Raul?”

“Pneumonia.” – respondi – “Dupla.”

Antônio fez uma careta, mas não se afastou de mim. O que ele tinha também era uma sentença de morte, apesar de a minha parecer que seria executada em um tempo mais curto.

“E... você?” – perguntei.

“Câncer de estômago. Acho que bebi demais durante muito tempo, amigo.” – ele respondeu.

Antônio não estava nada bem. Estava magro, pálido e com os olhos encovados em órbitas quase sem vida. No lugar de bochechas, duas grandes covas forçavam os músculos para dentro do rosto, dando-lhe um contorno quase cadavérico. A barba irregular, por fazer, completava o cenário desolador em que ele se encontrava. Mas, ainda assim, Antônio não se entregava facilmente. Estava sempre bem disposto, na medida do possível. E sempre, absolutamente sempre, de ótimo humor.

“Sabe, “ – ele disse – “daria tudo por uma cervejinha, mas essas enfermeiras não deixam!”

Novamente eu sufoquei um riso.

“Mas.. você... não.. está em... condições... de beber.” – eu disse. Parecia que eu estava passando um ditado para alunos da primeira série.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Meu amigo, “ – Antônio sorriu – “eu sei que o que eu tenho não tem cura. Não tenho chances de escapar. Posso sair deste hospital, mas logo eu volto. Cheguei a um ponto sem retorno, uma rua sem saída.”

Fiz uma expressão de “não fale assim”, que Antônio logo entendeu e retrucou.

“Não há cura, meu amigo. Então, de que adianta eu me privar de tomar uma cervejinha? Não vai adiantar nem retardar minha morte. Então, já falei para mim mesmo. Se eu conseguir sair deste hospital, a primeira coisa que farei será tomar uma grande e gelada cerveja.”

Eu sorri. Lembro-me que sorri, da forma como podia, ainda que o ar faltasse. Foi um sorriso interno. Um sorriso na alma. Percebi, de alguma forma, que Antônio estava certo.

“Você tem só uma pneumonia, meu amigo. Se conseguir escapar dessa, terá o mundo a sua disposição, a vida toda pela frente. Eu já não tenho toda essa sorte. Não quero o mundo nem a vida. Só quero uma cerveja.” – ele sorriu.

E eu também.

A injeção e o soro fizeram com que eu me sentisse melhor. De 0 a 10, eu estava, ao chegar ao hospital, em 1. Após a injeção e o soro, eu já estava em 2. Uma grande melhoria, sem sombra de dúvidas. Consegui adormecer logo após o jantar. Bom, se é que podemos chamar de jantar a comida servida no hospital.

Ganhei um pouco de arroz que poderia ser facilmente usado como reboco em uma parede, além de um purê de batatas cujo único ingrediente que faltava eram as próprias batatas. Isso para não dizer aquele filé de frango, que mais parecia a sola de um sapato, extremamente mal passada.

Não só pelo gosto, que praticamente não existia, mas também pelo meu estado, eu quase não consegui comer. Aquela era uma época onde sua melhora era medida pelo seu apetite. Se você conseguia comer enquanto estava internado, é porque estava bem melhor. Caso contrário, a coisa estava realmente feia.

Mas, passado o “jantar”, eu consegui dormir um pouco.

Passavam poucos minutos da uma hora da manhã quando eu acordei sobressaltado. Estava sonhando. No meu sonho, eu estava em uma praia, a mais linda que eu já vi em toda a minha vida. Fascinado, entrei na água e molhei os pés. A sensação daquela água cristalina e quase nada gelada cobrindo meus pés foi fantástica. Esqueci momentaneamente meu medo da água e entrei um pouco mais, cobrindo as pernas e ficando com a água pela cintura.

Olhei em volta e vi que a faixa de areia estava perto. Calculei que estava dentro da zona de conforto. Mas não respeitei meu medo e avancei um pouco mais, ficando com a água na altura do peito. Foi quando uma marola surgiu. Devia ter uns trinta centímetros de altura, o que foi suficiente para levantar-me e tirar meus pés do chão. Não perdi o equilíbrio. Assim que ela passou, voltei a fixar os pés no chão, ainda tomado pelo susto. Comecei a retornar rapidamente para a areia, mas, a cada passo, a praia se afastava mais de mim. Olhei para trás e vi uma nova marola, dessa vez maior. E fiz exatamente o contrário. Deveria ter ido ao encontro dela e não fugido, pois toda marola quebra e vira uma onda. E foi o que aconteceu. A marola quebrou exatamente no ponto onde eu estava, arremessando-me para frente.

Por um momento perdi o chão, mas consegui recolocar os pés no fundo. Ao olhar para frente, a praia havia praticamente sumido da minha vista. Uma nova onda quebrou em cima de mim e me arremessou, dessa vez em uma grande barreira de pedras que eu juro que não estava ali no início do sonho. Aquelas coisas insanas que acontecem nos sonhos e que não nos causam estranheza. Dessa vez, perdi o chão e não o encontrei mais. Uma nova onda veio e me cobriu. Não consegui voltar à tona e o desespero me atingiu.

Foi quando acordei, quase sufocando com a minha tosse. Eu havia dormido sentado, mas, de alguma forma, durante o sono, acabei me deitando. Foi o suficiente para que o ar faltasse. Voltei a sentar-me e puxar o ar com todas as minhas forças até que o fôlego fosse restabelecido. De forma precária, claro, mas era melhor do que nada.

Olhei em volta do quarto e vi que todos estavam dormindo. O biombo continuava lá, com um pouco de luz na parte de dentro. Provavelmente algum abajur ou mesmo alguma vela, deixada por alguém para pré-velar o infeliz que estava ali dentro.

Antônio também estava dormindo. Dormia tranquilamente, refugiando-se no mundo dos sonhos, onde sua dor não tinha forças e onde ele podia comer o que quisesse, além de beber todas as suas cervejas, sem o menor problema.

Sentado ali, observando os demais dormirem, alguns pensamentos vieram à minha cabeça. Meu cérebro havia conseguido um espaço no processamento para pensar um pouco, além da hercúlea concentração para respirar.

Estávamos todos ali. Eu, Antônio, o pobre coitado cercado pelo biombo e mais três pessoas. Antônio estava com a sentença proferida. O pobre coitado, então, só estava aguardando a ordem de “cumpra-se”. E eu ainda estava sendo “julgado”. Os outros três também não pareciam nada bem, o que transformava aquela enfermaria em uma espécie de ante-sala da morte.

Ou seja, todos nós, naquela sala, teríamos o mesmo futuro. Foi quando, pela primeira vez, a idéia de morrer passou pela minha cabeça.

Nunca havia pensado nisso até então. Para mim, a morte sempre havia significado um nada. Um nada que representava o apagar das luzes, o fim de tudo, uma espécie de ato final. Em um instante a pessoa estava ali. No instante seguinte, já não estava mais. Porque é exatamente esse o tempo que a morte dura: um instante.

Em um instante a pessoa tem vontades, desejos e sonhos. Gosta de viajar, gosta de comer cebola crua, gosta de assistir TV até tarde. No instante seguinte, não passa de um

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

amontoado de carne e ossos, cuja única função biológica é apodrecer e decompor-se. Como na natureza nada se perde e nada se cria, podemos dizer que aquela pessoa será reaproveitada em algum momento; uma espécie de reciclagem natural.

Mas e como seria o apagar das luzes? Seria igual ao instante em que se adormece? Não é possível saber o exato instante em que adormecemos. Em um momento, estamos acordados. No momento seguinte, já não temos mais consciência de onde estamos ou de quem somos. Ao acordarmos, será impossível responder a que horas dormimos, caso alguém nos pergunte.

Talvez o apagar das luzes seja igual. Talvez apaguemos e caiamos em processo de desligamento. Não há mais consciência de tempo, lugar ou pessoa., com a diferença de que não há o momento do despertar.

Isso soa de uma forma um tanto quanto mórbida. É inerente ao ser humano achar que sempre haverá continuidade, que sempre haverá um amanhã. Se não fosse assim, não usaríamos tanto as palavras “depois” ou “amanhã” para indicar quando faremos alguma coisa. O fato de não haver esse “depois” ou esse “amanhã” não nos passa pela cabeça. O fato de largarmos tudo e o mundo continuar sem a nossa presença também não é levado em conta.

Ao menos até estarmos em uma cama de hospital, com os dias e as horas contados.

Nesse momento, mesmo o mais fervoroso ateu gostaria que houvesse alguma continuação. Que a vida não acabasse ali, daquela forma, em cima de uma cama. Que tudo o que foi realizado, feito, conquistado e até mesmo perdido não se esvaísse em um último suspiro em direção a uma caixa feita com madeira vagabunda e coberta por flores, que será trancada em algum cemitério e esquecida ali por muitos anos, até que alguém precise daquela vaga e jogue seus restos em algum ossário, junto com o resto de outras pessoas, sob sol e chuva.

Saber que não existirá mais dali a cinco minutos é um fato que atormenta qualquer um. Sim, porque tudo ficará para trás e tudo continuará existindo. Menos você. Você apagará e o que acontece daí para frente ninguém pode provar e você deve acreditar naquilo que acha melhor.

Sim, a morte é um mistério, o maior de todos os mistérios enfrentados pelo ser humano. E a única certeza é de que um dia, seja quando for esse dia, você a enfrentará. E não vencerá. Não há como ganhar. Ela sempre vence.

E no que eu acreditava? Eu acreditava que, ao morrer, nosso corpo apagaria. Cada célula perderia suas funções e morreria. Nossos neurônios apagariam, um a um, fazendo com que nosso cérebro desligasse. Talvez ele descarregasse algum hormônio para tornar o processo o menos estressante possível, mas isso não o cancelaria. Durante esse apagar das luzes, o último suspiro, e tudo, então, cessaria. A saideira seria, então, com uma overdose de hormônios e um último suspiro, antes do nada, do mais total e absoluto nada.

E qual o motivo de eu pensar assim?

Não havia nada que me provasse o contrário.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Até aquela noite.

Enquanto estava sentado na cama, observando o quarto e o restante dos pacientes, adormeci sem me dar conta disso. Exatamente como quando estamos assistindo a um filme na TV e adormecemos sem perceber. Quando acordamos, o filme já terminou e parece que dormimos durante apenas alguns poucos minutos.

Acordei com alguns barulhos estranhos no quarto. Olhei em minha volta e percebi alguma movimentação dentro do biombo do pobre coitado, cujo nome, Henrique, descobri quando o dia amanheceu, algumas horas depois.

Enquanto observava o que podia estar acontecendo por ali, ajeitei-me na cama. Respirei profundamente e, pela primeira vez em alguns dias, o ar fluiu perfeitamente. Não havia barreiras. Não havia secreções, não havia nada que o impedisse de circular livremente pelos meus pulmões. As dores haviam passado, o mal-estar havia ido embora. A falta de ar era só uma lembrança e a tosse já não existia mais.

Isso tudo me causou uma sensação de profundo bem-estar. Claro, afinal de contas, era a primeira vez que eu respirava sem que um grande facão entrasse nas minhas costas, atravessando o meu peito e rasgando cada alvéolo do meu pulmão, que sufocava aos poucos em pleno ar, até poucos instantes antes.

Foi quando o biombo se abriu. De dentro dele, saiu um médico. Um médico alto, com os cabelos bem penteados para trás, um par de óculos com uma armação incrivelmente fina, e totalmente vestido de branco. Um grande jaleco, de mangas compridas, ia até os seus tornozelos, quase tocando o chão.

Ele deu a mão e ajudou Henrique, o pobre coitado, a descer da sua cama. Henrique estava usando uma dessas camisolas de hospital. Era uma espécie de camisa, comprido até a altura das canelas e de um verde de extremo mau gosto. Henrique, com seus sessenta anos, não teve a menor dificuldade em descer da cama. Aquilo me intrigou. Ele estava passando mal até algum tempo atrás, com sua cama envolta por um biombo para que os demais pacientes não vissem o seu derradeiro instante final. Mas, agora, ele estava descendo da cama maravilhosamente bem. Também parecia muito bem disposto. Toda aquela aparência que ele tinha até poucos instantes antes da colocação do biombo havia sumido.

Qual seria o milagre que haviam feito com ele, pensei. E comigo também. Afinal de contas, eu não estava sentindo mais nada.

Continuei seguindo os dois com meus olhos. O médico foi à frente e Henrique o seguiu logo atrás, até que ambos saíram da enfermaria.

Preparei-me para descer da cama e sair também, a fim de ver para onde eles iriam. Foi quando me lembrei da mangueira do soro, ligada diretamente ao meu braço.

Não tive dúvidas. Mesmo com o meu medo por agulhas na veia, arranquei o esparadrapo que segurava a agulha e a arranquei do meu braço. Não precisava daquilo, estava sentindo-me perfeitamente bem. E precisava ver o que estava acontecendo ali.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Levantei-me da cama, com a minha camisola “verde-nada” e andei em direção à porta da enfermaria. Olhei para o biombo, que estava aberto e para a cama de Henrique, com os lençóis desarrumados e sem ninguém nela.

Atravessei a porta e olhei para o corredor, que ligava todas as demais enfermarias do Hospital Central. Era um corredor longo, com provavelmente mais de sessenta metros de comprimento, fracamente iluminado, o que era compensado pela pintura branca das paredes e do teto.

Eles não estavam lá. Havia sumido de vista. Eu havia demorado demais para chegar até a porta e tentar descobrir o que estava acontecendo. Também não vi nenhuma enfermeira.

Voltei para a enfermaria e olhei para um relógio, pendurado na parede, que mostrava duas e meia da manhã. Um cansaço me atingiu, mas nada relacionado à falta de ar. Era sono mesmo. Pela primeira vez, em muitos dias, eu conseguiria dormir sem sentir aquela imensa sensação de afogamento. E eu não conseguiria sair daquele hospital em plena madrugada. Já que havia ficado bom, bastava que eu mostrasse à Vilma, logo pela manhã, e receberia alta do hospital. Já que havia “pago” por aquela diária, o jeito era aproveitá-la até o fim.

Assim, voltei para a minha cama, ajeitei o travesseiro e deitei-me, horizontalmente, como não fazia há algum tempo. O sono não levou mais do que uns dois ou três minutos para abater-me.

Ao acordar, por volta das seis horas da manhã, voltei a sentir-me sufocando. Levantei rapidamente, com uma grande inspiração, que entrou como ácido sulfúrico em minha laringe, e tossindo, arremessando água e muco a uma distância impressionante. Campeonato de cuspe à distância, imaginei.

“Está tudo bem, amigo?” – Antônio perguntou.

Eu ainda estava sem fôlego para responder. Espalmei a mão, em sinal de “aguarde um instante até que eu possa respirar e responder”, que ele prontamente entendeu.

“Quer que eu chame alguém?” – ele perguntou.

Fiz sinal com a mão que não precisava. O ar, aos poucos, estava voltando. De qualquer forma, eu estava de volta ao estado de afogamento. Logo imaginei que havia sonhado.

“Estou... melhorando...” – respondi.

“Você viu o que aconteceu com o pobre coitado do biombo?” – ele me perguntou.

“Sim...” – respondi – “Eu... acordei... no meio... da noite... E vi... um médico... o levando... para fora... da enfermaria” – continuei, em meio a incontáveis acessos de tosse.

“Como assim?” – ele me perguntou, levantando-se e apoiando-se nos cotovelos – “Ele saiu andando?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Sim” – respondi, monossilabicamente.

“A que horas foi isso?” – ele perguntou.

“Por volta... das... duas... da manhã” – respondi, roboticamente.

“Raul, meu amigo, isso é impossível.” – disse Antônio.

“Por quê?” – perguntei.

“Porque ele morreu.”

Era impossível. Simplesmente impossível. Eu o havia visto sair da cama. Andando! Um médico veio buscá-lo, para fazer sabe-se lá o quê, mas ele saiu andando. E eu não estava sonhando. É perfeitamente possível saber quando alguma coisa foi um sonho. E aquilo, definitivamente, não havia sido nenhum sonho. Tudo havia acontecido, ali, na minha frente.

Fiz uma expressão de espanto, arregalando os olhos, como quem vê uma nota de cem reais jogada na rua.

“Você está bem mesmo?” – Antônio me perguntou.

Dessa vez, eu não respondi. Continuei parado, atônito. Não era possível. A menos que Henrique tivesse melhorado, ido com o médico para alguma sala de exames e falecido por lá. Mas qual médico buscaria um paciente às duas da manhã para fazer um exame? E, ainda que ele tivesse melhorado, jamais o deixariam ir caminhando. Iria em uma maca, com certeza.

A menos que...

Uma idéia me passou pela cabeça, mas foi prontamente dissipada por um forte acesso de tosse, daqueles em que não conseguimos retomar o ar. Tossida após tossida, fui ficando roxo. Antônio gritou.

“Enfermeira! Enfermeira! Rápido, pelo amor de Deus, o homem está sufocando!”

Vilma apareceu na porta da enfermaria em questão de segundos. Aproximou-se correndo. Estremeceria o chão com suas pesadas passadas, caso o chão não fosse de concreto reforçado.

Imediatamente, ela ligou o cilindro de oxigênio e instalou a máscara no meu rosto. Tudo estava ficando escuro, mas, aos poucos, minha visão foi retornando ao normal.

“Ele estava delirando.” – disse Antônio – “Contou que viu o pobre coitado do biombo levantando e andando pelo corredor, junto com um médico.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“O senhor Henrique?” – Vilma perguntou, aquele tipo de pergunta dirigida a ninguém – “Impossível! Ele estava muito mal, faleceu de madrugada, na própria cama. Posso garantir que ele não se levantou dali.”

“Mas... eu vi...” – disse, afastando a máscara de oxigênio por alguns instantes.

“Foi um sonho ou algum delírio. Impossível, rapaz.” – respondeu Vilma, enquanto recolocava a máscara sobre meu rosto.

“Rapaz, me diga uma coisa. Você quer se matar?” – ela perguntou, enquanto pegava a agulha, solta na cama – “Quem mandou você arrancar isso? Existe um medicamento aqui, que serve para tentar fazer você melhorar, caso você não saiba. Arrancá-lo do seu braço não vai ajudar em nada!”

“Eu... tirei... porque... estava melhor... E para... conseguir... ver... o médico.. com o... coitado...do biombo.” – respondi, falando com a voz abafada pela máscara.

“Você delirou, rapaz! E ainda por cima saiu andando pela enfermaria, depois de arrancar seu medicamento! Não volte a fazer isso, por favor. A menos que queira se matar.”

E, assim, Vilma ligou o soro novamente à minha veia.

A falta de ar melhorou um pouco com o oxigênio, mas senti que estive bem próximo de ter a cama cercada por um biombo...

Passado o susto, adormeci e, assim que acordei, Antônio logo me perguntou:

“Você está melhor, Raul?”

“Sim...” – respondi.

“Raul, afinal de contas, o que aconteceu?”

“Eu não... delirei. Eu vi aquilo. Um médico... o levou para... fora da enfermaria.”

“Sabe, Raul. Eu estive pensando. Talvez você o tenha visto. Uma última visão dele, enquanto ele passava para o outro lado.”

“Como assim... para o outro... lado?” – perguntei, espantado.

“Para o outro lado, Raul. Para onde todos vamos um dia.” – Antônio respondeu.

“Não acredito... nessas coisas.” – respondi, de “bate-pronto”.

“Em que você acredita, então?” – ele me perguntou.

“Em nada.” – respondi.

“Agora quem não acredita sou eu. Como você pode não acreditar em nada disso?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Simples...” – respondi – “Ninguém nunca... conseguiu... provar-me... nada.”

“Essa não foi uma prova convincente?”

“Isso... não foi... uma prova... Eu sei... o que eu vi... Um médico... o levou para fora... e ele morreu por lá... Só não... querem admitir... algum tipo... de erro médico.” – respondi da forma padrão – entre pequenos acessos de tosse.

“Não, meu amigo. Você viu algo estranho e sabe, no fundo do seu coração, que viu. Só não quer admitir isso. E eu fico feliz por isso.”

“Por quê?” – perguntei, inclinando-me para ele.

“Raul, por mais que uma pessoa seja religiosa, em algum momento da sua vida isso será testado. E não existe melhor momento, se é que posso usar a palavra melhor para definir isso, do que no momento em que essa pessoa se encontra no seu leito de morte.”

“Não... entendi.”

“Quando uma pessoa fica na situação em que eu estou, uma avalanche de pensamentos passa pela cabeça. Eu estou morrendo, sei disso. Posso até conseguir sair daqui mais uma vez, mas isso não se prolongará muito. Eis que, então, eu me pergunto. E depois que eu morrer? O que vai acontecer?”

“Você... não acredita... em nada também?”

“Acredito, claro que acredito. Mas nesse momento sua fé é colocada em prova, meu amigo. São pensamentos ruins, que rodeiam nossa mente. E se realmente tudo acabar? E se não houver outro lado? E se eu não tiver feito tudo o que eu gostaria de fazer? Eu sei que não fiz tudo o que eu gostaria. Se não houver outro lado, não terei chances de fazer isso nunca mais.”

“Então... sua fé é fraca.” – disse, com uma frieza inacreditável, que só me dei conta alguns instantes depois que as palavras saíram como flechas da minha boca.

“Talvez seja mesmo.” – Antônio respondeu, deitando novamente a cabeça no travesseiro e olhando fixamente para o teto – “Eu não poderia fraquejar justamente neste momento. Mas fiquei feliz, meu amigo, por você ter visto o que viu.”

“Continuo... não entendendo.”

“Isso significa que há algo além daquilo que podemos ver. Você viu. Você conseguiu enxergar.”

“Eu não vi... nada de mais... Mas se isso... faz você sentir-se... melhor, ótimo.” – respondi.

Antônio balançou um pouco a cabeça, em um gesto dizendo “você não sabe de nada, rapaz.”

Nossa conversa foi interrompida com Vilma, que trazia aquilo a que chamava de almoço.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Almoçamos, na medida do possível. Após o almoço, voltei a adormecer. Nunca dormi tanto como naquela temporada que passei na enfermaria número dois do Hospital Central de Monserrat.

Naquela tarde, acordei por volta das dezesseis horas. Estava quieto, deitado na minha cama, olhando para o teto e contemplando meus próprios pensamentos.

Eu sabia exatamente o que eu havia visto, mas pensei que talvez Antônio tivesse alguma razão. Analisando friamente a situação, era realmente muito estranho que alguém, à beira da morte, pudesse levantar-se da cama e sair do quarto andando, como se jamais tivesse estado por ali.

E o que dizer então da minha melhora repentina, enquanto aquela cena se desenrolava na minha frente? Enquanto aquilo acontecia, eu não sentia mais nada. Foi como se eu ficasse curado, milagrosamente ou qual fosse a palavra para descrever isso. No entanto, assim que eu acordei, voltei a passar mal. Na verdade, piorei, pois quase segui o rumo junto com Henrique, o pobre coitado do biombo, que eu vi acompanhando um médico, mas que, na verdade, seguiu direto para seu túmulo.

Talvez Antônio realmente tivesse razão. Talvez eu tenha visto os primeiros passos de Henrique em direção a um mundo desconhecido e implacável.

Talvez aquela tenha sido a prova que eu esperava até então.

Ou talvez tenha sido somente uma alucinação.

O que quer que tenha sido, e vocês saberão em breve, voltou a acontecer naquela tarde.

Minha distração foi quebrada pela entrada de uma pessoa na enfermaria. Olhei e senti cada centímetro do meu corpo gelar. Era o médico, o mesmo médico que havia acompanhado o senhor Henrique, na noite anterior.

Ele entrou sem olhar para os lados. Tinha o olhar focado diretamente no seu objetivo, que era um homem de cerca de 40 anos, que estava deitado a duas camas de distância de Antônio. Esse homem havia tido um derrame alguns dias antes e estava se recuperando bem, dentro da expectativa dos médicos.

Derrames, ainda que leves, são horríveis e costumam deixar as pessoas com seqüelas, que vão desde algumas praticamente imperceptíveis até outras que impedem totalmente a pessoa de fazer suas atividades normais. Esse homem estava em um meio termo nessa escala, algo que estava começando a ser revertido com algumas sessões de exercícios próprios para esse tipo de problema.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Mas, assim que eu vi o médico, aquele mesmo médico, entrando na enfermaria, eu senti que não haveria mais sessões e nem possibilidades de melhora. Aquilo aconteceria novamente.

Dessa vez, eu não esbocei nenhuma reação. Fiquei quieto, praticamente imóvel, vendo o médico aproximar-se do homem. Inspirei profundamente e senti, novamente, o ar fluir livremente dentro dos meus pulmões.

A sensação de afogamento havia desaparecido, mas havia dado lugar à outra sensação: o medo.

Assim que o médico chegou à cama do homem, perdi o ângulo de visão. Tive que levantar-me um pouco, levemente, para continuar vendo a cena. Olhei sutilmente por cima de Antônio, que estava lendo um livro. Ele olhou para mim, não entendeu nada e voltou os olhos para o livro.

A cena foi parecida com a que ocorreu na madrugada anterior. O médico estendeu a mão para o homem, que a pegou e desceu da cama. O homem olhou em volta e fez uma expressão de quem não estava entendendo o que acontecia ali. O médico olhou em volta também e seus olhos ficaram fixos nos meus. Assustado, fechei os olhos o mais rápido que pude e tentei fingir que dormia. Foi inútil. Meu corpo todo tremia, desde a testa até a ponta de cada dedo dos pés.

Aguardei alguns segundos e tomei coragem para abrir um dos olhos, vagorosamente. O médico já não estava mais com seus olhos em mim. Ele estava caminhando, em direção à saída da enfermaria, com o rapaz o seguindo.

O rapaz o seguia caminhando perfeitamente, sem nenhuma seqüela do derrame que havia sofrido, sem nenhuma das seqüelas que apresentava até então.

E, como em um passe de mágica, os dois saíram pela porta, virando no grande corredor que dava acesso às demais enfermarias.

Apoiei-me nos cotovelos e olhei para a cama do homem. Ele não estava ali. E eu estava conseguindo respirar perfeitamente.

“Está tudo bem?” – Antônio me perguntou.

“Sim, tudo certo. Não há problema algum.” – respondi.

Antônio olhou para o lado e não viu nada de diferente. Voltou os olhos para o livro. Foi quando ele notou que eu havia conseguido falar sem precisar tomar ar.

“Sua falta de ar passou?”

“Parece que melhorei um pouco sim. Percebi isso desde ontem. Melhoro e pioro.” – respondi.

Ele não ficou convencido com a minha resposta e voltou a ler seu livro. Eu deitei-me e fiquei observando o teto, perdido em meus pensamentos. Tinha certeza absoluta de que,

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

em alguns minutos, alguém perceberia o que havia acabado de acontecer, novamente, na enfermaria número dois.

Pouco mais de meia hora depois, Vilma entrou e passou “em revista” cada um dos pacientes. Eu a segui com os olhos. Minha falta de ar voltara, e com força total. Eu já estava com a máscara de oxigênio novamente. Estiquei os olhos e consegui ver o homem deitado, imóvel, em sua cama. Vilma tomou-lhe o pulso e saiu da enfermaria, sem esboçar nenhuma reação. Não podia deixar todos alarmados.

Ela voltou logo em seguida com mais duas enfermeiras e com uma maca. Colocou o homem na maca, cobriu-o e saiu da sala, sob os olhares atentos de cada um dos pacientes que ainda restavam ali. Vilma também ignorou as perguntas que foram feitas, mas todos sabiam que o pobre homem havia falecido.

“Você percebeu, não percebeu?” – Antônio perguntou a mim.

“Percebi... o quê?” – respondi, com a voz abafada, dentro da máscara de oxigênio, além de voltar a tomar grandes golfadas de ar para poder falar.

“O que aconteceu. Você sabia. Você viu novamente.”

“Não... vi nada.”

“Viu sim. Não engane a si mesmo. Você viu, estava com o olhar fixo na cama do homem. Eu percebi, Raul. Sou bastante observador.”

“Você está... enganado.” – continuei escapando das perguntas de Antônio.

“E você estava melhor, da mesma forma como quando o pobre coitado do biombo faleceu. Da mesma forma quando você disse ter visto o médico vir buscá-lo. E agora, da mesma forma que antes, voltou a sentir-se mal.”

“Isso... está acontecendo... Melhor e pioro... Acho que... é normal.”

“Não. Você não está piorando, Raul. Você estava bem, havia ficado bom por alguns instantes. E, agora, voltou ao seu normal no momento, que é sentir essa falta de ar, causada pela sua pneumonia.”

“Dupla.” – fiz sinal de número dois com o dedo indicador e médio da mão direita.

“Sim. Pneumonia dupla. Então me explique como você pode ter se sentido tão bem. Consegue explicar isso?”

“Não... sou médico... Antônio... Não sei... explicar isso.”

“Só me responda uma coisa. Você viu o médico novamente? O tal médico? Ele entrou aqui e saiu com o homem?”

Eu não respondi.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Fale, Raul, por favor. Você o viu, certo? Aconteceu novamente, não foi?”

“Sim.” – respondi quase sem pensar. Aquilo era estranho demais e estava além da minha concepção. Não conseguia entender o que acontecia – “Eu realmente o vi. O mesmo médico. A mesma coisa. Ele entrou, saiu com o homem e pronto.”

“Meu Deus.” – Antônio respondeu – “Isso é maravilhoso. Você consegue ver, meu amigo. Você consegue sentir.”

Sim, eu conseguia ver e sentir.

Talvez só faltasse que eu acreditasse.

O dia passou e eu fiquei com a máscara de oxigênio praticamente o tempo todo. Não estava sentindo nenhuma melhora significativa, o que me causava uma certa preocupação.

Minha preocupação aumentava quando eu via a expressão de Vilma e do Dr. Jorge, que me examinavam a cada duas horas, aproximadamente.

Senti que um biombo estaria bem próximo de ser colocado em volta da minha cama. Consegui ouvir Dr. Jorge dizendo para Vilma “Vamos aumentar a dose do remédio. É uma última tentativa.”

Última tentativa. Aquilo soou como um martelo acertando um gongo, dentro da minha cabeça. Como ele podia dizer aquilo? Uma última tentativa queria dizer que, se não surtisse efeito, o biombo seria colocado em volta da minha cama? Significava quanto tempo restante de vida?

Fiz essas perguntas para Vilma, assim que Dr. Jorge saiu. Ela sorriu amavelmente e passou suas grandes mãos sobre minha cabeça, alisando meus cabelos.

“Calma, rapaz. Estamos fazendo o melhor possível. Confie em nós, certo? Você pode confiar totalmente no nosso trabalho.”

Dito isso, ela saiu da enfermaria, com seus passos largos – e pesados. Senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Mas não podia chorar. Não tinha fôlego para isso.

A cada instante que passava, eu tinha mais certeza de que estava deitado no meu leito de morte. E isso me golpeava no fundo da alma, como um direto de um boxeador que acerta o fígado do oponente. Ninguém com vinte anos acha que está deitado em seu leito de morte. Sempre é possível melhorar. “Ninguém morre com vinte anos” é o pensamento que rodeia nossa mente nesses momentos. Mas a morte não escolhe lugar, idade, cor ou situação financeira. Ela chega, simplesmente chega, e faz seu trabalho.

E como é o seu trabalho? Não sei. Talvez ela seja um tipo de médico, que aparece para lhe dar uma espécie de alta.

Uma alta da vida.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Naquela noite, eu não vi o médico. Como era de se esperar, ninguém faleceu na enfermaria. Amanhecemos todos juntos, ainda deitados e doentes, mas vivos.

Logo pela manhã, Vilma e Dr. Jorge passaram em revista cada um dos pacientes. Não demoraram muito tempo examinando a mim, mas percebi que passaram um bom tempo examinando Antônio.

E logo percebi que alguma coisa ruim estava acontecendo ali.

Dr. Jorge fez um sinal para Vilma, que saiu da enfermaria. Dr. Jorge saiu logo em seguida.

Após alguns instantes, Vilma e outras duas enfermeiras chegaram com o biombo. Sob o olhar atento dos demais pacientes, o biombo foi colocado em volta da cama de Antônio, que colocou a mão sobre o braço de Vilma e pediu-lhe um favor especial, em um tom perfeitamente audível para mim.

“Deixe um dos lados aberto. Queria poder continuar conversando com meu amigo Raul.”

Vilma olhou para mim, com uma expressão de descontentamento com o pedido, mas jogando a responsabilidade para mim. Caso eu dissesse que estava tudo bem, ela atenderia ao pedido de Antônio.

“Tudo bem.” – eu respondi – “Pode deixar... aberto.”

“Tem certeza disso, rapaz?” – ela perguntou.

“Sim... Tenho.” – respondi.

Vilma, então, deixou o lado do biombo que ficava virado para a minha cama sem a cortina. Antônio estava cercado pelo biombo, mas conseguia me ver e falar comigo, ainda que mais fraco a cada instante, como a luz de uma vela, que consumiu toda a parafina e vai se apagando aos poucos.

“Obrigado, meu amigo.” – ele disse.

“De... nada...” – respondi – “Mas... por que... você... pediu isso?”

“Quero que você me faça um favor.”

“Qual?” – perguntei.

“Quero que você me diga quando o médico entrar. Não o Dr. Jorge. Aquele médico.”

“Quem... disse... que ele... vai aparecer... aqui?” – perguntei.

“Eu sei. Você sabe. Mas, acima de tudo, o biombo sabe.” – e sorriu.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

De certa forma, eu também sorri. Mas o sorriso logo foi tomado por uma grande sensação de tristeza. Antônio estava morrendo, eu conseguia sentir isso. E estávamos caindo como moscas, um a um.

“Sabe, meu amigo.” – ele disse – “Só fico triste porque não consegui tomar minha última cerveja.”

“Não... fale isso. Você... vai sair... daqui. Vai... melhorar... e sair. E vai... tomar... sua cerveja.”

“Eu sei que não, Raul. E sei que você também sabe. Mas fico feliz por você tentar me animar. De qualquer forma, meu amigo, você fez por mim algo que nem imagina.”

“O quê?” – perguntei.

“Você me deu coragem para enfrentar o que terei que enfrentar daqui a pouco.”

Engoli em seco, como se um grande novelo de lã estivesse envolvendo minha garganta.

Ficamos conversando por mais algumas horas. A luz de Antônio se apagava, visivelmente, a cada instante que passava.

Senti que aquilo não iria muito longe.

O dia passou e a noite caiu como um grande véu de sombras sobre minha mente, enchendo meu coração com uma atmosfera seca, de medo.

Antônio se recusava a dormir. Ele queria aproveitar todos os seus últimos instantes. Eu não consegui ficar acordado e adormeci.

Por volta das quatro horas da manhã, eu acordei.

Acordei e olhei a minha volta. Antônio continuava acordado, olhando fixamente para o teto. Estava pensativo. Provavelmente refletindo sobre sua vida, seus feitos, seus acertos e erros. Pensando em como talvez pudesse ter feito algumas coisas de forma diferente. Mas talvez também pensando que, se tivesse uma segunda chance, não mudaria suas decisões.

Eu inspirei e senti novamente o ar fluir livremente. A dor havia passado, a falta de ar havia ido embora novamente. Tudo voltava a acontecer.

Subitamente, eu me assustei e Antônio percebeu.

“Você está se sentindo bem novamente, não está?” – ele me perguntou.

“Sim. Estou, meu amigo.” – respondi.

“Ele já chegou? O médico?”

Olhei para a porta e vi o médico entrando na enfermaria.

“Sim, ele está entrando neste momento.”

Antônio suspirou e olhou em volta.

“Finalmente ficarei livre desta doença, Raul. Estou triste por ir, mas ao mesmo tempo estou feliz por ficar bom.”

O médico aproximou-se um pouco mais e contornou o biombo, parando entre nossas camas, olhando fixamente para Antônio.

“Ele está aqui do meu lado, não está?”

Fiz que sim com a cabeça.

Antônio fez um esforço sobre-humano, estendeu a mão e eu a apertei.

“Muito prazer em te conhecer, Raul. Você foi um excelente amigo, mesmo que tenhamos conversado tão pouco.” – disse, com as palavras entrecortadas.

Senti lágrimas brotarem em meus olhos, mas dessa vez não as contive. Tinha fôlego de sobra para deixá-las rolar pelo meu rosto.

“Acho que em breve estarei contigo, Antônio.”

“Talvez sim, talvez não.” – ele disse – “Enquanto isso, cuide-se, rapaz.”

O médico estendeu a mão para Antônio, que a pegou e desceu da cama. O médico foi à frente, da mesma forma como nas duas outras vezes, seguido por Antônio, em direção à porta da enfermaria.

Eu os segui com os olhos. Após alguns instantes, e a alguns passos da porta, Antônio virou-se e fez sinal de positivo para mim, estendendo o polegar para cima. Ao virar-se, Antônio desapareceu, em pleno ar.

O médico ainda estava lá. Parou por uma fração de segundo e deu meia volta, vindo em minha direção. Imaginei que seria, então, a minha vez.

Não sei explicar, até hoje, se senti medo naquele instante. Eu tinha certeza de que a morte estava ali, em frente a mim, e eu a encararia em poucos segundos. Deixaria o mundo para trás e seguiria meu caminho, rumo a um mundo desconhecido. Um mundo no qual eu jamais acreditei, mas que se desdobrou diante dos meus olhos. E, naquele instante, eu estava prestes a receber um passaporte para ingressar naquele mundo, cruzar a fronteira final e chegar ao outro lado.

Medo? Não sei. Acho que não senti medo. Ou talvez tenha sentido. Mas um medo diferente. Não um medo por causa da morte, mas um medo por causa de uma transição.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Um medo por causa das coisas que eu jamais havia feito e que eu jamais faria. Um medo por causa das pessoas que eu jamais conheceria.

Senti como se tudo o que eu quisesse ter sido, ter feito e ter falado passasse na minha frente, como um turbilhão de cenas, terabytes de informação, como é dito hoje, no século vinte e um.

Mas não havia mais tempo. O médico estava ali, parado, à minha frente.

Eu jamais havia rezado na minha vida. Rezaria naquele momento, se soubesse alguma reza. Falaria qualquer coisa, se eu soubesse o que falar. Mas eu não fiz isso. O vazio que sempre havia dominado meu coração tomou conta da minha mente e fez com que eu me transformasse em alguém oco, sem preenchimento. Eu estava ali, cara a cara com a morte, em forma de um médico com os cabelos cuidadosamente penteados para trás, com um par de óculos com uma armação incrivelmente fina e com um longo jaleco, indo até quase o chão.

E eu não sentia nada. A tosse havia ido embora, assim como as dores, a falta de ar e a febre. Sentia como se pudesse sair correndo e dar a volta ao mundo, sem perder o fôlego.

Olhei para o médico, diretamente nos seus olhos. Ele me retribuiu o olhar. Foi quando abriu um sorriso e levantou a mão.

Por tudo o que eu havia visto nos últimos dois dias, eu achei que já estivesse morto naquele momento. Pensei que ele havia levantado a mão para que eu descesse da cama e o acompanhasse, junto com Antônio, para o outro lado.

Mas ele fez um sinal com a mão espalmada no ar, como se quisesse dizer “espere”. Em seguida, apontou o dedo indicador para mim e, logo depois, balançou o dedo indicador, apontado para cima, da esquerda para a direita. Era o sinal de “não”.

O médico, então, parou por um ou dois segundos e balançou o indicador no ar, em formato de espiral.

Nunca fui bom em mímicas, mas consegui entender perfeitamente o sinal dele.

Ele disse, com todas as letras, e sem usar uma única palavra:

“Espere. Você ainda não. Só depois.”

Feito isso, virou as costas e foi embora, cruzando a porta da enfermaria.

Eu estava suando, vertendo água por cada poro do meu corpo. Era como se eu tivesse pulado dentro de uma lagoa e ido deitar diretamente naquela cama. Olhei para o lado e vi o corpo de Antônio, deitado, com o rosto virado para o lado, os olhos fechados e com os braços estendidos, paralelos ao corpo. Seu peito não se movia para cima e para baixo. Não havia respiração. Ele estava morto.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Coloquei as mãos sobre o rosto e chorei. Não estava preocupado com o fôlego. Ele estava ali, havia fôlego de sobra.

E, após alguns minutos chorando, eu dormi.

Ao acordar, vi Vilma retirando as roupas de cama do leito de Antônio. Ela virou-se para mim, com os olhos marejados.

“Ele estava aqui há algum tempo. Ia e voltava, ia e voltava. Chamava este hospital de hotel. Achávamos que isso jamais aconteceria com ele. Era uma pessoa especial, bem humorada. Não havia nada que o chateasse ou que o colocasse para baixo. E agora, veja, ele se foi.”

E Vilma começou a chorar.

“Não é porque estamos acostumados com isso que não nos emocionamos, rapaz. Me desculpe.”

“Não precisa se desculpar.” – eu disse. E eu percebi, então, que não estava sentindo falta de ar.

Vilma olhou para mim e me examinou.

“Você está bem? Está se sentindo bem?”

“Nunca estive melhor.” – respondi.

“Meu Deus. Vou chamar o Dr. Jorge.”

Vilma saiu correndo de dentro da enfermaria, com suas passadas pesadas. Era possível sentir a vibração no chão com cada uma de suas passadas.

Vendo a surpresa de Vilma com a minha melhora, cheguei à conclusão, definitivamente, que, se eles pudessem apostar, apostariam que o próximo a utilizar o biombo seria eu.

Tive alta do Hospital Central de Monserrat naquela tarde. Dr. Jorge receitou alguns medicamentos para que eu tomasse em casa, mas não os comprei. Sentí que não havia necessidade. Aquele médico, que levou os outros três, havia levado consigo aquela pneumonia que quase fez com que eu morresse naquela enfermaria.

Talvez você esteja se perguntando o que aconteceu depois. Depois? Bom, depois eu vivi. Fiz tudo o que eu sempre quis fazer, mas que nunca tive chance ou tempo. Ou mesmo coragem.

Estudei, saltei de pára-quedas, dancei, escrevi músicas e aprendi a tocá-las. Conteí histórias, dei risadas até ficar com o rosto dormente. Tomei sorvetes gelados em pleno inverno, sem

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

medo de ficar com dor de garganta ou de pegar outra pneumonia. Viajei, para todo e qualquer canto que eu consegui ir. Conheci não todos os lugares que eu gostaria, mas boa parte deles.

Conheci pessoas. Dezenas, centenas, talvez milhares. E fiz amigos, muitos amigos. Dentre todas as pessoas que conheci, uma foi especial. E me casei. Tinha trinta e cinco anos, quinze anos depois do que aconteceu na enfermaria número dois.

Você pode, também, estar se perguntando se eu voltei a ver o médico.

Sim. Durante nossa vida, é impossível não entrar em algum hospital. E eu o vi algumas vezes, andando pelos corredores. Provavelmente trabalhando.

Também o vi no momento mais difícil pelo qual passei, quando o vi entrando no meu quarto, de surpresa, olhando fixamente para minha esposa. Só tive tempo de beijá-la suavemente no rosto e dizer o quanto a amava. Depois disso, ele a levou.

Hoje estou com noventa anos, completados há pouco mais de uma semana.

Hoje eu acredito. Sei que há algo além, “depois da curva”, muito acima do que podemos imaginar.

Não sou religioso. Longe disso. Continuo não sabendo rezar. Mas já não acho que isso seja tão necessário. Para mim, basta conectar-me ao meu eu mais profundo, e sintonizar-me com o mundo, com o universo, com o que há além dele.

Como eu disse no começo desta história, tive outra pneumonia, quando tinha oitenta e três anos. Passei cada uma daquelas dez noites no hospital esperando o médico entrar no meu quarto (dessa vez um quarto particular). Mas ele não apareceu. E eu continuei neste mundo.

Hoje não tenho mais medo. Não preciso mais ficar pensando.

Pois sei que, um dia, o médico virá me visitar. E me estenderá a mão.

E, nesse dia, eu seguirei meu rumo.

Em direção ao meu destino. Ao seu destino. Ao destino de todos nós.



“

A morte, às vezes,
é muito melhor...

”

O CENTENÁRIO

O CENTENÁRIO

“Parabéns pra você!”

“Nesta data querida!”

“Muitas felicidades!”

“Muitos anos de vida!”

“E para o vovô? Nada?”

“Tudo!”

“Então como é que é?”

“É pique! É pique! É pique, é pique, é pique!”

“É hora! É hora! É hora, é hora, é hora!”

“Rá! Tim! Bum! Vovô! Vovô! Vovô!”

Todos na sala do belo apartamento de quatro dormitórios (todos com suítes) cantavam e batiam palmas. A luz estava apagada. A única iluminação vinha da luz oscilante das três velas fincadas no bolo de chocolate – “1”, “0” e “0”. Cem anos. Osvaldo, o vovô Osvaldo, estava completando cem anos de idade.

Não era para qualquer um. Por Deus, definitivamente, não era. Conseguir colocar três velinhas em cima do bolo de aniversário era um fato tão raro quanto encontrar uma mosca branca dentro do seu copo de refrigerante.

Osvaldo havia nascido no século passado. Viu as duas grandes guerras, todas as Copas do Mundo e praticamente todas as Olimpíadas da era moderna.

Quem conseguiu ver as duas passagens do cometa Halley pela Terra? Vovô Osvaldo.

Quem viu a grande queda da bolsa americana em 1929? Vovô Osvaldo.

Quem viu os aliados cercarem e obrigarem aquele monstro chamado Hitler a cometer suicídio? Vovô Osvaldo.

Quem viu não só o homem pisar na Lua, mas também o Sputnik e a cadela Laika serem lançados ao espaço? Vovô Osvaldo.

Quem viu um camundongo engraçadinho aparecer no cinema, ganhar projeção mundial e, logo depois, ganhar um parque de diversões só dele? Vovô Osvaldo que, inclusive, visitou o tal parque.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Vovô Osvaldo era uma enciclopédia ambulante. Era um livro vivo de história. Praticamente tudo o que se aprende na escola, relativo à história recente, ele havia presenciado.

Revoluções, guerras, acordos de paz, todos os cinco títulos mundiais do Brasil, além daquela fatídica partida no Maracanã, em 1950. Tudo, absolutamente tudo, havia sido vivido pelo velho, experiente e simpático homem chamado Osvaldo. Vovô Osvaldo, para os mais íntimos.

E, agora, ele estava ali. Sentado em sua cadeira preferida, que havia sido movida para ficar entre a parede e a mesa, onde estava o bolo. Estava sentado, tranquilamente, apesar de não gostar de festas de aniversário. Usava um chapéu de festa e segurava uma língua de sogra em uma das mãos. Na outra mão, a inseparável bengala, de carvalho moldado e envernizado, com uma ponta dourada em formato de águia.

Osvaldo observava tudo atentamente por trás dos espessos óculos, com uma armação preta, grossa o suficiente para segurar as lentes pesadas.

O rosto exibía sinais do cansaço, da feroz luta com o tempo travada até então, mas o corpo não exibía sinais de doença. Osvaldo tinha uma saúde de ferro. Enquanto todos pegavam gripe, ele continuava andando sem camisa em pleno inverno. Enquanto todos tomavam cuidado com bebidas geladas, ele fazia questão de colocar vários cubos de gelo em seu copo, por mais gelada que a bebida já estivesse.

Enquanto algum tipo de comida fazia mal para alguns, ele comia de tudo, fosse o que fosse. Não havia dieta especial. E seu colesterol, triglicérides, glóbulos brancos e vermelhos e tudo o mais que os médicos conseguem calcular olhando somente uma pequena amostra de sangue, estavam em ordem. Nada desregulado, nada fora do normal.

Osvaldo gostava de cerveja, vinho, cachaça e tudo o mais que continha álcool em sua formulação. Podia beber o quanto quisesse e jamais ficava bêbado. Ninguém conseguia acompanhá-lo na bebida. Era imbatível.

Escutava perfeitamente bem e, se tinha algum ponto fraco, estava na visão e nas pernas, que já apresentavam um leve sinal de debilitação pelo tempo, além das seqüelas deixadas por um atropelamento quando tinha pouco mais de sessenta anos.

“Um motoqueiro, esses malditos motoqueiros!” – dizia ele. Um motoqueiro ultrapassou o sinal vermelho e o acertou enquanto atravessava uma rua a dois quarteirões da sua casa. Osvaldo passou uma semana no hospital e mais um mês com a perna engessada. Ficou bom, mas a perna fraquejava um pouco. Por isso, começou a usar a bengala.

Osvaldo estava quase sempre de bom humor. Brincava com todos, mas também tinha seus dias, nos quais ficava azedo como um limão. Nesses dias, as palavras saltavam de sua boca como pipoca estourando em uma panela, cuja tampa não conseguia segurar os grãos que saltavam para fora. Era como se as palavras saíssem diretamente da sua alma para a sua língua, sem passar pelo cérebro. Sem filtros. Sem pensar. De “bate - pronto”.

Apesar da idade, a genética não fez com que ficasse calvo. O cabelo estava um pouco ralo em alguns pontos, é verdade, mas ainda estava longe de ficar careca.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Quem o via lhe dava setenta e poucos anos de idade, oitenta no máximo. Todos se surpreendiam quando ele dizia ter noventa e nove anos. Cem, agora.

Quando se faz cem anos de idade, é necessário fazer uma bela festa para comemorar. E todos querem estar presentes, claro.

Absolutamente todos.

Mesmo aqueles que não foram convidados.

Osvaldo casou-se quando tinha quarenta anos. Teve quatro filhos, todos homens. Ganhou seu primeiro neto quando tinha sessenta e cinco anos. Sua primeira bisneta nasceu quando Osvaldo havia acabado de completar noventa anos. Agora, aos cem, já contabilizava dez netos e doze bisnetos.

Contando com todos os agregados, a casa estava com mais de quarenta pessoas. Superlotação. Não havia espaço para mais ninguém. Mas ninguém queria perder a festa do centenário de seu Osvaldo.

Osvaldo morava com um dos filhos, Alberto, e sua nora, Roberta. Morava junto com ele contra sua vontade, pois sempre achou que podia cuidar muito bem de si, mesmo após sua esposa, Luzia, falecer quando ele tinha oitenta anos. Esse é um dos pontos negativos de se viver demais. Você vê as pessoas ao seu redor falecer, enquanto você vai ficando, ficando e ficando...

Alberto insistiu que Osvaldo morasse junto com ele e com a esposa, além dos três filhos. Estava com uma idade avançada e não podia mais morar sozinho. Coisas podem acontecer quando se está mais velho.

“Sim, minha torrada pode cair no chão.” – ele dizia, sarcasticamente, ou “Imagine se eu ficar sem papel higiênico.”

Algumas coisas o tiravam do sério e essa era uma delas. Mas foi “voto vencido” e todos os filhos concordaram com aquela idéia.

Assim, seu Osvaldo tinha um confortável quarto no apartamento 841, no oitavo andar de um prédio com bosque particular, piscina, academia e salão de jogos, localizado na zona sul de Monserrat, cidade onde sempre viveu e trabalhou.

Osvaldo se formou em engenharia quando tinha 25 anos. Começou a trabalhar como engenheiro aos 39 anos, poucos meses antes de se casar com sua esposa.

E para seus filhos, netos e bisnetos, a vida de Osvaldo, do vovô Osvaldo, começou aos 39 anos. O que aconteceu antes, entre formar-se engenheiro e casar-se, era um mistério.

Um mistério que ninguém jamais quis investigar ou descobrir. Afinal de contas, vovô Osvaldo já estava com uma idade avançada e era normal esquecer alguns anos da sua vida. Ele era extremamente lúcido e isso era o que importava. E já haviam se passado mais de

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

sessenta anos daquela época. Qualquer pessoa poderia esquecer aquilo após tanto tempo, ainda mais com uma idade tão avançada.

Mas não Osvaldo. Osvaldo não havia esquecido.

As lembranças não sumiam e nem morriam. Dessa forma, Osvaldo as escondeu. Ele havia trancafiado aqueles catorze anos dentro da sua mente, em um calabouço escuro, cheirando a mofo e umidade.

Assim funciona a mente humana. As memórias vivas estão sempre presentes, andando para lá e para cá, passeando livremente pela consciência. As memórias mortas jazem tranquilamente em um cemitério mental, construído em um local escuro da mente, que já não precisa mais ser acessado. Aos poucos se desintegram e desaparecem, como se jamais tivessem existido.

Mas há, também, as memórias que gostaríamos de matar, mas que não conseguimos. Por mais que tranquemos essas memórias em calabouços mentais ou em túmulos dentro do cemitério, elas voltam. Elas retornam dos mortos e voltam a assombrar nossa consciência.

Essas memórias aterrorizam as memórias vivas, como espíritos malignos que infestam uma casa, apavorando seus inocentes habitantes. Essas memórias desestabilizam as memórias boas, e as fazem trabalhar para elas, como vírus que se hospedam no núcleo das células e as destroem, às vezes lentamente, com requintes de crueldade.

Há um velho ditado que diz que você pode enganar a quem quiser. Mas você jamais poderá enganar a si próprio nem a seu travesseiro. Aquele que, em algum dia, fez algo errado, tem consciência do que fez. E essa lembrança o atormentará para o resto da sua vida.

Osvaldo havia conseguido trancar catorze anos da sua vida em um calabouço aparentemente perfeito.

Mas aqueles catorze anos conseguiram escapar. E, agora, eles haviam retornado para o ajuste de contas. Um ajuste de contas que Osvaldo precisaria fazer não só consigo próprio.

Mas com algo que estava além da sua percepção.

Festas de aniversário são, via de regra, chatas. Um verdadeiro porre. O processo é sempre o mesmo: chegada, cumprimentos, presentes, “não precisava”, conversa mole, comida, parabéns, bolo, mais conversa mole e despedida. Não há como fugir desse fluxo.

Parentes e amigos chegam, muitos deles trazendo os “agregados”. Em um determinado ponto da festa, o aniversariante já não conhece mais do que vinte por cento das pessoas que ali estão, além de terem se formado diversos grupinhos, com suas festas particulares.

A coisa, muitas vezes, chega a um ponto no qual o aniversariante pode ir embora tranquilamente sem que dêem por sua falta.

Sim, festas de aniversário são um verdadeiro porre. E Osvaldo sabia disso.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A cada novo toque da campainha, era um novo ciclo: cumprimentos, presentes, “não precisava”, abraços, conversa mole.

“Vovô Osvaldo! Como o senhor está bem! Meus parabéns, muitas felicidades, muitos anos de vida!”

“Muitos anos de vida é o cacete.” – pensava ele – “Já estou com cem anos, acham que eu vou viver quantos? Duzentos?”

“Nossa, seu Osvaldo! Cem anos! Quem diria, hein? O senhor não parece ter mais do que uns setenta.”

Ou então:

“Seu Osvaldo, benza Deus, hein! Será que eu, um dia, consigo chegar a sua idade?”

Osvaldo sorria sem sorrir. Simplesmente repuxava os músculos da boca, fazendo com que as laterais subissem um pouco. Bastava, após isso, abri-la um pouco e pronto. Estava ali um perfeito sorriso, exibindo todos os dentes de uma perfeita dentadura, reluzindo em um impecável tom de branco.

Lucas, um dos filhos de Alberto, era o seu neto favorito. Osvaldo jamais admitiu isso, assim como os pais jamais admitem ter um filho como favorito, apesar disso acontecer naturalmente. Sempre há uma maior facilidade no relacionamento com um dos filhos e esse se torna o predileto. Sombrio, assustador, mas é assim que funciona.

Lucas tinha quinze anos e estava sempre ao lado de Osvaldo. Fosse para jogar cartas, dominó, ver TV ou simplesmente para passear com ele pelas ruas, lá estava Lucas, sempre à disposição. Era o neto perfeito, que todo avô gostaria de ter. Educado, respeitador, estudioso, amoroso e companheiro para todas as horas. E, claro, estava na festa de aniversário do centenário de seu Osvaldo.

“Vovô” – disse Lucas.

“Diga, Lucas” – respondeu Osvaldo.

“O senhor está achando isso tudo um saco, não é verdade?”

Osvaldo sorriu – uma risada sonora – e olhou para seu neto – “Saco é uma boa palavra para descrever, Lucas. Mas eu também diria “porre”, “uma merda” e “uma puta pentelhação”, desde que você não diga essas expressões para sua mãe.”

Lucas sorriu – “Eu também não tenho muita paciência para festas de aniversário.”

“Eu sei, meu neto. Você é igualzinho a mim.”

“Mas veja bem, vovô. O senhor está fazendo cem anos. O pessoal jamais perderia essa oportunidade de fazer uma grande festança.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Pois é, Lucas. Mas eles bem que podiam fazer isso sem minha presença. Eu estaria muito bem no meu quarto, assistindo TV ou dormindo.”

“Eu sei, vovô. Mas daqui a pouco o senhor diz que está cansado e que precisa ir deitar. Pronto. Eles continuam a festa e o senhor fica quieto no seu canto. O que acha?”

“É o que eu vou fazer nos próximos minutos. A paciência já esgotou.” – disse Osvaldo, quase sussurrando para Lucas, e sorriu para mais um primo em terceiro grau de alguém, que lhe dava os parabéns.

“O próximo que vier me dar parabéns vai sair daqui com esta língua de sogra enfiada no rabo.” – disse Osvaldo, piscando o olho para Lucas, que gargalhou.

“Meu Deus, se sua mãe me ouve falando essas coisas para você...”

“Ela só saberia se contássemos, certo? Então fazemos assim. Eu não conto nada e, se o senhor enfiar a língua de sogra no rabo de alguém, faço de conta que não foi premeditado, ok?”

Agora foi a vez de Osvaldo gargalhar. Davam-se bem, extremamente bem, e não havia censura entre os dois.

“Vovô, como é fazer cem anos?” – ele perguntou.

“Uma merda.” – respondeu Osvaldo, sem nem ao menos pensar. Foi de “bate-pronto”.

Nova gargalhada de ambos. Alguns dos convidados já começavam a olhá-los, curiosos com o que estava se passando de tão engraçado por ali.

“Não, vovô, sério. Como é completar cem anos de idade?”

“Lucas, veja bem. É simplesmente adicionar mais um ano à sua idade. Não tem nada de fantástico nisso, a não ser quando se olha para frente. Pense comigo. Você tem quinze anos, certo? A menos que aconteça alguma desgraça, você tem certeza de que viverá mais cinco, dez, vinte, trinta, quarenta anos. Talvez mais. Seu corpo agüenta isso. É perfeitamente plausível se imaginar com sessenta, setenta ou, até mesmo, oitenta anos.”

Lucas o olhava e ouvia atentamente cada palavra.

“Mas veja o meu caso.” – continuou – “Fiz cem anos hoje, certo? Não dá para ter certeza de mais nada. Cinco anos? Dez? Não creio. Não é plausível alguém imaginar-se com cento e dez, cento e vinte ou cento e trinta anos, concorda?”

“Ah, mas algumas pessoas passam dos cento e vinte, vovô.”

“Quantas, Lucas? Uma? Duas? Em um universo de seis bilhões.”

“Mas se alguém consegue, por que o senhor não conseguiria?”

“Essa não é a questão, Lucas. Não é consegue ou não consegue. O que eu estou querendo dizer é que a sensação de fazer cem anos é a certeza de não haver muito mais tempo.”

“Não fale assim, vovô.”

“Mas é verdade. Quando você é jovem, não se imagina ficando velho. Mas daí você completa trinta anos. E continua tudo bem. Trinta anos ainda é ser jovem. E, então, você faz quarenta.”

“Mas quarenta ainda é jovem.” – Lucas cortou-o.

“Sim, concordo com você. Tirando o fato de que, com quarenta anos, nisto a que chamamos de país, ser quase impossível conseguir emprego, ter quarenta anos ainda é ser jovem. E, então, você faz cinquenta. Com cinquenta anos, ainda está tudo bem, Lucas. Mas, quando você alcança a marca dos sessenta, a coisa começa a mudar de figura.”

“Como assim?”

“Fazer sessenta anos é um marco. Você já entra na velhice ou, como gostam de dizer hoje em dia, terceira idade. Sessenta é a ante-sala para os setenta. E setenta é a velhice personificada.”

Lucas sorriu. Estava completamente fascinado pelo discurso do avô. Com cem anos, ele ainda tinha uma lucidez fantástica e a mesma capacidade de concatenar as idéias.

“Ele o está perturbando, seu Osvaldo?” – perguntou Roberta, mãe de Lucas, que estava passando por ali. Ela sorriu um largo sorriso de dentes brancos como a neve, cerrando de leve seus olhos azuis.

“É mais fácil que eu o esteja perturbando e não ele a mim, meu amor.” – era assim que seu Osvaldo chamava sua nora – meu amor. Davam-se muito bem. Muitas vezes ele ia contra o filho para tomar partido da nora.

“Vocês dois, vou contar, viu.” – ela sorriu ainda mais amistosamente e continuou – “Uma festa deste tamanho e vocês dois aí confabulando. O assunto não acaba nunca não? Meu Deus, vivem grudados!”

Ambos deram risadas. Realmente o assunto parecia não acabar nunca entre os dois. Mas, também, vovô Osvaldo era uma enciclopédia ambulante.

Algumas páginas dessa enciclopédia, no entanto, estavam coladas, fechadas, borradas. Talvez estivessem escritas com uma tinta especial, que só podia ser lida com uma determinada luz. E ninguém tinha essa luz. Ninguém jamais havia tido. Nem seus filhos, nem seus netos. Nem mesmo sua esposa Luzia. Muito menos Lucas.

Era preciso uma chave especial para abrir aquele segredo (horrível), trancafiado a sete chaves nos porões da mente.

(Um segredo horrível)

(Algo medonho, jamais imaginado por ninguém da sua família)

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Mas aquele segredo estava lá. Adormecido, latente, mas estava lá, somente esperando para o dia do ajuste de contas.

Oswaldo não podia imaginar que o dia do ajuste de contas estava tão próximo. Ninguém ali podia imaginar, pois ninguém sabia que havia um motivo para um ajuste de contas.

Pelo menos ninguém que já estivesse ali, naquela sala, comemorando os cem anos do vovô Oswaldo...

Por volta das onze horas da noite, Oswaldo piscou o olho direito para Lucas. Iria preparar alguma mentira (leve) para sair dali. Queria ir para o seu quarto dormir e se livrar daquela bagunça.

“Festas de aniversário são um porre.” – pensou mais uma vez.

Barulho. As pessoas falavam todas ao mesmo tempo, gritando e cumprimentando uns aos outros, que não se viam havia muito tempo.

Bagunça. As pessoas andavam de um lado para o outro, esbarrando, tropeçando, mexendo em todos os objetos colocados em cima das estantes e mesas do apartamento. “Ainda bem que meu quarto está fechado.” – pensou Oswaldo.

Sujeira. Esse é um dos itens principais em uma festa de aniversário. Vai desde mesas e cadeiras fora do lugar, sendo arrastadas e marcando o chão, até copos de refrigerante virados no tapete e pedaços de salgadinhos pisoteados embaixo das mesas ou amassados no sofá.

Oswaldo, então, começou a fingir que estava com sono. Ia fechando os olhos aos poucos e abaixando a cabeça vagarosamente quando, de repente, a levantava em uma expressão assustada, como se estivesse querendo segurar o sono.

Repetiu esse gesto três ou quatro vezes. Na quinta, ficou com a cabeça um pouco abaixada e os olhos fechados, como se estivesse dormindo. Lucas levantou-se e foi rir do outro lado da sala, para não dar na vista.

“Tadinho do vovô! Está com sono!” – alguém gritou do outro lado.

Oswaldo abriu os olhos, como se estivesse acordando naquele momento de um sono de várias horas e fez cara de coitado, concordando com aquela afirmação, feita por alguém que ele nem mesmo conhecia.

Alberto aproximou-se de Oswaldo e disse “Paí, o senhor está cansado? Quer ir dormir?”

Palavras mágicas. Oswaldo havia chegado aonde queria.

“Sim, acho que vou sim, filho. Estou ficando com sono.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Atenção, pessoal! Atenção, todo mundo!” – gritou Alberto – “Nosso aniversariante está ficando com sono. Ele vai se recolher, para preparar-se para seus 101 anos, no ano que vem!”

“Ainda bem que eu não disse que havia soltado um peido!” – pensou Osvaldo. Discrição não era um ponto forte de Alberto, afinal de contas.

Todos o aplaudiram, em meio a gritos de “Viva!” e “Parabéns, vovô!”. Osvaldo quis mandá-los todos para a puta que pariu, mas preferiu simplesmente acenar com a mão, enquanto levantava-se.

Apoiou-se em sua bengala e deu a volta por trás da mesa, em direção ao corredor que levava para o seu quarto.

“Quer ajuda, vovô?” – perguntou Lucas.

“Não, Lucas, pode ficar tranqüilo. Aproveite mais um pouco a festa.” – disse Osvaldo e sorriu – “Consegui me safar. Agora você dê um jeito de escapar também e vá dormir, meu neto. Está ficando tarde e esse povo todo não dá o menor sinal de que queira ir embora.”

Lucas sorriu e fez um sinal de positivo com a mão.

Osvaldo foi caminhando tranquilamente para o seu quarto. Ao entrar, acendeu a luz e fechou a porta. Não queria ouvir a bagunça do lado de fora. Queria simplesmente deitar e dormir, como faria em um dia normal. Havia quebrado sua rotina e ele não gostava disso.

Caminhou pelo grande quarto, em direção a sua cama. Do outro lado, um guarda-roupa, com portas de correr, cor de marfim. Amarelado, para falar a verdade. Nunca entendeu o motivo de alguém chamar móveis amarelados de “marfim”. Uma das portas era revestida por um grande espelho. Um criado-mudo ficava postado ao lado da cama. Nele, repousavam um rádio-relógio, um copo de água, uma foto da sua falecida esposa e um abajur. Ali também ficaria o seu relógio de pulso, assim que ele deitasse.

Em uma cômoda, aos pés da cama, havia diversos vidros de perfumes. Osvaldo adorava perfumes e os estava sempre usando. Um pequeno aparelho de som dividia espaço com os vidros de perfume.

Presa a um suporte na parede, estava uma TV de vinte polegadas, virada em direção a cama de Osvaldo. O controle remoto estava jogado preguiçosamente sobre a colcha, marrom, que cobria os lençóis e os dois travesseiros. Osvaldo não gostava de dormir com a cabeça muito baixa.

Entre o criado mudo e o guarda-roupa, ficava uma poltrona, de tecido bege, presente de um dos seus filhos, no último dia dos pais.

Tudo estava exatamente como sempre. Ao menos, era isso que aparentava.

Osvaldo trocou de roupa e colocou seu pijama. Caminhou tranquilamente para a cama e puxou a colcha, dobrando-a cuidadosamente. Acendeu o abajur e apagou a luz do quarto, em um interruptor que seu filho havia instalado ao lado da sua cama, para que não precisasse andar até a porta para acender ou apagar a luz.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Sentou-se na cama e, assim que ia deitar, ouviu uma voz grave, aveludada.

“Boa noite, Osvaldo. Meus parabéns.”

Osvaldo não estava sozinho no quarto, afinal.

Osvaldo olhou em volta, tentando descobrir de onde havia vindo aquela voz.

“Quem está aí?”

Não houve resposta. Osvaldo sentiu o dedo gelado do medo espetar seu coração, com sua unha podre e fétida, revirando cada veia, cada artéria, em busca de sangue.

“Quem está aí?” – perguntou novamente.

E, novamente, não houve resposta.

Sentiu sua alma ser envolta por uma atmosfera úmida, como uma neblina, que parecia lhe sugar a vida e a energia. O gosto brutal da morte tomou-lhe a boca, espalhando-se pela ponta da língua e, depois, conquistando toda sua boca, descendo pela garganta e apertando sua laringe.

Osvaldo bateu e acendeu a luz, usando o interruptor ao lado da cama.

Foi quando viu. Ali, sentado na poltrona bege, entre o criado-mudo e o guarda-roupa, estava um homem.

Estava usando um terno cinza escuro, cor de chumbo, impecavelmente passado e que lhe vestia sem um único ponto de folga. Caía-lhe como uma luva. Usava um par de sapatos pretos, lustrosos, como se tivessem acabado de receber uma generosa mão de graxa. O homem estava com as pernas cruzadas. O paletó estava abotoado por um único botão, exibindo uma bela e também impecável camisa cinza, mas em um tom bem mais claro que o terno. Estava com a cabeça um pouco abaixada, com seu rosto escondido pelo chapéu fedora que estava utilizando. Um belo chapéu fedora, preto. Do bolso do paletó, a ponta de um lenço vermelho saltava para fora, como uma língua estendida para fora da boca.

O homem tinha as mãos cruzadas no colo. Ele levantou o rosto e ajustou o chapéu, olhando fixamente para Osvaldo, que sentiu cada centímetro do seu corpo gelar. Foi como se o sangue parasse de circular por alguns momentos e, em seu lugar, circulasse fluido de refrigeração em suas veias.

O homem, então, exibiu seu rosto bronzeado com olhos castanhos escuros e sorriu, exibindo dentes ainda mais impecáveis do que todo o terno.

“Boa noite, Osvaldo. Meus parabéns, ora!” – repetiu.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Osvaldo não disse nada por alguns instantes, que pareceram uma eternidade.

“Quem é você?” – perguntou, finalmente.

“Vim aqui para lhe cumprimentar. Afinal de contas, não é todo dia que se faz cem anos, não é verdade?” – o homem respondeu.

“Eu não o conheço.” – as palavras arranhavam a garganta de Osvaldo, segurando-se à sua boca, com medo de sair – “Quem lhe deu permissão de entrar no meu quarto?”

O homem sorriu. Na verdade, gargalhou. Aquele som invadiu os ouvidos de Osvaldo, ecoando por todo seu cérebro e, ao mesmo tempo, teve a impressão de que o som havia se propagado por pouco mais de alguns centímetros através do ar.

“Osvaldo, Osvaldo.” – disse o homem, após gargalhar – “É assim que você trata as visitas?”

“Visitas são convidadas!” – disse Osvaldo – “E você, até onde eu me lembro, e olhe que eu tenho uma boa memória, não foi convidado!”

“Muitas pessoas naquela sala também não foram convidadas por você, Osvaldo. Mas todas foram tratadas como visita.”

“Isso não me interessa, homem. Quem, afinal, você é?” – perguntou Osvaldo, com a menção de levantar-se da cama.

“Calma, Osvaldo. Não se exalte. Sente-se, relaxe.” – disse o homem, enquanto estendia a mão espalmada no ar. Um belo anel reluziu em seu dedo anelar da mão direita. O seu rosto, apesar de sereno, não transmitia nenhuma sensação de paz. Era como estar frente a frente com um bandido, algum tipo de sequestrador. De alguma forma, Osvaldo sentiu que era aquele homem quem estava ditando as regras por ali.

Osvaldo permaneceu sentado, mas não sabia exatamente o motivo. Bastaria sair dali e chamar alguém, dizendo que um homem havia invadido seu quarto. Pronto, tudo resolvido. Mas, de alguma forma, ele não podia sair dali. Sentia isso.

Algo estava errado.

“Você disse que tem uma ótima memória, Osvaldo. Isso é bom. Na verdade, isso é ótimo. Pois é exatamente sobre isso que quero conversar.”

“Não estou entendendo. O que você quer de mim?”

O homem descruzou as pernas, invertendo-as de posição. Brincou com seu anel no dedo. Era um belo anel, dourado, provavelmente de puro ouro maciço, de vinte e quatro quilates. Era grande e provavelmente pesado, além de ser muito valioso. Tinha uma pedra, incrustada na parte de cima, com cerca de um ou um centímetro e meio quadrado, de uma cor hipnotizadora. Era uma pedra escura, tendia para o roxo, e possuía um brilho indescritível, como se milhões de pequenas estrelas cintilassem em seu interior, produzindo um brilho somente visto em fotos de galáxias e nebulosas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

E o homem girava o anel no dedo, empurrando-o para cima e para baixo. Era como alguém riscando um papel enquanto fala ao telefone. Um ato involuntário, vindo de um homem que parecia saber exatamente o que queria, além de estar plenamente no controle da situação.

“Conversar, Osvaldo. Simplesmente conversar.”

“Estou cansado. A festa foi longa e eu quero dormir.”

“Sim, eu entendo. Cem anos, não é verdade? Não deve ser fácil carregar cem anos nas costas, Osvaldo.”

“Não é mesmo. E por isso que eu vou lhe pedir para que me deixe em paz. Você veio da parte de quem? Quem o convidou, afinal? Eu não o vi na sala.”

“Isso faz alguma diferença, Osvaldo?”

“Claro que faz. Como é que alguém que eu não conheço vai simplesmente entrando no meu quarto dessa maneira?”

“Osvaldo, Osvaldo...” – disse o homem, balançando a cabeça – “Vamos conversar. Você nem vai sentir o tempo passar, prometo para você.”

“Sabe o que eu vou fazer?” – Osvaldo começou a dizer, enquanto sentia suas mãos tremerem – “Vou me levantar daqui agora, neste exato minuto, e pedir para o meu filho lhe colocar para fora desta casa.”

Osvaldo apoiou as mãos na cama e fez força para levantar-se. Mas não conseguiu. Continuou sentado, à beira da cama. Suas pernas não o obedeciam.

“Merda! O que está acontecendo? Mas o que... ALBERTO! ALBERTO, VENHA JÁ AQUI!” – gritou Osvaldo.

O homem simplesmente balançou a cabeça e ajeitou seu chapéu, enquanto girava o anel no dedo.

“ALBERTO, PELO AMOR DE DEUS, PODE VIR AQUI UM MINUTO?”

Nada.

“LUCAS! VOCÊ ESTÁ AÍ? VENHA AQUI, PRECISO DE AJUDA!”

Nenhuma resposta.

“Já terminou, Osvaldo?” – perguntou o homem, com a voz ainda mais grave e aveludada.

Osvaldo gritou mais algumas vezes. Mas, da mesma forma que o som da gargalhada do homem, sentiu que sua voz não ecoou por mais do que alguns centímetros através do ar. Era como se o ar tivesse se tornado um fluido espesso, grosso, sem mobilidade.

“Pronto, Osvaldo?” – insistiu o homem – “Podemos conversar agora?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Conversar o quê? Pelo amor de Deus, o que você quer, homem?” – disse Osvaldo, com um tom inicial de desespero na voz.

“Precisamos acertar algumas coisas. Fazer alguns ajustes, alguns acertos. Coisa simples, Osvaldo. Coisa rápida.”

“Ajustar o quê? Acertar o quê? Não tenho nada a acertar com você, rapaz. Nem o conheço!”

“Você tem alguma coisa a acertar sim, Osvaldo. Catorze anos de coisas, para ser mais exato.”

Osvaldo sentiu seu sangue não só gelar, mas congelar, criando cristais de gelo nas veias, que raspavam cada centímetro do seu coração. Ninguém, absolutamente ninguém, sabia daqueles catorze anos. Como aquele homem, que ele nem conhecia, podia citar algo daquele tipo?

Sim, Osvaldo sabia que aqueles catorze anos haviam existido. Não podiam ser apagados. Mas estavam lá atrás, mortos (em coma), enterrados (prontos para sair) e ele não pretendia exumá-los de forma alguma. (Mas eles sim).

Mas aquele homem ali na sua frente havia tocado naquele ponto. Aqueles anos eram como uma ferida, que formou uma casca, mas jamais cicatrizou por completo. E, agora, um desconhecido aparecia para arrancar aquela casca e expor a ferida novamente ao ambiente, para que sangrasse, escorresse e voltasse a doer. Não no corpo, mas na alma.

Osvaldo sentiu que o caixão, onde aqueles anos estavam sepultados, começou a abrir-se. Uma mão acinzentada, quase esbranquiçada, saiu de dentro do caixão, forçando a tampa a deslizar, libertando o resto daquele corpo que, um dia, já o havia aterrorizado. Osvaldo sentiu o cheiro fétido daquela lembrança podre tomar-lhe a mente. A lembrança estava sendo exumada por conta própria, contra a vontade de Osvaldo.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer para conter o que estava acontecendo. Sentiu o coração disparar, fazendo cada vez mais força para bombear um sangue congelado, que espalhava os restos mortais daquela lembrança por cada centímetro do seu corpo.

Aquela sensação alcançou a espinha e um fio gelado correu pelas suas costas, de ponta a ponta, de cima para baixo e de baixo para cima, em um ciclo aparentemente infinito.

A lembrança estava saindo da sua cova. E enchendo seu corpo e sua mente de medo.

Mas o medo era o menor dos sentimentos.

Era a culpa quem lhe rasgava por dentro. Era a culpa quem corroía seu fígado, injetando o amargo gosto da bile em sua boca. Era a culpa quem lhe dava socos nos rins, como um boxeador que apanhava violentamente durante uma luta.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Era a culpa, com sua mão áspera e fria, quem lhe apertava o peito, comprimindo os pulmões, fazendo sua respiração tornar-se rápida e lenta.

Era a culpa quem lhe tomava a consciência, expulsando o grilo conselheiro e instalando nela um duende sorrateiro, zombeteiro e maligno, disposto a atacar sua mente e sua sanidade, com todos os tipos de armas morais que pudessem existir.

A culpa. Aquele sentimento que ninguém consegue esconder nem de si mesmo. Aquele sentimento que acompanha cada ser humano, por cada passo, por cada minuto, em todos os instantes da sua vida. Aquele sentimento que queima, corrói, aperta. Aquele sentimento que desdenha, instiga, amarga. Aquele sentimento que preenche a atmosfera com uma névoa úmida de medo.

A culpa.

Catorze anos de culpa.

E, agora, todos aqueles anos estavam prontos para dividir aquele quarto, juntamente com Osvaldo e o homem, vestido naquele impecável terno cinza chumbo, com um belo chapéu fedora.

Havia realmente muito que ser acertado.

E Osvaldo sabia disso.

Osvaldo sentiu que não adiantava negar. O homem sabia o que estava falando e Osvaldo pôde ler em seu olhar que ele tinha certeza do que falava.

“Como você sabe disso?” – perguntou Osvaldo.

“Eu simplesmente sei. E já faz tanto tempo, não é verdade? E veja só, Osvaldo, somente agora, aos cem anos, isso veio à tona novamente.”

Osvaldo sentiu um gosto estranho aflorar-lhe à boca.

“Quem é você? A morte, por acaso? É isso? Estou morrendo e a morte veio me buscar, para me julgar?”

O homem voltou a gargalhar, jogando a cabeça para trás e exibindo seus dentes, contrastados pela escuridão do interior da sua boca. Aquela gargalhada invadia o cérebro de Osvaldo, provocando descargas em seus neurônios. Mas não eram descargas agradáveis, eram descargas dolorosas, da mesma forma quando se coloca o dedo em algum fio desencapado.

“A morte, Osvaldo? É isso que você pensa que eu sou?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Osvaldo não sabia o que responder.

“Por que a morte é sempre personificada, Osvaldo? Saberá me dizer?”

Osvaldo continuou mudo. O medo paralisara seu rosto.

“Vou lhe responder, Osvaldo. A morte é personificada porque o ser humano é egoísta. O ser humano é estúpido por natureza. Não consegue compreender que, um dia, vai para debaixo da terra, vai virar lixo. O ser humano não consegue compreender isso. Não é fácil compreender isso, Osvaldo?”

Osvaldo meneou a cabeça. Não sabia o que fazer.

“Não é fácil compreender que um dia você está vivo e, no outro, não está mais? Será que é tão difícil assim, Osvaldo? Eu não vejo tanta dificuldade nisso, mas a maioria das pessoas vê. E tentam tornar a morte algo bonito, limpo, lúcido. Transformam-na em uma pessoa, em um anjo, que virá lhes buscar doce e serenamente. PARA O INFERNO COM ISSO, OSVALDO!” – disse o homem, gritando as últimas palavras.

“A morte não é uma pessoa, homem! É um processo. Ela simplesmente acontece, o toma pelos braços e o joga nas profundezas do seu ser, para que você reflita e pague por tudo o que cometeu de errado.”

“Mas... mas...” – Osvaldo tentou articular algumas palavras, mas ainda não estava pronto para dizer nada.

“Não, Osvaldo, eu não sou a morte. Pode ficar tranquilo, em relação a isso.”

Osvaldo não conseguia entender o motivo, mas respirou um pouco mais aliviado ao ouvir essa frase.

“Na verdade, eu estou acima da morte, Osvaldo. Poderíamos dizer que ela trabalha para mim.”

E o homem sorriu, com um brilho cintilante em seus olhos castanhos.

O homem puxou do bolso uma bela carteira preta e, de dentro, um cigarro. Guardou a carteira de volta, colocou o cigarro na boca e pegou uma pequena caixa de fósforos de dentro do outro bolso. Ia riscá-lo, quando Osvaldo se manifestou.

“Eu não fumo. Não gosto de cigarros.”

O homem sorriu. Riscou o fósforo assim mesmo e acendeu o cigarro. Deu uma grande tragada e jogou a fumaça, que se alastrou pelo ambiente, subindo preguiçosamente em direção ao teto e desapareceu logo em seguida, ao mesclar-se com o ar.

“Cem anos.” – disse o homem – “É difícil alguém chegar a essa idade, não é mesmo? Como você se sente, Osvaldo?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Bem.” – respondeu, monossilabicamente.

“Já faz quanto tempo mesmo, Osvaldo? Setenta e cinco anos, certo? Você tinha vinte e cinco.”

Osvaldo balançou a cabeça. Não havia nada o que negar. O homem sabia de tudo.

“É um bocado de tempo. Sete décadas e meia. Muito mais tempo do que muita gente consegue viver. E catorze anos. Bastante tempo também. É uma pequena vida. Ou, no seu caso, vinte vidas, não é mesmo, Osvaldo?”

Osvaldo sentiu os olhos lacrimejarem. Tentou conter as lágrimas, mas uma fugiu do seu controle e escorreu pelo seu rosto, parando em cada ruga, tomando nova velocidade pela ação da gravidade e reiniciando a descida.

Sim, já haviam se passado setenta e cinco anos. E Osvaldo conseguia se lembrar de cada detalhe. Talvez até mesmo se lembrasse de cada dia, de todos os mais de cinco mil dias daqueles catorze anos.

Foi arrebatado, pela sua mente, violentamente para setenta e cinco anos atrás, para aquele dia de verão quente e úmido, em dezembro de 1933.

Osvaldo, então com vinte e cinco anos, havia acabado de se formar em engenharia. Não tinha muito que fazer, visto que ainda não tinha arrumado um emprego decente. Assim, dedicava suas horas livres – e eram muitas – ao seu hobby preferido à época: encher a cara.

Naquele dia 16 de dezembro, Osvaldo estava em um bar, sentado em um banco de madeira encostado ao balcão, bebendo a quinta garrafa de cerveja. O dinheiro já quase não existia e a conta no bar estava aumentando. Mas a bebida estava tomando conta da sua alma e ele não conseguia largá-la. Estava tornando-se um alcoólatra. Um desses malditos vagabundos alcoólatras.

Eram quatro horas da tarde e o calor estava quase insuportável. O ar, úmido, fazia com que a transpiração do corpo não abaixasse a temperatura interna. O corpo, então, transpirava mais e mais, perdendo líquidos. A cerveja só aumentava a perda dos líquidos, o que deixou Osvaldo muito próximo a um estado de desidratação.

(Talvez tivesse sido melhor que ele caísse desidratado e saísse daquele bar).

Mas Osvaldo continuava ali, encostado no grande balcão de madeira, com uma grande vitrine na parte da frente, onde ficavam queijos, algumas sacolas com sabe-se lá o quê dentro, além de diversas garrafas – cerveja e refrigerante – empoleiradas.

Pedro, o dono do bar, era um homem gordo, com largos bigodes e quase nenhum cabelo. Estava limpando o balcão, com aqueles panos úmidos e enebados, quando Osvaldo – o jovem Osvaldo – o chamou.

“Mais uma, Pedro, por favor.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Pedro olhou-o um pouco desconfiado, mas serviu-lhe mais uma cerveja – a sexta. Anotou o valor em um pequeno papel, ao lado de uma velha caixa registradora, onde os números pareciam multiplicar-se como colônias de bactérias. A conta não sofria um crédito há muito tempo. Aquela seria a última cerveja que ele serviria a Osvaldo, a menos que ele abatesse algum valor naquela conta. Pedro já sentia que ficaria no prejuízo com aquele rapaz.

Dois homens entraram no bar e sentaram-se em uma mesa, a alguns metros de distância de onde estava Osvaldo. Um deles, bem vestido, começou a contar ao outro um problema que o afligia. O bar estava praticamente vazio. Osvaldo tinha a aparência exata do que estava se tornando. Assim, a conversa começou a fluir, sem preocupações de onde estavam, pois ninguém ali conseguiria ouvi-los. Mas, sabe-se lá o motivo de, justamente nessas horas, os ouvidos dos bêbados conseguirem amplificar todas as conversas ao seu redor. Osvaldo conseguiu ouvir toda a conversa dos dois homens.

“Meu amigo, não sei mais o que eu faço. Minha filha não toma jeito.”

“Aquele rapaz ainda está atrás dela?” – perguntou o outro homem. Este era baixo, estava ficando calvo e tinha o rosto tomado por uma espessa barba, com diversos fios brancos. Ambos estavam usando chapéus-coco e pareciam muito distintos.

“Sim. Aquele vagabundo continua atrás da minha filha. Não a larga. E o pior é que eu não sei o que faço, pois ela o recebe de braços abertos.”

“Isso é um problema, meu amigo. Esse rapaz quer entrar para a sua família e conseguir um bom pedaço da sua fortuna.”

“Isso nunca! Nunca, jamais! Jamais permitirei que um vagabundo se apodere de nada que é meu. Nem uma única fazenda, nem uma única cabeça de gado. Nada, entendeu? Absolutamente nada!”

“Eu sei, meu amigo, calma. Você precisa fazer alguma coisa para impedir isso.”

“Eu não trabalhei toda a minha vida para entregar tudo de bandeja para um traste vagabundo como aquele. E pouco me importa se ela gosta dele ou não. Ela está cega! Cega, entendeu? Cega como uma toupeira. Cega como um morcego. Vou fazê-la abrir os olhos e voltar à realidade!”

“Concordo com você.” – disse o outro homem – “Mas o que você vai fazer?”

“Já pensei em mandá-la estudar na Europa. Mas não quero ficar longe dela. Além disso, as coisas na Europa não estão tão boas assim.”

“Talvez você não deva fazer nada com ela. Mas, sim, com ele.” – sugeriu o amigo.

“Como assim, com ele?”

“Meu amigo, “ – disse o homem, quase sussurrando ao seu ouvido, mas, ainda assim, em um tom audível ao ouvido bêbado de Osvaldo – “coisas acontecem. Coisas, entende? Esse rapaz pode assim, digamos, sumir. Sumir sem deixar vestígios. Essas coisas acontecem.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

O homem parou por alguns instantes e, finalmente, conseguiu entender o ponto até onde seu amigo estava querendo levá-lo.

“Um... acidente? É isso que você está querendo dizer?”

“Sim. Podemos chamar assim, se você preferir.”

“Mas como eu faria isso? Não posso fazer uma coisa dessas, pelo amor de Deus!”

“Você, não. Mas existem pessoas que fazem isso. Uma espécie de profissional, entende? Tudo é questão de dinheiro.”

“Quanto dinheiro?”

“Bastante dinheiro.”

“Bom, mas dinheiro não é problema. Pago o que for preciso para livrar minha filha daquele vagabundo.”

Osvaldo ouviu as palavras mágicas. “Bastante dinheiro”, “Pago o que for preciso”. Ali estava uma boa chance de ganhar um dinheiro e livrar-se dos seus problemas financeiros. Ao menos, foi essa a idéia que o cérebro afogado em álcool de Osvaldo teve. Ele não havia ligado as coisas. Não havia ponderado. O dinheiro empurrou a cabeça da razão para baixo e a manteve submersa até que morresse afogada, em um mar de álcool. Seus problemas estavam resolvidos.

“Mas, “ – disse o pai da filha rebelde – “você conhece alguém assim? Um desses... profissionais?”

“Não, mas isso é fácil de descobrir.” – respondeu o outro homem.

Osvaldo, então, levantou-se do balcão, ajeitou a roupa e os cabelos e aproximou-se da mesa. Olhando-o bem, não estava com uma aparência tão horripilante. Parecia um desses profissionais, segundo disse o homem, disposto a qualquer coisa para ganhar dinheiro.

“Senhores, boa tarde. Posso me apresentar?”

Os dois olharam para Osvaldo com certo ar de arrogância.

“Meu nome é Tadeu.” – foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça. Não podia dar o seu nome real. Isso seu cérebro conseguiu processar naturalmente, o que levava a crer que ele sabia o que estava fazendo. Osvaldo apresentou-se antes que os homens o despachassem dali. Havia percebido nas expressões deles que eles estavam prestes a fazer aquilo.

“Não pude deixar de ouvir sua conversa, senhores.” – continuou – “Posso sentar-me?” – completou, já se sentando.

“Mas... mas... quem é você, com todos os diabos?” – perguntou o pai da filha rebelde.

“Posso resolver esse seu problema.” – Osvaldo disse, cruzando as pernas e os braços.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Você estava ouvindo nossa conversa, seu intrometido?” – perguntou o amigo.

“Não tive a intenção. Mas foi bom que eu ouvisse. Posso resolver esse problema para vocês. É o que vocês estão procurando, não é? Alguém que resolva esse problema para vocês e por vocês. Estou certo?” – Osvaldo disse com uma convicção impressionante. Apesar da dose cavalgar de álcool, não estava gaguejando nem um pouco. Não estava com a língua enrolada nem com os movimentos falhos. Visto de fora, parecia estar sóbrio.

E talvez realmente estivesse.

Talvez seu cérebro tenha bloqueado a parte alagada de álcool, como uma grande contenção de folhas e galhos em uma represa de um castor. Assim, a parte ainda sóbria poderia tomar conta da situação e resolver o problema. Dinheiro, muito dinheiro. Dinheiro o suficiente para resolver seus problemas financeiros. Ali estava uma oportunidade imperdível, que cerveja nenhuma poderia estragar. Um lado negro e sombrio do cérebro, inerente a todos os seres humanos, tomou conta de Osvaldo.

“Você vai se levantar daqui neste exato momento, antes que eu acabe com a sua raça, seu miserável!” – bradou o homem, esquecendo momentaneamente do seu problema com a filha. Seus olhos estavam esbugalhados e ele chegava a cuspir enquanto falava.

“Calma, Rodrigues. Calma. Veja só. É uma chance.” – disse o seu amigo. Marques era o seu nome – “Nem precisaremos procurar, a pessoa que precisamos está aqui, ao nosso lado, meu amigo.”

“Como podemos confiar nesse cara? Você está maluco?”

“Bom, se me permitem interromper, podem confiar plenamente em mim. Só preciso que me digam quem é o cara. Podem me pagar uma pequena parte agora e o resto depois. Não há problema em relação a isso.” – disse Osvaldo, como se fosse um profissional com larga experiência no ramo.

Rodrigues, o pai da filha rebelde, pensou por alguns instantes. Marques, seu amigo, fez sinal com a cabeça para que ele aceitasse.

Ali estavam três pessoas desajustadas. Um tinha um problema com a filha e queria afastá-la do namorado. O outro sugeriu que contratasse alguém para resolver o problema. E um terceiro, que jamais havia feito outra coisa a não ser encher a cara, estava ali sentado, oferecendo seus serviços de matador profissional.

“Qual é o seu preço, rapaz?” – perguntou Rodrigues.

“Cem contos de réis.” – respondeu Osvaldo, após uma breve pausa. Foi o suficiente para que seu cérebro calculasse quanto valia a vida de alguém.

“Isso é muito dinheiro, não acha?” – perguntou Rodrigues.

“Não acho, a partir do momento que resolve seu problema.” – respondeu Osvaldo – “E o senhor pode me pagar a décima parte como adiantamento. O restante, o senhor me paga após o trabalho.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Estava sendo tão convincente que enganaria até mesmo a um assassino profissional. Mas Osvaldo não tinha a intenção de fugir com aquele dinheiro. Tinha a intenção de fazer o serviço e receber o restante do pagamento.

“Está bem, rapaz. Está combinado. Dez contos de réis de antecipação e o restante logo após.” – concordou o homem. Essa era uma daquelas coisas que acontecem sem que ninguém saiba o motivo. Ele havia aceitado a proposta de um estranho para matar o namorado da sua filha. Pagaria por isso. E tudo, em sua mente doentia, estaria resolvido. Na mente doentia de seu amigo, tudo estaria certo também. E, na mente doentia de Osvaldo, seus problemas financeiros estariam solucionados.

E tudo pelo preço de uma vida. Cem contos de réis. Algo em torno de seis mil reais.

No dia seguinte, Osvaldo recebeu todas as informações de que precisava, incluindo uma foto do namorado da filha de Rodrigues. Recebeu, também, os dez contos de réis, a entrada do pagamento.

Osvaldo tinha uma arma. Havia ganhado uma em uma rodada de pôquer, outro de seus passatempos, durante a época dos estudos. Alguém desesperado pelo jogo havia apostado sua arma e a perdeu. Osvaldo a guardou em casa. Não sabia se um dia ela teria alguma serventia.

O dia, afinal, havia chegado.

O que se passou a partir dali foi extremamente rápido. Osvaldo seguiu os passos do rapaz por dois ou três dias, estudando exatamente seus hábitos. Por onde passava, para onde ia, de onde vinha. Tudo estava anotado. Todo o comportamento do rapaz havia sido rastreado. Como um perfeito criminoso, Osvaldo fez sua “lição de casa”. Estava pronto para executar o serviço e receber o restante dos seus “honorários”.

Poucos dias antes do Natal de 1933, Osvaldo resolveu que terminaria o trabalho. Eram pouco mais de nove horas da noite. Osvaldo sabia que o rapaz passaria por uma rua bastante deserta naquele horário, retornando do trabalho para casa. Não era nenhum vagabundo, afinal, como pensava seu ex-futuro sogro. Só não era rico nem influente. E aquilo causou sua pena de morte.

Osvaldo escondeu-se atrás de uma árvore. Assim que o rapaz passou, puxou-lhe o braço e encostou a arma em suas costas.

“Fique quieto. Nem uma palavra.” – disse Osvaldo.

“Mas.. mas.. o que é isso? Um assalto?” – murmurou o pobre coitado.

“Não chamaria propriamente de um assalto. Venha comigo.”

“O que vai fazer comigo?”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Já disse para não abrir a boca. Fique quieto.”

Osvaldo empurrou-o para um local mais afastado e o jogou no chão. O rapaz teve certeza do que estava acontecendo. Em um lampejo de pensamento, soube o que aconteceria consigo. Mas não gritou. Simplesmente ajoelhou-se e olhou para seu algoz.

Osvaldo, então, sem nenhuma pena, mirou o revólver na testa do rapaz, que só teve tempo de murmurar uma frase, a última da sua vida, que Osvaldo nem teve tempo de compreender.

Puxou o gatilho e o projétil estilhaçou o crânio do rapaz, que caiu para frente, em meio ao seu sangue.

Osvaldo, então, fugiu, correndo em disparada. Havia debutado no mundo do crime. Mas só pensava no restante do dinheiro que receberia.

“NÃO!!!!!!” - Osvaldo, de volta aos cem anos, gritou. Colocou o rosto entre as mãos e começou a chorar – “NÃO! Eu não quero me lembrar disso!”

“Por que não, Osvaldo?” – disse o homem, com voz grave e aveludada, ajeitando novamente seu chapéu fedora. O cigarro havia acabado e ele o jogou no chão, pisando em cima logo em seguida para apagá-lo.

“Isso não é justo. Eu havia esquecido isso tudo, não queria mais me lembrar de nada disso!”

“Justo, Osvaldo? Você acha que isso não é justo?” – perguntou o homem e, logo em seguida, gargalhou novamente, um som que parecia um gongo soando dentro da cabeça de Osvaldo.

“Não, não é justo. Eu havia esquecido isso tudo, não queria mais lembrar!” – repetiu Osvaldo, em prantos.

O homem levantou-se e parou em frente ao guarda-roupa, de costas para Osvaldo. Em pé, parecia ainda mais alto. Devia medir pouco mais de dois metros de altura. Acendeu outro cigarro e o fumava, enquanto tinha uma das mãos no bolso e olhava para o guarda-roupa, admirando-o.

“Belo armário, Osvaldo. Aliás, é um belo quarto este que você tem.” – o homem virou-se de volta para Osvaldo, enquanto andava pelo quarto, como se examinasse cada centímetro, com um olhar de admiração, mesclado com sarcasmo – “Um belo quarto... Uma bela casa... Uma bela família... Realmente você está de parabéns.”

“Quem é você, pelo amor de Deus?” – perguntou Osvaldo, enxugando algumas lágrimas que ainda escorriam pelo seu rosto.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

O homem aproximou-se de Osvaldo, dobrou seu corpo para ficar com o rosto na mesma altura que o dele e sorriu.

“Eu represento o caos, Osvaldo. Eu represento o lado escuro da vida, com seu lado B. Eu represento a insanidade, a loucura. Eu represento a antítese da vida, o fim, e a justiça que os homens não fazem. Eu represento o sofrimento, as lágrimas, a tristeza.”

Cada palavra saiu acompanhada de um odor putrefato, como se aquela boca estivesse ligada diretamente aos dutos de esgoto do próprio inferno. Os olhos castanhos do homem cintilavam, acompanhando as palavras como um equalizador.

Osvaldo sentiu uma onda de terror tomando seu corpo, quase paralisado e colado à cama. Queria gritar, mas não conseguia. E, mesmo que conseguisse, tinha certeza de que o grito não se moveria pelo ar. Ficaria ali, parado, dentro do quarto, dentro daquele ar espesso.

“Sabe, Osvaldo, é uma pena que nem todos possam ter um quarto, uma casa e uma família assim. Realmente é uma pena.” – disse o homem, em um tom claramente sarcástico. Continuava brincando psicoticamente com o anel entre os dedos – “Em alguns casos, a vida não deixa que essas pessoas tenham isso. Em outros casos, são as pessoas que não deixam, Osvaldo.”

Osvaldo engoliu em seco. Sentiu uma malha de lã envolvendo sua garganta.

“Aquele rapaz... Pobre rapaz... Poderia ter tudo isto, mas não teve chance. Você tirou as chances do rapaz.”

Osvaldo tentou dizer alguma coisa, mas as palavras não saíam da sua boca. Elas se agarravam ferozmente à sua garganta e não saíam.

“Sabe quais foram as últimas palavras dele, Osvaldo?”

“Não, eu não lembro.” – respondeu Osvaldo, claramente constrangido. Realmente não lembrava. Havia ouvido um leve murmúrio antes de dar o tiro fatal, mas não conseguiu entender o que o rapaz havia dito.

“Diga a ela que eu a amo.” – disse o homem – “Essas foram as palavras dele. Bonito, não? Não é de encher os olhos de lágrimas, Osvaldo?” – o homem falava sorrindo, com um tom de deboche no rosto.

Osvaldo ficou sem fala.

“E sabe o que mais? Sabe o que aconteceu depois que você pegou seu valioso dinheiro e foi encher a cara como um vagabundo? Aquela garota se matou. Aposto que isso você não sabia, não é verdade?”

Osvaldo empalideceu. Estava branco como cera. Realmente ele não sabia daquele fato. Aquela garota havia se matado. Tudo por causa de cem contos de réis. Seis mil reais. Esse foi o preço pago por duas vidas. Três mil por cada uma. Com um adiantamento de dez por cento.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

O homem gargalhou – “Não, não sabia, não é, Osvaldo? Foi típico de Romeu e Julieta. Bem meloso, sabe? Muito melodrama para o meu gosto, com carta deixada ao lado do corpo e tudo mais. A pobre criatura achava que, assim, ela iria encontrar-se com seu amado. Doce ilusão.”

“Eu... eu não podia imaginar.” – disse Osvaldo, gaguejando, tropeçando nas próprias palavras.

“Não, não podia mesmo, não é verdade? Sabe o pai dela, Osvaldo? Aquele que pagou aquele dinheiro a você?”

“Ele... ele se matou também?”

“Não, Osvaldo. Ele não precisou se matar fisicamente. Ele se matou da pior forma que alguém pode se matar. Por dentro, psicologicamente. Ele perdeu tudo, pouco a pouco. Mas a vida foi poupada. Ele teve que sentir o gosto amargo da culpa pelo resto da vida. Eu o visitei também, sabe, Osvaldo. Isso já faz bastante tempo. Ele não viveu tanto tempo quanto você. Já se passaram uns trinta anos, mais ou menos. O homem estava um trapo. Não precisei fazer nada com ele. Foi bem mais fácil assim, eu concordo, mas não teve muita graça.”

“Como assim fazer nada com ele?” – perguntou Osvaldo – “O que você ia fazer com ele? Ou o que você pretende fazer comigo?”

“Cada coisa no seu tempo, homem. Não precisamos meter os pés pelas mãos. Vamos com calma, passo a passo.” – disse o homem, enquanto sentava de novo na poltrona e acendia mais um cigarro.

“Essa foi só a primeira lembrança, Osvaldo. A primeira de um total de vinte... Mas eu prometo a você que farei disso uma espécie de filme. Um filme repleto de cenas de ação, escritas por você, Osvaldo, e nas quais você é o ator principal.”

Antes que Osvaldo pudesse responder qualquer coisa, sentiu-se ser arrastado novamente para aqueles catorze anos. Era 1934, uma tarde nublada de um sábado de julho, e o inverno já batia à porta como um psicopata, querendo invadir uma casa e espalhar o ar gélido por cada centímetro quadrado.

“Ouvi dizer que você executa esses serviços, então vim aqui para contratá-lo.” – disse o homem. Tinha cerca de quarenta anos, usava terno e aparentava estar bastante nervoso, olhando em volta sem parar.

Mas não havia nada por ali. A praça estava deserta. Ele e Osvaldo estavam sentados em um banco, quase no meio da praça, conversando tranquilamente, como dois velhos amigos. O único som além das vozes dos dois era o leve farfalhar das folhas das árvores, sacudidas pelo gelado vento de inverno. O ar tinha um tom cinza e um cheiro acre. O inverno havia chegado com força total naquele ano. O céu estava totalmente tomado por nuvens, que o cobriam de ponta a ponta. Não havia um único pedaço livre para que o sol pudesse banhar

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

aquele local com seus raios. O vento, às vezes, passava velozmente, raspando a pele, como se cortasse o corpo com finos pedaços de gelo.

“Sim.” – respondeu Osvaldo – “Do que você precisa realmente?”

Osvaldo já falava como um grande matador profissional. Havia matado somente uma pessoa, se é que se pode utilizar a palavra “somente” para esses casos. Mas, de qualquer forma, sua experiência no ramo ainda não era das maiores. Estava tomando gosto pela coisa. Havia conseguido um bom dinheiro sem ter muito trabalho. Bastava ter estômago e não ter escrúpulos. E isso não parecia ser um problema para Osvaldo.

“Eu tenho uma empresa, uma confecção de roupas. E tenho um sócio. Mas ele está me roubando, eu sei disso. Infelizmente ele também sabe de alguns problemas que eu tenho em minha vida particular. Problemas extraconjugais, sabe.” – disse o homem, enquanto pigarreava. Estava claramente constrangido.

“Certo. E, assim, você não pode fazer nada com ele, pois ele o tem nas mãos. Acertei?” – perguntou Osvaldo.

“Correto. É isso mesmo. Assim, me falaram sobre seus serviços. E eu estou disposto a aceitar.”

“Eu tenho meu preço. Cem contos de réis.” – os mesmos seis mil reais. Esse era o valor da vida para Osvaldo.

“Dinheiro não é problema.” – respondeu o homem – “Meu sócio já me roubou muito mais do que isso.”

“Então está tudo certo.” – disse Osvaldo – “Basta me dizer o nome e onde eu consigo localizá-lo. O resto é por minha conta.”

Após dois dias, o sócio do homem estava morto. Um único tiro, disparado diretamente contra o coração, pôs fim à sua vida.

“Você não pode fazer isso comigo!” – dizia Osvaldo, o vovô Osvaldo, novamente em prantos.

O homem apagou mais um cigarro e fitou-o seriamente.

“Não? Você poderia me dizer o motivo de eu não poder fazer isso com você, Osvaldo?”

“Porque eu me arrependi. Eu me arrependi, pelo amor de Deus!”

O homem levantou-se novamente. Caminhou pelo quarto, olhando displicentemente cada ponto. Após um breve silêncio, soltou uma grande gargalhada.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Você se arrependeu, Osvaldo? É muito fácil falar isso depois de matar vinte pessoas, você não acha?”

“Mas, eu...”

“Cale a boca, Osvaldo.” – gritou o homem, aparentando um estado de fúria que ainda não havia apresentado até então – “Cale essa maldita boca! Você matou vinte pessoas em troca de dinheiro! E em momento algum você ficou com peso na consciência!”

Osvaldo abaixou a cabeça. Não havia o que ser dito. Era verdade. Ele havia matado pessoas. E o pior, havia feito isso por dinheiro.

“Sabe, Osvaldo.” – disse o homem, brincando com seu anel irritantemente – “Foi tudo pelo dinheiro, não foi? Eu sei disso. O dinheiro move o mundo e o mundo move o dinheiro. É uma relação mútua. Tudo gira em torno do dinheiro.”

“Não, não é bem assim...”

“É claro que é! Para que os pais querem que os filhos estudem? Para não ficarem burros? Para o inferno com isso! Eles querem que os filhos estudem para que, quando crescerem, possam arrumar um emprego. E para que arrumar um emprego? Para ganhar dinheiro! Aí está ele, o dinheiro novamente.”

Osvaldo não esboçou nenhuma reação. Sentia-se como um refém em frente ao sequestrador, que estava tendo uma crise e podia atirar a qualquer momento.

“Osvaldo, às vezes eu acho que o dinheiro foi uma das maiores invenções da humanidade. As pessoas se matam por dinheiro. As pessoas traem por dinheiro. As pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro. Eu só fico chateado, Osvaldo, pelo fato de não ter sido eu quem inventou o dinheiro.”

Osvaldo parou por alguns segundos, olhando o homem fixamente. Não havia entendido aquele comentário.

“Eu gostaria de tê-lo inventado. Mas, dessa vez, eu não precisei. A própria humanidade se encarregou de inventar algo que os destruiria, algo ainda mais letal do que a bomba atômica. E isso é bom, Osvaldo. Você não pode imaginar como eu gosto disso. Assim fica ainda mais fácil para eu encontrar pessoas como você.”

“Quem é você, afinal?” – Osvaldo estava entrando em desespero – “Você é o diabo, por acaso?”

O homem irrompeu em mais um grande acesso de gargalhadas. Cada nota daquela gargalhada fazia vibrar o tímpano de Osvaldo, até o limite do suportável.

“Como vocês gostam de personificar as coisas, não é verdade? É a diabo que vocês me chamam? Então você pode me chamar assim, se quiser.”

Osvaldo tentou se levantar. O pânico estava tomando conta do seu corpo. Uma onda de frio lhe correu a espinha e chegou a cada um dos seus ossos.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Vocês facilitam as coisas por demais para mim. Eu nem preciso procurar trabalho. O trabalho cai em cima de mim, Osvaldo.”

“Você não pode fazer isso com um velho. Isso é injusto!” – gritou Osvaldo.

“Velho?” – disse o homem e novamente gargalhou – “Velho? Para o inferno com idade, Osvaldo! Você se assustaria se eu dissesse a minha idade. Eu sou tão velho quanto o mundo, Osvaldo. Eu sou tão velho quanto a inveja, quanto a ambição, quanto a mesquinha. Eu sou tão velho quanto o egoísmo e esse é um dos sentimentos humanos que eu mais gosto. Acho que nenhum deles me faz tão feliz, sabia?”

Osvaldo fitava os olhos do homem com um ar de desespero. Suas rugas pareciam ter se multiplicado. Seus cem anos pareciam cento e cinquenta. Todo o peso da sua idade parecia ter se jogado sobre seus ombros, em um movimento único, como um guindaste que larga uma carga sobre a caçamba de um caminhão velho e enferrujado, que está prestando seus últimos dias de serviço.

“O que você quer de mim, pelo amor de Deus? Fale! Fale logo de uma vez! Você vai levar minha alma? É isso que você quer?”

O homem voltou a gargalhar, mas dessa vez foi uma gargalhada ainda mais alta, como se todas as trombetas do inferno soassem ao mesmo tempo. Ele, então, sentou-se calmamente na poltrona, ajeitou seu chapéu e acendeu mais um cigarro. O homem devolvia uma quantidade enorme de fumaça a cada tragada, magistralmente executada, como se parte daquela fumaça fosse produzida em seus pulmões.

“Por que eu iria querer sua alma, Osvaldo?” – disse o homem – “Ela não me serve para nada. Você acha que eu sou um simples colecionador de almas? É isso? Não, Osvaldo, eu não quero sua alma. Além disso, eu já te disse que eu não sou a morte. Se esse é o seu problema, pode ficar tranquilo.”

Osvaldo se acalmou um pouco. Era como ouvir da boca do próprio seqüestrador que ele não faria mal algum. Claro que a promessa podia ser quebrada, mas, daquela forma, as coisas ficavam um pouco mais leves.

“Mas, sabe de uma coisa, Osvaldo.” – continuou o homem – “A morte, às vezes, é muito melhor.”

Uma a uma, as lembranças continuaram emergindo dos seus caixões na mente de Osvaldo. Cada uma o assombrou de uma forma particular.

E Osvaldo lembrou-se de cada uma, de cada momento, de cada negociação entre ele e seus clientes. Os valores acertados, como quem negocia a compra de um carro velho. O momento do disparo.

Mas, acima de tudo, o instante.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Aquele exato instante em que suas vítimas percebiam que estavam prestes a morrer, que não havia escapatória. Aquele exato instante em que percebiam que não era um filme ou um livro e que iriam, sim, morrer nas mãos de um assassino frio, a quem nem ao menos conheciam. Aquele exato instante em que dizem que toda sua vida passa em sua frente, como um filme.

Um instante.

Um único instante, que tem a duração da velocidade do pensamento, mas que, mesmo assim, parece durar uma eternidade. É como se a cena se passasse em baixa velocidade, em câmera lenta. E tudo, absolutamente tudo, se resume àquele local. Não existe mais nada além dali, da cena da sua própria morte.

Não importa mais se o dólar está subindo ou descendo. Não importa mais se alguém está invadindo sua casa e roubando tudo, enquanto você não está lá. Não importa mais se sua namorada ou esposa está nos braços de outro.

Nada mais importa.

Porque dali a um instante, tudo se acabará. E o corpo cairá inerte, sem vida, no chão, como um saco de ossos e gordura, iniciando imediatamente o processo de decomposição.

O instante. Osvaldo lembrou-se de cada último instante de cada uma das suas vítimas. Vítimas que ele nem ao menos conhecia.

Mas ele não precisava conhecer. Precisava conhecer somente o dinheiro, o pagamento por aquele serviço vil.

Para ele, era tudo o que importava.

E o rosto de Osvaldo, sedento pelo dinheiro, foi a última visão da vida para praticamente todas aquelas vinte pessoas.

Osvaldo estava em prantos, principalmente pela sua última vítima.

Havia sido uma criança. Uma inocente criança, que seria o seu último alvo.

Osvaldo foi arrebatado para 1947. Os primeiros raios da primavera abriam espaço entre o ar sombrio e espesso deixado pelo rigoroso inverno daquele ano. O inverno agonizava, enquanto as flores começavam a dar seus primeiros sinais de que voltariam a desabrochar.

Osvaldo caminhava tranquilamente, enquanto conversava com o seu cliente, acertando os detalhes do serviço que seria realizado dali alguns dias.

“Ouvi dizer que você é o melhor desta região.” – disse o homem.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“É o que falam. Mas não existe nenhum tipo de classificação dos melhores, nesse ofício. Assim, eu me considero uma pessoa que simplesmente executa seu trabalho da melhor forma possível.” - respondeu Osvaldo, que conseguiu elevar seu “trabalho” às mais altas graduações.

“É exatamente isso que eu preciso! Preciso que você faça um serviço para mim.”

“É só falar, rapaz.” – disse Osvaldo. O rapaz era um homem de pouco mais de vinte anos, com a barba por fazer e cabelos fartos, desalinhados, e com diversos fios brancos. Tinha os olhos injetados, como se tivesse passado a noite em claro, pela decisão que tomaria.

“O problema é minha namorada. Bom, na verdade, ela não é o problema propriamente dito, mas seu filho. Ela tem um filho. Seria meu enteado, certo? Mas eu não aceito, não é certo. Ela dá mais atenção a ele do que a mim. E, depois, sempre que eu a vejo com ele, eu a imagino nos braços do outro, do pai dele.” – o rapaz estava consternado, talvez pelo que estivesse explicando, talvez pela decisão que havia tomado.

“Qual a idade da criança?” – perguntou Osvaldo.

“Cinco. Veja bem, eu não sei como explicar isso, mas o que eu realmente quero é...”

“Você quer matá-lo. É isso o que você quer. Assim, você fica com o terreno livre para sua namorada. Você não terá mais que dividir a atenção dela com ninguém e não voltará a se lembrar do pai da criança. Estou certo?”

“É... É isso mesmo.” – respondeu o rapaz, gaguejando. A frieza na voz de Osvaldo era inacreditável.

“Não há problema. O meu preço é um pouco alto, mas, uma vez pago, o serviço é garantido.”

Assim, o preço foi acertado, o dinheiro foi entregue e o serviço, executado. Exatamente como das outras dezenove vezes.

Mas, daquela vez, algo deu errado. Não no serviço em si, mas dentro de Osvaldo. Pela primeira vez, após tantos anos, Osvaldo se deu conta do que estava fazendo. Mas já era tarde demais.

Já havia apertado o gatilho e a bala zuniu fortemente, cortando o ar, atingindo o rosto do menino, que brincava em um campinho de areia. Não houve reação. Não houve gritos. Não houve último instante. O garoto caiu, banhando a areia com o sangue que jorrava do seu rosto. A mira havia sido perfeita. Osvaldo havia atirado de cerca de vinte metros de distância.

A mãe, que assistia ao filho brincar, enquanto estava sentada em um banco de pedra, ouviu somente o estampido da arma e viu seu filho desabar no chão. Ela saiu correndo, gritando, e o tomou nos braços. Um corpo imóvel, sem vida. Ela levantou o rosto e gritou. Um grito de dor e desespero, como se sua alma acabasse de ser dilacerada.

Pela primeira vez, Osvaldo não fugiu do local. Seus olhos perderam o brilho psicopata e ele afrouxou a pressão que fazia na mão direita, segurando o revólver, que ainda soltava

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

resquícios de fumaça. Deixou a arma cair no chão e, em seguida, vendo a cena de desespero da mãe do menino que ele havia acabado de matar, caiu de joelhos.

“O que eu fiz? O que eu fiz, meu Deus? Meu Deus, o que eu estou fazendo?” – esse era seu pensamento. Um pensamento que corria por cada neurônio do seu cérebro, procurando uma resposta nos arquivos sinistros da mente. Mas não havia uma resposta.

Aquele tiro, seguido por aquela cena, liberou a culpa dentro da sua mente. E a culpa começou a dilacerar seu cérebro, rasgando a consciência e plantando a semente do desespero.

Outras pessoas vieram ao encontro da mãe, que estava entrando em estado de choque. Todos ficaram horrorizados. Quem poderia ter feito aquilo? Quem poderia atirar em uma criança, uma inocente criança?

Os olhos de Osvaldo se encheram de lágrimas e, dali a alguns segundos, elas começaram a verter. Lágrimas de catorze anos, de vinte vítimas. Lágrimas de um coração de pedra, frio como um bloco de gelo.

Osvaldo pegou a arma e fugiu do local. Jamais voltou a matar alguém, em toda a sua vida.

“Uma criança, Osvaldo.” – disse o homem, enquanto acendia mais um cigarro – “Uma inocente criança. Daquela vez, você se superou.”

“Eu me arrependi. Pelo amor de Deus, eu me arrependi. Eu jamais voltei a fazer aquelas coisas novamente.” – dizia Osvaldo, chorando copiosamente.

“Osvaldo, Osvaldo...” – disse o homem, balançando negativamente a cabeça, enquanto se levantava da poltrona – “Acho que você ainda não entendeu. Não se trata de arrependimento. É muito fácil fazer o que você fez e depois dizer que está arrependido. Você acha que é assim? Pronto, acabou? Todos os seus pecados estão perdoados? Não, Osvaldo, sinto dizer que não é assim que funciona.”

“Eu sei que cometi erros! Erros terríveis! Mas eu era jovem, não discerni as coisas! Eu me arrependi, não fiz mais aquilo. Eu simplesmente segui minha vida, da forma mais correta que eu pude, após aquilo tudo.”

“Você seguiu sua vida, Osvaldo.” – o homem andava pelo quarto. Acendeu mais um cigarro e voltou a falar, movimentando as mãos a cada palavra – “Boa afirmação. Você realmente seguiu sua vida. Você se casou, teve filhos, netos, bisnetos. Você trabalhou, Osvaldo. Conseguiu encontrar um bom emprego, não é verdade?”

“Sim.” – respondeu Osvaldo.

“Mas, e quanto a todas aquelas pessoas? Nenhuma delas seguiu sua vida. Você sabe o que isso quer dizer? Você sabe exatamente o que isso quer dizer, Osvaldo?” – o homem parecia começar a se exaltar novamente. Passava o anel entre os dedos, em uma dança macabra.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Osvaldo meneou a cabeça. Não conseguia, por mais que procurasse, encontrar palavras para responder àquelas acusações.

“Você jamais perdeu alguma coisa, não é verdade, Osvaldo?” – perguntou o homem, com um olhar inquisitivo. Seus olhos cintilavam, como se faíscassem centelhas de horror.

“Isso não é verdade!” – respondeu Osvaldo – “Eu perdi sim! Eu perdi minha esposa, fiquei viúvo! Você não pode dizer que eu não perdi ninguém!”

“A diferença, Osvaldo, é que ela seguiu o processo normal. Ela envelheceu, ficou doente e morreu. Ela não foi arrancada à força. A perda é como um dente de leite, Osvaldo. Você sabe que, uma hora ou outra, ele vai cair. Mas você não espera que um dente definitivo caia. Ele está ali, firme e forte, em seu ápice, sem nenhuma cárie. Eis que então é arrancado, à força.”

“Essa é uma comparação esdrúxula!” – bradou Osvaldo – “Ela morreu! Eu a perdi! Está me entendendo? Eu a perdi!”

O homem sorriu, expondo todos os seus dentes, impecavelmente brancos. A gargalhada não saiu dessa vez. Foi somente um sorriso.

“Você ainda não entendeu o que é realmente perder alguém, Osvaldo.”

“Meu Deus, o que você quer de mim? Diga logo, pelo amor de Deus!”

“Eu vim lhe propor um acordo. Se você cumprir sua parte nesse acordo, está livre. Vou considerar suas faltas apagadas e você não me verá mais.”

“Caso contrário?” – perguntou Osvaldo.

“Caso contrário, Osvaldo, você desejará a morte como jamais a desejou.”

“O acordo, Osvaldo, é muito simples. É uma tarefa extremamente fácil de ser cumprida, ainda mais por você, pela experiência que você acumulou durante aqueles catorze anos.” – disse o homem, novamente sentado na poltrona, com as pernas cruzadas, fumando outro cigarro e brincando com seu anel.

“Não estou entendendo.” – respondeu Osvaldo. Ele sentia o gosto ácido do terror descendo pela garganta.

“Basta você matar alguém da sua família, Osvaldo. Simples, não? Nada diferente do que você fez naquela época.”

Osvaldo ficou atônito. Perdeu totalmente as reações. Seu rosto ficou pálido como cera. Foi a informação mais difícil de processar em toda a sua vida. Seu cérebro poderia ter resetado naquele exato momento.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“NUNCA!” – gritou Osvaldo – “Isso nunca! Entendeu? Está fora de cogitação! Jamais farei isso! Você pode fazer o que quiser comigo, eu jamais farei isso!”

O homem voltou a gargalhar, jogando a cabeça para trás. Ajeitou, então, o chapéu fedora e apoiou os cotovelos nos joelhos, dobrando o corpo para frente. Osvaldo pôde sentir novamente o hálito da morte saindo da boca do homem.

“Quem disse que eu farei alguma coisa com você, Osvaldo?”

“Como assim?”

“O acordo é simples. Extremamente simples. Você mata alguém da sua família e está livre. Caso contrário, eu farei isso. Um por um, ano a ano. Sempre no seu aniversário, Osvaldo. Esse será meu presente de aniversário para você.”

“Você não pode estar falando sério! Eu tenho cem anos! Quantos anos você acha que eu ainda viverei?”

“Você viverá quantos anos eu quiser, Osvaldo. Você está em minhas mãos. É assunto meu. E eu posso garantir que você ainda viverá por um bom tempo, até que sua dívida esteja paga.”

“Eu nunca vou fazer isso! Esqueça! Entendeu? Você não pode fazer isso comigo! Eu posso cometer suicídio e você não terá mais nada de mim, seu maldito!”

“Suicídio?” – o homem gargalhou novamente – “Vá em frente, Osvaldo. Faça isso. Eu adoro os suicidas, sabia? Eles me fazem bem, elevam meu astral. Mas sabe de uma coisa? Você não tem coragem, Osvaldo. Você sabe disso. Você jamais conseguiria se matar. Está aí dentro do seu coração e você sabe disso.”

Osvaldo começou a chorar novamente. As lágrimas escorriam do seu velho rosto, movidas pelo desespero, pela angústia e pela culpa, que pareciam tão adormecidos até então.

“Por que depois de tanto tempo? Por quê?” – perguntou Osvaldo.

“As pessoas tendem a esquecer os fantasmas do passado, Osvaldo. Elas lutam ferozmente, tiram forças sabe-se lá de onde, mas conseguem lutar. Mas, se esses fantasmas voltarem, elas estarão desprevenidas. A guarda estará baixa. Quanto mais tempo se passar, melhor. Você achou que aqueles catorze anos estavam esquecidos, não achou? Jamais achou que eles voltariam para lhe infernizar. Mas eles voltaram, com força total, para lhe cobrar uma dívida. Basta que você a pague.”

“Eu não posso fazer isso! Eu, simplesmente, não posso fazer isso!”

“Pode sim, Osvaldo. Claro que pode. Porque, se você não puder, eu o farei. E você desejará ter posto fim nisso o quanto antes. Você desejará a morte, Osvaldo. E ela não virá. Você desejará jamais ter nascido, meu velho homem. A escolha é sua.”

“Não, pelo amor de Deus, não!” – gritou Osvaldo.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“A escolha é sua. E você verá que eu não estou brincando.” – o homem levantou-se e, puxando a manga do paletó, olhou para o seu relógio – “Está na hora de eu ir embora, Osvaldo. Vejo-o em breve. Ou não. Você decide.”

Após isso, tudo ficou escuro. E Osvaldo não teve consciência de mais nada naquela noite.

O dia amanheceu. O sol brilhava forte, banhando o belo apartamento de quatro dormitórios com seus raios dourados. Os pássaros cantavam e poucas nuvens vagavam preguiçosamente pelo céu, levadas por uma leve brisa que beijava as janelas.

Na sala do apartamento, jaziam os restos mortais de uma festa de aniversário. Chapéus de papel, pratos, copos e talheres plásticos, além de uma infinidade de guardanapos sujos, estavam espalhados pelo tapete e pelos sofás. As cadeiras, desarrumadas, espalhavam-se ao redor da mesa, como cavaleiros bêbados ao redor da tábua redonda.

Em cima da mesa, três velas, uma com o número “1” e duas com o número “0”, estavam caídas, com a ponta queimada.

Aquele cenário de “fim de festa” daria um bom trabalho para ser organizado.

A calma foi cortada pela voz ainda sonolenta de Roberta, mãe de Lucas, que o chamava para ir à escola.

“Lucas? Vamos, acorde, está na hora de levantar-se para ir à escola, meu bem.” – dizia ela, enquanto entrava no quarto – “Lucas?”

Foi quando a paz foi quebrada por um grito de horror.

“Lucas? Lucas, meu filho! Meu Deus! Alberto! Venha aqui! Pelo amor de Deus, corra aqui!”

Alberto atravessou o corredor, correndo em desespero, assustado pelo tom de pavor na voz da esposa. Ao entrar no quarto, viu a cena mais chocante em toda sua vida.

Roberta estava com Lucas no colo. Ele estava com uma expressão de horror no rosto. O branco dos olhos abertos, esbugalhados, contrastava com seu rosto arroxado. Seus braços pendiam, com suas mãos tocando levemente o chão.

Lucas estava morto.

Algumas horas depois, o legista encontraria um anel, um belo anel dourado, de ouro maciço, pesado e com uma pedra escura, quase hipnotizadora, incrustada nele. O anel estava na laringe de Lucas. Havia obstruído a passagem de ar, sufocando-o. O legista ficaria impressionado com o brilho daquela pedra, mas ficaria ainda mais impressionado com o fato dela ainda estar quente, mesmo horas após a morte do garoto.

Em seu quarto, Osvaldo havia acordado. E conseguiu ouvir tudo o que havia acontecido.

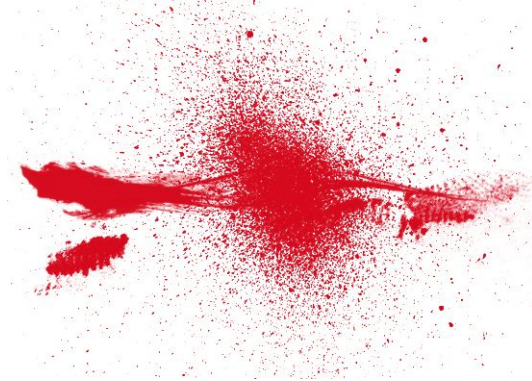
MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Começou a chorar, compulsivamente, em acessos de choro incontroláveis.

Lucas estava morto.

O homem, afinal, não estava brincando.

E Osvaldo ainda tinha uma dívida a pagar.



“

Foi ele! Foi ele!

”

O ELEFANTE É O PIOR

O ELEFANTE É O PIOR...

Resolvi escrever estas linhas para contar uma história que é, no mínimo, estranha. E sei, tenho absoluta certeza, que se eu contá-la pessoalmente a alguém, dirão que fiquei maluco. Ou paranóico. Ou qualquer coisa do tipo.

Às vezes eu mesmo me pergunto se eu não estou realmente paranóico.

Assim como sei que o que aconteceu foi real. E o que não aconteceu também. Talvez por isso eu possa estar aqui, neste exato momento, em minha escrivaninha, dentro do meu quarto, escrevendo esta história.

Quero que você entenda que eu não estou tranquilo. Longe disso. Dizem que os pesadelos têm um lado bom, porque uma hora terminam. Você está ali, dormindo, e começa a sonhar com alguma coisa ruim. Mas, por pior que possa parecer, uma hora você acorda e pronto, tudo acaba. Você se levanta ofegante, suando frio, com o coração disparado. Mas, assim que percebe que tudo foi somente um sonho, o alívio é quase imediato. Você volta a deitar e dá graças a Deus porque foi só um sonho, um expurgo do seu cérebro, que transformou memórias ruins em um complexo quebra-cabeça, com início, meio e fim. E, em uma bela noite, resolve transformá-la em um script completo, com todos os elementos de terror.

Mas, ao acordar, a nuvem se dissipa, e o cérebro, depurado, está desintoxicado daquelas lembranças.

Gostaria de deixar bem claro, no entanto, que esse não é o meu caso.

Meu nome é Celso. Tenho quarenta anos, sou casado e pai de um filho, Ricardo, de seis anos. Gostaria de ter tido mais filhos, mas hoje em dia a situação é muito mais complicada. Não é muito fácil ter dois, três ou quatro filhos. Assim, eu e minha esposa, Carla, que é dois anos mais nova do que eu, resolvemos ter apenas um.

Eu trabalho com seguros; sempre trabalhei nesse ramo. Entrei em uma corretora quando tinha apenas dezoito anos. Fui crescendo profissionalmente e, quando estava com trinta anos, consegui abrir minha própria corretora. Hoje tenho uma situação financeira um pouco mais confortável, mas ainda assim agradeço por termos tomado a decisão de ter somente um filho.

Até alguns dias atrás, olhava para meu filho e ficava ajudando-o com seus problemas. Sempre contei a ele que minhas preocupações, hoje, são completamente diferentes das que eu tinha há muitos anos atrás. “Quando você crescer, filho, trocará todos os problemas por esses que você tem hoje”, eu lhe dizia. Eu ignorava totalmente o que me havia acontecido quando eu tinha a idade dele.

Aliás, uma das grandes vantagens em ser criança é a quase total ausência de preocupações. Quando se é uma criança, as únicas preocupações são (ou deveriam ser) tirar notas boas na escola, ser escalado para o time de futebol, ganhar no videogame ou torcer para que nossa mãe não se lembre que ainda não tomamos banho hoje.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Essas também eram as minhas preocupações quando eu tinha sete anos. Mas, naquela época, uma nova preocupação começou a rondar minha cabeça todos os dias. E mesmo eu, que nunca tive uma memória privilegiada (quase nunca lembro nem do que almocei no mesmo dia), não preciso fazer força para me lembrar de tudo o que aconteceu. E muito menos de como começou. E eu prometi a mim mesmo não questionar mais os problemas do meu filho Ricardo, de seis anos de idade.

Tudo começou em um dia quente de verão, em 1975, há trinta e três anos atrás.

Eu tinha apenas sete anos e havia acabado de entrar na primeira série do colégio. Aquilo era uma mudança terrível para mim, pois eu sabia que meus dias de folga e brincadeiras haviam acabado. A primeira série era o primeiro degrau de uma longa escada. E, a partir daquele momento, as brincadeiras da pré-escola com massinhas de modelar e lápis de cor haviam ficado para trás.

Minhas novas (e enormes) preocupações, agora, eram as aulas de ditado, aprender a fazer contas e decorar algumas coisas sobre o que chamávamos de estudos sociais. E a pior parte era saber que, no final do mês, eu teria que fazer uma prova de tudo aquilo. Sim, uma prova! Eu que, até então, era paparicado pelas professoras por qualquer pintura em um desenho no papel, teria que fazer provas, valendo nota. Provas, aquele infame pedaço de papel, com a palavra “Nome” seguida de um traço no topo, onde eu deveria colocar meu nome em garranchos típicos de quem acabou de aprender a escrever. Provas, aquela coleção de perguntas que eu deveria responder sem olhar em lugar nenhum, muito menos para o lado.

Quando eu estava na pré-escola, eu poderia simplesmente abrir o berreiro e cruzar os braços. Nada mais aconteceria. No máximo, minha professora (a tia) conversaria com a minha mãe, dizendo que eu estava um pouco rebelde nos últimos dias. Mas uma nota zero estava fora de cogitação.

Tudo, então, estava diferente. Havia lições de casa, uma tonelada delas. Nos primeiros dias de aula, a professora ousou até mesmo dizer que haveria lição de férias. Como alguém pode ser obrigado a fazer lição de férias? Aquilo tudo me assustou. E, após duas ou três semanas de aula, passei a ter aquelas que, para mim, eram as maiores preocupações do mundo.

“Papai tem muita sorte, não é verdade, mamãe?” – eu perguntava para minha mãe.

“Por quê, meu filho?”

“Porque ele não precisa fazer provas. Ele vai trabalhar e todo mês recebe dinheiro por isso. Não tem que ficar se preocupando em estudar, fazer lição e provas.” – eu respondia.

Lembro que minha mãe ria quando eu falava isso. Ela ria e me abraçava carinhosamente, desmanchando meus cabelos. No jantar, quando meu pai chegava, ela contava para ele e ele ria ainda mais alto. Eu não entendia muito bem aquilo. Achava que, talvez, eles estivessem me dando razão. Talvez eles estivessem rindo de mim por não precisarem ir à escola e fazer as famigeradas provas.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Meu avô ia me buscar todos os dias na escola. E eu gostava muito disso. Não que eu não gostasse que minha mãe ou meu pai fossem me buscar. Mas os avós são sempre mais maleáveis. Com os avós, podemos fazer quase tudo. E meu avô sempre me deixava tomar um sorvete no caminho de volta para casa, mesmo que estivesse frio ou chovendo.

“Não conte nada para sua mãe, viu?” – ele sempre dizia e eu, do alto do meu um metro e dez de altura, balançava a cabeça negativamente, enquanto dissolvia um grande pedaço de picolé que gelava minha boca.

Muitas vezes eu pensava que aprendia muito mais coisas com meu avô, no caminho de volta para casa, do que ficando aquelas intermináveis horas dentro da escola. Meu avô me ensinou que os planetas giram e que o Sol não entra na Terra para que o dia fique claro. Fiquei abismado quando ele me disse que as pessoas moram na superfície do planeta. Até então eu pensava que morávamos dentro do planeta e que um grande buraco se abria para que o Sol pudesse entrar e aquecer as pessoas.

Foi ele também que me disse que meu coração deveria bater sempre, pois, se parasse, eu morreria. Aquilo fez com que eu passasse grande parte do dia com a mão no peito para me certificar de que meu coração ainda estava batendo.

“O que você tem, menino?” – minha mãe perguntava, quando me via com a mão no peito, concentrado, tentando sentir as batidas do meu coração.

“Estou vendo se meu coração ainda está batendo.” – eu respondia, pedindo para que ela falasse baixo, ou eu não conseguiria sentir.

Ela, novamente, ria.

Eu também não era muito bom de garfo. Minha mãe tinha que fazer verdadeiros malabarismos para que eu comesse. Nunca fui muito fã de carne. Verduras e legumes, então, nem pensar. Minha mãe, portanto, travava uma batalha diária para que eu comesse alguma coisa. Quando eu não estava mais com fome, o que costumava ocorrer após duas ou três garfadas, minha mãe separava uma parte da comida no canto do prato e me dizia “Se você comer esta parte, está bom”. Mas eu não achava justo porque ela me mandava comer sempre a parte maior.

Quando chegava perto da hora de ir para a escola, eu vestia o uniforme e colocava minha mochila nas costas.

“Mamãe, estou pronto. Cadê o vovô?”

“Você já tomou banho, Celso?”

“Precisava tomar, mamãe?”

E pronto, lá ia eu correndo para o banheiro tomar banho, após uma solene bronca. Às vezes eu conseguia escapar. Meu avô chegava e me buscava antes que minha mãe me mandasse para a tortura do chuveiro.

“Conseguiu escapar hoje, hein?” – ele piscava o olho para mim.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Enfim, essas eram as minhas únicas preocupações, quando eu tinha seis anos de idade. E eu já as considerava os maiores problemas do mundo.

Mas, a partir de uma tarde de fevereiro de 1975, minhas preocupações aumentariam consideravelmente. E não seriam mais preocupações abstratas. Seriam concretas, reais, e ficariam a poucos metros de mim, no quarto ao lado.

Naquela tarde de sexta-feira, eu estava terminando minha lição de casa, radiante pelo final de semana que estava batendo à porta. Dois dias inteirinhos para mim, sem escola, sem lição, sem professora e, principalmente, sem provas. Fiz algumas contas, preenchi algumas folhas de exercícios onde eu devia escrever as letras que estavam faltando em algumas palavras e pronto. Fechei o caderno com um grande alívio. Guardei-os na mochila e desci correndo para a sala para assistir um pouco de TV.

Meu pai chegou um pouco mais cedo naquele dia, trazendo duas grandes sacolas, uma em cada mão.

“Surpresa!” – disse ele.

Fiquei intrigado com aquelas sacolas e perguntei o que tinha nelas.

“É uma surpresa. Depois do jantar eu mostro. Mas só se você comer tudo.”

Pronto. Era o velho jogo da barganha e do suborno. Coma tudo e você ganha um presente. Coma tudo senão o velho do saco vem lhe buscar. Coma tudo senão vai ficar doente e vai ter que tomar injeção.

De qualquer forma, aquelas sacolas me interessavam muito. E, naquele dia, comi tudo que minha mãe colocou no prato, sem uma única palavra de reclamação.

“Uau!” – disse ela – “Você deveria trazer presentes para ele todo dia.”

“Posso abrir as sacolas, papai?” – perguntei, limpando a boca com um guardanapo.

“Calma, calma. Já vamos já, já. Me espere terminar de jantar, rapazinho.”

Eu saí correndo e sentei no sofá, olhando fixamente para as duas sacolas brancas, encostadas em um canto da sala, com um grande embrulho de presente dentro de cada uma.

“Não mexa nas sacolas!” – gritou meu pai da cozinha.

E eu realmente não mexi. Fiquei observando-as atentamente, tentando descobrir o que havia nelas. Para uma criança de sete anos, um embrulho de presente é como um grande baú do tesouro, prestes a ser desenterrado e aberto, para revelar todos os dobrões de ouro e prata.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Parei e andei em volta das sacolas, tentando descobrir alguma coisa pelo formato dos embrulhos. Um deles era um pouco mais baixo e um pouco mais largo do que o outro. Mas não tinha como adivinhar o que eram. Fiquei ainda mais ansioso porque ambos eram grandes. Um tinha cerca de setenta centímetros de altura e o outro, uns noventa.

Para uma criança, melhor do que um embrulho de presente é um embrulho de presente grande. Naquele caso, um dos embrulhos era quase da minha altura.

Pensei em apalpar os pacotes, mas o papel faria barulho e meu pai ouviria da cozinha. Assim, segurei minha mão.

“Falta muito, papai?” – perguntei, já gritando de tanta ansiedade.

“Não, já estou indo, rapazinho. Fique calmo.” – ele respondeu.

Na verdade, ele não levou mais do que cinco minutos, mas, para mim, foi como esperar por mais de uma hora. Minhas mãos tremiam e eu andava de um lado para o outro. Todos podem ter uma idéia absoluta do que eu estou falando. Colocar um presente na frente de uma criança e falar para ela não abri-lo é como colocar um suculento pedaço de carne no chão e esperar que o cachorro não avance para pegá-lo.

Meu pai e minha mãe voltaram da cozinha, com os braços um na cintura do outro, sorrindo. E lá estava eu, sentado, no chão, no meio da sala, com as pernas cruzadas, esperando para rasgar aquele papel de embrulho em milhares de pedacinhos.

“Está ansioso, rapazinho?” – perguntou meu pai.

Fiz que sim com a cabeça. Eu já quase não desviava a atenção dos pacotes.

Meu pai caminhou em volta de mim e foi em direção às sacolas. Retirou cada um dos embrulhos de dentro delas e os apoiou suavemente no chão. Com os pés, empurrou as sacolas para o lado.

“Os dois são para mim?” – perguntei.

“Sim, rapazinho. Os dois são para você. Eles servirão para te proteger, serão como guardas que ficarão na porta do seu quarto e não deixarão que o bicho-papão apareça, ok?”

Eu morria de medo do bicho-papão. Achava que, a qualquer momento, ele sairia de dentro do meu guarda-roupa e me puxaria lá para dentro, para me levar para algum deserto gelado do pólo sul.

Continuei olhando para o rosto do meu pai, sem entender muito bem o que ele havia dito.

“Vamos, abra! O que está esperando?” – ele disse.

Aquela frase soou como uma ordem de “Ataque!”. Em um instante eu avancei em direção aos pacotes. Fui primeiro no maior, claro. Rasguei o papel em questão de segundos. Após terminar, fiquei olhando, um pouco surpreso em ver o que estava ali, envolto por um papel cheio de balõesinhos de aniversário, já todo rasgado pelo chão da sala.

“Gostou?” – meu pai perguntou.

Eu ainda não sabia bem ao certo se tinha gostado ou não. O primeiro pacote revelou um urso em miniatura, mas com uma altura considerável. Era feito de uma espécie de pelúcia, porém tinha o corpo rígido. Media realmente cerca de noventa centímetros de altura e estava sentado. Ainda assim, eu conseguiria sentar em suas costas como se estivesse montando um cavalo, sem quebrá-lo.

O corpo tinha uma tonalidade marrom, enquanto a barriga era um pouco mais clara, com um tom quase rosado. As patas eram impressionantemente reais. A boca, entreaberta, exibia uma língua vermelha, de um tecido fino, que pendia para a frente como se o bicho a estivesse mostrando para mim. Os olhos eram mais reais do que tudo que eu já havia visto até então. Era como se eles tivessem vida e pudessem piscar a qualquer momento.

Parei e fiquei olhando por alguns instantes. O encarei de uma forma como se disputasse uma partida de “quem pisca primeiro”.

“Não gostou, rapazinho?” – meu pai perguntou, apoiando-se nos joelhos, ao meu lado.

“Sim, papai, gostei sim! Claro que gostei!” – na verdade, eu não sabia mesmo se havia gostado ou não. Mas jamaisalaria aquilo para o meu pai.

Assim, deixei o urso um pouco de lado e fui para o outro pacote, já sem tanta empolgação. Comecei a rasgá-lo mais devagar e, aos poucos, foi surgindo uma miniatura, também em pelúcia, de um elefante africano. Tinha uma cor acinzentada, com grandes orelhas abertas para os lados e uma grande tromba, curvada para cima. Grandes presas de marfim, feitas de algo parecido com um plástico, saíam de cada canto de uma boca semi-aberta, que exibia uma língua parecida com a do cervo. O elefante era um pouco mais baixo do que o urso, o que demonstrava que nenhum dos dois havia sido feito em tamanho proporcional.

O elefante também era feito de um tipo de pelúcia, mas com a estrutura rígida. As patas exibiam unhas idênticas as de um elefante de verdade.

O urso me dava um pouco de receio, mas o elefante me causou medo na primeira vez que olhei para ele. Os olhos pareciam ter ainda mais vida do que os do urso. Se eu olhasse com bastante atenção, podia jurar que era possível ver a lubrificação do globo ocular do elefante.

“E então, o que você achou, meu bem?” – perguntou minha mãe.

“Eu gostei, mamãe. São muito bonitos.” – respondi, sem grande entusiasmo.

Ambos eram realmente bonitos, mas não me inspiravam confiança. Não sei como alguém pode não ter confiança em um bicho de pelúcia, mas era assim que eu me sentia. Tanto o urso quanto o elefante tinham olhares ameaçadores. Era como se estivessem em posição de ataque e vissem em mim uma presa fácil.

Um urso pode ser extremamente perigoso, principalmente pelas suas presas e pela força das suas patas. Já havia assistido a um documentário em algum canal de TV.

Mas, de alguma forma, que eu não sabia explicar qual, eu tinha certeza absoluta de que aquele elefante era pior.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Muito pior...

“Vamos lá, rapazinho, me ajude a levá-los para cima, para seu quarto.” – disse meu pai, enquanto pegava o urso e o colocava embaixo do braço.

“Para o meu quarto?” – perguntei, quase gaguejando.

“Sim, claro. Quero ver algum bicho-papão entrar no seu quarto com esses guarda-costas lá dentro.” – disse meu pai, sorrindo e piscando o olho para minha mãe.

Os dois subiram as escadas e eu fiquei sozinho na sala com o elefante. Tive vontade de sair correndo gritando, mas achei melhor não fazer aquilo. Peguei o elefante e o coloquei debaixo do meu braço, de uma maneira um tanto desajeitada. Afinal de contas, ele tinha mais da metade da minha altura.

Consegui levá-lo facilmente. Ele não era pesado, mas, por ser grande, era um pouco difícil carregá-lo. Assim, fui arrastando-o pelas escadas. Enquanto segurava o corpo do elefante, podia jurar que era possível sentir sua respiração e seus batimentos cardíacos. Um certo pânico correu pelo meu corpo, espalhando um fluido gelado que disputou uma corrida com o sangue em minhas veias.

Mas consegui chegar com o elefante até o meu quarto. Meu pai e minha mãe já estavam lá e o urso já estava posicionado em um canto. Meu pai pegou o elefante e o colocou ao lado esquerdo do urso.

Ambos foram colocados encostados a uma parede, embaixo da janela do quarto, ao lado esquerdo do meu guarda-roupa e ao lado direito de uma pequena escrivaninha, que eu usava para desenhar e fazer lição de casa. Minha cama ficava de frente para os dois, de forma que, quando eu estivesse deitado, bastava levantar um pouco a cabeça para ver os dois por entre meus pés.

“Eles vão ficar bem aqui. Agora, já para o banheiro escovar os dentes, rapazinho!” – disse meu pai – “E, depois, cama! Já está tarde.”

Saí do quarto sem ter coragem de olhar para trás. Não sabia o que faria se visse algum dos dois correndo atrás de mim, mostrando os dentes.

Enquanto escovava os dentes, imaginei que aquela seria uma longa noite.

Ao voltar para meu quarto, coloquei a cabeça de leve na porta para ver se os dois ainda estavam no mesmo lugar. E estavam. Os dois estavam parados, na mesma posição onde foram deixados, olhando com aqueles olhos incisivos, ameaçadores. Mas estavam ali, parados, e era isso que importava.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Entrei no quarto, apaguei a luz e saí correndo para a cama, pulando de uma forma que não sei como não quebrei o estrado. Achei que em cima da cama eu estaria mais protegido do que se estivesse com os pés no chão.

Apesar de ser verão e estar calor, puxei o lençol e me cobri até a cabeça. Eu não teria coragem de ficar encarando os dois ali, sentados embaixo da janela.

Rolei na cama de um lado para o outro, mas não consegui pegar no sono. E o fato de estar coberto até a cabeça também não me ajudava muito. Apesar de eu não querer encará-los, eu também não conseguia ver se eles ainda estavam ali, no mesmo local.

Aos poucos fui tomando coragem e fui descobrindo a cabeça. Apesar da luz do quarto estar apagada, um pouco da luz do luar entrava pela janela, e meus olhos já estavam acostumados com a escuridão. Assim, era possível enxergar um pouco.

Fui abaixando o lençol e descobri meus olhos. Fiquei segurando as pontas do lençol na altura do meu nariz. Meus olhos giravam de um lado para o outro, mas ainda não conseguia enxergar onde estavam os dois. Abaixei mais um pouco o lençol, até a altura do pescoço, e levantei um pouco a cabeça.

Os dois ainda estavam lá, mas eu podia jurar que estavam um pouco mais perto. Eles haviam sido colocados junto à parede e, agora, havia um certo espaço entre a parede e eles. Aquilo começou a me deixar ainda mais nervoso.

O urso continuava sentado, com a boca semi-aberta e o elefante estava com a tromba dobrada para cima, da mesma forma como quando os desembulhei. Pensei que a distância entre eles e a parede fosse somente minha imaginação, ajudada pela pouca quantidade de luz que entrava no quarto.

Assim, virei e tentei dormir. Mas o sono não vinha. Em cima da escrivaninha, um rádio-relógio mostrava que já passava da meia-noite. Aquela noite seria realmente muito longa.

Após alguns minutos, que pareceram horas, tornei a levantar a cabeça para observar meus dois guarda-costas, segundo meu pai havia dito. E cheguei à conclusão de que preferia o bicho-papão. Afinal de contas, eu nunca o havia visto. E aqueles dois eram reais; estavam ali, dentro do meu quarto, me observando.

Ao olhar para eles, uma onda de terror correu cada centímetro do meu corpo. Pude sentir o dedo gelado do medo espetando meu coração.

O elefante estava com a cabeça abaixada, com a tromba quase tocando o chão, como se estivesse se preparando para correr. O urso continuava parado, como se observando o elefante. Talvez esperasse o elefante atacar para não ter esse trabalho.

Abaixei rapidamente a cabeça e virei-me de bruços, colocando o rosto no lençol. Puxei o travesseiro e cobri minha cabeça com ele, segurando-o pelos lados. Queria fugir dali, correr, mas não tinha coragem. O elefante havia se mexido e aquilo não era minha imaginação nem o resultado de pouca iluminação no quarto.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Eu estava apavorado, mas como a curiosidade matou o gato, precisava olhar novamente. E, assim que me virei e olhei, não consegui conter o grito.

O elefante estava a poucos centímetros da minha cama...

“Mamãe!!! Papai!!! Socorro!!!” – eu gritava a plenos pulmões, tapando o rosto com as mãos.

Minha mãe e meu pai vieram correndo e acenderam as luzes do quarto.

“O que foi, Celso? O que aconteceu?” – meu pai perguntou.

“Foi ele! Foi ele!” – eu repetia, entre soluços.

“Ele quem, meu bem?” – minha mãe sentou na cama e remexeu meus cabelos. Eu tirei a mão do rosto, exibindo olhos inchados pelo choro e o rosto cheio de lágrimas.

“O que aconteceu, rapazinho? Foi um pesadelo?” – perguntou meu pai.

“O elefante, papai! O elefante se mexeu e veio andando até a minha cama! Ele queria me pegar, eu sei disso!”

Mas, assim que eu olhei de volta, o elefante estava lá, ao lado do urso, ambos encostados à parede. O elefante estava com a tromba novamente dobrada para cima, da mesma forma como estava quando foi desembrulhado.

“Meu bem, é só um bicho de pelúcia. Veja, ele está lá, no mesmo lugar onde o deixamos.” – disse minha mãe.

“Não é verdade, ele voltou para lá antes de vocês chegarem! Ele estava aqui do meu lado, queria me pegar!”

Minha mãe olhou para o meu pai, que entendeu claramente o recado: “Ele não gostou dos brinquedos. Tire-os daqui.”

Meu pai ficou um pouco contrariado, mas acabou cedendo. Morávamos em uma casa com três dormitórios, sendo que um era meu, um dos meus pais e o terceiro havia sido transformado em um escritório. A porta do escritório ficava exatamente em frente à porta do meu quarto.

Meu pai colocou o urso debaixo de um braço e o elefante debaixo do outro e levou-os para o escritório. Eles não estavam tão longe, afinal, mas, ao menos, estavam fora do meu quarto.

Assim que meu pai saiu do escritório, ouvi o estalido da maçaneta sendo fechada. Dei graças a Deus pelo fato de ele ter se lembrado de fechar a porta.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

“Pronto, meu bem. Não precisa mais ficar nervoso.” – disse minha mãe, tentando me acalmar. Eu ainda estava soluçando e algumas lágrimas retardatárias corriam pelo meu rosto.

“Já os guardei, rapazinho. Não precisa mais chorar, está tudo bem.”

“Eles tentaram me pegar. O elefante. Ele ia me pegar.” – eu dizia, ainda soluçando.

“São bichos de pelúcia, meu bem. Só isso. Você sonhou, teve um pesadelo, foi isso o que aconteceu.”

“Não! Eu vi! O elefante veio até a minha cama! Eu não sonhei isso não!”

Meu pai olhou para minha mãe e em seguida para mim.

“Celso, volte a dormir. Se o problema são os bichos, eles estão guardados dentro do escritório. Não precisa mais ter medo deles, ok?”

Minha mãe deitou-me novamente na cama e ambos me deram um beijo de boa noite.

Durante o resto da noite, não consegui dormir direito. Acordei a cada cinco ou dez minutos para ver se a porta do escritório continuava fechada.

Mas, naquela noite, pelo menos, o urso e o elefante continuaram lá dentro.

E eu sabia que o elefante era o pior...

No dia seguinte, um lindo sábado de sol, eu acordei com olheiras enormes, daquelas que davam diversas voltas em torno dos meus olhos. Sentei-me para tomar café da manhã, mas não tinha fome.

Pensei se não me bastavam os problemas com a escola. Agora eu tinha, também, problemas com dois bichos de pelúcia que queriam me pegar enquanto eu estivesse dormindo. E o pior é que ninguém acreditava em mim.

Após comer um pedaço de pão e empurrá-lo goela abaixo com um copo de leite, sentei no sofá da sala para assistir um pouco de TV. Mas não consegui ficar acordado por muito tempo. O sono, que não teve sua chance à noite, me abateu rapidamente.

Acredito que eu tenha adormecido por algum tempo. Assim que acordei, estava agarrado a uma das almofadas do sofá, com o rosto virado para o seu encosto. Espreguicei-me e, assim que virei para o outro lado, levei um dos maiores sustos da minha vida.

Ali estavam os dois novamente. Não só o elefante, mas, dessa vez, também o urso. O elefante estava com a tromba levantada e com as grandes presas quase tocando meu corpo. Já o urso exibia grandes dentes, que não me pareciam, de forma alguma, serem de plástico. Eram reais demais para serem feitos de plástico barato. Mas eu não fiquei ali parado muito tempo para conferir.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Rapidamente, saltei por cima dos dois, gritando e correndo em direção à cozinha.

“Mamãe!! Mamãe, socorro, pelo amor de Deus!” – eu gritava, o desespero impresso em meus olhos. Minha mãe estava na área de serviço, retirando algumas roupas que haviam acabado de passar por um enxágüe na máquina de lavar.

Ela, claro, se assustou e veio correndo em minha direção.

“O que houve, meu bem? O que aconteceu?”

“Eles voltaram, mamãe! Eles saíram do escritório e estavam do meu lado novamente, tentando me pegar!”

“Os bichos de pelúcia, meu amor?”

“Eles são de verdade, mamãe! Eles querem me pegar!” – disse e agarrei suas pernas, chorando e soluçando sem parar.

“Calma, calma, meu bem.” – disse minha mãe, passando as mãos nos meus cabelos – “Vamos até a sala, você vai ver que não há nada lá. Você estava sonhando novamente.”

“Não, mamãe, não vá lá! Eles vão me pegar!” – eu não queria voltar àquela sala por nada deste mundo.

“Celso, por favor, são somente bichos de pelúcia. Não vão fazer nada com você. Quer ver? Vamos até a sala e você vai ver que não há nada lá.” – minha mãe começou a puxar-me pelo braço em direção à sala.

Assim que chegamos à sala, não havia realmente nada lá. Os bichos não estavam ali. Somente a almofada, que eu acordei segurando, estava jogada no chão, resultado da minha corrida desenfreada em direção à cozinha.

“Viu?” – minha mãe disse, com aquele olhar de “não falei?”

“Mas eles estavam ali, mamãe! Juro por Deus que eles estavam ali! E queriam me pegar! O urso estava mostrando os dentes para mim!”

“Vamos até o escritório, você vai ver que eles estão lá dentro e que a porta continua fechada, como seu pai deixou ontem à noite.”

Assim, subimos a escada, mesmo sob os meus protestos. Eu não queria entrar naquele escritório – pelo menos não com aqueles bichos lá, se é que estavam lá mesmo – mas minha mãe achava que eu precisava vê-los lá dentro, para me acalmar. Aquilo não adiantaria nada, pois eles saíam dali a hora que quisessem para tentar novamente me atacar.

Ficamos frente a frente com a porta do escritório, que estava fechada. Minha mãe girou a maçaneta e a porta rangiu, como um grito agudo de dor. As janelas e as cortinas estavam fechadas, de modo que pouca luz entrava no ambiente. Minha mãe, então, ligou o interruptor, acendendo a luz.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

E no canto, no mesmo lugar onde meu pai os havia deixado, estavam os dois. O elefante e o urso. Parados, da mesma forma. O elefante, com a boca entreaberta e a tromba dobrada para cima, e o urso, com a boca semi-aberta e sentado.

“Viu, meu amor? Eles estão ali, no mesmo lugar que seu pai os deixou ontem à noite.”

“Mas eles saíram, mamãe. Eu sei que eles saíram. Mas eles não querem que vocês saibam, então eles voltam para o mesmo lugar em que estavam, para que ninguém desconfie de nada!”

“Celso, pare com isso. São bichos de pelúcia, não estão vivos. É somente sua imaginação, meu bem.”

“Não foi minha imaginação, mamãe. Eles estavam ali, pertinho de mim.” – eu disse e, então, comecei a chorar.

“Calma, meu bem. Não fique assim. Hoje seu avô virá aqui tomar conta de você. Preciso ir com seu pai ao supermercado. Seu avô virá aqui e vai passar a tarde toda brincando com você. Vocês vão poder fazer tudo o que quiserem, está bem? Até mesmo tomar sorvete.”

Aquilo não me acalmava, mas me dava um pouco mais de esperança. Meu avô acreditaria mais facilmente no que estava acontecendo. Se bem que não é fácil fazer com que um adulto acredite que seus bichos de pelúcia estão querendo lhe pegar...

Por volta das duas horas da tarde, meu avô chegou, junto com minha avó. Eu estava sentado no sofá, vendo TV, mas sem conseguir me concentrar. Não podia dormir, eu sabia disso. Bastaria eu adormecer para que aqueles dois viessem novamente tentar me pegar.

E, por mais que o urso tenha dentes enormes, eu tinha muito mais medo do elefante. Eu sabia que era ele quem estava no comando das coisas ali. O elefante era, definitivamente, o pior dos dois.

“Celsinho, meu amor!” – minha avó entrou gritando e me abraçando. Era como se eu mesmo fosse um bichinho de pelúcia nos braços dela. Mas eu gostava daquilo. Daria muitas coisas hoje na minha vida para ser abraçado daquela forma pela minha avó novamente.

“Você está bem, campeão?” – meu avô perguntou.

Antes que eu respondesse, minha mãe chamou os dois na cozinha. Eles foram e ficaram conversando com ela por alguns minutos. Eu logo imaginei o teor da conversa. Minha mãe provavelmente diria que meu pai havia trazido dois bichos de pelúcia e eu havia enfiado na cabeça que eles queriam me pegar. “Coisa de criança”, diria ela.

Passados alguns minutos, meus avós entraram na sala, como se não tivessem acabado de ouvir que seu neto estava ficando maluco.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Enquanto meus pais foram ao supermercado, minha avó ficou em casa preparando um bolo. Eu adorava os bolos da minha avó. E meu avô me levou para tomar um sorvete.

No caminho de volta, enquanto eu tomava meu sorvete e meu avô o dele, ele me disse “Está com medo dos bichos de pelúcia, campeão?”

Olhei para ele um pouco assustado e envergonhado. Eu achava que ter medo de bichinhos de pelúcia era coisa de menina, mas aquilo era real.

“Eles são de verdade, vovô. Parecem de pelúcia, mas são de verdade. Eles querem me pegar, mas ninguém acredita em mim. Já tentaram duas vezes, vovô!”

Meu avô, com toda sua sabedoria, adquirida em seus setenta e cinco anos de idade, continuou tomando seu sorvete, enquanto afofava minha cabeça. E somente aquilo foi o suficiente para me acalmar um pouco. Ele não havia dito a frase “são só bichos de pelúcia”. E, para mim, foi como se ele acreditasse no que eu estava dizendo.

Assim que chegamos em casa, ele chamou minha avó e fomos até o escritório. Não que eu quisesse ir, mas ele me tranquilizou um pouco.

“Vamos só olhar, campeão. Quero ver de perto esses bichos, tudo bem?” – disse ele.

“Tudo bem, vovô. Mas não solte minha mão enquanto estivermos lá dentro, tá bom?” – eu disse, assentindo com a cabeça.

“Pode deixar, campeão. Ninguém tentará alguma coisa com você enquanto eu estiver ao seu lado.”

E aquilo me encheu de confiança. Sentia que podia entrar no quarto e chutar a bunda do elefante e do urso, enquanto ria na cara deles.

Assim, entramos os três – minha avó, meu avô e eu – no escritório do meu pai.

Assim que entramos, já foi possível ver os dois, postados no canto do escritório, na mesma posição em que haviam sido deixados. Estavam ali, imóveis, como se nada tivesse acontecido.

“Mas que bichinhos fofinhos!” – disse minha avó, com aquele tom de voz típico das avós, colocando as mãos no rosto, como se estivesse admirada. Estava fazendo um teatro, mas tentou se esforçar ao máximo.

“Eles querem me pegar, vovô. E esse elefante é o pior dos dois.”

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Minha avó se aproximou dos dois e foi como se eu pudesse senti-los a observando, com o canto dos olhos. Tinha certeza de que eles queriam saltar e agarrar o pescoço dela, cortando-o com seus dentes. Podia sentir o ódio no olhar daqueles dois.

Minha avó abaixou-se e apertou a barriga do elefante. Logo em seguida, fez o mesmo com o urso.

“Viu, Celsinho? Pelúcia. São bichinhos de pelúcia. Não têm vida.” – ela disse – “Venha aqui. Aperte para você ver.”

“Não, vovó, não!” – eu disse, agarrando-me ao braço do meu avô, que me olhou bem no fundo dos olhos. Eu entendi imediatamente aquele olhar. Foi como se ele dissesse “Vá em frente, garoto, eu estou aqui ao seu lado. Acredito em você.”

Eu fui passo a passo e agachei-me ao lado daqueles dois facínoras. Minha avó pegou minha mão e colocou-a sobre a barriga do elefante. Eu a apertei levemente. Imediatamente retirei a mão e saí gritando, tentando fugir do quarto, mas meu avô me pegou no meio do caminho.

Eu havia sentido o coração do elefante, batendo compassadamente.

“O que houve, campeão?” – perguntou meu avô, segurando minha mão.

“Eu não gosto deles, vovô! Eles são maus! Eles querem me pegar! Eu quero sair daqui!” – eu dizia chorando, já quase gritando.

“Então vamos sair daqui, campeão.” – ele disse – “Venha, minha velha, vamos sair daqui. Ele tem medo dos bichos, não há nada que possamos fazer.”

E, assim, saímos do escritório. Mas, antes de sairmos, meu avô pegou a chave do lado de dentro da fechadura. Assim que saímos, girou a maçaneta e trancou a porta, guardando a chave no bolso.

“Pronto, campeão. Eles estão presos lá dentro. Não vão conseguir sair de lá. As chaves estão comigo. Está bem assim?”

Fiz que sim com a cabeça. Aquilo me deixou muito mais calmo.

Passamos um resto de tarde muito agradável. Meu avô ficou assistindo TV comigo e dávamos muitas risadas quando fazíamos isso. Comemos alguns pedaços de bolo e minha avó voltou para a cozinha. Disse que ia preparar um pudim. Eu ficava extremamente mal acostumado a cada vez que eles vinham em casa. E eu adorava todo aquele paparico.

O cansaço voltou a me abater e o sono me pegou pelos braços, enquanto assistia TV. Encostei a cabeça no braço do sofá, usando-o como travesseiro, e adormeci. Sentia que podia adormecer tranquilamente, já que meu avô estava ali do meu lado e, principalmente, já que ele estava com a chave que mantia aqueles dois bichos trancados no escritório.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Dormi por cerca de duas horas. Assim que acordei, meus pais já estavam em casa, guardando as compras que haviam feito, junto com meus avós, na cozinha. Nem o elefante nem o urso estavam do meu lado. Levantei, espreguicei-me e esfreguei os olhos (depois, quando cresci, aprendi que não se deve esfregar os olhos).

Fui até a cozinha e minha mãe veio me dar um beijo.

“Oi, meu amor! Você está bem? Gostou de passar a tarde com seus avós?”

“Sim, mamãe!” – eu respondi.

“Tem um pudim inteirinho para você na geladeira, meu amor.” – disse minha avó – “Mas é para depois do jantar, hein? E só se você comer tudinho.”

Assim que meus pais terminaram de guardar as coisas, meus avós se despediram e foram embora. Reparei que meu avô colocou dois grandes sacos de lixo dentro do porta-malas do carro, mas não havia me dado conta do que eram.

Meu pai trancou a porta, me pegou no colo, fazendo cócegas e disse “Seu avô levou os bichos embora, rapazinho. Não precisa mais ter medo.”

“Levou mesmo, papai? Por quê?” – perguntei.

“Não sei, mas ele simplesmente levou. Acho que ele ficou com pena de você, rapazinho. Eu devia ter feito isso, mas ele fez primeiro. Agora está tudo bem, certo? Amigos de novo?”

“Claro, papai! Sempre!” – eu respondi.

Meu avô jamais disse para ninguém o motivo de ter levado aqueles dois embora de casa, exceto para mim, dez anos depois, quando eu já estava com dezessete anos.

Enquanto eu dormia naquele sofá, naquela tarde ensolarada de sábado, meu avô subiu as escadas para ir ao banheiro. Minha avó ficou na cozinha preparando o pudim (que estava maravilhoso – comi o pudim inteiro após o jantar. E sim, eu comi toda a comida que minha mãe colocou no meu prato).

Meu avô passou em frente ao escritório, que continuava com a porta fechada, e foi ao banheiro. Ele disse que não demorou mais do que cinco minutos lá dentro. Assim que saiu, viu que a porta do escritório estava aberta. Olhou rapidamente para dentro e não viu os bichos no canto onde haviam sido deixados. Meu avô me contou que, então, remexeu os bolsos e a chave continuava lá.

Mesmo com setenta e cinco anos, desceu as escadas correndo, a tempo de ver a cena que ele descreveu como a mais surreal de toda sua vida. Os dois bichos estavam caminhando, lentamente, em direção ao sofá. Em minha direção. Quando meu avô se aproximou, os dois bichos tombaram, cada um para um lado, como se nada tivesse acontecido.

Meu avô, então, pegou dois sacos de lixo e os enfiou lá dentro, dando um bom nó para que não saíssem de lá. Depois ele me contou que o nó não teria muita função, já que eles

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

havam conseguido sair de dentro do escritório trancado à chave. Mas era um nó, uma proteção psicológica.

Meu avô me contou que se certificou, pessoalmente, de ver os dois sacos serem jogados dentro de um caminhão de lixo, que os compactou juntamente com os demais sacos de lixo coletados. E isso colocaria um fim de uma vez por todas naquilo.

Isso tudo aconteceu quando eu tinha somente sete anos de idade. Já se passaram trinta e três anos daquilo. Ao escrever estas linhas, sinto meu coração disparar e meu sangue gelar. Aqueles dois queriam realmente me pegar. E só não me pegaram naquela época porque meu avô acreditou em mim e, logo em seguida, viu com os próprios olhos aqueles dois tentando me atacar.

Jamais contei essa história para ninguém, depois que cresci. Foi como um segredo entre meu avô e eu.

Talvez você esteja se perguntando o motivo de eu estar escrevendo isto tudo. Quando eu era somente uma criança, eu poderia falar e, no máximo, ninguém acreditaria em mim. Mas, agora, já adulto, eu seria taxado de maluco ou de paranóico. Assim, preferi escrever, deixar tudo registrado em palavras. Pois, a partir da tarde de hoje, não sei o que pode acontecer comigo.

Hoje à tarde, minha sogra trouxe um presente para meu filho. Na verdade, dois presentes, enquanto eu estava trabalhando. Segundo ela, comprou-os em uma loja de brinquedos usados. Achou os dois extremamente “focos”, de acordo com suas palavras. E resolveu trazê-los para meu filho.

Assim que eu cheguei em casa, eu os vi. E lá estavam eles. O elefante e o urso. O elefante com a boca entreaberta e a tromba dobrada para cima. E o urso, com a boca semi-aberta, sentado, com a língua levemente pendurada para fora.

No instante em que eu os vi, um pânico voltou a correr pelo meu corpo, gelando minha espinha. Eles estavam ali, na minha frente, após mais de trinta anos. E, dessa vez, eu não tenho mais meu avô para me proteger.

E eu sei, tenho certeza absoluta, de que não é meu filho quem eles querem.

Enquanto escrevo estas linhas em meu computador, consigo vê-los através da porta aberta. E, a cada golpe de vista, sei que eles estão se aproximando de mim.

E meu Deus, eu ainda penso que o elefante é o pior...



“

**Tudo começa a
ficar nítido...**

”

FORÇA DO HÁBITO

FORÇA DO HÁBITO

Acordo e fico olhando para o teto por alguns instantes. O lustre, em formato de globo, está um pouco empoeirado. A luz foi esquecida acesa e banha o quarto com um tom amarelado, realçando as imperfeições da pintura na parede. A janela está totalmente fechada, com uma cortina grossa e escura, que bloqueia toda a luz que porventura queira entrar.

Viro-me de um lado para o outro na cama e continuo deitado por mais alguns minutos. Acordei com aquela sensação de não saber em que dia da semana estou, ou mesmo se estou na parte da manhã ou da noite, devido ao sono pesado.

Olho para o lado e vejo que o rádio-relógio marca oito e meia da manhã. Já passou um pouco da hora de levantar. A preguiça me abate violentamente, como um leão faminto abate sua presa, de forma agressiva.

Passo a mão no rosto, nos cabelos e esfrego os olhos, mesmo sabendo que os médicos recomendam não fazer isso. Algum médico me disse isso uma vez, mas não me lembro exatamente quando nem qual médico o fez. Minha memória já não anda muito bem. Foi algo como “não esfregue os olhos, pois isso os danifica definitivamente, pouco a pouco”.

Tento afastar a preguiça, um dos pecados capitais, a todo custo. Apóio-me sobre os cotovelos e curvo o corpo levemente para frente. Olho em volta do quarto e esboço um bocejo. Minha esposa não está deitada, de forma que deve ter se levantado mais cedo. Provavelmente está preparando o café da manhã.

Sento-me na cama com os pés apoiados preguiçosamente no chão. Apóio a cabeça sobre as mãos, escorando-a. Sinto como se minha cabeça pesasse uma tonelada. Fecho os olhos, mas me obrigo a abri-los, pois percebo que, se fizer isso, posso voltar a dormir a qualquer momento. Sinto como se o quarto girasse ao meu redor, em uma perfeita crise de labirintite.

Tive um sono pesado, mas não exatamente tranquilo. Lembro-me de alguns sonhos – pesadelos, para falar a verdade. Mas são lembranças desconexas, sem sentido. Lembro-me de gritos. Gritos desesperados e gritos raivosos. Lembro-me de algo que me parece um barulho, mas não consigo distingui-lo. Lembro-me de uma sensação ruim, mas também não consigo defini-la.

Em algum lugar li que os sonhos são assim mesmo. Sonhamos todas as noites, mesmo que não nos lembremos. Há também os sonhos que se desfazem na nossa mente, da mesma forma que a fumaça de um cigarro se dissolve no ar. Isso já aconteceu comigo também. Acordo lembrando do que sonhei e, poucos instantes depois, o sonho se desfaz. Por mais que eu comprima minha mente, que eu esprema cada neurônio, nada me é revelado. O sonho precisa de somente alguns instantes para morrer.

E uma noite cheia de sonhos, sejam eles sonhos bons ou pesadelos, acaba transformando uma noite de descanso em um dia seguinte de cansaço e irritabilidade.

Talvez por isso eu tenha acordado como se estivesse passando por uma ressaca daquelas. E talvez eu realmente esteja passando por uma. Não consigo lembrar-me de muita coisa de

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

ontem. Como eu disse, minha memória já não anda muito boa e o álcool, definitivamente, não ajuda muito na tarefa de tentar recuperá-la, colocando-a em forma novamente. E, bem, eu gosto muito do álcool. É um velho amigo, daqueles que, ainda que queiramos, não conseguimos cortar os laços.

Levanto-me e apóio uma das mãos sobre uma cômoda localizada ao lado da cama. O mundo volta a girar ao meu redor, mas não o suficiente para me derrubar. Cerro os olhos com força e tento concentrar-me para conseguir ficar em pé. Consigo. Abro os olhos aos poucos e o quarto pára de girar.

Olho para o espelho localizado logo acima da cômoda e me vejo. Estou com uma aparência horrível. A barba por fazer já mostra os primeiros fios brancos. Os olhos estão encovados no rosto, com olheiras que circundam cada globo ocular. Os cabelos estão ficando ralos. Pareço ter muito mais do que os meus quarenta e poucos anos de idade. Estou vestindo uma camisa desbotada, com alguns tons de vermelho. Olho para baixo e vejo ainda estou usando as calças que usei para trabalhar. Algumas veias saltam nos meus pés, como se gritassem, ordenando que eu cuide melhor deles.

Passo a mão nos meus cabelos, tentando ajeitá-los de qualquer forma, mas não consigo. Faço um sinal de negativo com a cabeça e desisto. Sinto novamente que o quarto vai começar a girar e apóio as duas mãos sobre a cômoda, derrubando alguns porta-retratos que estavam na beirada.

Eu, então, os pego e os coloco de volta. Algumas fotos me são familiares, outras não. Há também alguns porta-retratos sem nenhuma foto dentro. Mas nada disso me chama a atenção. Nunca reparei mesmo nesses porta-retratos e nunca gostei muito de fotos.

Sinto um gosto estranho na boca. Mas também não consigo defini-lo. Não é simplesmente um gosto amargo, causado pela mistura do álcool com a falta da escovação dos dentes. É um gosto estranho, indescritível. Diria surreal. Lembro-me que preciso marcar uma consulta com o dentista. Abro a boca e sinto-a extremamente seca. Sinto como se a pele da língua colasse na superfície dos dentes e, assim que abro a boca, provooco fissuras na língua, que certamente farão com que nasçam diversas aftas, algumas pequenas, outras nem tanto. E eu odeio aftas.

Passo a mão pelo rosto, como se assim pudesse aliviar a dor causada pela secura da boca. Sinto que preciso de água.

Tiro as mãos da cômoda e começo a atravessar o quarto, mas percebo que tudo começa a girar novamente. Dessa vez, forte o suficiente para me derrubar. Caio sentado no chão, sobre um tapete redondo, cor de terra, que nem me dei conta de que estava ali. Sinto o estômago enjoar, jogando o suco gástrico de um lado para o outro, tentando se livrar dele. Mas não posso fazer isso no tapete. Sei que minha esposa me mataria. Assim, seguro a ânsia de vômito da melhor forma que posso fazer.

Encosto a cabeça nos pés da cama e aguardo alguns instantes. O enjôo parece melhorar um pouco e as tonturas praticamente param novamente. Apóio as mãos no colchão e volto a levantar-me. Preciso chegar ao guarda-roupa e pegar uma bermuda. Não quero sair do quarto usando a mesma roupa que usei quando cheguei ontem do trabalho.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Assim, começo a dar alguns passos em direção ao guarda-roupa. Mas são precisos muitos passos. Meu quarto é grande e, em estado sóbrio, seria muito fácil atravessá-lo. Mas, na situação em que estou, cruzá-lo é como percorrer toda a extensão de uma corda bamba que atravessa os picos de duas enormes montanhas.

Abro os braços e tento equilibrar-me dessa forma, como se estivesse segurando um bastão, como fazem os malabaristas que cruzam as cordas bambas no circo. Passo a passo, vou me aproximando do guarda-roupa. Preciso parar a cada dois ou três passos, para recuperar o equilíbrio e controlar a vontade do estômago de despejar o que somente ele próprio sabe que tem lá dentro.

Após alguns passos, consigo chegar ao guarda-roupa. Mas então percebo que ele parece estar diferente. Paro por alguns instantes e o observo. Mas não consigo dizer se há realmente alguma diferença ou não. Mas isso também não me importa. Preciso somente de uma bermuda. Corro a mão pela porta até encontrar um dos puxadores. Abro a porta e remexo as roupas, mas não encontro nenhuma bermuda.

Fecho a porta e decido ir assim mesmo à cozinha. Só quero um copo d'água, não vou demorar muito por lá. Sinto que preciso urgentemente de um pouco de água, caso contrário meus lábios vão colar.

Começo a caminhada até a porta, pé ante pé. Mas, após dois ou três passos, caio novamente no chão, dessa vez fora do tapete. Fico agachado, com as palmas das mãos totalmente encostadas no chão, flexionando os braços e tentando levantar-me novamente. Mas parece que faltam forças. Meu estômago começa a revirar novamente e sinto que não vou conseguir segurar o jato que se aproxima da minha garganta. Aquele gosto horrível volta a tomar conta da minha boca, piorando ainda mais o meu enjôo.

Uma grande dor de cabeça, latejante, começa a entrar em cena. Fecho os olhos e sinto a dor aumentar a cada instante. Ela chega ao limiar do suportável. Sinto como se minha cabeça fosse explodir. Mas, logo em seguida, ela começa a diminuir de intensidade. Respiro fundo e sinto o estômago melhorar um pouco. Mas a dor recomeça. Como em uma montanha-russa, a dor sobe e desce de intensidade, dando a impressão de um desmaio iminente. Mas consigo me segurar e ficar acordado.

O estômago, no entanto, não compartilha dessa minha atitude. Percebo que não vou conseguir segurar mais sua revolta e sinto um jato quente subir pela minha garganta. Abaixo a cabeça e um líquido quente e viscoso é expelido pela minha boca. Puxo mais um pouco de ar e uma nova golfada expulsa mais líquido do meu estômago. É um líquido escurecido, amargo, como se minha boca estivesse ligado a um duto de esgoto. Penso ser bile. Talvez seja realmente bile, misturada a tudo que eu devo ter bebido ontem. A dor de cabeça volta, ainda mais latejante. Mas ela vem e vai, em picos intermitentes de dor.

Respiro profundamente e sinto que volto a ter o controle da situação. Meu estômago se acalma um pouco e a dor de cabeça transforma-se em uma pequena pontada. Mas a sede aumenta ainda mais. Sinto como se estivesse no meio de um deserto, sedento, e não visse nada além de milhares de dunas de areia, refletindo um sol implacável, em um sol maravilhosamente azul.

Tento levantar-me novamente e, com algum esforço, consigo. Fico em pé e levo a mão à cabeça, como se isso fosse ajudar a manter meu equilíbrio. Prometo a mim mesmo que não

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

vou mais beber da forma como devo ter bebido. Mas sei que é uma promessa furada, pois já a fiz outras vezes e não a cumpri. Sei também que minha esposa não merece passar por isso, mas, como eu disse, o álcool é meu grande amigo. E é mais forte do que eu. Sei que preciso ser mais forte, mas perco a batalha todas as vezes em que nos vemos frente a frente.

O quarto ainda gira e a cabeça ainda dói, mas sinto que melhorei um pouco. A urgência, agora, é pela água. E volto a caminhar em direção à porta do quarto. Desvio de uma poltrona e isso quase faz com que eu caia por cima de um mancebo de madeira, desses utilizados para pendurar roupas. Também não me recordava desse mancebo, mas nem sempre reparei em nada dentro da minha própria casa.

Faltam alguns passos para chegar à porta. Estando sóbrio, bastariam alguns segundos, mas agora parece uma maratona olímpica, correndo a marcha atlética. Lembro-me que preciso ir trabalhar, mas não consigo focar se hoje é sábado, domingo ou dia útil. Poderia acreditar que seja sábado, pois a ressaca provém de uma sexta-feira um pouco mais animada. Mas sei, também, que ultimamente não preciso de uma sexta-feira para me embriagar.

Tenho mais umas três ou quatro crises de vertigem e uns quatro ou cinco picos de dor de cabeça, antes de finalmente conseguir chegar à porta. Apóio a mão sobre a maçaneta e sinto que as forças começam a faltar até mesmo para girá-la. Giro-a com o restante de forças que ainda tenho e abro a porta. A luz forte, vinda de uma janela no corredor, me ofusca a visão. Já é dia claro e o sol deve estar brilhando. Após sair do quarto, preciso atravessar o corredor, que deve medir uns cinco ou seis metros. Sinto que não será fácil, mas, após atravessá-lo, ainda preciso passar pela sala, antes de chegar à cozinha.

Penso em parar no banheiro, no meio do caminho, mas tenho receio de cair e bater com a cabeça no vaso sanitário. Já ouvi muitas histórias desse tipo. Decido ir mesmo à cozinha.

Atravessar o corredor parece ser um pouco mais fácil do que eu pensei. Ele não é muito largo e eu consigo estender os braços e segurar cada uma das paredes, usando-as como escoras durante minha travessia.

Sigo andando e vejo a porta do banheiro fechada. Ouço barulho de água corrente. O chuveiro está ligado. Penso ser melhor assim, pois conseguirei chegar à cozinha sem que minha esposa veja a situação em que estou. Mesmo após vinte anos de casamento, muitos desses regados a quase intermináveis bebedeiras, ainda sinto vergonha pela forma como fico.

Passo pela porta do banheiro e escuto vozes vindo da sala. Ouço também a televisão. Penso se estamos recebendo visitas logo cedo. Penso também como serei recebido, atravessando a sala cambaleando e usando as roupas amassadas que usei ontem durante o dia inteiro. Mas a sede é maior. Preciso chegar à cozinha e pouco me importa quem esteja na sala, neste momento.

Os cinco ou seis metros do corredor se transformam em alguns quilômetros. Mas continuo seguindo passo a passo, em direção àquelas vozes. Após alguns minutos, que se estenderam centímetro a centímetro, chego ao final do corredor. Sinto como se a sala estivesse um pouco diferente, mas não consigo definir exatamente o quê. Minha memória está realmente péssima.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

A sala possui dois ambientes e consigo ver que a televisão está realmente ligada. Vejo também duas pessoas sentadas no sofá, virado de costas para a posição onde estou. Forço um pouco a visão, mas não consigo reconhecer, pelas costas, quem são as pessoas sentadas ali. Mas, da forma como estou, talvez não consiga reconhecer nem mesmo o próprio sofá.

A vertigem e a dor de cabeça continuam a me massacrar impiedosamente, mas consigo atravessar a sala, desviando de mesas, cadeiras e alguns outros objetos de decoração. Chego ao sofá e olho para as duas pessoas que ali estão.

E, então, levo um choque.

Ali está minha esposa, sentada, com um homem que eu não conheço. Grito para os dois, perguntando quem é aquele invasor, sentado no meu sofá, abraçado com minha esposa. Mas não obtenho resposta. É como se eu não estivesse ali.

A vertigem e a dor de cabeça dão lugar a uma espécie de torpor que me toma cada centímetro do corpo. Tento me aproximar, mas não consigo. Tento gritar, mas as palavras não me saem da boca.

Ouçoo passos e olho em direção ao corredor. Uma moça, jovem, muito bonita, entra na sala e ignora totalmente a minha presença. Ela se senta no sofá, ao lado da minha esposa e do homem. O homem a chama de filha. Minha esposa a beija carinhosamente no rosto. A moça abraça os dois e os três ficam assistindo televisão juntos.

Eu tento gritar novamente, mas o som não sai da minha boca. Começo a entrar em desespero. A sede me arranha a garganta como se eu engolisse pequenas lixas. O enjôo volta a aparecer. A cabeça volta a latejar, assim como a vertigem volta a rondar meu corpo.

A bela moça jovem, de não mais do que dezesseis anos, chama minha esposa de mãe. O torpor dá lugar ao desespero. Tento me aproximar do sofá, mas não consigo. Sinto que existe uma barreira que impede minha aproximação.

Levo as mãos à cabeça e volto para o corredor. Dessa vez, consigo andar mais rápido e quase não perco o equilíbrio. Atravesso o corredor com um pouco mais de facilidade e volto ao quarto.

Olho em volta e vejo que tudo está diferente. Aquele não é mais o meu quarto. Tudo, ou quase tudo, está mudado. Caminho até a cômoda e vejo os porta-retratos, nos quais nunca prestei atenção antes. Vejo alguns com fotos da minha esposa. Em algumas fotos, ela está mais jovem. Em outras, mais velha. Em algumas fotos, ela aparece com a moça, ainda mais jovem, uma pequena criança de uns quatro ou cinco anos. Em outras fotos, o homem aparece abraçando as duas.

Não há mais porta-retratos sem fotos. Todos estão nos seus devidos lugares, exibindo as marcas de um tempo que eu não conheço. De um tempo que eu não consigo explicar.

Cambaleando, volto ao guarda-roupa e o abro. As roupas que ali estão não são minhas, nunca foram. Não conheço nenhuma delas.

E então, aquele sonho que julguei morto, volta à minha mente, em pequenas partes, criando conexões e remontando uma história desconhecida para mim.

MMCALDEIRA – VISÕES NOTURNAS

Vejo a mim mesmo, chegando em casa, bêbado e trôpego, cambaleando nas próprias palavras. Vejo minha esposa chorando. Ouço-a gritando comigo. Ela pergunta o motivo de eu estar fazendo aquilo. Eu não respondo. Não tenho resposta e, mesmo que eu tivesse alguma, não conseguiria concatená-la. Eu estou abraçado com o meu grande amigo, o álcool. Minha esposa chora compulsivamente. Fala sobre contas atrasadas, sobre coisas que estão faltando. Mas não consigo processar suas palavras. Elas se perdem em um mar de álcool, um oceano etílico e altamente volátil, mas que eu não deixo que se extinga nunca.

Ela se levanta e começa a gritar ainda mais alto. Mas não são mais gritos de tristeza. São gritos de ódio, banhados com lágrimas de desespero. Eu falo alguma coisa, mas não sei o quê. Viro as costas e saio através da porta.

Meu Deus, tudo começa a ficar nítido.

Uma parte daquele sonho não aparece. E me vejo dentro do meu escritório. Estou sentado em minha cadeira, em frente a minha mesa. As luzes estão apagadas. A única fonte de iluminação é o sol, que banha minha sala através de uma grande janela localizada às minhas costas.

Eu abro a gaveta da minha mesa e ali está um revólver. Não preciso de muito tempo. Eu o pego, engatilho e coloco o cano apontado contra o céu da minha boca. Fecho os olhos e disparo.

Tudo é muito rápido. Não consigo ouvir o barulho do tiro. E tudo se apaga. Um véu escuro cai sobre meus olhos, me levando a consciência e os sentidos.

E eu, então, acordo naquele que penso ser meu quarto. Acordo pensando que estou bêbado.

O sonho termina de ser montado na minha mente. Sinto que um sono pesado, muito mais forte do que eu, se aproxima. Ele vai me arrebatar e não há nada que eu possa fazer. Assim que isso acontecer, eu adormecerei profundamente. E voltarei a acordar naquela que penso ser minha cama.

E tornarei a andar pela casa, procurando uma bermuda e indo em direção à cozinha para buscar água. Tornarei a achar as coisas estranhas, sem saber exatamente o quê. E tornarei a sentir aquela horrível dor de cabeça.

E não há nada que eu possa fazer a respeito disso.

É a força do hábito...



UM POUCO SOBRE MIM...



Meu nome é Maurício Mendes Caldeira (daí o mmcaldeira). Nasci em 11 de dezembro de 1977, em Santos, no litoral do Estado de São Paulo, e moro em São Paulo, capital, com a minha esposa, Fabiana.

Sou um grande fã de histórias, sejam elas em livros ou em filmes, dos quais faço coleção. É uma paixão antiga, que vem desde quando eu me conheço por gente. E eu não gostava de somente vê-las. Gostava de criá-las também.

E fosse brincando com Playmobils (veja bem, cresci na década de 80 – a melhor de todas!), rabiscando alguns papéis a mão, ou datilografando em uma antiga máquina de escrever, gostava de criar alguns enredos, quase todos de terror.

Adoro ler, escrever, assistir TV (programas com conteúdo, o que ultimamente anda muito difícil), ouvir música (rock, rock, rock, mais um pouco de rock e, por fim, rock), montar pequenos modelos de plástico de aviões, carros e navios (um antigo hobby que eu preciso resgatar), dentre diversas outras coisas.

Se você chegou até aqui, torço para que tenha lido todas as histórias e que tenha se divertido tanto quanto eu me diverti, as escrevendo.

Peço, também, que me dê sua opinião, pelo meu e-mail: mmcaldeira@gmail.com ou pelo meu site: www.mmcaldeira.com.br. Prometo que responderei todas as sugestões, dúvidas, críticas e elogios que você me enviar.

Estou preparando novas histórias e, se Deus quiser, nos veremos por aí novamente. Enquanto isso, divirta-se, leia muitos livros e assista bons filmes.

Um grande abraço!

mmcaldeira

M M CALDEIRA



VISÕES NOTURNAS